

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO

MARIA EDI DA SILVA



**A FORMAÇÃO DA CRIANÇA EVANGÉLICA: OBSERVAÇÕES DOS
PROCESSOS EDUCATIVOS NA FAMÍLIA-IGREJA-ESCOLA**

RECIFE
2017

MARIA EDI DA SILVA

**A FORMAÇÃO DA CRIANÇA EVANGÉLICA: OBSERVAÇÕES DOS PROCESSOS
EDUCATIVOS NA FAMÍLIA-IGREJA-ESCOLA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientadora Prof. Dra. Mísia Lins Reesink

Coorientadora Prof. Dra. Roberta Bivar
Carneiro Campos

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S586f Silva, Maria Edi da.
A formação da criança : observações dos processos educativos na família-
igreja-escola / Maria Edi da Silva. – 2017.
240 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Mísia Lins Reesink.
Coorientadora : Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2017.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Antropologia. 2. Ensino religioso – Aspectos antropológicos. 3.
Educação infantil – Aspectos religiosos. 4. Autonomia em crianças. I.
Reesink, Mísia Lins (Orientadora). II. Campos, Roberta Bivar Carneiro
(Coorientadora). III. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-016)

MARIA EDI DA SILVA

**A FORMAÇÃO DA CRIANÇA EVANGÉLICA: OBSERVAÇÕES DOS PROCESSOS
EDUCATIVOS NA FAMÍLIA-IGREJA-ESCOLA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 24/02/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mísia Lins Reesink (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a. Dr.^a. Roberta Bivar Carneiro Campos (Coorientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a. Dr.^a. Marion Teodósio de Quadros (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a. Dr.^a. Judith Chamblis Hoffnagel (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity (Examinador Externo)
Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Prof.^a. Dr.^a. Flávia Ferreira Pires (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Paraíba

Para o senhor, meu amado pai, Jorge Pedro, que está na *Glória*.

Esse trabalho é dedicado a Edla Menezes, Dona Edinha (que está na *Glória*), aquela que conseguiu ver a beleza do amor com os olhos do coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo aos meus pais, que, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar, sempre mostraram para os filhos o caminho da escola.

Às minhas queridas crianças interlocutoras da Assembleia de Deus, e também Patrícia, Rosa, Dona Alda, David, Carminha e Kelly. Especialmente, agradeço a Sandra pela ajuda sem medidas.

Aos meus irmãos, muito obrigada! Especialmente, Cristian.

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Mísia Reesink, pela confiança que sempre depositou em mim acreditando nessa pesquisa desde seu início; por todo carinho a mim dispensado no momento de luto; por me incentivar e cuidar para que eu fizesse o Estágio Doutoral e por ter conseguido, com sua sensibilidade, me fazer trabalhar os dados etnográficos de uma maneira feliz. Sempre estivemos juntas.

A gratidão que sinto pela Professora Dra. Roberta Campos, minha coorientadora, não saberia como expressar em palavras, do início ao fim.

Aos demais professores do PPGA, nas pessoas da Dra. Lady Selma, Dra. Judith Hoffnagel, Dra. Marion Quadros a quem muito admiro.

Agradeço a CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior por ter financiado meu Estágio Doutoral e ao Professor Dr. Filipe Reis, por ter me supervisionado junto ao ISCTE-IUL, em Lisboa. Aos meus amigos do Mosteiro de Santos O Novo e de Fortaleza pelo encontro que Portugal nos proporcionou.

Serei sempre grata a Greilson Lima, Jailma e Lúcia Helena, Carla e Ademilda.

Obrigada pelo convívio e amizade, Virgínia, Eduardo, Izidro, Ismael, Wagner, Leonardo e Martin.

Agradeço à Escola Pequeno Príncipe, nas pessoas de Aline e Helizabete.

Por fim e por tudo, agradeço ao meu companheiro Sergio por estar sempre ao meu lado, participando de modo efetivo da minha vida. “*Sem você, nem sei...*”

“Instrui o menino no caminho em que
deve andar, e, até quando envelhecer,
não se desviará dele”.

(PROVÉRBIOS, 22:6)

“A gente não consegue ver Deus, por
que como a luz do sol é muito forte,
imagina ver Deus a olho nu?”

(LÍVIA, 09 anos)

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa etnográfica com crianças evangélicas da Assembleia de Deus do Recife. O principal objetivo desse trabalho foi observar e analisar os processos educativos que servem como base, bem como possibilitam a *formação* assembleiana dessas crianças em três espaços distintos a Igreja, a família e a escola. O trabalho de campo para a coleta de dados foi realizado em atividades com as crianças na Igreja (cultos, festas, aulas da Escola Dominical, encontros infantis), na escola (nos Cultinhos) e através de entrevistas com as crianças, seus familiares, gestoras da escola; junto à família, realizei entrevistas e a participação em um culto do lar. Os demais momentos de evangelização das crianças com os pais na família, foram descritos por eles. As categorias nativas foram por mim utilizadas como meio de compreensão dos dados etnográficos por ordenar de modo mais específico a realidade observada no campo; como categorias mais importantes destaco *formação*, os “nascidos e os criados na lei”, a evangelização e a doutrina, a maestrina e o uso do paletó. A partir dos dados foi possível perceber que as crianças são reconhecidamente importantes nos trabalhos desenvolvidos na AD, exercendo a agência de forma relativa e relacional, iniciando na religião por conta própria (no caso dos criados na lei) e trazendo os familiares e amigos para a instituição. As crianças revelam que em seu processo formativo se utilizam da racionalização do conhecimento, a partir do estudo da palavra bíblica, conseguindo assim, fazer as reflexões necessárias para compor o *ethos* assembleiano. A complementaridade observada nos espaços educativos – Igreja, família, escola- é numa dinâmica assimétrica, porém triangular, sendo necessário estender os processos *formativos* do espaço da Igreja para a família e para a escola.

Palavras-chave: Antropologia. Criança. Religião. Formação. Agência.

ABSTRACT

This work is the result of an ethnographic research with evangelical children of the Assembly of God of Recife. The main objective of this work was to observe and analyze the educational processes that serve as a basis and also enable the assemblean formation of these children in three distinct spaces: the Church, the family and the school. Fieldwork for data collection was carried out in activities with the children in the Church (worship services, parties, Sunday School classes, children's gatherings), in school (in the "little worship services") and through interviews with the children, their families, and school managers. Together with the family, I conducted interviews and participated in a home worship service. The other moments of evangelization of the children with the parents in the family were described by them. The native categories were used as a means to understand the ethnographic data, for they order the reality observed in the field in a more specific way. As the most important categories I highlight the formation of the "born and the created in the law", evangelization and doctrine, the teacher and the use of the suit. From the data, it was possible to perceive that the children are recognized as important in the work developed in the AD, exercising the agency in a relative and relational way, starting in the religion on their own (in the case of those raised in the law) and bringing family and friends to the institution. The children reveal that in their formative process they use the rationalization of knowledge, starting from the study of the biblical word, thus managing to make the necessary reflections to compose the assemblean *ethos*. The complementarity observed in the educational spaces—the Church, the Family and the school - is in an asymmetrical but triangular dynamic, and it is necessary to extend the formative processes of the Church's space to the family and to the school.

Keywords: Anthropology. Child. Religion. Formation. Agency.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico organizacional da AD	75
Figura 2 - Mapa do Recife/localização do Jordão	103
Figura 3 - Assembleia de Deus Sonho Dourado.....	126
Figura 4 - Assembleia de Deus do Alto da Jaqueira.....	127
Figura 5 - Assembleia de Deus Castelo Branco II.....	128
Figura 6 - Grupos sociais que fundamentam o <i>habitus</i> evangélico das crianças	170
Figura 7 - Complementaridade assimétrica	210

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de desenhos.....	34
Tabela 2 - Número de brasileiros em cada religião	62
Tabela 3 - Denominação evangélica e quantidade de adeptos	63
Tabela 4 - Número de evangélicos da Assembleia de Deus por Estado brasileiro	64
Tabela 5 - Percentual religioso	94
Tabela 6 - Vocabulário êmico	104
Tabela 7 - As Crianças.....	106
Tabela 8 - Descrição das famílias.....	106
Tabela 9 - TEMA: “ <i>Um Vôo com Jesus</i> ”	123
Tabela 10 - Calendário de Atividades	130
Tabela 11 - Comparação da proibição dos costumes	150
Tabela 12 - Calendário de atividades destinadas às crianças da AD.....	197
Tabela 13 - Quatro Passos para levar uma criança para Deus.....	198
Tabela 14 - Assembleia de Deus Sonho Dourado	202

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
APEC	Aliança Pró-Evangelização da Criança
CGADB	Convenção Geral da Assembleia de Deus do Brasil
CONADEPE	Convenção da Assembleia de Deus do Estado de Pernambuco
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias Ministério Madureira
CPAD	Casa Publicadora da Assembleia de Deus
EBD	Escola Bíblica Dominical
EBF	Escola Bíblica de Férias
ELAD	Encontro e Líderes da Assembleia de Deus
IADPE	Igreja Assembleia de Deus de Pernambuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PROATI	Programa de Apoio à Terceira Idade
RBN	Rede Boas Novas de Televisão
SAMAD's	Seminário de Aperfeiçoamento Ministerial das Assembleias de Deus

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O CAMPO FAZ SEU PRÓPRIO CAMINHO	27
2.1	A permanência no campo: um exercício antropológico.....	27
2.2	Um não como resposta	29
2.3	Sobre a metodologia utilizada	31
2.4	Caminhos antropológicos de encontro com as crianças: outras formas de compreender a cultura.....	37
2.4.1	Um pouco sobre crianças indígenas: indicando caminhos.....	44
2.4.2	Definindo criança(s) e infância(s): distanciamentos e aproximações nos estudos sobre o tema	46
2.5	Pesquisas antropológicas com crianças: diversos caminhos percorridos no PPGA/UFPE	51
3	ASSEMBLEIA DE DEUS: EVANGELIZAÇÃO E FAMÍLIA COMO UM “PROJETO DE DEUS”	60
3.1	O Brasil e sua religiosidade	60
3.2	“Os pioneiros enviados por Deus”	64
3.2.1	“Nas águas do Capibaribe os primeiros irmãos foram batizados”. Início da Assembleia de Deus em Pernambuco.....	70
3.3	A organização da Assembleia de Deus: a relação entre o pastor e sua comunidade e a efetivação do trabalho – inserindo as crianças	76
3.3.1	A organização da Igreja e o papel de cada Irmão	79
3.4	Família: um projeto de Deus	82
3.4.1	“Ensinaí teu filho no caminho que deve andar!”:	85
3.4.2	Projeto de Lei Nº 6583/2013: Estatuto da Família.....	88
3.5	As crianças e os números: uma possibilidade de análise no grupo familiar	94
4	CONHECENDO E RECONHECENDO O CAMPO: A FAMÍLIA, A IGREJA E A ESCOLA	101
4.1	Um campo: três espaços.....	101
4.1.1	Aproximações com as famílias	106
4.1.2	O casal assembleiano	111
4.2	Aproximações com a Igreja.....	118
4.3	Aproximações com a Escola Pequeno Príncipe	129

4.3.1	A Escola Pequeno Príncipe: a evangelização das crianças – conflitos e mediações no processo.....	132
4.4	Seguindo o percurso de Marília	134
5	ASSEMBLEIA DE DEUS: A EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E A CONTRIBUIÇÃO COM O TRABALHO DO SENHOR	144
5.1	Vivendo a Igreja: as crianças trabalhando na obra do Senhor	144
5.2	As regras no dia a dia: “Isso é fazer a criança viver no <i>costume</i> !”	145
5.2.1	A concepção da pessoa evangélica da Assembleia de Deus e as crianças: a alma não tem idade	152
5.2.2	“Nosso corpo é a casa de Deus e Ele quer morar no nosso coração!”: como as crianças incorporam a doutrina	160
6	PROCESSO DE FORMAÇÃO: A CRIANÇA NA ASSEMBLEIA DE DEUS	181
6.1	A menina e o menino evangélico: definindo e assumindo papéis.....	181
6.2	Evangelizando as crianças: o ensinamento da doutrina.....	185
6.3	Os nascidos e os criados na Lei: a formação evangélica das crianças.....	199
6.4	Davi e André: dois assembleianos criados na lei	203
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
	REFERÊNCIAS	221
	APÊNDICE A - DESCRIÇÃO DAS IMAGENS.....	232
	ANEXO A – ESTATUTO DA FAMÍLIA.....	234

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me bem das inúmeras vezes em que ouvia Irmã Alda dizendo para mim dentro da escola em que trabalho: “*Deus tem um plano pra sua vida*”. Sempre que escutei essa sentença, pensei mil coisas. Será que estou fazendo algo errado? Será que Deus não está satisfeito com os planos que eu mesma tenho traçado para minha vida? Por que Deus se preocuparia em fazer um plano para minha vida? Depois deixava de pensar nessas coisas e seguia com meus planos mesmo... Mas não foi por uma vez apenas que essa frase ecoou na minha mente. Encontrei-me pensando nessa frase em alguns momentos que estive dentro da Assembleia de Deus, participando dos cultos e das atividades direcionadas às crianças para o trabalho de desenvolvimento da pesquisa. Talvez o plano de Deus, anunciado pela Irmã Alda fosse a pesquisa e só agora pude entender... Talvez... Ainda não tenho como saber...

Esse trabalho consiste numa reflexão antropológica, num estudo etnográfico que tem como principais interlocutoras e objeto de estudo as crianças da Assembleia de Deus em processo de *formação* religiosa, sendo o campo de observação três espaços, a Igreja- família-escola. Ao me debruçar sobre a dinâmica do processo formativo, pude analisar as implicações e a importância que a evangelização das crianças tem para a instituição e seus membros bem como, identificar duas categorias importantes de análise: as crianças que *nascem* em lares evangélicos (*os nascidos na lei*) e as crianças que resolvem por vontade própria salvar suas almas aceitando Jesus (*os criados na lei*)¹. Para os dois grupos de crianças o empenho da AD no processo de *formação* dá-se de forma idêntica, contudo para os que nascem na religião existe o importante papel desempenhado pela família, enquanto que as crianças que entram para religião em outra fase da vida se incumbem de, a partir de argumentos que vão aprendendo na Igreja, dentro do seu processo de *formação* enquanto criança assembleiana, trazer seus familiares para dentro da AD. Outras questões se desdobram a partir desse ponto, as quais serão aprofundadas ao longo da narrativa etnográfica a exemplo das estratégias de aproximação que a AD utiliza com as crianças e também as percepções do campo, relativas ao entendimento que as crianças fazem do seu processo formativo e da sua identificação enquanto criança evangélica, especificamente assembleiana.

¹ Os nascidos na lei são as crianças que nascem em lares evangélicos, onde seus pais e familiares já fazem parte da AD, participando de atividades de *formação* desde muito pequenos. Os criados na lei entram para religião em outras fases da vida, especificamente, nessa pesquisa, refiro-me às crianças.

Pretendo com essa pesquisa contribuir com o debate sobre a antropologia com crianças, bem como trazer as vozes desse grupo de interlocutores para quem tiver, assim como é próprio das crianças, a curiosidade e o interesse de conhecer um pouco sobre os processos educativos da *formação* da criança assembleiana. Acredito que as reflexões aqui propostas servirão de mais um elemento contributivo para as questões interdisciplinares em antropologia e educação.

Minha aproximação com a Assembleia de Deus se deu de modo mais aprofundado após a conclusão da pesquisa do Mestrado² “*Diversidade Religiosa na Escola Pública: Um Olhar a Partir das Manifestações Populares dos Ciclos Festivos*”.

O conhecimento que eu possuía sobre os evangélicos resumia-se a algumas participações em cultos, quando ainda era criança, levada por uma vizinha e da Escola Bíblica de Férias na Igreja Batista, convidada por uns colegas, além de amigos que são evangélicos. O interesse pelo universo infantil, do ponto de vista antropológico teve início no trabalho mencionado e vem tornando-se mais estreito a partir das leituras e do campo propriamente dito. As crianças revelam-se, aos meus olhos, como importantes interlocutores, com direcionamentos próprios, processos de socialização e relações sociais diferenciados das que observo no mundo adulto e em algumas pesquisas. Trabalhar com crianças, estar com crianças, também faz parte do meu ofício como professora e a companhia delas faz parte do meu cotidiano.

Na minha experiência como pesquisadora tenho observado que as crianças evangélicas assembleianas possuem um comportamento diferenciado das demais, revelando características do *ethos* evangélico, de como ser crente e mostrar-se crente, algumas vezes chegando a ser proibidas pelos pais e responsáveis de participar de atividades festivas promovidas por escolas de orientação não assembleiana.

Realizar uma pesquisa que tem como campo de trabalho a Assembleia de Deus, fundada no Brasil desde 1911, não me pareceu uma tarefa fácil desde o momento inicial da concepção do projeto até o processo de entrada e permanência no campo. Não tenho a intenção de colocar as dificuldades, que acredito serem pertencentes ao fazer antropológico, como uma justificativa para o meu desempenho na realização desse intento. Quero com essa afirmação ressaltar que as dificuldades, o estranhamento, os empecilhos, as tristezas também foram acompanhadas de momentos felizes, conquistas e crescimento. Contudo me utilizei das experiências de campo de

² Pesquisa de Mestrado em Antropologia defendida em 2011, Recife, Universidade Federal de Pernambuco. Tendo como campo os Ciclos Festivos vivenciados nas escolas públicas da Rede de Ensino do Recife, foram três as escolas pesquisadas, E.M. do Jordão; E. M. Pastor José Munguba Sobrinho; E. M. Deputado Édson Cantarelli. Nesse trabalho busquei perceber como as pessoas que convivem nesses espaços constroem suas relações em um cenário de proibições da participação das crianças nas atividades festivas devido à orientação religiosa. A maioria das crianças se autodenominava evangélicos/crentes da Assembleia de Deus.

autores que tão bem descreveram sobre o trabalho do antropólogo (PEIRANO, 1995; FAVRET-SAADA, 2005; GEERTZ, 2002), para compreender os processos de entrada e permanência no campo de trabalho e, a partir desses relatos, vencer os meus próprios desafios e construir outros caminhos.

Considero como o desafio mais relevante à entrada e permanência no campo o fato de ter que estar presente em momentos muito íntimos, de cultos e orações. Os *outros*, meus interlocutores nessa pesquisa, tem voz e corpo e se fez presente de forma muito contundente; nos estranhamos, nos conhecemos um pouco mais, falamos o necessário em alguns momentos para nos observar mutuamente, mas conseguimos estabelecer uma convivência que para mim foi muito enriquecedora, me mostrando como vivem e como adoram ao Deus que acreditam.

Dentre esses outros, as crianças são os principais interlocutores, os demais são os adultos (pais e familiares, gestoras da Escola Pequeno Príncipe). É com o intento de entender os processos de *formação* da criança assembleiana que essa pesquisa foi pensada, fazendo uma aproximação com o que elas pensam e entendem por ser uma criança evangélica, na comunidade em que estão inseridas e nas relações que constroem com seus pares e com os adultos. Para tanto, não seria bastante saber sobre o entendimento das crianças acerca dessas questões apenas através da compreensão dos adultos, mas em contato direto com elas, nos lugares em que o processo de *formação* se dá – família – igreja – escola.

A grande questão que norteou esta tese foi a de saber: o que “faz” uma criança ser uma criança evangélica – especificamente assembleiana; em outras palavras, por quais processos uma criança *é formada* e *se forma* como criança evangélica da Assembleia de Deus? Desta problemática central derivaram outras: Em que medida há uma agência dessas crianças nesse processo? Como elas (as crianças) compreendem e convivem com as regras impostas por sua religião? Quais os entendimentos que as crianças evangélicas fazem do seu grupo social em contraponto com as demais crianças não evangélicas?

O **objetivo principal** dessa pesquisa é compreender e analisar os processos educativos que fundamentam e possibilitam a *formação* da criança como criança evangélica assembleiana, a partir de três espaços distintos: igreja, família, escola.

Os **secundários** são: observar a agência das crianças da Assembleia de Deus nesse processo de formação; compreender as concepções dessas crianças neste contexto; analisar e descrever os três espaços que constituem a pesquisa e a influência deles na *formação* das crianças assembleianas; identificar, analisar e descrever os momentos educativos proporcionados pela Igreja, família e escola para o ensinamento religioso.

Acredito, como primeiro ponto argumentativo, que o processo de evangelização das crianças na sua formação assembleiana, no caso dessa pesquisa, é favorecido pela influência dos três espaços em que essas crianças convivem: IGREJA-CASA-ESCOLA e que o impacto de influência que cada espaço tem nesse processo é de uma natureza complementar assimétrica, sendo a família o espaço que, no meu entendimento ocuparia um segundo lugar, logo depois da Igreja, enquanto a escola se posiciona em terceiro lugar. Importa sublinhar aqui que “espaço” está sendo considerado não apenas na sua dimensão física, mas também simbólica, com suas estruturas e dinâmicas de sentido afetivas e cognitivas, ou seja: como multidimensionais. Considero importante observar que os três espaços aqui citados parecem tomar a configuração do que poderíamos chamar de um modelo de “circuito fechado” em torno das crianças, cuidando, cada um do modo que melhor puder influenciar na educação dos pequenos assembleianos, para que não se desviem da religião. Isso porque tanto a família quanto a Igreja atuam na tentativa de produzir um “sistema de proteção” para evitar o contágio e os perigos do “*mundo*”. Neste sentido, é tendo como pano de fundo, como ameaça latente o “mundo”, que os agentes da família e da Igreja procuram atuar na produção de uma configuração, que analisamos como um “circuito fechado”³.

Como segundo argumento, avanço que, a semelhança de outras etnografias sobre crianças, é perceptível a presença de uma agência das crianças nas suas ações no processo de *formação* do “ser” evangélico. Contudo esta agência, no contexto etnográfico em questão, é variável com uma maior ou menor agência, sendo esta variabilidade relativa (a situações específicas) e relacional (à agência dos adultos), não se constituindo assim em uma autonomia que possa ser identificada de forma mais abrangente.

Sugiro ainda que, a grande mobilização que pude verificar por parte da AD na realização de atividades destinadas às crianças, bem como à orientação dada aos pais e à escola (através de textos e apostilas) ocorre no intuito de trazer cada vez mais crianças para dentro da religião, bem como não deixar que os meninos e meninas pertencentes à Igreja sintam o desejo de sair. O grande número e movimento de crianças indicaria, na minha compreensão, que a Igreja Assembleia de Deus investe na participação dos pequenos como evangelizadores, nessa fase da vida em que se encontram (infância), pois são, desde criança, efetivos nos trabalhos da Igreja. Como dito, o enfrentamento com o mundo separado que é representado pela rua e pelas relações com pessoas e em ambientes não assembleianos, faz com que as crianças tenham a possibilidade

³ A expressão “circuito fechado” é usada aqui como uma imagem, uma metáfora, um modelo analítico elaborado para dar uma melhor inteligibilidade ao campo.

de circular, de certa forma, fora do modelo do circuito fechado (IGREJA-FAMÍLIA-ESCOLA) e corram riscos à sua permanência na instituição religiosa AD.

Desenvolver uma pesquisa antropológica que ponha as vozes das crianças em evidência tem sido cada vez mais recorrente na antropologia, a exemplo das pesquisas que vem sendo desenvolvidas recentemente no Brasil. Mesmo considerando que a produção acadêmica antropológica com crianças vem crescendo, acredito que a voz dos pequenos interlocutores tem sido deixada em segundo plano, buscando-se saber deles por adultos. Os sentidos produzidos pelas crianças acerca da cultura dos grupos ao qual pertence é diferente dos sentidos dos adultos e, mesmo elaborando seu entendimento com e a partir do mundo adulto, possuem suas próprias conclusões e seu modo de ver e agir no mundo (COHN, 2009). Nessa direção, faço abaixo uma pequena apresentação dessas crianças.

As crianças que participaram dessa pesquisa, nove ao todo – Milka, Matheus, Sofia, Marília, Livia, Andrea, Renata, Lúcia e André – são crianças evangélicas da Assembleia de Deus e contribuíram com sua compreensão acerca de questões fundamentais, no meu entendimento, sobre a sua religião e seus lugares no mundo. As idades das crianças variam entre 08 e 11 anos (pré-adolescente), sendo a mais nova Milka com 08 e o mais velho Matheus com 11. A organização das turmas de estudo tanto na Escola Bíblica de Férias quanto na escola Dominical, levam em conta os grupos de crianças, pré-adolescentes e adolescentes. As crianças subdividem-se em Maternal, Jardim da Infância, Primários e Juniores, que vão dos 03 aos 10 anos; os Pré-adolescentes com 11-12 anos e os Adolescentes com 13-14. A variação das idades possibilitou observar a mudança de comportamento e a passagem pelos grupos da Escola Dominical, que são organizados por faixa etária, bem como a atuação dessas crianças nas atividades desenvolvidas na AD. As crianças denominadas “nascidas na lei” foram assim referidas nessa pesquisa por uma intenção não apenas metodológica, mas como uma referência ao termo nativo que é carregado de significados, são as crianças que nasceram em lares evangélicos e participam da religião trazidas desde a mais tenra idade por seus pais. As crianças “criadas na lei” chegam à Igreja trazidas por parentes ou vizinhos evangélicos, e, como observado nesse campo, alguns trazem sua família, fazendo o caminho inverso. A intensão de observar a trajetória de apenas uma criança “criada na lei” surgiu no decorrer da pesquisa, devido a importância do processo de formação para essa criança, como contraponto entre as duas situações – criados e nascidos – bem como os papéis desenvolvidos por eles em seus cotidianos religiosos.

Fazer pesquisa antropológica com crianças sempre levanta questões éticas, maiores do que as normais, e que levam o pesquisador a nunca se descuidar dessa problemática e de suas

implicações, como já salientaram diferentes antropólogos que fazem pesquisa com crianças (CISNEIROS, 2014; NUNES, 2003; PIRES, 2011). É tendo isso em mente que procurei adotar no meu trabalho de pesquisa todos os critérios éticos típicos a esse tipo de pesquisa. Assim, os nomes verdadeiros das crianças foram trocados e a elas foram dados pseudônimos de forma aleatória e por escolha de algumas delas também, contudo tanto a coleta dos dados através das entrevistas como o uso das imagens, foram realizadas mediante autorização dos pais. A discussão acerca do uso ou não dos nomes verdadeiros e imagens das crianças, não foi profundada nessa tese, por entender que a temática não punha em risco a segurança das mesmas. Mesmo sendo a religião um tema de certo modo delicado e íntimo para ser abordado, busquei elementos para construir uma relação de confiança entre a minha posição de pesquisadora e as crianças. Acredito que desse modo, não esteja ferindo nenhum direito dos quais as crianças são sujeitos. A presença das mães no decorrer dos encontros, fez com que o vínculo de confiança fosse fortalecido e fez também com as crianças interlocutoras nessa pesquisa pudessem ser efetivamente parte contributiva da produção etnográfica. A criança é sujeito e agente da cultura, da história e do conhecimento, para tanto precisam se identificar no produto da pesquisa. Busquei dessa forma, com as fotografias, produção de desenhos e participação na escolha dos nomes por algumas delas, garantir que pudessem sentir-se parte atuante na produção etnográfica (KRAMER, 2002). A realização das entrevistas se deu, em todas as ocasiões, acompanhadas por um responsável adulto, da confiança da família e com expressa autorização dos pais.

Para conhecer um pouco mais sobre cada uma delas, segue um breve histórico:

- **Milka** é uma menina muito falante, tem oito anos, é *nascida na lei*, toda sua família é assembleiana, inclusive seus avós, tios e tias. Ela gosta muito de cantar na Igreja, tanto nos cultos destinados aos adultos, quanto nas atividades infantis; ela não é maestrina⁴, porém tem muito destaque nos cultos quando canta. Ela pede insistentemente aos pastores para deixá-la cantar, ensaia em casa para as apresentações com seus pais. Ela é irmã de Matheus, e participa da AD Sonho Dourado. Milka mora na mesma rua que Marília e às vezes, elas brincam juntas.
- **Matheus** tem onze anos, é irmão de Milka e não gosta de cantar na Igreja como sua irmã. Ele se diz envergonhado de realizar tarefas na frente dos irmãos, exceto quando veste o paletó, mesmo com a insistência do seu pai para que aprenda a tocar um instrumento, Matheus não demonstra interesse em aprender. Ele tem opiniões firmes, é

⁴ O termo maestrina tem um significado importante para a tese e será discutido na seção 5.

um menino tímido, mas bastante falante quando se encontra no grupo. Ele sempre repreende Milka, quando ela fala ou faz algo que não é condizente para uma menina assembleiana. Assim como sua irmã, *nasceu na lei* e participa da AD Sonho Dourado.

- **Marília** tem duas irmãs, Mariana e Cibebe, ela e Cibebe *nasceram na lei*, enquanto sua irmã mais velha Mariana *foi criada*; seus pais aceitaram Jesus depois do seu nascimento. A amiga mais próxima de Marília é Sofia, pois as mães das duas também tem uma amizade bem próxima. As opiniões de Marília sempre foram muito firmes e profundas, com reflexões muito próximas ao que era ensinado através da Bíblia. Tanto ela quanto Matheus sempre citavam os versículos da Bíblia para justificar suas falas. Ela tem onze anos e participa da AD Sonho Dourado.
- **Sofia** tem um irmão do primeiro relacionamento do seu pai, que não é evangélico, apenas ela e seus pais são assembleianos. A amiga mais próxima de Sofia é Marília e elas estão juntas com frequência, mesmo estando atualmente em igrejas separadas devido ao fato do pai de Sofia ter sido escalado para dirigir a AD Castelo Branco II. Ela é muito participativa na Igreja, é maetrina e sempre participa de jograis e peças teatrais nos encontros Infantis e cultos. Sofia é muito apegada à sua mãe e faz questão de que seus vestidos sejam feitos com o mesmo tecido da farda que sua mãe usa nos eventos da AD. Sofia *nasceu na lei*.
- **Lúcia** é muito amiga de Sofia e de Marília, ela faz parte da AD Alto da Jaqueira, mas está sempre indo para AD Sonho Dourado e Castelo Branco, porque sua mãe tem dificuldades de levá-la e ela vai com as amigas, como as suas amigas fazem parte de outras congregações, ela circula nas três Igrejas. Ela *nasceu na lei* assim como seus pais e seu irmão menor. Lúcia é uma menina muito introspectiva, falava pouco nos encontros, mas muito observadora. Quando ela se colocava, sua opinião algumas vezes divergia da opinião dos demais e ela calava. De todo o grupo é a criança mais calma e concentrada.
- **Renata** *nasceu na lei*, como seus dois irmãos mais velhos, ela participa da AD Alto da Jaqueira, é maetrina e a sua amiga mais próxima é Lúcia. Criança muito tímida, contudo essa característica não impede que ela seja atuante no grupo de crianças da sua Igreja. Renata sempre esteve muito calada nos encontros para desenhar, apenas respondia quando era provocada. Em alguns momentos foi preciso que eu me afastasse do grupo para que ela se sentisse mais à vontade para conversar com os colegas.

- **Lívia** faz parte da AD Alto da Jaqueira, *nasceu na lei* como seus pais e seus dois irmãos mais velhos. Por ser a única menina da sua casa é sempre muito protegida pelos irmãos que também lhe orientam nos ensinamentos da Bíblia. Toda sua família é *nascida na lei*, ela é muito falante e esperta. Lívia tem doze anos.
- **André** tem doze anos e aceitou Jesus quando tinha dez. Levou seus pais e irmãos para AD, sua participação na pesquisa se deu por caminhos diferenciados que as demais crianças interlocutoras. Ele não faz parte do grupo inicial que circula nos três espaços da pesquisa. Sua Igreja é a AD Sonho Dourado.

Além as crianças, pais, professores da Escola Dominical da Assembleia de Deus e as gestoras da Escola Pequeno Príncipe também contribuíram com a pesquisa.

Circular nos três espaços da pesquisa foi uma experiência bastante enriquecedora e necessitou da elaboração de estratégias que facilitassem minha entrada e permanência, principalmente durante as atividades realizadas na Igreja, lugar sagrado e repleto de restrições. Dentre as estratégias que utilizei considero como as mais importantes o uso de roupas que fossem consideradas adequadas para comparecer às atividades da Igreja (saias e blusas com mangas) e as anotações das citações bíblicas para posterior leitura. Na seção 1 analisarei em maior profundidade essas e as demais estratégias usadas.

Para adequação metodológica que pudesse me auxiliar nos três espaços diferenciados da pesquisa, bem como com os diferentes interlocutores, foram utilizados os recursos da entrevista semiestruturada individual, com os casais e com o grupo de crianças. A proposta metodológica do trabalho está ancorada na observação participante, em entrevistas, aplicação de questionários, conversas informais e desenhos comentados e produzidos pelas crianças. As fotografias utilizadas nesse trabalho foram feitas por mim em sua maioria e algumas delas me foram cedidas pelos interlocutores, sendo ainda outras fotografias retiradas do *site* oficial do Templo Central da AD Recife e organizadas no que nomeei de Galeria de Imagens.

Para as entrevistas com os casais, optei por realizá-las em dupla estabelecendo conversas que fogem de uma entrevista formal, a partir de tópicos pré-definidos e a partir do que eles próprios falavam, em algumas entrevistas foi preciso retornar à casa ou entrar em contato por telefone para retirar algumas dúvidas. Como as entrevistas foram realizadas com o casal ao mesmo tempo, houve um pouco mais de dificuldade no momento da transcrição, pois foi necessário separar as falas, que estavam em grande parte em uma conversa única. Considero que a experiência foi muito interessante e produtiva. As entrevistas em grupo que realizei com

as crianças foram muito enriquecedoras e auxiliaram na comunicação e compreensão dos desenhos que elas produziram.

É preciso contextualizar que o bairro do Jordão surgiu a partir dos anos de 1950, localiza-se ao sul da cidade do Recife e faz limite com Ibura e Imbiribeira e é cortado pelo Rio Jordão, que dá nome ao bairro e que deixa na outra margem a cidade de Jaboatão dos Guararapes. Fica logo após o Aeroporto Internacional dos Guararapes, e é um bairro residencial bastante populoso (MELLO, 2013)

Na pesquisa do mestrado mapeei as igrejas que as crianças fizeram referência para sua autodenominação religiosa e estas tanto se encontravam no Recife, quanto em Jaboatão, devido a proximidade. Esse bairro tem uma tradição religiosa Católica, impressa pela Igreja Cristo Redentor do Jordão, sendo a paróquia responsável por quinze capelas dentro do Jordão e nos arredores: Capela São João Batista; Capela Bom Pastor; Capela Jesus de Nazaré; Capela Rosa Mística; Capela Nossa Senhora de Fátima; Capela Nossa Senhora Desatadora dos Nós; Capela São Sebastião; Capela São Francisco de Assis; Capela Nossa Senhora Aparecida; Capela Nossa Senhora da Paz; Capela Santo Expedito; Capela Rosário de Fátima; Capela do Espírito Santo; Capela de São José, Capela Santo Eugênio. Além das capelas que tanto se localizam na parte do bairro pertencente ao Recife quanto na divisão com Jaboatão dos Guararapes, a Igreja Cristo Redentor do Jordão também celebra missas e executa as exéquias no Cemitério e Crematório Memorial Guararapes, na BR 101. Embora outras expressões religiosas também estejam fortemente presentes no bairro como o Educandário Espírita Obreiros da Fé, Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Ismael, Centro Espírita Mensageiro da Paz e Fraternidade Espírita Francisco de Assis, bem como os terreiros, Barracão de Mestre Djair, Terreiro de Pai João, Terreiro de Galego e Terreiro de Mãe Nalva, localizados no Alto da Jaqueira.

As três Igrejas que são parte do campo de pesquisa pertencem à Assembleia de Deus e ficam no Alto da Jaqueira, em pontos bastante distantes, a AD Sonho Dourado se localiza na Rua Divinézia e possui esse nome por causa de um edifício residencial que sempre serviu de referência para encontrar a Igreja que, como historicamente acontece, se formou inicialmente em uma casa. Como o acesso era bastante difícil devido às ladeiras do morro, se dizia que a nova congregação ficava na esquina da Rua do Edifício Sonho Dourado. A AD Alto da Jaqueira possui o nome do morro e fica na Rua 22 de Agosto e a AD Castelo Branco II na Rua Flores do Oriente, foi formada depois do Castelo Branco I e como era uma Igreja em um lugar muito alto, quando os irmãos subiam a ladeira, a visão era parecida com a de um castelo pintado de branco.

As famílias observadas foram sete no total, seis moram na mesma comunidade do Alto da Jaqueira com exceção da família de Lívia que mora no Jardim Jordão, bairro que fica em Jaboatão dos Guararapes. As famílias de Sofia, Andréa, Lucia e Renata moram na mesma rua; Matheus, Milka e Marília moram ruas depois. Das três Igrejas pesquisadas a que fica mais distante do grupo é a AD Castelo Branco II. Pelo fato de muitas atividades serem de caráter festivo (festa do Conjunto musical, Aniversário da Congregação, Culto Festivo de Adoração) as congregações convidam umas às outras fazendo com que todo o grupo compartilhe momentos em comum.

A Escola Pequeno Príncipe, fica em uma parte mais abaixo do Alto da Jaqueira, na Rua Silva Jardim, foi fundada por Helizabete Julião, uma professora aposentada da Rede Pública e sua filha Aline Julião. De orientação evangélica assembleiana, a escola realiza o *Cultinho* como estratégia de evangelização das crianças, além das aulas de religião que fazem parte do currículo escolar.

Algumas categorias de entendimento que foram utilizadas nesse trabalho partiram da observação do campo e da recorrência de alguns fatos que mostraram pertinentes uma melhor aproximação com os acontecimentos e/ou pensamentos que foram registrados do grupo. As categorias como instrumento de conhecimento, ordenamento e comunicação humana, como ressalta Roberto Cardoso de Oliveira (1993), foram determinantes para estabelecer uma aproximação com as representações sociais do grupo de crianças assembleianas, bem como de todo grupo pesquisado.

Nesse sentido, as principais categorias que utilizo aqui como instrumento de compreensão do meu campo são categorias nativas, observadas em campo e vistas como aquelas que ordenam a realidade dos meus interlocutores. Aqui trago para discutir algumas dessas categorias, porque são as principais norteadoras desse trabalho. Seguem algumas das categorias que foram utilizadas nesse entendimento:

- *Formação*: a formação da criança assembleiana é aqui entendida como uma categoria nativa que põe o processo formativo como parte da educação. Educação entendida como transmissão cultural e nesse processo que é contínuo, a criança aprende com seu grupo, familiar, religioso, escolar as atitudes, condutas, posturas que são componentes de um *ethos* próprio dos assembleianos. Como nos diz Brandão (1981), *ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar* (BRANDÃO, 1981, p. 03). Nesse sentido, as crianças aprendem e ensinam a ser assembleianos em todos os espaços que circulam. Os saberes produzidos pelo grupo

são ensinados através do processo educativo, que nesse mesmo contexto, é responsável pela formação das crianças. Usar a categoria nativa *formação* parece contrariar certa tendência da antropologia, quando se discute a pessoa humana, em que os principais termos para indicar esses processos são os de “constituição” (LIMA, 2016), “produção” (LEITE, 2014, REESINK, 2014, MCCALLUM, 1996) e “construção” (REESINK, 2003). Contudo, a opção pela adoção do termo nativo se dá porque através desse termo é possível, de um lado, dar conta da própria concepção de que uma pessoa, e uma pessoa evangélica, se “forma” também através de processos racionalizadores, em que a educação e o estudo são a expressão máxima dessa racionalização (SOARES, 2016), por outro possibilita uma maior e melhor interdisciplinaridade entre a antropologia e a educação, sem que com isto minimize o estreito diálogo estabelecido entre dados concretos do campo e a sua análise.

- “*Nascido*” e “*criado*”: os nascidos e os criados na lei são duas categorias que foram utilizadas na pesquisa, a partir da observação do campo, para ressaltar a distinção das crianças que nascem em lares evangélicos das que resolvem aceitar Jesus a partir da frequência na AD, levadas por amigos e/ou vizinhos. Para os nascidos na lei a religião mostra-se muito mais presente nas suas vidas, pois toda sua família encontra-se envolvida com seu processo de *formação*. O mesmo não acontece com os criados na lei, pois seus familiares, como será demonstrado são levados a aceitar Jesus a partir da atuação de algumas crianças. Com a intenção de proporcionar a salvação das almas da sua família, tal como pretende com a sua, as crianças desenvolvem argumentos para trazer seus pais e demais parentes para dentro da AD. Os nascidos e os criados na lei passarão pelo processo de *formação* tendo como base a evangelização e o conhecimento da doutrina.
- *Doutrina e evangelização*: essas são categorias muito importantes no processo de *formação* assembleiana das crianças, a doutrina toma por base os escritos bíblicos – o mito; e a evangelização é o processo propriamente dito, com a prática de todo ensinamento bíblico – rito. No sentido de Levi Strauss (1989), o ato reflexivo da doutrina ocupa o lugar do mito – o pensar pleno, enquanto que o evento não-cotidiano, especial do ponto de vista nativo, ocupa o lugar do ritual – a prática (PEIRANO, 2003). A reflexão, acerca dos princípios teóricos bíblicos que são transmitidos com os estudos doutrinários auxiliam na formulação do entendimento das crianças sobre temas que são fundamentais para a sua religião e seu grupo, a exemplo da definição de Deus, noção de pessoa evangélica, usos e costumes, brinquedos. Esse exercício dialético se faz refletir

na identificação da criança como pertencente ao seu grupo religioso. O processo de evangelização e formação se inicia nos primeiros anos de idade de cada criança e acompanha toda passagem de um grupo etário ao outro, mudando a ênfase das atividades doutrinárias de conhecimento do texto bíblico. Dois momentos interessantes e bem característicos dessa mudança de grupo etário e desenvolvimento formativo é a maestrina – para as meninas e uso do paletó – para os meninos.

- *Igreja-família-escola*: os três espaços multidimensionados em que se realiza a pesquisa estão diretamente ligados pela religião. Esse caráter multidimensional que é atribuído aos espaços toma por base o exercício formativo que ocorre com as crianças. A Igreja, a família (casa) e a escola realizam em seu interior, atividades que vão favorecer a formação das crianças, sendo a casa e a escola uma dimensão do espaço da Igreja. Nesses três lugares as crianças circulam e aprendem a ser assembleianas. O processo formativo se dá em todos os momentos de convívio, seja de forma específica e mais contundente, na Igreja; seja de forma complementar e reprodutiva nos cultos domésticos realizados em casa; seja no *Cultinho* e aulas de religião da escola. Os ensinamentos da Igreja recebem o reforço dos demais espaços e os três produzem uma complementaridade na evangelização das crianças.

O texto está organizado em seis seções, a partir da introdução, que buscam responder aos objetivos da pesquisa, contribuindo também com um levantamento bibliográfico acerca da história da fundação da Assembleia de Deus no Brasil e em Pernambuco, discussões acerca das concepções de infância, bem como as minúcias do trabalho de campo. As galerias de imagens trazem imagens que foram capturadas por mim e algumas que fazem parte do acervo particular dos interlocutores e foram cedidas para ilustrar a tese, além os desenhos produzidos pelas crianças e as plantas das Igrejas.

Na segunda seção ***“O campo faz seu próprio caminho”*** descrevo minha entrada e permanência no campo, nos três espaços distintos da pesquisa, a elaboração de estratégias que favoreceram o desenvolvimento do trabalho, minhas impressões pessoais e a metodologia utilizada, ressaltando as adequações metodológicas que foram realizadas no decorrer da pesquisa. A discussão sobre a observação de aspectos culturais a partir das relações sociais estabelecidas pelas crianças nos remete à reflexões sobre agência e autonomia infantil.

A terceira seção ***“Assembleia de Deus: Evangelização e Família como um Projeto Deus”*** faz uma breve descrição do início da Assembleia de Deus em Belém do Pará, como a Igreja se estabeleceu no Brasil, a forma como se organiza. Esta seção trata ainda da família

como uma extensão da Igreja: discute a influência direta da instituição religiosa na vida dos casais e na educação das crianças, culminando com a reflexão sobre a questão da família na AD e a sua relação com o Estatuto da Família.

Na quarta seção “*Conhecendo e reconhecendo o campo: a família, a igreja e a escola*”, faço uma descrição analítica dos três espaços em que se desenvolveu a pesquisa, as ADs Sonho Dourado, Castelo Branco II e Alto da Jaqueira, as famílias e a Escola Pequeno Príncipe, que se localizam no bairro do Jordão e a minha circulação nesses espaços.

A quinta seção “*Assembleia de Deus: a evangelização das crianças e a contribuição com o Trabalho do Senhor*”, a partir das categorias nativas das crianças, analiso o que pensam sobre a religião a qual fazem parte. A partir das nossas interações, algumas categorias foram por mim delimitadas em: Deus; corpo; vestimentas e vaidade; brinquedos e glossolalia. A compreensão e reflexão dessas categorias e a participação das crianças nos trabalhos da Igreja e fora dela, serão refletidas nessa seção.

A sexta seção “*Processos de formação: a criança na Assembleia de Deus*” descreve e analisa as mudanças que as crianças passam quando crescem e assumem papel de destaque dentro dos grupos, bem como a elaboração e a intencionalidade das atividades doutrinárias e evangelizadoras. O papel da maestrina e do disciplinador desempenhados pelas meninas e meninos respectivamente são marcadores de um tempo e de uma mudança de *status* perante o grupo. Por fim, encerro este trabalho com minhas considerações finais na conclusão.

2 O CAMPO FAZ SEU PRÓPRIO CAMINHO

O objetivo dessa segunda seção é descrever e analisar como se deu a minha inserção e permanência no campo e as estratégias utilizadas para conseguir realizar o trabalho, não deixando de citar a importância desse processo para a formação do antropólogo. Estar no campo, participar das atividades e experiências vivenciadas por nossos interlocutores requer do antropólogo um exercício de adaptação e respeito ao que seu interlocutor acredita. Apresento também a metodologia utilizada para o desenvolvimento da tese e a importância de pesquisas com crianças para a ampliação do debate acerca do tema e a compreensão do grupo.

2.1 A permanência no campo: um exercício antropológico

Iniciar a pesquisa em um ambiente religioso foi algo novo para mim e esse fator tornou-se um desafio a mais durante todo o percurso. Foi preciso um exercício inicial de adaptação às exigências da Assembleia de Deus, com os redirecionamentos do campo para as casas das pessoas e para a escola.

Considero que o fato de ter sido necessário vestir-me de forma diferenciada do modo como costume me vestir e ter que obedecer a regras rígidas, tenha facilitado minha permanência no campo, penso que a intenção de diminuir a distância entre *o eu* e o *outro*, vestindo-me como uma mulher evangélica, revele a tentativa de estabelecer o encontro com o *outro*, diminuindo a distância entre “*eu*” e “*eles*”, construindo uma ponte no abismo existente entre nós (DANFORTH, 1982, p. 5). E, nos dizeres de Geertz (2002), em relação a estar no campo, é preciso ter

(...) a disposição de suportar uma certa dose de solidão, invasão de privacidade e desconforto físico, uma certa serenidade diante de excrescências corporais estranhas e febres inexplicáveis, a capacidade de permanecer imóvel para receber insultos, e o tipo de paciência necessária para sustentar uma busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis (GEERTZ, 2002, p. 38-39)

As dificuldades em conseguir uma aproximação com o outro a ponto de poder transpor na escrita as sensações, pensamentos e revelações dos nossos próprios medos têm sido descritos em trabalhos de campo que percorrem o tempo da antropologia (MALINOWSKI, 1978; EVANS-PRITCHARD, 1940). Enfrentando sérias dificuldades em um contexto bem diferenciado dos aqui relatadas, a aproximação com os Nuer, é um exemplo do quanto uma pesquisa pode ser ou já foi bem mais difícil de ser realizada.

Minha principal dificuldade, neste estágio inicial, era a falta de habilidade para conversar livremente com os Nuer. Eu não tinha intérprete. Nenhum dos Nuer falava árabe. Não havia uma gramática da língua que servisse e, exceto três breves vocabulários nuer-inglês, nenhum dicionário. Consequentemente toda minha primeira expedição e grande parte da segunda foram ocupadas com tentativas de dominar suficientemente a língua para poder fazer investigações por meio dela, e somente quem tentou aprender uma língua muito difícil sem o auxílio de um intérprete e de uma orientação literária adequada será capaz de apreciar plenamente a magnitude da tarefa (EVANS-PRITCHARD, 1940, p. 16)

Não saber o idioma local é apenas uma grande dificuldade descrita pelo autor nesse clássico da antropologia, *Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota*, 1940. Estabelecer a comunicação com seu interlocutor fez com que o autor se esforçasse sobremaneira para entender um idioma sem nenhum recurso que o auxiliasse. A distância geográfica de certa forma estabelecia naturalmente o distanciamento entre pesquisador e grupo pesquisado. Tanto olhar, ouvir e escrever são partes do processo da investigação e da escrita etnográfica, mas como ressalta Roberto Cardoso de Oliveira (2000), é preciso que se saiba ouvir. Os “idiomas culturais” estão para além da dificuldade em se entender um idioma propriamente dito, que não se conhece⁵.

O antropólogo persegue a aproximação com o outro, é sabido, mas no percurso da teoria antropológica esse outro tem estado cada vez mais próximo, mais perto do pesquisador, não sendo preciso para esse encontro, atravessar oceanos, adentrar em florestas; ali bem perto, fazendo parte do nosso cotidiano, até mesmo repetindo nossas trajetórias de vida está o outro que nos espera. O processo de estranhamento do ambiente pesquisado que precisa ser feito pelo antropólogo bem como o estranhamento da sua própria realidade,⁶ como nos fala DaMatta (1981), atua e tem impacto no plano dos sentimentos. Cognição e emoção se misturam na construção do texto etnográfico, sendo produzidos na experiência do antropólogo. O investigador e o investigado compartilham do mesmo universo das experiências humanas, construir o conhecimento do homem pelo homem. E como nos diz o autor, adentramos no cotidiano de outra cultura como pesquisadores, descobridores, desbravadores, para logo perceber que,

⁵ Quero assim ressaltar que no caso desse trabalho, adentrar no campo evangélico assembleiano me fez perceber a necessidade de compreender a “fala” do grupo que poderia ser expressa pelo vocabulário ênico, comportamentos, ou pelas roupas que vestiam. A constante leitura de trechos na *Bíblia do Estudo Pentecostal*, bem como anotar todos os versículos e trechos da Bíblia citados nos cultos para depois ler e tentar entender sua mensagem foi outro recurso utilizado para compreender a “linguagem cultural” do campo.

⁶ Em trabalho intitulado “*Quando o Rio é a Esperança: Performance, Invisibilidade e Magnitude na Experiência do Emigrante Nordestino*”, 2012, Lima deixa-se transparecer no texto, não sendo a sua escrita o resultado de uma pesquisa com o outro distante, o autor é o próprio outro pesquisado, mostrando que sua trajetória de vida está muito próxima da trajetória dos emigrantes que são seus interlocutores.

Descobrimos, também, pelo estudo destas formas que julgamos “primitivas”, “selvagens” ou “simples” que os valores que designamos pelos nomes de “honra”, “verdade”, “justiça”, “dignidade”, o sentir-se parte de uma totalidade viva e atuante, são o centro mesmo da sociabilidade humana (DAMATTA, 1981, p. 02)

Tomando como uma sentença muito cara a reflexão proposta por DaMatta (1981), é que assumo a ignorância necessária para aprender com o campo pesquisado e com a convivência e observação das relações das pessoas e assim conseguir prosseguir no entendimento que essa tese se propõem. E é nessa caminhada de tentar enxergar a nossa humanidade no “outro” e o “outro” em nós mesmos que esse trabalho foi conduzido.

2.2 Um não como resposta

Na pesquisa realizada para o mestrado, o campo de estudo foi a Escola Pública, por ocasião das festas escolares dos ciclos carnavalesco, junino e natalino. Tanto a entrada quanto a permanência nesse espaço ocorreu de forma simples e tranquila, observando agora, parece errado dizer “*entrada no campo*”, posto que já me encontrasse trabalhando em duas das escolas pesquisadas e por já haver trabalhado na terceira, todos me conheciam, as crianças, professores, pais e responsáveis. Para a realização dessa tese, o caminho trilhado foi outro e com a ida ao Templo Central da Assembleia de Deus para solicitar autorização para a pesquisa foi o início da experiência de me deixar afetar pelo campo, pois o rigor e distância na relação estabelecida já davam mostras que o estranhamento acontecia efetivamente dos dois lados. O Templo Central é um prédio muito grande e pomposo, localizando-se em uma grande área do centro do Recife, com projeto de expansão do templo. Tudo remete a uma empresa, funcionários fardados, recepção para que os visitantes sejam anunciados, os responsáveis pelo Templo chegando com seus automóveis caros. As pessoas olhavam de forma diferenciada quando identificam que o assunto em questão é uma pesquisa antropológica e não faziam questão de esconder isso. Receber um “*não*” como resposta tornou-se de certa forma algo esperado e essa negativa me mostrou que os caminhos dessa pesquisa precisariam ser trilhados passo a passo, com outros enfrentamentos, diferentemente da experiência do mestrado. Porém nas congregações que frequentei, no bairro do Jordão, não fui recebida com tanta frieza, mas a distância foi estabelecida. Eu já conhecia algumas pessoas que são membros das Igrejas, homens, mulheres e crianças. Dentro do salão principal, os assentos reservados aos visitantes são os que se encontram ao fundo e as mulheres sentavam-se afastadas dos homens, mesmo fato que percebi com as crianças, as meninas sentavam-se afastadas dos meninos. Em todos os momentos que compareci às atividades na Igreja, fui levada por minha amiga e interlocutora

Selma⁷, acredito que esses momentos foram facilitados por sua presença ao meu lado dizendo a melhor forma de me comportar, em qual lugar sentar, o momento de levantar durante os cultos, além da sua contribuição com os dados, informações e conhecimento sobre o funcionamento e organização da Igreja.

Tanto a inserção quanto a permanência no campo se deram de forma diferente da referida pesquisa do mestrado, pois para ter minha presença aceita no grupo, foi preciso elaborar formas de comportamento e de atuação que fossem compatíveis com o que me foi exigido pelo grupo. Certa vez, me flagrei referindo-me a Assembleia de Deus como “nossa Igreja”, em uma conversa com uma interlocutora. Vi-me envolvida pelos cultos dos quais participei, ouvindo as pregações e chamamentos para participar de forma mais efetiva na Igreja, mas sempre procurei respeitar o campo para não comprometer o desenvolvimento da pesquisa, pois em muitas vezes não concordava com algumas coisas que eram faladas durante os cultos e trabalhava dentro de mim a compreensão de que naquele espaço sagrado eu era a pesquisadora. Deixar-se ser afetada pelo campo no sentido de Favret-Saada (2005), participando da experiência do outro, tem a possibilidade de nos proporcionar uma comunicação não intencional e involuntária, que nos dizeres da autora, comunicam mais do que é possibilitado por questionários e entrevistas formais. Através do sentimento e da emoção, podemos obter muito mais dados que através de perguntas formais e intencionais. Entregando-nos ao campo sem restrições, deixando-nos contaminar pelo objeto (p. 157) A ênfase dada pela autora se situa no lugar dos afetos na experiência humana, mostrando a necessidade de deixar-se envolver pelo objeto de pesquisa ao mesmo tempo em que ressalta a importância da análise. “No momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

Vestindo-me como *crente*, comportando-me com discrição, atendendo às orientações de respeitar o lugar de sentar e de manter-me durante os cultos, enfim, deixando-me ser afetada pelo campo, ouvindo as vozes e cânticos de louvor de forma a tentar me conectar com a mensagem bíblica, foram alguns elementos que acreditei favorecer minha permanência no campo. Com o passar do tempo, compreendendo o tempo como uma relação (FAVRET-SAADA, 2005), é que fomos nos envolvendo, eu e meus interlocutores. Porém, como negar que trazemos nossas próprias interpretações religiosas, nossas crenças, nossas visões de

⁷ Os nomes dos interlocutores entrevistados que participaram dessa pesquisa foram alterados por solicitação dos mesmos que preferiram preservar suas identidades, com exceção das gestoras da Escola Pequeno Príncipe. Com relação à Selma, devo muito do que consegui entender durante os cultos à sua presença ao meu lado, me explicando o que eu não conseguia entender, me orientando como me comportar, fazendo alguns registros fotográficos em ângulos que eu não conseguia alcançar, me informando das atividades com as crianças que estariam para acontecer e me deixando acompanhá-la.

mundo? Peirano (1995), em seu artigo “*A Favor da Etnografia*”, nos chama a atenção sobre as impressões do campo, alertando que elas exercem forte impacto na personalidade do etnógrafo.

(...) o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda (PEIRANO, 1995, p. 08)

Senti a necessidade de dizer para mim mesma, ao chegar em casa e me despir, no corpo, daquelas roupas, e me despir na alma, de todos aqueles ensinamentos: “*você não foi ao culto para cultivar, mas para realizar seu propósito enquanto pesquisadora*”. E assim poder me debruçar no entendimento dos ruídos culturais vindos do meu campo. Peirano (1995), inclusive comenta, no artigo acima citado, sobre a conversão religiosa de alguns antropólogos, pondo em dúvida se essa conversão ocorreu por impacto do campo de pesquisa, pois esses pesquisadores talvez tenham tido suas visões de mundo reestruturadas por suas experiências etnográficas. Ter tido um *não* como resposta na entrada do campo, serviu para me deixar insegura e nessa insegurança conseguir trilhar outros caminhos, estabelecendo a distância necessária para me localizar no espaço sagrado de uma Igreja, em momentos sagrados como os de um culto, sem deixar de manter minha própria identidade. Esse distanciamento foi, não só necessário, mas imprescindível para que pudesse estabelecer as relações necessárias e garantir a minha estada e permanência no campo, bem como a partir desse convívio, poder frequentar as casas dos meus interlocutores e conhecer o cotidiano das crianças e das famílias com relação às atividades religiosas. Um *não* afirmativo, eu diria, que favoreceu a elaboração de outras estratégias de permanência no campo e que ajudou na minha formação antropológica.

2.3 Sobre a metodologia utilizada

Essa é uma pesquisa etnográfica que teve início em abril de 2012 estendendo-se até agosto⁸ de 2014 e tendo sido o trabalho de campo retomado por mais três meses em 2015. Os espaços do campo foram multi-situados: a família, a igreja (três igrejas) e a escola, sendo preciso meu deslocamento para os três espaços a fim de estabelecer relações com as pessoas e

⁸ Em setembro de 2014 iniciei Estágio Doutoral na cidade de Lisboa, junto ao ISCTE-IUL, retornando ao Brasil no início de março de 2015, com financiamento CAPES.

com os lugares, seguindo sempre o percurso das crianças. Essa é uma pesquisa qualitativa⁹, que se utilizou de alguns levantamentos quantitativos para melhor compreender os dados do campo. Nos dizeres de Pires (2010), um formato qualitativo não desmerece o levantamento e o uso de dados quantitativos, podendo ser esses dados de grande importância para o pesquisador, pois como defende a autora,

Cada forma, (quantitativa ou qualitativa) de medida ou de materiais empíricos possui limites teóricos (para além de seus limites práticos) relativamente aos diferentes aspectos dos diferentes objetos, e isso mesmo que jamais se saiba determinar de antemão as fronteiras de um tipo de material ou do tratamento quantitativo ou qualitativo dos dados, nem seu campo de possibilidades (PIRES, 2010, p. 89).

O que devemos levar em conta, mais que a natureza dos dados que utilizamos para a realização de uma pesquisa é como essa pesquisa é construída. O modo de sentir, ver e intervir nos caminhos que nos levarão para a realização de uma pesquisa precisa estar, no meu entendimento, livres para contribuir com os avanços do nosso conhecimento e com a produção do texto etnográfico.

Para a realização dessa pesquisa foi preciso utilizar estratégias metodológicas que pudessem abranger os três espaços da pesquisa e também os interlocutores que foram as crianças e os adultos. As entrevistas foram realizadas com nove crianças que compunham o grupo de crianças; sete casais (14 adultos); gestoras da Escola Pequeno Príncipe (duas adultas); Davi, rapaz que quando criança levou sua irmã para AD (um adulto), um menino¹⁰ que não fazia parte do grupo das crianças observadas. Apliquei um questionário para orientar a conversa com os adultos, embora a conversa com o casal ao mesmo tempo, tenha predominado; mas com as crianças não me preendi a perguntas diretas, pois as mesmas sentiam-se intimidadas diante de um gravador. Preferi estabelecer conversas informais orientadas por temas. No total foram 27 pessoas que fizeram parte da pesquisa. Os métodos e técnicas utilizadas variaram um

⁹A pesquisa qualitativa se caracteriza em geral: a) por sua flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto de investigação; b) por sua capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis ou ainda, de objetos ocultos, furtivos, difíceis de apreender ou perdidos no passado; c) por sua capacidade de englobar dados heterogêneos, ou, como o sugeriram Denzin e Lincoln (1994), de combinar diferentes técnicas de coletas de dados; d) por sua capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida, justamente devido à sua capacidade de permitir ao pesquisador dar conta (de um modo ou de outro) do ponto de vista do interior, ou de baixo; e) finalmente, pela sua abertura para o mundo empírico, a qual se expressa, geralmente, por uma valorização da exploração indutiva o campo de observação, bem como para a sua abertura de “fatos inconvenientes” (Weber), ou de “casos negativos”. Ela tende a valorizar a criatividade e a solução de problemas teóricos propostos pelos fatos inconvenientes (PIRES, 2010, p. 90-91).

¹⁰ O menino que participou da pesquisa, mas que não faz parte do grupo de crianças pesquisadas nos três espaços é André. Optei por inseri-lo no trabalho devido ao potencial de agência observado e por considerá-lo como um caso controle. A descrição e análise da sua participação serão apresentadas na seção 6.

pouco das crianças para os adultos, pois além das entrevistas, utilizei com as crianças desenhos com seus comentários acerca dos mesmos, pedindo que elas falassem sobre suas próprias produções, percebendo que alguns detalhes dos desenhos infantis são mais bem compreendidos sob a ótica da própria criança. A pesquisa antropológica com crianças requer uma metodologia que favoreça a aproximação, para que seja possível estabelecer um diálogo. Isso nem sempre é possível que se dê através de entrevistas apenas.

Para realizar sua pesquisa com as crianças em Catingueira-PB, Pires (2011), utilizou-se de técnicas ditas não convencionais para uma pesquisa antropológica (desenhos, redações, filmagens, diários, fotografias, cartas, entrevistas com crianças, programas de rádio), todavia a autora ressalta que priorizou os desenhos comentados e a observação participante (PIRES, 2011, p. 32). A utilização de desenhos com crianças não é uma técnica nova, tendo sido utilizada em outras investigações antropológicas, mais recentes como o trabalho de Pires (2011), Silva (2011) ou os clássicos trabalhos de Mead (1932).

Contudo, faço uma ressalva quanto à utilização dos desenhos com as crianças do meu campo. Diferentemente de outros pesquisadores, a comunicação com as crianças, no desenvolvimento da minha pesquisa, ocorreu de modo mais produtivo através da fala das mesmas. Os desenhos não foram tão elucidadores assim. Os encontros que realizei com as crianças para conversas em grupos foram denominados por mim como “brincar de desenhar” e o desenho funcionou como uma estratégia de aproximação. Nesses momentos as conversas eram direcionadas por mim a partir da temática do desenho e sendo gravadas de uma só vez, para que depois eu pudesse transcrever. O trabalho para a transcrição foi bem maior do que se as conversas tivessem sido gravadas de modo separado, mas a riqueza das informações contidas nas conversas compensou o extenso trabalho de transcrição, obtive assim mais detalhes das informações que estavam expressas nos desenhos.

Alguns desenhos foram realizados nas casas das crianças, priorizei ir na casa das que eram irmãs para otimizar o tempo ao mesmo momento em que poderia perceber como as crianças agiam realizando atividades tendo os pais por perto. Meu interesse era perceber até que ponto os pais iriam interferir na produção dos filhos, mas não aconteceram grandes interferências, nesses momentos sempre ficávamos a sós, trabalhando os desenhos na mesa da cozinha ou na varanda. Em outros momentos marquei com as crianças na escola em que trabalho, que fica próxima às suas casas e ficávamos mais à vontade. Nesses momentos eu aproveitava para estabelecer conversas sobre o que pensavam sobre Deus, os pais, serem crentes, as brincadeiras preferidas, os filmes preferidos, jogos, amizades. As famílias pesquisadas não são numerosas, mas destaco as crianças do grupo que tem irmãs: Matheus e

Milka; Lúcia e Luís (contudo Luís não participou efetivamente da pesquisa); Marília e Mariana (Mariana também não participou efetivamente da pesquisa).

Para os desenhos estabeleci os seguintes grupos:

Tabela 1 - Grupos de desenhos

Minha Escola	Minha Casa	Minha Igreja	Deus	Família
--------------	------------	--------------	------	---------

Em cada encontro com as crianças para que fizessem os desenhos, pedia que fossem feitos dentro do grupo sugerido por mim, antes de começarem a desenhar conversávamos um pouco sobre o tema, eu perguntava se elas gostavam da sua escola, se era grande ou pequena, o que faziam em sala de aula e fora dela, etc. Essa conversa inicial serviu para estimular a produção dentro da temática do grupo de desenhos daquele encontro. Foram seis encontros com os grupos de crianças e oito com as famílias. O fato de eu ser conhecida deles tanto da Escola Dominical, da Escola Pequeno Príncipe e da comunidade, facilitou bastante esses momentos, enriquecendo a coleta dos dados que já vinha sendo feita na observação participante. Ressalto que para não correr o risco de que as crianças copiassem os desenhos uma das outras, como é comum acontecer, eu sempre lembrava que os desenhos mais bonitos ganhariam um presente, por isso não poderiam ser iguais. Essa observação feita por mim foi entendida como uma regra da “brincadeira de desenhar” que eu propunha. Todo material usado nas atividades de desenho eram levados por mim, canetas coloridas, lápis de cor, papel branco ou colorido. Devido ao pequeno tamanho do grupo de crianças da pesquisa, oito¹¹ ao todo, e por serem de idades muito próximas, não fiz recorte cronológico, continuei a agrupar as produções pelas categorias de desenhos realizados. Trazendo as vozes das crianças e dos adultos, dentro da mesma relação, pude observar o que era dito sobre as crianças e os cuidados que se apresentavam para com elas ao mesmo tempo em que, em contrapartida ouvia o que as próprias crianças falavam, desenhavam e pensavam sobre o cotidiano religioso. Cohn (2009), nos alerta para que,

Uma antropologia que trata das crianças, porém, não precisa ser feita apenas ao torná-las como sujeitos privilegiados de interlocução. Por exemplo, um estudo feito em uma escola, ou em um abrigo para crianças em situação de risco, pode ganhar muito ao se debruçar sobre o que os profissionais que lidam com as crianças pensam sobre elas e sobre sua atividade assim como sobre o que eles próprios (e também elas) fazem, deixam de fazer ou deveriam fazer (COHN, 2009, p. 47).

¹¹ Uma criança com 08 anos; quatro crianças com 09 anos; uma criança com 10 anos; uma criança com 11 anos e uma criança com 12 anos.

Em busca de estabelecer uma maior aproximação ainda com as crianças, além das conversas e dos desenhos comentados, participei das atividades da Escola Dominical de maneira mais aproximada, para poder estabelecer um contato físico com as mesmas. Apenas de posse das especificidades desse cotidiano é que poderia compreender e interpretar as ações e as reflexões sobre elas. Geertz (2008) nos fala sobre a chamada familiarização extremamente profunda com questões extremamente miúdas. Na construção de um discurso dialético, pesquisador e interlocutores precisarão construir uma relação em que a aproximação e a confiança estejam presentes por todos os lados. Nesse sentido e com essa intenção, observei a Festa do Conjunto Infantil da AD Sonho Dourado, Escola Dominical da AD em Piedade¹², Escola Bíblica de Férias¹³, Escola Animada – Festa Anual da Escola Dominical da AD Boa Vista, Estudo Bíblico para Crianças AD Jaqueira Baixa, Congresso das Crianças AD Alto da Jaqueira, Escola Bíblica Dominical AD Alto da Jaqueira, Festa do Círculo de Oração Infantil AD Castelo Branco II e Aniversário do Círculo de Oração com a celebração da Santa Ceia no AD Castelo Branco II Alto da Jaqueira; observei também a realização do *Cultinho* durante três meses na Escola Pequeno Príncipe.

Como descrito no início dessa seção, a forma de inserção no campo foi estabelecida pela aceitação de regras e adaptações do vestuário e de condutas impostas pelo campo de pesquisa. Para a coleta dos dados foi preciso que eu fizesse outras adequações na forma de participação de acordo com o espaço em que estivesse. A maior ênfase foi dada à observação participante e aos muitos elementos que eram desconhecidos para mim, busquei a ajuda de Selma, que foi minha interlocutora mais próxima, para melhor compreender, perguntando a ela por que aconteciam tais e tais comportamentos; perguntava para ela em variados momentos em que trecho da Bíblia eu poderia compreender determinadas passagens dos cultos.

Durante as atividades na Igreja, eu sempre me sentava ao fundo, nos lugares destinados aos visitantes e às mulheres, mesmo nas atividades das crianças, e de lá fazia minhas anotações, registrava algumas fotos, mas em algumas vezes pedia que minha interlocutora Selma fizesse os registros fotográficos que precisavam ser feitos mais de perto.

Os recursos metodológicos mais utilizados foram, portanto, a participação efetiva nas atividades que envolviam as crianças, e em alguns momentos, em atividades dos adultos. As

¹² O bairro de Piedade fica na cidade de Jaboatão dos Guararapes, é o bairro em que residia na época e fui assistir a essa Escola Dominical levada por uma vizinha na tentativa de conseguir me aproximar de um dirigente que pudesse me auxiliar na autorização junto ao Templo Central. Nessa atividade não me foi permitida a participação na atividade destinada às crianças, todas foram encaminhadas para suas salas e fiquei no salão maior destinado aos adultos.

¹³ Essa atividade aconteceu no fim de semana, manhã e tarde do sábado e manhã e noite do domingo.

entrevistas, com questões elaboradas anteriormente para conduzir a conversa auxiliaram para que se criasse um padrão para as respostas, contudo, pelo fato de ter optado por entrevistar o casal ao mesmo tempo, em muitos momentos ocorreram conversas de modo mais informal. Em alguns momentos apenas o homem ou a mulher respondia, em outros o homem monopolizava as respostas, mas de forma geral os dois falavam e davam suas impressões. Para melhor organizar as entrevistas, que como mencionei sempre foram realizadas com o casal junto, elaborei questões que puderam ser modificadas e desenvolvidas de acordo com a situação que se apresentava. Em alguns momentos segui os tópicos que havia pré-estabelecido e direcionava a entrevista com novas questões seguindo com liberdade, não obedecendo a uma estrutura formal (MARCONI; LAKATOS, 2003; PIRES, 2010). As perguntas de caráter aberto puderam, assim, ser mais enriquecedoras e favoreceram o desenvolvimento de conversas em contraste com uma entrevista formal de perguntas e respostas, no meu entender, mais frias. Senti que dessa forma, as entrevistas com os casais foram mais bem aproveitadas e enriquecedoras. Após a coleta dos dados com as entrevistas, a participação nas atividades, as conversas informais com as crianças e com os adultos, as visitas nas casas das famílias, iniciei o processo de construção do texto etnográfico. Roberto Cardoso de Oliveira (2006) nos chama atenção para a segunda etapa do trabalho de campo, quando se inicia a fase da escrita, tão importante quanto a primeira, a investigação empírica. O autor afirma que,

Se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo – atividade que os antropólogos designam pela expressão inglesa *fieldwork* –, é, seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento é tanto ou mais crítica (OLIVEIRA, 2006, p. 25)

A difícil tarefa de trazer para a escrita todas as experiências e as impressões vividas no campo é de extrema complexidade, pois o que está transcrito para o papel não é apenas o cotidiano, o modo de pensar, de falar, de agir do grupo pesquisado, é, além disso, se propor a contar através do texto como as pessoas vivem, produzindo conhecimento. Antes, está a experiência e as impressões da antropóloga. Entendo que a difícil tarefa do trabalho de uma pesquisa de campo é dupla, pois a elaboração de estratégias de entrada e permanência no campo, como foi descrito nessa seção tem sua continuidade no desenvolvimento do texto etnográfico, página a página, trazendo nessa construção textual as particularidades das vidas de outras pessoas e revelando também as intimidades que trazemos como resultante desse processo. Não passamos pelo campo apenas, o campo também passa por nós e durante os momentos em que estive lá, convivendo com meus interlocutores também fui *o outro*, vivi, senti, ouvi, vesti, como eles fazem. Essa experiência deixou marcas em meu corpo e vozes ecoam em meus ouvidos

com o som alto da música, os louvores, as leituras bíblicas, os gritos de Glória, as *línguas estranhas* que para mim foram muito mais que estranhas, foram incompreensíveis. A experiência com a qual está diante o antropólogo é maior que tudo o que ele possa conseguir descrever em sua produção textual.

2.4 Caminhos antropológicos de encontro com as crianças: outras formas de compreender a cultura

Os caminhos que guiam os estudos antropológicos acerca da temática *infância* passam pelos clássicos e pioneiros estudos de Margaret Mead, Ruth Benedict, Gregory Bateson. São pesquisadores que trouxeram as crianças e a infância para o debate antropológico. As pesquisas da Escola Cultura e Personalidade¹⁴ sobre socialização de crianças e adolescentes produziram importantes estudos, como exemplo do trabalho realizado por Margareth Mead, que buscou compreender crianças e adolescentes em outros contextos culturais em análises comparativas com as crianças da sociedade norte americana, cito o trabalho *Coming of Age in Samoa* (1973) e *The Primitive Child* (1931).

Na primeira pesquisa a autora conclui que as crianças de Samoa viviam menos dilemas que as crianças norte americanas, por fazerem menos escolhas em suas vidas, pois os dilemas variavam de acordo com a cultura e não por serem próprios dessa fase biológica da vida; no segundo trabalho, a autora reforça a ideia de que os problemas e os dilemas vividos por crianças e adolescentes são mesmo de origem cultural. Mead e Bateson (1951) foram precursores na utilização de fotografias nas suas pesquisas antropológicas com crianças. Não se pode negar a importância que as pesquisas da Escola Cultura e Personalidade tiveram e ainda tem para o desenvolvimento da teoria antropológica e para os trabalhos sobre infância, pois deram visibilidade às crianças, colaborando muito com o aspecto metodológico bem como com a coleta e análise dos dados. Embora a Escola Cultura e Personalidade tenha sido marcada pela distância social entre a vida adulta e a vida da criança, dentro da perspectiva de que, ao chegar

¹⁴ Outros importantes trabalhos da Escola Cultura e Personalidade que tratam da infância e de crianças são: *Some Aspects of Navaho Infancy And Early Childhood* (1947), de Clyde Kluckhohn. Esses estudos mostram formas diferenciadas de educar o corpo, com as crianças sendo mantidas dentro de cestos até os seis meses de idade para serem levadas para todos os lugares que os adultos fossem e postas em lugares mais altos para observar o mundo tendo por base a visão dos adultos; *Growth and Culture: a Photographic Study of Balinese Childhood* (1951) de Mead e Macgregor que destacam as trocas e toques corporais como marca da educação das crianças que passam pouco tempo no chão, sendo as mesmas carregadas no colo e “montadas” em adultos ou outras crianças maiores. Ainda em *Padrões de Cultura* (1934), Ruth Benedict estuda a personalidade das crianças japonesas e o efeito da educação que “molda” o corpo e contém os gestos e os movimentos.

à fase adulta a criança teria alcançado o fim último de um estágio de desenvolvimento e maturidade. Sobre essas pesquisas, fala Cohn (2009).

Se esses trabalhos têm a inegável importância de dar visibilidade aos estudos da criança e sugerir métodos e temas de observação, coleta e análise de dados, demonstrando que a experiência das crianças é cultural e só pode ser entendida em contexto, eles não obstante sofrem com alguns de seus pressupostos analíticos. Tomando a cultura como aquilo que é adquirido e transmitido e o grande diferencial cultural como a formação de padrões de personalidades, essa corrente da antropologia corre o risco de engessar os estudos na questão de como a criança é formada e como adquire competências culturais esperadas para a vida adulta. Esses estudos estão marcados pela cisão entre a vida adulta e a da criança, e remetem a uma ideia de imaturidade e desenvolvimento da personalidade madura. Assim, supõe um fim último do processo de desenvolvimento, o adulto ideal da sociedade em questão, seja ela balinesa, francesa ou norte-americana – adulto esse que é, em última instância, definido no e pelo estudo científico (COHN, 2009, p. 14-15).

O que acredito ser relevante para essa discussão é a possibilidade de pensar em um entendimento diferenciado sobre o conceito de cultura a partir das pesquisas com crianças e com a infância, pois as relações que são produzidas pelas crianças dão pistas de que o aprendizado cultural sofre modificações de acordo com o grupo observado, bem como revela outros caminhos para perceber que a criança não é um adulto incompleto e que vivencia, dentro da fase em que se encontra, experiências e relações próprias.

Para Ruth Benedict a cultura molda os indivíduos, assim a educação pode “moldar” as crianças, inclusive no modo como lidam com os movimentos do corpo – na cultura japonesa as crianças aprendem a realizar movimentos contidos do corpo. A Escola Cultura e Personalidade defendeu o conceito de cultura como algo adquirido e transmitido dos adultos para as crianças, moldando seu comportamento, bem como o psicologismo defendido por Mead e outros companheiros seus. Paralelamente às pesquisas antropológicas realizadas pelos culturalistas americanos, os antropólogos britânicos preocuparam-se com o processo de socialização dos indivíduos, defendido pelo estrutural funcionalismo desde Radcliffe-Brow. Para os antropólogos britânicos, no entendimento da Escola Estrutural Funcionalista, existem papéis na sociedade que são desempenhados pelas pessoas de modo que seguem um padrão e assim, as crianças não ocupam um lugar próprio, apenas repetem o que apreendem do mundo adulto.

O que quero trazer para reflexão, a partir do que foi defendido pelos culturalistas é a mudança no conceito de cultura que vem juntamente com essa discussão. Os estudos com crianças avançaram na formulação de novos conceitos para questões muito importantes nas produções antropológicas, como os conceitos de cultura, sociedade e agência (ou ação). O conceito de cultura passa a ter uma interpretação diferenciada de algumas interpretações anteriores no que diz respeito a ser entendida como valores ou crenças, mas como um sistema

simbólico, acionado pelos atores sociais; já a interpretação sobre sociedade se expande e passa a ser percebida como um conjunto estruturado em constante produção de relações e interações. O indivíduo não é apenas considerado como um receptáculo de papéis e funções repetitivas, ele passa a ser considerado como um agente dentro da sociedade (COHN, 2009).

Outra mudança observada na revisão nos debates antropológicos com crianças é o que se passa a entender por *ser criança e deixar de ser criança* em diferentes contextos, o universo da ação infantil é entendido com uma relevância que não tinham anteriormente. A forma de entendimento aproxima-se tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, o que não ocorria em outros estudos realizados. O modo como se observa a infância também se apresenta de forma diferenciada.

Em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças (...) a análise antropológica deve abranger outros campos que, a cada caso, serão fundamentais para se entender o que significa ser – e deixar de ser – criança nesses contextos (COHN, 2009, p. 22)

Partindo de outros pontos de discussão acerca do entendimento da sociedade e da cultura, como descrito acima por Cohn (2009) é que pretendo aqui discutir sobre a importância dos estudos com crianças para pensar sobre algumas questões que considero relevante nesse debate como *autonomia infantil e agência*.

Nesse sentido, o caminho teórico trilhado por essa pesquisa aproxima-se mais dos resultados obtidos nos estudos como o realizado por Toren (2007), *Sunday Lunch in Fiji: Continuity and Transformation in Ideas of the Household* com as crianças da aldeia de Fiji nos encontros do almoço de domingo, que trazem elementos para pensar como a compreensão de categorias como o parentesco são mantidas e sutilmente transformadas, se observados os depoimentos de adultos e crianças, bem como os desenhos de crianças de variadas idades.

Partindo da observação que as crianças fijianas fazem do mundo, as relações com os parentes e agregados durante o almoço de domingo –ritualmente realizado – apresentam mudanças que a autora considera fazer parte da construção do conhecimento de cada criança. Dizendo de outra forma, o entendimento e a visão do mundo que as crianças fijianas possuem, fazem com que elas apresentem uma interpretação diferenciada da interpretação dos adultos para as relações hierárquicas com os parentes e agregados. *Os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes dos adultos, sem por isso serem menos elaborados ou errôneos e parciais* (COHN, 2009, p. 34). As crianças entendem de forma diferente, observando

pontos que algumas vezes os adultos não conseguem perceber. E como defende Cohn (2009), acerca desse entendimento,

Elas (as crianças) elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos, as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. Negá-lo seria ir de um extremo ao outro; seria afirmar a particularidade da experiência infantil sob o custo de cunhar uma nova, e dessa vez irreduzível, cisão entre os dois mundos. Seria tornar esses mundos incomunicáveis (COHN, 2009, p. 35).

Concordo com Clarice Cohn quando a mesma se refere à relativização da autonomia cultural das crianças, pois o mundo infantil está diretamente ligado e dependente do mundo adulto. Afirmar, como percebi em algumas leituras ao longo dessa pesquisa, que as crianças são produtoras de cultura e possuem autonomia cultural não deixa de ser uma posição bastante incisiva, que acaba por promover uma cisão entre os dois mundos: adulto e infantil.

A construção da percepção sobre o mundo se dá a partir das relações com os demais seres, das relações com as pessoas. As crianças crescem e aprendem a partir do mundo – adulto – que já está posto à sua volta, *mas também* crescem e constroem o seu entendimento acerca desse mundo independente dos adultos, em relação às outras crianças. Acredito que algumas compreensões do mundo à sua volta são realizadas pelas crianças de forma auto reflexiva, mas não se pode negar que existe uma interdependência das crianças com relação à orientação dos adultos não apenas do ponto de vista da imaturidade biológica ou da dependência social. Inegável também é a hegemonia do mundo adulto com relação ao que observamos com as crianças, pois elas também elaboram seus conhecimentos a partir das reflexões e orientações dos adultos importantes do seu convívio.

Toren (1999) irá defender que o conhecimento das crianças ocorre em “sistemas autopoieticos”¹⁵ a partir do pensamento de Maturana e Varela, para a autora somos individualmente sociais e socialmente individuais. Através do sistema autopoietico, os seres são únicos, não conseguindo tornarem-se idênticos uns aos outros, e mantendo suas

¹⁵ Segundo Humberto Maturana e Francisco Varela, todos os organismos funcionam devido a seu acoplamento estrutural, ou seja, devido à sua interação com o meio, que se caracteriza por uma mudança estrutural contínua (que não cessa enquanto houver vida) e, ao mesmo tempo, pela conservação dessa recíproca relação de transformação entre o organismo (unidade) e o meio, pois a forma como ocorre esse processo depende do meio e do contexto em que se vive. Isso significa que, embora sejamos determinados por uma estrutura biológica, essa determinação estrutural não implica num reducionismo biológico, pois o meio interfere na forma com que iremos interagir com nossas próprias estruturas. O indivíduo age sobre o meio e o meio age sobre o indivíduo e não a partir de uma interposição de um sobre o outro. *A Fenomenologia da Percepção a Partir da Autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela*. Cláudia Castro de Andrade, GRIOT, Revista de Filosofia, 2012.

particularidades. Sobre os sistemas autopoieticos, Cláudia Castro de Andrade (2012), em seu artigo “*A Fenomenologia da Percepção a Partir da Autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela*”, propõe a discussão do processo de aprendizagem humano e a influência do desenvolvimento biológico e toda complexidade da sua estrutura. O desenvolvimento interno em constante relação com a interação sócio-cultural. O sujeito humano visto sobre variados aspectos do seu desenvolvimento. Assim, defende a autora:

Desse modo, a estrutura determinada da biologia humana, a partir da perspectiva autopoietica, não reduz a autonomia do sujeito. O determinismo biológico da teoria autopoietica não é um determinismo absoluto e reducionista, mas um determinismo que não descarta uma dinâmica inegavelmente indeterminada e imprevisível na qual estão sujeitos todos os sistemas vivos. Viver é interagir, e interagir é conhecer, por extensão, viver é conhecer (ANDRADE, 2012, p. 100)

Pensar o conceito de cultura como algo que é transmitido dos adultos para as crianças, sem levar em conta o entendimento dessa cultura pelas crianças é também pensar nas crianças como seres passivos diante do adulto ativo, transmissor da cultura (TOREN, 1999; PIRES, 2010; COHN, 2009). Um exemplo que citarei abaixo demonstra que a partir do que lhes é ensinado pelos adultos, as crianças refletem e elaboram seu próprio entendimento. Refletindo sobre a pergunta de como eles imaginam Deus, respondem:

Andrea: Na minha imaginação é aquele que aparece em vídeo, em vídeo aparece Jesus com o cabelo marrom, e isso é mentira, eu gosto de fazer Deus assim, ele com o rosto arredondado, um corpo normal como o da gente, o cabelo dele até aqui (Andrea põe as mãos na altura dos ombros). Como aparece em vídeo, mas eu sei que é mentira, eu vou fazer a roupa dele branca com fita vermelha. Pode fazer Deus abençoando um menino?

Marília: Eu imagino Deus... é por que é difícil de imaginar, por que o povo diz que ele é infinito. Na Igreja o povo diz que ele é infinito, mas eu imagino Deus que ele tem um rosto e o povo diz que ele tá sentado no trono, então, ele deve tá sentado, eu acho né que ele tem o quê? Barba.

Matheus: Barba?

Marília: é eu acho. Mas o povo diz que Deus...Jesus não tinha formosura, mas nos filmes que você assiste você vê o quê? Jesus bonito! Aí meu pai mesmo disse que Jesus não era bonito não! Jesus era bonito, mas sem formosura, resplandente.

Milka: é por que nos filmes bíblicos ele aparece do jeito que eu falei, com cabelo marrom, nos ombro aí fica andando com o povo, aí tem um homem no tronco que fica lá olhando...

Matheus: eu imagino Deus com a mão dele estendida sobre a Igreja, quando Deus foi a primeira vez ser batizado aí abriu o céu pra Jesus aí uma luz bem grande saiu do céu e uma pomba do céu saiu, não sei o que é essa pomba, né? Pode ser até Deus mesmo, a pomba pousou em Jesus e seguiu assim.

As crianças elaboram seu próprio entendimento a partir das explicações que ouvem dos adultos e também do que veem em vídeos; os ensinamentos que recebem na Igreja também estão presentes nas respostas. Observo que quando Andréa diz que a representação de Deus que ela vê em vídeos *é mentira*, está confrontando essa informação visual com as demais fontes de informação com as quais tem sido exposta e elaborando sua própria definição. E essa afirmação é feita entre o grupo de crianças, durante a realização dos desenhos, enquanto eles conversavam, sem a minha interferência. Na fala de Marília observo elementos discursivos que ela ouve na igreja e nos ensinamentos do seu pai; na fala de Matheus, percebo uma definição própria de Deus *“como uma mão sobre a Igreja”*, trazendo elementos mais subjetivos. Ele é a única criança do grupo que já passou pelo discipulado¹⁶ e possui reflexões mais aprofundadas que as meninas. Portanto, percebo uma reflexão por parte das crianças tendo por base os ensinamentos religiosos que elas recebem e não apenas uma mera repetição do que ouvem.

Assim como a ideia defendida por várias autoras (TOREN, 1999; PIRES, 2010; COHN, 2009), de que a cultura não é algo estático e socialmente transmitido do adulto para a criança a fim de socializá-la, concordo que o processo dialógico de compreensão e reformulação da cultura se dá a todo o momento, sendo atualizada durante a vivência e o aprendizado com a experiência, como vimos na fala das crianças. Elas apreendem e ensinam a partir do entendimento do mundo que as cercam, do mesmo modo que os adultos continuam a apreender mesmo quando crescem – quando chegam à fase adulta. Os estudos de Christina Toren servem como referencial para percebermos a mudança ocorrida no desenvolvimento das pesquisas antropológicas com crianças. Para a autora não é possível separar o aspecto sociológico do cognitivo, biológico e afetivo e a partir das observações de Cohn (2009) sobre quanto é fundamental o trabalho de Toren, ele permite, através das crianças, perceber aspectos na sociedade que não são explícitos e que estão subjacentes a uma tentativa de entendimento pouco profunda e minuciosa. Ao tempo em que se estudam as crianças, as formas culturais dos pequenos auxiliam a compreender a experiência cultural dos adultos.

Outro ponto importante para observarmos a mudança na condução das pesquisas com crianças está diretamente relacionado ao processo de socialização na infância. Em uma concepção mais tradicional, a criança sempre foi vista como um aprendiz que através do processo “natural” da socialização aprende as regras de como se transformar em um adulto.

O antropólogo norte-americano Enid Schildkrout (1978) pesquisou a socialização das crianças Hausa, na África, afastando-se da perspectiva tradicional, o autor levou em conta idade

¹⁶ O discipulado é um estudo bíblico direcionado a quem está preparando-se para o batismo, assim como o catecismo para os católicos.

e gênero e diferentemente do que havia sido observado em sociedades que consideram as crianças como meros aprendizes, as crianças Hausa não são ensinadas sobre regras¹⁷ fixas de comportamento dos adultos relativos ao gênero, principalmente. Circulam livremente entre homens e mulheres, fator que não acontece com os adultos da sociedade pesquisada. Schildkrout (1978) mostrou com sua pesquisa que na sociedade Hausa a infância não se configura como um treino para o mundo adulto, sendo qualitativamente diferente. As relações entre os adultos apenas conseguem acontecer com a intermediação direta das crianças que são o elo comunicativo entre os adultos separados pelo gênero.

Ainda sobre o processo de socialização, o trabalho realizado por Florestan Fernandes¹⁸ (2004), *“As Trocinhas do Bom Retiro”* pôde contribuir para a discussão antropológica dos estudos com crianças, pois a questão da socialização dos grupos infantis – as Trocinhas – é apresentada a partir da motivação das brincadeiras entre as crianças e adolescentes em grupos rivais. O autor descreve a construção das regras criadas pelas próprias crianças sem a interferência dos pais e o envolvimento das mesmas com a permanência de algumas brincadeiras já desconhecidas pelos adultos. Os pais – trabalhadores imigrantes – passavam a conhecer elementos da cultura brasileira a partir do que as crianças aprendiam nas brincadeiras de rua. Nesse caso, a socialização dos pais era favorecida pelas crianças, revelando um elemento diferenciador do que tradicionalmente havia sido observado e descrito. As crianças compartilhavam de uma linguagem própria, selecionando brincadeiras que consideravam relevantes, contribuindo para a permanência de uma tradição oral, reinventavam brincadeiras antigas e ensinavam para outras crianças (FERNANDES, 2004; DELALANDE, 2003; SCHILDKROUT, 1978).

¹⁷ Na pesquisa de campo pude observar que questões relativas às regras de comportamento de cada gênero são ensinadas para as crianças da Assembleia de Deus. Como exemplo cito o fato de que as meninas fazem gestos com as mãos enquanto cantam no coral infantil, enquanto os meninos permanecem com seus corpos enrijecidos, com as mãos para trás. Esse ponto será mais bem desenvolvido no texto.

¹⁸ Segue descrito, trecho da opinião do próprio Florestan Fernandes sobre o trabalho realizado com as “Trocinhas”: *O trabalho que teve maior importância para mim foi o que escrevi sobre ‘As ‘trocinhas’ do Bom Retiro’. Pela primeira vez, via-me enfrentando as tarefas de ‘materializar’ e de ‘reconstruir’ as bases sócio-dinâmicas da vida em grupo. Não só tive oportunidade de passar do plano abstrato para o plano concreto no uso de conceitos, hipóteses e teorias; precisei formular por minha conta as perguntas que o sociólogo tem que responder quando examina, empiricamente, a estrutura e as funções do grupo social, nos vários níveis da vida humana. Por isso, esse pequeno trabalho representou para mim uma passagem da iniciação didática pra a iniciação científica, e eu devo, em termos de aprendizagem, muito mais do que fiquei devendo aos cursos que freqüentara anteriormente. Formei, então, o meu próprio tirocínio sobre a análise dos dados empíricos; e fiquei sabendo por que a reconstrução empírica não basta à explicação sociológica: os ‘fatos’ não falam por si mesmos. É preciso interrogá-los e, para isso, é indispensável algum domínio do quadro teórico envolvido* (FERNANDES, 1977, p. 174). A Sociologia no Brasil: Contribuições para o Estudo de sua Formação e Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

A partir de pesquisas como a realizada por Florestan Fernandes (2004), percebo que as crianças constroem formas de comunicação próprias que favorecem a entrada e permanência nos grupos infantis e que através de elementos observados na relação com os adultos, constroem suas próprias relações. Dizendo de outra forma, as crianças constroem mecanismos comunicativos, mas tendo por base o mundo adulto e o que percebem desse mundo. Não revelam uma reinvenção total das coisas ou uma independência do mundo adulto, continuam a tê-lo como referência.

2.4.1 Um pouco sobre crianças indígenas: indicando caminhos

O campo da pesquisa antropológica que procura compreender as crianças e a infância indígena tem crescido no Brasil e traz valiosas contribuições para a disciplina, também levando em conta os processos de socialização e os cuidados dos adultos para com a criança. Em artigo escrito pela antropóloga Antonella Tassinari (2007), “*Concepções Indígenas de Infância no Brasil*”, a autora chama a atenção para três ressalvas que considera importantes de serem mais bem observadas quando pensarmos em infância indígena no Brasil, bem como mais cinco aspectos que parecem ser recorrentes na construção de alguns estudos sobre as crianças indígenas:

(...) três ressalvas para que possamos tratar com respeito e responsabilidade as concepções indígenas de infância: a) reconhecimento de que ainda temos poucos dados etnográficos; b) necessidade de deixar de lado nossa visão de infância e os estereótipos sobre a candura ou a crueldade indígenas; c) reconhecimento da diversidade sócio-cultural indígena e do caráter provisório das generalizações (...) cinco aspectos que parecem recorrentes nas concepções indígenas sobre a infância: 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão; 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos; 3) a educação como produção de corpos saudáveis; 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas; 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais (TASSINARI, 2007, p. 22, GRIFOS MEUS).

Quero, contudo, ressaltar dois pontos que considero importantes de serem considerados. O primeiro ponto diz respeito ao reconhecimento da autonomia da criança e sua capacidade de decisão. A afirmação de Tassinari (2007) tem por base um contexto específico, a comunidade indígena em que as crianças apresentam esse tipo de comportamento diferenciado. O segundo ponto é que essa autonomia não é sempre reconhecida no campo da minha pesquisa, as crianças revelam uma agência relativa em determinados aspectos, mas não da forma que está exposto no contexto indígena. Elas fazem suas reflexões tendo por base elementos vivenciados e

observados no mundo adulto, mas de modo geral não são autônomas. Com exceção das vezes em decidem *aceitar* Jesus, ponto que será melhor aprofundado adiante.

Tendo como fonte bibliográfica pesquisas realizadas com crianças indígenas brasileiras, em diferentes localidades do país, Tassinari (2007) apresenta elementos para reflexão sobre pontos relevantes das referências tratadas em seu artigo, pois apresenta concepções que se distanciam das concepções que apenas são centradas no pensamento adulto, sendo também encontrado nas ideias ocidentais; a forma de entender o mundo dos indígenas põe as crianças em posição de mediação de categorias como mortos/vivos, homens/mulheres, afins/consanguíneos, nós/outros, predação/produção.

Igualmente, ao contrário de nossa prática social que exclui as crianças das esferas decisórias, as crianças indígenas são elementos-chave na socialização e na interação de grupos sociais e os adultos reconhecem nelas potencialidades que as permitem ocupar espaços de sujeitos plenos e produtores de sociabilidade (TASSINARI, 2007, p. 23)

Um dos trabalhos observados por Tassinari (2007), que estudou a criança Xavante foi resultante da pesquisa de Nunes (2003) *“Brincando de ser Criança: Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância”*. A autora traz sua contribuição à Antropologia da Infância através da análise de situações do cotidiano dos índios Xavante quanto à introdução da educação escolar oficial que entrou em confronto com o projeto educacional idealizado pelos próprios índios. Partindo dessa situação conflituosa de transformação cultural, o olhar da pesquisadora ocupa-se, principalmente da dinâmica imposta pelas crianças nesse processo.

Cohn (2000), em seu artigo *“Crescendo como um Xikrin: uma Análise da Infância e do Desenvolvimento Infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá”* partiu da sua dissertação de mestrado, sobre a socialização das crianças Xikrin e de como as mesmas vão construindo os saberes acerca do mundo à sua volta. Com uma concepção de infância própria ao grupo pesquisado, a autora ressalta que:

Por fim, resta saber o que, para os Xikrin, define a singularidade da experiência infantil, de um modo que possa nos fornecer uma concepçãoêmica da infância que vá além da pressuposição da incompletude da criança e de sua necessidade de socialização. Sugiro ser o desenvolvimento da faculdade de compreensão, ligada especialmente ao ouvido, o que torna a pessoa alguém que pode e deve compreender as normas sociais e atuar de modo correspondente a elas, capacitando-a, ainda, a dominar os conhecimentos tidos como relevantes, de um modo que exige sua participação ativa. Para aprender e compreender não basta desenvolver os órgãos de sentido e ter acesso às coisas do mundo. Cumpre demonstrar curiosidade e iniciativa (a exemplo da necessidade de pedir para que lhe seja ensinado algo), mas principalmente atenção e reflexão (COHN, 2000, p. 212-213).

Cohn (2009) nos diz ainda que, “Tomando a cultura desse modo, entendemos melhor seu funcionamento e também suas mudanças. Isso porque a cultura não está nos artefatos nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que conformam e lhes dão sentido” (COHN, 2009, p. 20)

Concordo com o pensamento da autora, observando que a cultura está em constante mudança. Como atores sociais, as crianças apresentam constante atividade dentro da sua própria condição de ser criança, contrariando as teorias que as colocavam apenas no papel de reprodutoras, de seres incompletos que viviam a infância treinando para a vida adulta.

A pergunta que me vem à mente ao finalizar essa subseção é: o que é ser criança? Essa questão poderia ser respondida trazendo à tona as lembranças de uma época passada? Lembranças essas desbotadas pelo tempo? Será que o fato de termos sido criança nos faz, adultos que somos sabedores de como definir com clareza esse período das nossas vidas? A resposta que suponho atender a todas essas questões é que as concepções de criança, crianças, infância podem ser mais bem compreendidas a partir da aproximação com o que dizem e o que pensam as próprias crianças sobre o mundo que as rodeia. Essa aproximação foi construída durante todo o processo de desenvolvimento da tese, possibilitando a compreensão das questões iniciais. É necessário, pois definir ou refletir sobre a elaboração de uma (ou mais de uma) definição e criança e de infância.

2.4.2 Definindo criança(s) e infância(s): distanciamentos e aproximações nos estudos sobre o tema

Os estudos acerca da temática da infância e sobre crianças vem sendo desenvolvido com mais frequência nas pesquisas sociais e antropológicas no Brasil. Os estudiosos da pedagogia, da psicologia e da história trazem uma produção bem mais extensa sobre o tema, sendo por muito tempo os estudos da infância priorizados por essas áreas tanto dentro como fora do Brasil. No século XIX, tendo sido estudada por variadas áreas do conhecimento, a criança foi descrita por Durkheim (1955) como um ser pré-social e a educação escolar é que iria prepará-la para a vida social. Os clássicos estudos de Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934) muito contribuíram para a Psicologia da Criança; Piaget defendendo a ideia de que a criança aprende à medida que se desenvolve, com o conhecimento de dentro para fora; para Vygotsky

a criança aprende a se desenvolver na interação com outros mais experientes no seu meio sociocultural. Os estudos de Sigmund Freud (1856-1939) no campo da Psicanálise apontam para o conhecimento da infância (das crianças) como fator para compreender delitos e anormalidades de alguns adultos. De acordo com Philippe Ariès (1978) a *descoberta da infância*, como o autor denomina, ocorre na Modernidade, sendo fundamentada em torno de um sentimento de cuidado, educação e proteção, com a escolarização responsável por novos benefícios à criança e à família. Para Ariès até então, a criança era tratada como um adulto em miniatura ou pequenos adultos. Ele reconhece apenas a ideia da infância moderna, desconhecendo outras infâncias, limitando assim seu olhar acerca da temática, pois sempre houve crianças, mesmo em outras épocas, apenas a visão que se tinha delas era diferenciada. Tornando-se a infância reconhecida como uma realidade de fato apenas no século XX, entendida como um fenômeno social. Como fala Cambi, 2012:

A imagem da infância torna-se tanto mais rica e complexa com a definição de saberes, direitos e deveres a respeito das crianças. Trata-se de ideias e noções utópicas que ilustram o reconhecimento e difundem que esse é o século da criança, mas em mundo avançado e utópico, oscilante e aberto (CAMBI, 2012, p. 79).

Delalande (2011) e Mayall (2007) ressaltam que com a Convenção¹⁹ Internacional Sobre os Direitos da Criança, em 1990, a criança é entendida como titular de direitos, o que representou uma grande variação tanto no pensamento quanto nas práticas sendo visível a mudança de concepção acerca da criança: de criança guiada passa a ser reconhecida como criança-sujeito e atualmente é vista como interlocutora. A compreensão de que as crianças são plurais demonstram essa diferença devido às variadas culturas às quais pertencem e essa ideia irá se contrapor ao pensamento anterior de um modelo de criança universal. William Corsaro (2011) defende que as crianças constroem e reconstroem, juntamente com seus pares (parceiros, iguais) o entendimento do mundo que as cercam, mas também fazem isso em participação com

¹⁹ Antes da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, os padrões dos direitos humanos de todos os membros da família humana eram expressos por instrumentos legais como alianças, declarações e convenções, como padrões relacionados às questões específicas das crianças. Contudo, foi apenas em 1989 que as normas relativas às crianças foram reunidas em um único instrumento jurídico, aprovado pela comunidade internacional, e foi esclarecido de forma inequívoca o direito de cada criança, independentemente de onde nasceu ou de fatores como sexo, religião ou origem social. O corpo de direitos enumerado na Convenção são os direitos de todas as crianças em qualquer lugar. A ideia de qualquer lugar é importante. Em muitos países, as vidas das crianças são marcadas pelo conflito armado, pelo trabalho infantil, pela exploração sexual e outras violações aos Direitos Humanos. Em alguns países, por exemplo, as crianças que vivem em áreas rurais podem ter menos oportunidades de acesso à educação de qualidade ou podem ter menos acesso a serviços de saúde do que as crianças de áreas urbanas. A Convenção estabelece que essas disparidades – dentro das sociedades – também são uma violação dos Direitos Humanos. Ao apelar para que os governos assegurem os Direitos Humanos de todas as crianças, a Convenção procura corrigir esse tipo de iniquidade (UNICEF, 2004. www.unicef.org/crc/crc.htm).

os adultos importantes de suas relações. O autor chama a atenção para a visão funcionalista da cultura presente em grande parte dos trabalhos acerca da cultura de pares entre as crianças, nessa perspectiva a cultura vista como um conjunto de normas e valores que ao serem compartilhados orientariam o comportamento infantil e auxiliariam na formação das crianças em adultos. Sobre a importância do papel da cultura de pares nas relações das crianças entre si, reforça Sarmiento (2005):

A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas, ao mesmo tempo que se estabelecem fronteiras de inclusão e exclusão (de gênero, e subgrupos etários, de status, etc...) que estão fortemente implicados nos processos de identificação social (SARMENTO, 2005, p. 11)

Ressaltando que as crianças precisam ser estudadas por si, continua Corsaro (2011), de que cultura de pares é um conjunto de atividades ou rotinas que são produzidas pelas crianças e compartilhadas com as demais crianças do mesmo grupo, iniciando pelas relações familiares.

As famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares na reprodução interpretativa. Crianças pequenas não experimentam individualmente as informações do mundo adulto; em vez disso, elas participam de rotinas culturais nas quais a informação é primeiro mediada por adultos. Nos primeiros anos da criança, a maioria das rotinas culturais adulto-criança acontecem nas famílias. Assim as culturas de pares iniciais não são decorrentes de confrontos diretos das crianças com o mundo adulto. À medida que as crianças se aventuram para longe da família, elas apontam para direções específicas, preparam-se para a interação com diferentes orientações interpessoais e emocionais, e recorrem a recursos culturais particulares, todos derivados de experiências anteriores em suas famílias (CORSARO, 2011, p. 130).

A partir do distanciamento das famílias as crianças vão construindo outras relações sociais e afetivas, laços de amizade, compartilhamento de objetos, reprodução de atitudes que elas veem dentro de casa na relação com os pais – violência, afeto – tanto com outras crianças, quanto com outros adultos que farão parte desses outros grupos sociais, na escola, na igreja, na rua. Essa socialização é defendida por Corsaro (2009) como reprodução interpretativa.

O termo *interpretativa* captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo *reprodução* significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural. Isto é, crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros (CORSARO, 2009, p. 31)

Assim sendo, as crianças interagem com a sociedade em que estão inseridas, no seu tempo, enquanto são crianças, não apenas quando tornarem-se adultos. Os fatos, acontecimentos, relações que acontecem na infância afetam as crianças e aos grupos em que elas se relacionam. As crianças como produtoras de cultura, e a infância como categoria na estrutura social; as relações sociais entre as próprias crianças e com os adultos, as crianças como protagonistas de suas vidas e como agentes sociais transformadores dos meios sociais em que estão inseridas são debates que estão sendo largamente ampliados (QVORTRUP, 2010).

Jens Qvortrup (2010) chama a atenção para os estudos sobre a infância que dê visibilidade e voz às crianças, sem ter que necessariamente fazer referência ao futuro das mesmas ou do que elas poderão vir a ser quando tornarem-se adultas. Uma diferenciação importante que é defendida pelo autor para justificar a infância enquanto categoria estrutural é a de que a criança passa por período de desenvolvimento em vários aspectos, mudando sua condição de amadurecimento: da imaturidade sexual para a maturidade (após passar pelas fases ou períodos de reconhecimento do corpo); da incompetência para a competência (após desenvolvimento de habilidades cognitivas); da incapacidade para a capacidade (após conseguir realizar atividades motoras). Enquanto que no entendimento da infância enquanto categoria estrutural o autor defende seu caráter permanente.

(...) a infância *tanto* se transforma de maneira constante, *assim* como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam. A infância existe enquanto um espaço social para receber qualquer criança nascida e para incluí-la - para o que *der e vier* - por todo o período da sua infância. Quando essa criança crescer e se tornar um adulto a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças (QVORTRUP, 2010, p. 637).

O desenvolvimento da infância é observado de modo diferente do desenvolvimento da criança, pois o primeiro se dá nos seus aspectos sociais (mudanças tecnológicas, sociais, taxas de mortalidade, ingresso e permanência na escolarização, guerras, desastres ambientais...), enquanto que o segundo está relacionado às características individuais de cada criança (a que se desenvolveu mais ou menos que outra). Pode-se ainda acrescentar fatores de mudança sócio-econômicas que afetam a vida das crianças, tanto quanto a dos adultos como as recentes mudanças nas sociedades ocidentais: o crescimento da força de trabalho feminina, taxas elevadas de divórcio, a educação doméstica das crianças estando aos cuidados das avós. Essas mudanças sociais são percebidas pelas crianças e vivenciadas por elas, mudando as relações internas nas famílias; a contribuição das crianças maiores no cuidado com irmãos menores de

famílias numerosas é um fator que pode ser facilmente observado em comunidades mais pobres, trazendo um amadurecimento diferenciado para essas crianças. Continuidades e descontinuidades. A infância é uma fase transitória, pois as crianças passarão por ela para tornarem-se adultos, contudo é permanente, pois não poderá deixar de ser infância, transformando crianças em adultos. Assim, tanto a velhice como a idade adulta e a infância são categorias geracionais, sofrendo os impactos dos acontecimentos sociais de modo diferenciado, quando acontecem os chamados conflitos de gerações devido aos diferentes entendimentos e vivências desses impactos e os interesses de cada geração. A geração enquanto categoria estrutural está constantemente sendo “preenchida” e “esvaziada”, nos dizeres de Sarmiento (2005), pois as crianças, ao crescer sairão dessa fase da vida e outras entrarão. É uma fase assumida independente das crianças, pois são atores concretos que estão socialmente localizadas nessa categoria geracional (QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2005).

A geração não dilui os efeitos de classe, de gênero ou de raça na caracterização das posições sociais, mas conjuga-se com eles, numa relação que não é meramente aditiva nem complementar, antes se exerce na sua especificidade, activando ou desactivando parcialmente esses efeitos (SARMENTO, 2005, p. 363).

A fase da infância não acaba quando as crianças crescem, pois nascem crianças a todo tempo e vão sendo inseridas nessa construção social e coletiva denominada infância. O reconhecimento da diversidade da infância dá-se pelo entendimento de que as crianças ao mesmo tempo em que passam por fases de amadurecimento em diferentes áreas e processos, possuem direitos e deveres dentro de organizações sociais também diversas.

Levando em conta as questões geracionais e o impacto dos parâmetros sociais (crescimento econômico, industrialização, urbanização, saúde...) sobre as gerações poderemos nos aproximar do modo como as crianças, dentro da sua categoria, lidam com essas questões. Dentro dessa perspectiva de observação da infância, enquanto categoria estrutural, a mudança que pode ser observada, poderá ajudar as pesquisas a encontrar um entendimento por levarem em conta a criança como agente social diante das transformações sociais. Concordo com o que diz Qvortrup (2010), quando afirma que,

Nada é alterado, naturalmente, no fato de que toda criança está caminhando em direção à idade adulta; contudo, o que difere são as condições e as circunstâncias em que isso acontece. Isto é, em outras palavras, *a infância, em termos estruturais*, assume formas diferentes como resultado das transformações sociais (QVORTRUP, 2010, p. 642).

Jens Qvortrup (2010) defende que a infância é constituída em uma forma estrutural bem como é exposta às mesmas forças sociais que a idade adulta e que as crianças são coconstrutoras da infância e da sociedade (apud Corsaro, 2009). Acredito que ao refletirmos sobre as diferenciações sociais em que os grupos de crianças estão inseridos poderemos compreender relações bastante diferenciadas em crianças da mesma faixa etária e em localidades bem próximas. Como exemplo²⁰ disso posso citar a realidade de crianças da periferia pobre de uma cidade como o Recife, o bairro do Jordão em comparação com outras crianças de um bairro rico da mesma cidade. Encontro diferenciações sociais dentro do mesmo bairro do Jordão, no campo de pesquisa, entre as crianças evangélicas e não evangélicas, assembleianas ou não, apresentando diferenças no modo de comportar-se, de vestir-se, de brincar, de ocupar o tempo dentro da própria casa.

A aproximação da definição de criança e infância que me ancore nessa tese toma por base o pensamento de Qvortrup (2010) e Sarmiento (2005), quanto às possibilidades da infância ser afetada pelas mudanças e variantes sociais, o que ao mesmo tempo me aproxima da definição da criança nativa evangélica, que tem suas relações sociais marcadas pelo grupo. A agência que elas exercem diante do seu grupo, é percebida de modo a entender que essa criança evangélica tem voz e ação, sua presença está marcada de forma a fazer com que ela exerça seu protagonismo nas atividades da Igreja. As relações das crianças com os adultos são de aprendiz e ao mesmo tempo de sujeito educador/evangelizador.

2.5 Pesquisas antropológicas com crianças: diversos caminhos percorridos no PPGA/UFPE

Pesquisas recentes que trazem o estudo antropológico com crianças são cada vez mais encontradas, seja tornando relevante o protagonismo infantil, a socialização das crianças ou suas relações com os adultos com quem convivem. Considero importante perceber como as estratégias de realização de pesquisas com crianças são organizadas, pois a questão

²⁰ Um exemplo citado por Sarmiento (2005) sobre a diversidade social, econômica e de gênero ilustra a variação de fatores que diferenciam as crianças: “Uma criança da classe média europeia, do gênero masculino, do grupo etário, por exemplo, dos 6 aos 12 anos, da etnia dominante e raça branca tem muito mais possibilidades de viver com saúde, de aceder à educação escolar, de ter tempo para brincar e de aceder a alimentos, roupas, condições de habitação, jogos e espaços de informação e lazer que uma criança do mesmo grupo etário, mas que tenha nascido em África ou na América do sul, pertencente a meios populares e que integre o gênero feminino: são muito menores, neste caso, as possibilidades de estudar, brincar e aceder a bens de consumo, e muito maiores as possibilidades de estar doente e de ter sobre os ombros as responsabilidades e os encargos domésticos. Esta comparação, um pouco trivial, é ilustrativa da diversidade social das crianças, que ocorre se tomarmos cada um dos factores de estratificação por si, ou se considerássemos a todos no seu conjunto” (SARMENTO, 2005, p. 371).

metodológica auxilia muito em pesquisas futuras. Aprendemos muito observando os caminhos percorridos por outros antropólogos e de como conseguiram vencer suas dificuldades em campo. Contudo, considero ainda mais importante percebermos o quanto as pesquisas com crianças estão sendo construídas levando em conta a diversidade de temáticas, seja a construção da socialização nos grupos escolares, estratégias de convivialidade e enfrentamento de proibições ligadas à religião, processos de conversão no seio das famílias e o que esse processo repercute na vida das crianças.

Algumas dessas pesquisas serão aqui descritas em um passeio pela diversidade de temáticas que foram eleitas como motivação para discutir os conceitos de alteridade, cultura, relação entre as pessoas, partindo da ótica das crianças.

Em sua dissertação de Mestrado, a antropóloga Christiane Rocha Falcão (2010), *“Ele Já Nasceu Feito: O Lugar da Criança no Candomblé”* traz uma valiosa contribuição acerca da relativização de noções biológicas e sociais e sobre o lugar da criança no Candomblé. Toda discussão proposta por Falcão tem início a partir do lugar de autoridade religiosa ocupado por um menino de onze anos dentro do Candomblé em que toda sua família de sangue²¹ fazia parte. *O lugar dele é o lugar de uma autoridade, e o fato de ter pouca idade não é relevante quando ele já nasceu “feito”* (FALCÃO, 2010, p. 59). Nascer feito é a expressão nativa utilizada para explicar a continuidade religiosa determinada pelos Orixás, e que implica em incumbir com a autoridade necessária à pessoa que herdará a liderança religiosa do terreiro. No caso específico dessa pesquisa a pessoa destinada a dar continuidade ao terreiro é o menino, que mesmo sendo ainda uma criança é reconhecido com autoridade religiosa por todos, inclusive pelos adultos.

Outro ponto observado por Falcão (2010) é o conhecimento sobre os costumes religiosos que algumas crianças que fizeram parte da pesquisa possuem, chegando a ensinar muito da religião para os adultos envolvidos. As crianças demonstram possuir mais conhecimentos que alguns adultos que pertencem e frequentam o terreiro, as que fazem parte da família de sangue e vivem muito próximas aos rituais do Candomblé são detentoras de muito conhecimento e esse conhecimento é responsável por uma hierarquia dos que sabem mais sobre os que sabem menos, mesmo que essa relação hierárquica ocorra entre adultos e crianças. Ainda que os adultos exerçam um controle social sobre as crianças, a autoridade infantil, no que diz respeito ao conhecimento religioso é reconhecida. Como reforça a autora, *“(...) na estrutura religiosa esses mesmos mais novos e crianças podem ser reconhecidos como autoridades em detrimento da ideia de tenra idade”* (FALCÃO, 2010, p. 66)

²¹ Falcão (2010) desenvolve a ideia diferenciada entre família de sangue e família religiosa e suas implicações, nesse trabalho.

As relações de poder observadas por Falcão (2010) em sua pesquisa nos mostram uma interpretação diferenciada do modelo tipo ideal moderno em que o poder dos adultos e pais sobre as crianças é mais comum de ser esperado. No terreiro sergipano pesquisado, o lugar da criança não é o mesmo que elas ocupam fora da religião, com isso a autoridade ritual exercida por crianças relativiza o modo de pensar a criança e outras formas de vê-las.

Há algum tempo, Campos (2010; 2011) vem tomando para si o interesse em dialogar com a criança enquanto interlocutora nas suas pesquisas, buscando compreender como constroem as relações com os adultos e com as demais crianças à sua volta. Em seu artigo *Pesquisando o Invisível: Percursos Metodológicos de uma Pesquisa sobre Sociabilidade Infantil e Diversidade Religiosa* (2010), produzido com a colaboração de Paiva Júnior, Gomes, Lima e Silva e Cisneiros, trouxeram uma grande contribuição quanto ao caminho metodologicamente percorrido e a inserção no campo para a realização da pesquisa.

Debruçar-se sobre a sociabilidade infantil e às reações das crianças acerca da diversidade religiosa teve como desafios o que relata os autores:

O principal desafio enfrentado, do ponto de vista metodológico, foi a invisibilidade da criança nos estudos antropológicos sobre questões religiosas e de sua sociabilidade, em especial, no que concerne às reações à diversidade religiosa no espaço escolar brasileiro. A invisibilidade se dá principalmente por a antropologia, e as ciências sociais de um modo geral, só mais recentemente ter se aberto epistemicamente à criança como agente cultural. Em segundo lugar, a produção da invisibilidade da relação entre religião e sociabilidade infantil se dá pelo fato mais geral (no sentido de que não é específico à questão infantil) de parte da academia e do senso comum sustentarem a crença no sincretismo brasileiro como força confraternizadora e harmonizadora das diferenças (CAMPOS *et al.*, 2010, p. 02).

Contribuindo para retirar o papel desempenhado por crianças em contextos religiosos do obscurantismo tradicional, Campos (2010) colabora com a problematização teórica das ações infantis em espaços de poder e domínios religiosos. A compreensão e reelaboração das crianças, entendidas nessa pesquisa como reproduções interpretativas, revelam a agência exercida pelas próprias crianças na construção de suas relações.

As crianças necessariamente não imitam ou reproduzem ideias e atitudes dos adultos, ao contrário reelaboram o modelo dos adultos de forma criativa de acordo com seus interesses e motivações no que concerne às suas amizades e formas de sociabilidade (CAMPOS *et al.*, 2010, p. 30).

Em outra contribuição antropológica, *Um Estranho no Ninho: Uma Experiência Protestante em Escola Laica no Recife*, Campos (2011) ocupa-se outra vez do processo de sociabilidade entre as crianças, tornando relevante, questões conflituosas relativas à diversidade

religiosa no contexto escolar laico. A partir do sofrimento causado a uma menina por seus colegas de escola, que a maltratavam devido ao seu comportamento e sua orientação religiosa, a sutileza presente nesse artigo nos faz pensar o quanto podemos apreender a partir das emoções presentes nas relações infantis, não subestimando a intolerância religiosa como algo que faz parte de episódios da esfera cotidiana.

O destaque foi dado ao caso de intolerância religiosa experienciada pela criança em questão e, a partir do seu sofrimento poder problematizar a vivência das crianças com as diferenças dos seus pares. A autora chama a atenção para que possamos,

(...) entender como crianças vivenciam a diferença no espaço escolar brasileiro torna-se fundamental para percebermos se elas estão reproduzindo valores tradicionais hierárquicos ou não, e se o comportamento efetivo das crianças reflete atitudes de respeito e inclusão da diferença ou se expressaria intolerância (CAMPOS, 2011, p. 173)

As reproduções interpretativas, como foram discutidas ao longo dessa sessão, são reelaboradas pelas crianças num processo de internalização dos ensinamentos e experiências vivida com os adultos/pais e dizem muito sobre a continuidade das práticas sociais observadas por elas.

Partindo também da observação do sofrimento das crianças penitentes na Festa do Morro da Conceição²², em Recife, Cisneiros (2014) constrói sua pesquisa, *Se é Promessa tem que Fazer: Etnografia do Pagamento de Promessas de Crianças na Festa do Morro da Conceição*, preocupando-se em entender o que sentem as crianças que, vestidas de azul e branco, pés descalços sob um sol escaldante, cabelos compridos, seguem morro acima acompanhando pais e avós. A fala das crianças é motivada por emoções, sofrimentos e negociações estabelecidas com os adultos para que a promessa seja cumprida e um dos exemplos dessa negociação trazida pela autora é a de um menino que demonstra não ser passivo no pagamento da promessa a partir da revelação de que todas as vezes que concorda em subir o Morro, ganha uma bola. A criança re-significa o ato de sofrer para sua realidade de brincadeira (CISNEIROS: 2014). A autora descreve a autonomia revelada pelo menino como pista para compreender que as crianças não são meros expectadores e seguidores passivos da ordem dos adultos, mas negociam com eles, exercem agência nessas relações. “As crianças “prometidas” sempre regulavam o nível de agência e performatividade do pagamento de promessas através

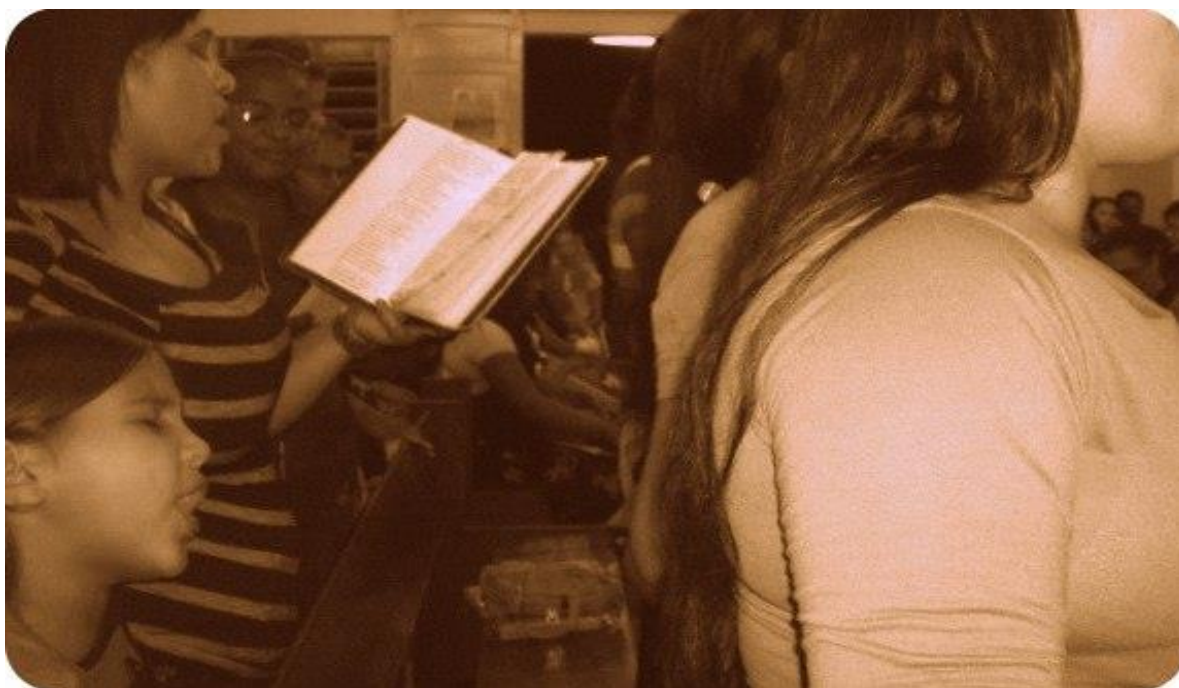
²² Nossa Senhora da Conceição é muito cultuada no Recife e tem sua festa em Casa Amarela, bairro localizado na zona Norte da Cidade. Muitos fiéis pagam promessas por graças alcançadas, levando crianças como penitentes.

da negociação de recompensas. No caso acima, uma bola, em outros casos, outras negociações” (CISNEIROS, 2014, p. 51-52).

Na pesquisa *Diversidade Religiosa na Escola Pública: Um Olhar a Partir das Manifestações Populares dos Ciclos Festivos*, Silva (2011), a observação partiu da proibição imposta pelos pais para que as crianças evangélicas não participassem das festividades na escola pública em que estudavam. Nos momentos dos ensaios das danças e apresentações algumas dessas crianças ignoravam a proibição e participavam sem que os pais soubessem, sendo controladas por irmãos mais velhos. A relevância foi dada à construção de estratégias de convivialidade criadas tanto pelas crianças quanto pelos pais para que a religião fosse respeitada em suas orientações e restrições e que as crianças não fossem prejudicadas nas atividades escolares. Outra discussão que esse trabalho produziu esteve diretamente ligada à laicidade do espaço público e à garantia de direitos.

Esses exemplos citados são apenas algumas das pesquisas que trazem a criança como elemento principal observando os conflitos, sentimentos, relações de interação com os adultos pela ótica da própria criança. A produção científica local – PPGA/UFPE - conta atualmente com muitos pesquisadores que tem interesse em desenvolver estudos que contribuem com a antropologia *da* criança, como também estão preocupados em realizar uma antropologia *com* as crianças, favorecendo novas formas de observação e da relativização da temática.

- **Galeria de imagem 1**



Nessa imagem, cedida por Nalva, destaco a menina louvando em um Culto destinado aos adultos na AD Sonho Dourado. A concentração da criança enquanto canta seu louvor é total.



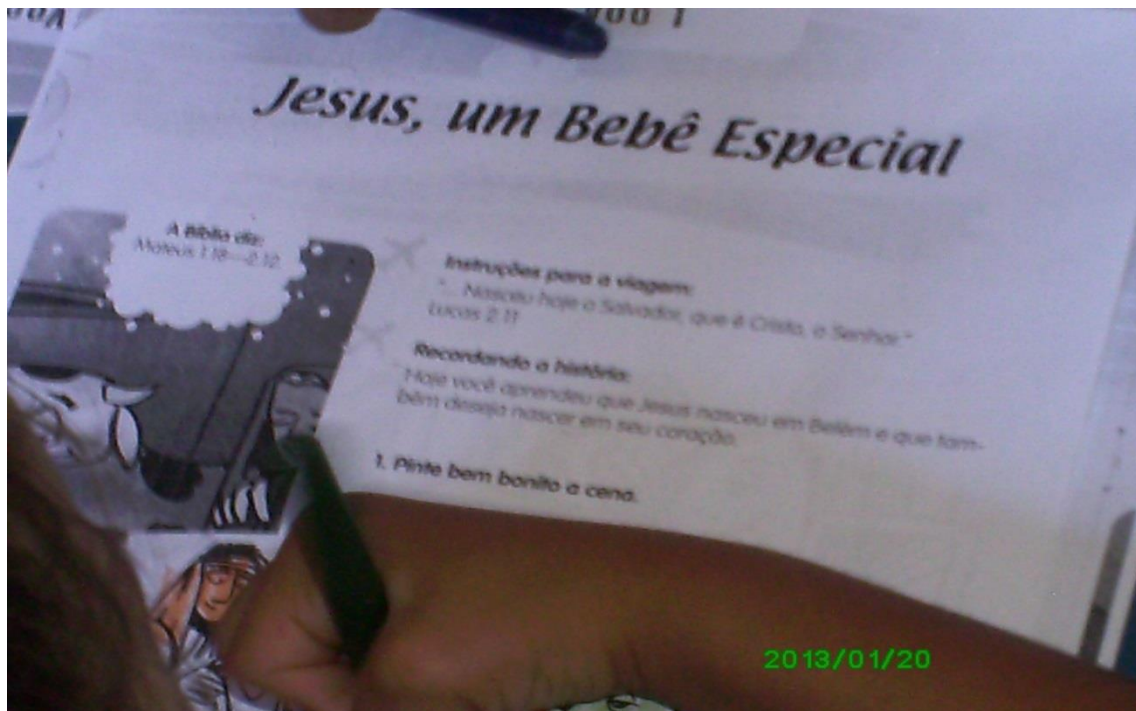
O grupo de crianças que ocupa o primeiro banco que aparece na imagem acima tem idades variadas, entre quatro a dez anos. São meninos e meninas que pertencem à AD Castelo Branco II e que levam para Igreja seus brinquedos e suas Bíblias. Eles usam a farda que foi confeccionada para a ocasião, Festa do Conjunto Infantil, as meninas de vestidos vermelhos e os meninos com camisas vermelhas e calças *jeans* (Arquivo pessoal).



As crianças presentes na Escola Dominical da AD Alto da Jaqueira aprendem a doutrina através de cartazes que vão sendo explicados pelos professores. Os cabelos compridos das meninas é uma das características do *ethos* assembleiano (Arquivo pessoal).



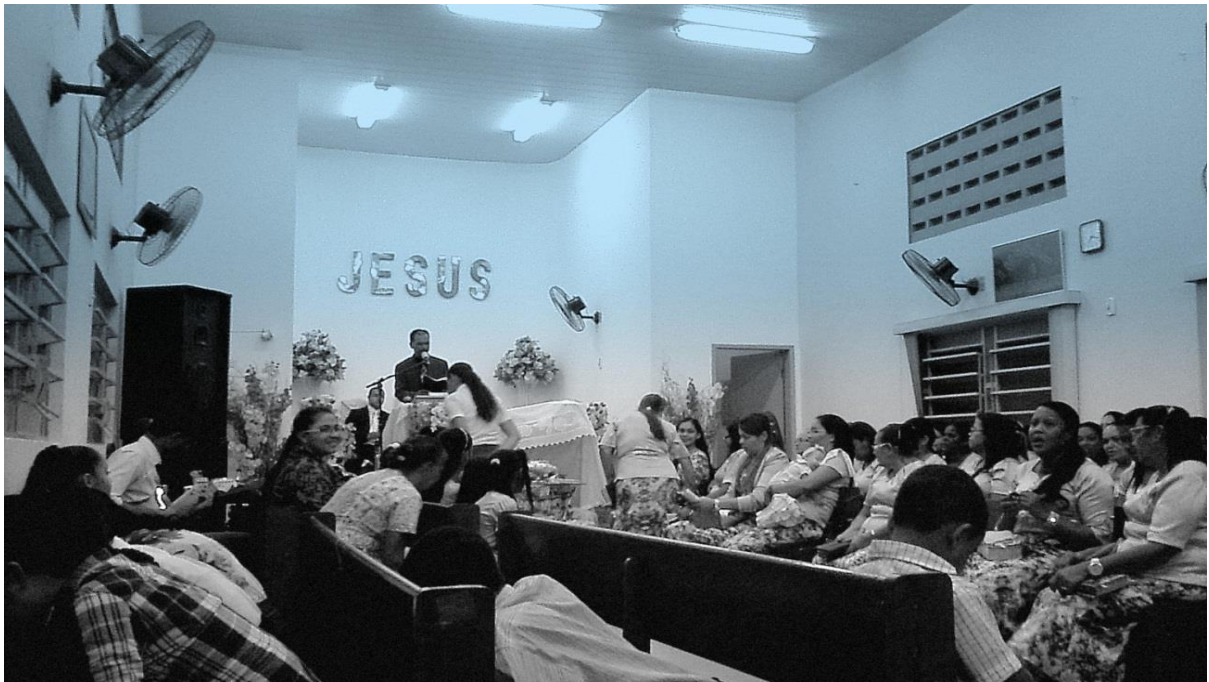
As crianças são chamadas a orar, a professora instrui que fiquem curvadas sobre o banco e conversem com Deus (Arquivo pessoal)



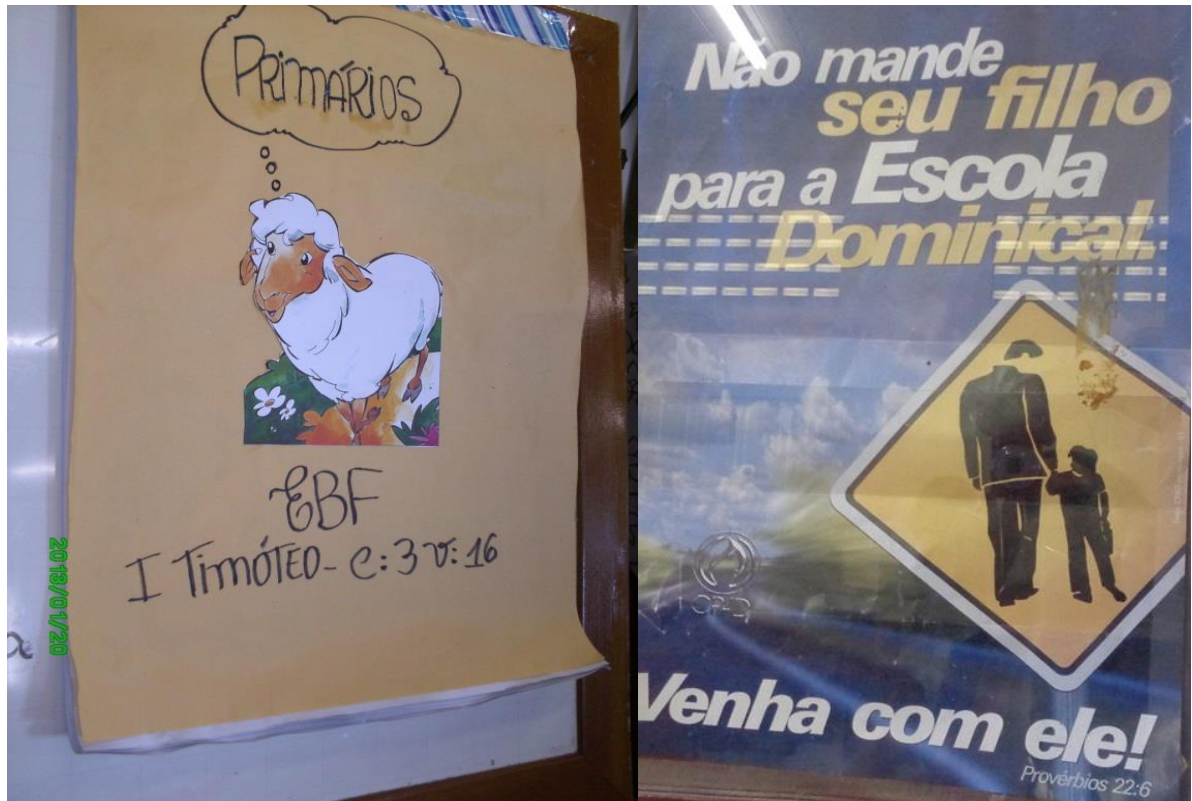
Atividade destinada às crianças do grupo Maternal da AD Sonho Dourado na EBD (Arquivo pessoal)



Atividade destinada às crianças do grupo Primário da AD Sonho Dourado na EBD (Arquivo pessoal)



Culto da Santa Ceia realizada na AD Sonho Dourado. Evidenciando a participação feminina no Coral (Arquivo Pessoal)



Cartaz afixado na AD Castelo Branco II convidando as famílias para a EBD e Cartaz utilizado para Evangelização das Crianças na EBF da AD Sonho Dourado (Arquivo Pessoal).



No desenho de Lucia, sua família está indo para AD Jaqueira Alta. Cada um levando sua própria Bíblia.

3 ASSEMBLEIA DE DEUS: EVANGELIZAÇÃO E FAMÍLIA COMO UM “PROJETO DE DEUS”

O objetivo dessa terceira seção é discutir o início da AD em Belém Pará. Fundada há mais de um século, a Assembleia de Deus permanece expandindo seu projeto de evangelização para além do campo religioso, adentrando cada vez mais no campo político com o Estatuto da Família. Essa discussão torna-se pertinente para entendermos o cenário em que a AD surgiu e suas estratégias de evangelização através do núcleo familiar de forma organizada e efetiva.

3.1 O Brasil e sua religiosidade

Muitas pesquisas se debruçaram sobre a formação religiosa do povo brasileiro, levando em conta os elementos culturais que possibilitaram uma diversidade religiosa muito expressiva no Brasil. A multiplicidade²³ interpretativa que resultam desses variados estudos não serão aqui tratadas devido à difícil tarefa de trazê-las ao debate de forma sucinta e simplificada.

O contexto religioso brasileiro, no meu entendimento, vem deixando transparecer sua multiplicidade até mesmo dentro das religiões, como as “renovações” observadas dentro do catolicismo, ou com a inserção de elementos religiosos para formar a individualidade religiosa das pessoas.

Vários autores já se debruçaram para compreender as renovações e mudanças ocorridas dentro do catolicismo, apenas para citar essa religião, tais como os trabalhos de Carranza, Mariz, Camurça *et al.*, (2009). Diante das mudanças socioculturais que são comuns a todas as sociedades, as reformulações do modo de crer das pessoas acompanham tais movimentos. Corroborando com essa ideia, Antoniazzi (1994), nos diz que,

Mas o pentecostalismo, por sua vez, é sociologicamente fruto de uma conjuntura sócio-cultural que afeta toda a sociedade brasileira e, nela, a própria Igreja Católica. Sem entrar em maiores discussões e sutis distinções, pode-se afirmar – em linhas gerais – que os mesmos fatores sócio-culturais que favorecem a expansão do pentecostalismo criam o terreno propício ao crescimento da “Renovação Carismática Católica”, a qual – apesar das diferenças doutrinárias ou teóricas – apresentam na prática fortes analogias com o pentecostalismo de matriz protestante (ANTONIAZZI, 1994, p. 18-19).

É possível identificar nas pesquisas censitárias as pessoas que se denominam “sem religião”, mas de acordo com o que defendem autores como Campos (2008), Mariz e Campos

²³ Para melhor aprofundamento sobre o contexto histórico e religioso do Brasil cabem as leituras de VAINFAS, 1995; SILVA, 2005; ORTIZ, 1978; NEGRÃO, 1996; POMPA, 2001; OTT, 1970.

(2014), pesquisas antropológicas apontam para rupturas e descontinuidades, pondo em questão o argumento de que o elemento definidor da religiosidade brasileira seja o sincretismo.

Em artigo intitulado “*Conversão (In) Útil*”, 2014, Campos e Reesink defendem a ideia de uma religiosidade brasileira que não cabe na definição pura e simples de “cultura sincrética”. Trazendo para o debate questões profundas acerca das continuidades e descontinuidades da conversão enquanto processo. As ações de aproximação e distanciamentos variam de acordo com a vivência de cada nativo, o que em alguns casos não é observado pelo antropólogo, os nativos se mantêm em apenas um lugar. O “consenso acadêmico” que trouxe a categoria sincretismo para entender o campo religioso brasileiro é contestado pelas autoras, ou dizendo de outro modo, é posto como mais uma forma de tentar entender o campo religioso brasileiro, argumento com o qual esse trabalho identifica-se, posto que o panorama atual desse contexto tenha sido revelado por entradas-saídas-permanências em religiões, como é o caso da evangelização dos *criados na lei*, que irão dentro do seu processo de conversão, mostrar não só subjetivamente que pertencem ao grupo como também com sinais externos.

A nossa experiência etnográfica demonstra que mesmo nesse contexto, ou, sobretudo nele, a dialética entre continuidade e descontinuidade se instaura naquilo que o nativo vive como conversão. A questão é que onde está a ruptura e onde está a continuidade pode não se encontrar nos espaços, temporalidades, práticas e crenças que os pesquisadores normalmente acham e esperam que devam estar. Ou seja, não se pode crer que aquilo que o crente tradicional da Assembleia de Deus viva como conversão (ruptura) seja o mesmo que o Iurdiano ou o católico entenda por essa experiência, ou mesmo o que o pesquisador considera como verdadeiramente sendo como tal (CAMPOS; REESINK, 2014, p. 65-66).

A diversidade religiosa do brasileiro é outro caminho utilizado para explicar e entender como esse contexto se manifesta (Menezes e Teixeira *et al.*, 2006). Cecília Mariz nos diz que a diversidade cultural e religiosa é uma das principais características da sociedade contemporânea que tem os monopólios religiosos ameaçados pela globalização (MARIZ, 2006). Reforçando assim a ideia acima descrita de que religião e cultura possuem um movimento constante na sociedade.

Pretendo chamar a atenção sobre os números que são apontados no último levantamento do Censo IBGE (2010) acerca do crescimento dos evangélicos no Brasil. Considerando como um erro metodológico que ocorre com a pesquisa censitária, Carreiro (2014), alerta para as questões que são feitas aos pesquisados quanto a sua pertença religiosa. O autor considera que ao responder que são membros da Assembleia de Deus, não fica especificado a qual congregação, ministério, o respondedor é pertencente.

Nas periferias dos grandes centros brasileiros um número considerável de igrejas estampam nas paredes externas de seus prédios, o nome Assembleia de Deus na grande maioria, com uma especificação do tipo ministério tal, todavia quando aprofundamos as investigações percebemos a inexistência de ligações entre estas instituições locais e as estruturas nacionais. Assim, estas firmas religiosas apenas utilizam o nome da Assembleia de Deus, mas não estão ligadas, efetivamente, à qualquer organização assembleiana (CARREIRO, 2014, p. 192).

Assembleia de Deus aparece como uma categoria ampla, que consegue abranger, de acordo com a atual metodologia do censo, as congregações e ministérios que são fruto das cisões ocorridas dentro da organização da AD nacional.

Tabela 2 - Número de brasileiros em cada religião

Religião	População
Católica Apostólica Romana	123.280.172
Evangélicos	42.275.440
Espírita	3.848.876
Umbanda, Candomblé e religiões afro-brasileiras	588.797
Outras religiões	5.185.065
Sem religião	15.335.510

Fonte: IBGE, 2010.

Na tabela 2, observamos que o número de católicos é maior que os adeptos que se declaram pertencentes a outras religiões, mesmo com o grande número de evangélicos que aparecem nos dados, nessa tabela as informações fornecidas pelo Censo dão conta do número de adeptos evangélicos de uma forma que não ficam explícitas outras informações relevantes para estabelecer um quadro quantitativo exato dos adeptos, sendo preciso observar ainda mais outros dados específicos para os evangélicos (Tabelas 3 e 4).

No caso dos evangélicos, estão agrupados neste bloco, todos os que se declaram pertencentes à Assembleia de Deus, tanto quanto os que são evangélicos de outras orientações religiosas, a exemplo dos neopentecostais. Os resultados do Censo 2010 revelam no panorama apresentado, que o catolicismo no Brasil enfrenta uma crise, passando de religião dos brasileiros para religião da maioria (MAFRA, 2013; STEIL, 2012; CARVALHO, 2012; TONIOL, 2012; SANCHIS, 2012; MENEZES, 2012).

Os números têm sido utilizados para direcionamento de políticas culturais, plataformas políticas e como discutimos acima, as interpretações dadas aos números favorecem determinadas instituições, dando maior ênfase ao crescimento de grupos religiosos como é o caso da AD. Os números *“nunca saem do papel puros e transparentes: sempre saem*

acompanhados por uma narrativa, especialmente quando acompanham uma disputa entre maioria e minoria” (MAFRA, 2013, p. 13) A crítica acerca da metodologia utilizada para a realização do Censo IBGE levanta questões como a ausência de uma análise mais detalhada dos números coletados, pois em quantidades imensas muito se perde do particular, regional, local na grandiosidade e complexidade da religiosidade brasileira. Contudo a denominação *evangélicos* no Brasil muda em uma grande variedade de congregações. Algumas delas são pioneiras e históricas dentro do país, outras surgiram mais recentemente a partir das cisões que acontecem dentro das grandes igrejas evangélicas, tornando o campo pentecostal bastante amplo.

Como podem ser observadas no Censo 2010, vinte diferenciações de adeptos que declararam pertencer ao grupo de evangélicos puderam ser contabilizados pelo IBGE, sendo as cinco mais numerosas a Assembleia de Deus, A Igreja Batista, A Congregação Cristã do Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Conforme vemos abaixo:

Tabela 3 - Denominação evangélica e quantidade de adeptos

Número de ordem	Denominação evangélica	Quantidade de adeptos
01	Assembleia de Deus	12314410
02	Igreja Batista	3723853
03	Congregação Cristã do Brasil	2289634
04	Universal do Reino de Deus	1873243
05	Evangelho Quadrangular	1808389
06	Adventista	1561071
07	Luterana	999498
08	Presbiteriana	921209
09	Deus é Amor	845383
10	Maranata	356021
11	Metodista	340938
12	Brasil para Cristo	196665
13	Comunidade Evangélica	180130
14	Casa da Bênção	125550
15	Evangélica Congregacional	10951
16	Igreja Nova Vida	90568
17	Igrejas Tradicionais - Outros	30666
18	Igrejas Pentecostais – Outros	5267029
19	Igrejas Renovadas – Outros	23461
20	Evangélica não determinada	9218129

Fonte: IBGE, 2010.

Na tabela 3, o próprio campo evangélico é diverso, apresentando a diminuição de denominações tradicionais como a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Batista, a Igreja do Evangelho Quadrangular juntamente com a Igreja Universal do Reino de Deus frente ao crescimento da Assembleia de Deus. Comparando os números apresentados no Censo 2000

com o Censo 2010, a AD revela um crescimento na casa dos milhões de adeptos, tendo tido um aumento de 4 milhões de adeptos de uma década para outra (TEIXEIRA; MENEZES, 2013).

Verificando a tabela 4, notamos que o estado de Pernambuco é o que mais apresenta evangélicos que se declaram pertencentes à Assembleia de Deus entre os estados do Nordeste; o Estado do Rio de Janeiro é o estado brasileiro com maior número de adeptos pertencentes à Assembleia de Deus, enquanto no Rio Grande do Sul, a presença dos assembleianos é menor que os luteranos que são em 449779 adeptos. O Templo Central da Assembleia de Deus está localizado na Avenida Cruz Cabugá, no centro do Recife, juntamente com mais sete templos evangélicos, chegam a paralisar o trânsito em dias de culto; outra demonstração da força dos evangélicos em Pernambuco é a crescente votação da bancada evangélica nas eleições para vereadores e deputados.

Tabela 4 - Número de evangélicos da Assembleia de Deus por Estado brasileiro

Número de ordem	Estado por ordem alfabética	Evangélicos da Assembleia de Deus
01	Acre	79026
02	Alagoas	232686
03	Amapá	100821
04	Amazonas	407723
05	Bahia	602985
06	Ceará	518843
07	Distrito Federal	181243
08	Espírito Santo	324471
09	Goiás	637663
10	Maranhão	587423
11	Mato Grosso	239926
12	Mato Grosso do sul	117846
13	Minas Gerais	713593
14	Paraíba	200056
15	Paraná	467274
16	Pernambuco	802047
17	Piauí	129682
18	Rio de Janeiro	1408979
19	Rio Grande do Norte	226722
20	Rio Grande do Sul	408894
21	Roraima	51000
22	Santa Catarina	359740
23	São Paulo	2161035
24	Sergipe	63970
25	Tocantins	137381

Fonte: IBGE, 2010.

3.2 “Os pioneiros enviados por Deus”

A religião católica já foi considerada a única religião reconhecida como sendo a “religião dos brasileiros”. Contudo com a abertura dos portos para o comércio exterior, ainda no Brasil colônia juntamente com a vinda da família real portuguesa veio alguns representantes

da Igreja Anglicana. Em seu trabalho *Os Evangélicos: Descobrindo o Brasil* (2001), Clara Mafra traça o caminho que trouxe o grupo que hoje é bastante diverso, mas que tem suas raízes oriundas da Reforma Protestante.

Sabendo que a categoria “*evangélico*” é muito abrangente, cabendo dentro dela vários outros grupos com suas orientações diferenciadas, a autora contextualiza a trajetória dessa religião no Brasil e aponta dois fatores que considera como impulsionadores no início da história dos evangélicos, a recepção aos novos membros – muitos deles negros pobres e humildes - e o acesso à escrita na religião conhecida como “religião da palavra” (p. 22). Outra diferenciação que instigava a curiosidade das pessoas para conhecer os novos cultos era o fato de se ter a atenção dada à leitura da Bíblia, em uma celebração com poucos ritos, diferentemente da missa católica já conhecida. As pequenas salas, inicialmente as salas de estar das casas, começaram a se encher de adeptos, curiosos, simpatizantes e convertidos que se sentiam à vontade para expressar suas emoções (AUBRÉE, 2014, p. 168).

De acordo com Mariano (2005), o Brasil é o maior expoente do pentecostalismo da América do Sul, sendo a Assembleia de Deus considerada rigorosa nos seus princípios de formação evangélica e do ser “crente”, que é o termo mais comumente utilizado no campo pelos evangélicos para se autodenominarem. A classificação feita por Freston (1994) coloca a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil como as mais importantes e divide o avanço e o crescimento dos pentecostais no Brasil em três “ondas”, tomando por base o contexto histórico e a dinâmica interna da sua disseminação.

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) (FRESTON, 1994, p. 70).

A terceira onda apresentada por Freston (1994) refere-se à Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). A chegada dos missionários suecos pioneiros, que após a cisão com o grupo que pertenciam, Igreja Batista, fundaram em 1911 a Assembleia de Deus em Belém do Pará é contada tanto na história oral da Igreja quanto nos variados livros publicados²⁴ com riqueza de detalhes. Mafra (2001) ressalta que foi a

²⁴ A utilização da mídia escrita no início da expansão da Assembleia de Deus no Brasil foi responsável pela massificação da mensagem pentecostal defendida pela Igreja. Os primeiros hinos e hinários pentecostais foram lançados em 1917, com a música sendo utilizada como meio de expandir para as pessoas mais simples os conceitos teológicos expressos nas letras das canções. Em 1917, é lançado o primeiro jornal pentecostal “Voz da Verdade”; Em 1919 o primeiro jornal oficial “Boa Semente”; Em 1919 as primeiras Lições Bíblicas para a Escola

partir do caráter autonomista da Igreja Batista aceitando os pioneiros suecos que já haviam saído de outra congregação Batista nos Estados Unidos que a Assembleia de Deus será fundada por Gunnar Vingren e Daniel Berg.

Quando Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois missionários suecos com passagem nos estados Unidos, aportam no Pará, em 19 de novembro de 1910, imediatamente procuram a igreja Batista local, apresentando-se como membros. Este ato que posteriormente será lido como má-fé por algumas lideranças batistas locais, é na verdade uma das expressões da grande autonomia que as congregações batistas podiam ter diante das convenções supralocais. Em termos práticos, isso significa que mesmo que os dois missionários tenham sido expulsos de uma congregação Batista nos EUA, nada impediria, segundo seu código interno, que outra igreja, como a de Belém, os aceitasse como membros (MAFRA, 2001, p. 29).

Sobre os dois pioneiros suecos, Freston (1994) chama a atenção para a vinda deles ao Brasil, sem recursos e culturalmente marginalizados no seu país de origem. Por terem a vida muito simples e sem luxo, tiveram facilidade de aproximar-se das pessoas mais simples. Trazendo para si cada vez mais adeptos, as igrejinhas da AD foram alvo de ações contrárias ao avanço do Movimento Pentecostal, chegando a haver denúncias nos jornais locais e as casas dos *irmãos* que eram cedidas para a realização das reuniões, apedrejadas (CONDE, 2010). Contudo, esses momentos de dificuldades serviram para que a Igreja se fortalecesse, pois os pastores *expulsavam o demônio em nome de Jesus* (CONDE, 2010, p. 40). Os evangélicos da AD valorizavam o trabalho dos leigos, contrariamente às igrejas históricas de missão ao mesmo tempo em que davam ênfase ao Espírito Santo, mostrando-se também irreverentes e improvisadores durante os cultos, como mencionei acima, a prática da persuasão sempre foi a mais empregada pelos missionários da AD. A junção entre a palavra escrita na Bíblia e a imersão no Espírito Santo fez com que as Escolas Dominicais se tornassem espaços alfabetizadores, surgindo como uma oportunidade para que adultos analfabetos conseguissem aprender a ler. Isso fez com que o grande número de adeptos, nesse início, fosse oriundo das camadas mais pobres da população.

Outro fator que quero aqui destacar em consonância com Mafra (2001) é a maximização da tendência Batista de ser cada membro um missionário, com simplicidade e bom senso, sem

Dominical; A Fundação Tipografia Boa Semente é primeira editora gráfica pentecostal brasileira, fundada em 1923; O jornal “Som Alegre” é fundado em 1929; Em 1930 é lançado o jornal “Mensajeiro da Paz”; A fundação da Casa Publicadora da Assembleia de Deus acontece em 1940. Em 1955 a mídia radiofônica tem início com o programa de rádio Voz das Assembleias de Deus; Em 1956 é lançada a revista “A Seara”; Em 1958 é fundado o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus; Em 1993, surge a Rede Boas Novas de Televisão (RBN); Em 1995 é lançada a Bíblia de Estudo Pentecostal e o programa de televisão “Programa do Movimento Pentecostal” é lançado em 1996. Atualmente no canal Rede Brasil são transmitidos vários programas ao vivo e a página da Assembleia de Deus está disponível na internet e nas redes sociais.

grandes formalidades. Freston (1994) dirá que o fato de *não haver um abismo entre o clero e o laicato* (p. 86), pode ser um dos fatores que justificam cismas e rupturas na organização da AD. Uma vez que todos são estimulados a serem missionários, ascendem na organização da Igreja, mas não há lugar para que muitos cheguem a maior função que é a de pastor. A partir desse aspecto, consideramos que a AD revela algumas contradições doutrinárias: os membros são incentivados a cumprir seu papel como missionários ao mesmo tempo em que a organização da Igreja está centrada nas mãos de poucos, não havendo descentralização do poder e sim a verticalização desse poder, como chama a atenção Bittencourt Filho (1994). Ainda sobre a verticalização do poder nas igrejas pentecostais, Mariano (2008) afirma que esse fator dinamiza a execução das tarefas, devido ao fato de não se ter grandes governos eclesiásticos, sendo as tarefas logo repassadas aos pastores, obreiros e leigos da congregação.

No entendimento de Willems (1967) e D'Epinay (1970) a facilidade com que os pobres e pouco instruídos tem acesso ao conhecimento, ascendendo a cargos ministeriais, como os diáconos, obreiros, presbíteros, inclusive tendo o direito de exercer dons do Espírito Santo, caracteriza o pentecostalismo como uma Igreja que preza pela democracia das relações institucionais.

A democratização do acesso ao conhecimento que é proposto pela AD, sendo o estudo da palavra, o estudo do texto bíblico um dos focos centrais para o empoderamento argumentativo dos crentes, fortalece e embasa o grupo bem como considero como um dos elementos que compõem o *ethos* assembleiano.

A AD adota uma interpretação muito aproximada ao texto escrito na Bíblia enquanto se afasta de uma liturgia rígida; volta suas ações práticas em torno do amoldamento dos membros à sociedade que está em sua volta, contudo dentro do rigor de mantê-los “separados do mundo”. A distinção entre “igreja e mundo” é uma ideia constantemente presente nos discursos e pregações dos evangélicos, ideia trazida do pensamento de Santo Agostinho, de que a igreja recobriria toda a criação. A igreja evangélica separaria (salvaria) o crente das maldades e das impurezas do mundo do pecado. Nos dizeres de Fernandes (1994), “Predomina entre os evangélicos brasileiros, (no entanto) a tendência que enfatiza o afastamento entre as duas ordens simbólicas, “ser crente”, costuma-se dizer, é “ser diferente”” (FERNANDES, 1994, p. 173).

Em alguns relatos durante o trabalho de pesquisa, variadas vezes registrei o termo “separado” sendo utilizado no sentido de “ter sido salvo”, separados do mundo que é corrompido pelo pecado. Em entrevista com interlocutores, pais das crianças que fazem parte a pesquisa, sobre sentir-se separado do mundo:

Maria Edi: Você sente na prática que vivem em mundos separados?

Vágner: Sim. Porque a Bíblia já disse isso a gente, somos peregrinos aqui, estamos de passagem. Eu acredito que você já ouviu falar que Jesus vai voltar, você tá vendo os sinais. Ele disse que vai voltar pra vir buscar sua Igreja. Nós seremos arrebatados, teremos o corpo glorioso transformado, o corpo mortal, porque a grande questão da humanidade é, quando a gente prega o evangelho é como alguém que come carne vai morar no céu? Esse corpo não vai morar no céu. Olhe, ser crente é ser diferente do mundo, é ser separado do mundo. Aí o povo...porque se separar do mundo? Não é assim, a gente fala no mundo, mas é as coisas que no mundo tem. Prostituição, briga de casal, pai não falar com filho, filho não falar com pai. No mundo tem bebedisse, farra, discussão, droga, palavrão, a pessoa não respeita o próximo...Ser crente é ser diferente de tudo isso. É a gente não curtir o que o mundo oferece, que é beber, fumar, jogar, se drogar, estar na mesa de um baralho. Pegar nosso dinheiro e não gastar nas coisas que é vã, isso é ser cristão, é ser separado.

Entendo nessa fala que para o crente, é preciso, além de se mostrar diferente dos demais que não são "salvos", trabalhar na missão de convertê-los. No decorrer dessa pesquisa, tenho percebido que a ideia de que cada membro ou congregado é um missionário investido de condições para se munir de argumentos retirados da Bíblia e evangelizar também é ensinado e repassado às crianças. Em um dos momentos de atividade destinado às crianças, elas eram ensinadas como ser “missionariozinho” – orando, contribuindo com dinheiro para os missionários que estão fora do Brasil. Esse exemplo ilustra que os ensinamentos dados às crianças, possuem uma intencionalidade de como ser um evangélico da AD, percebendo a necessidade de trazer para a Igreja mais adeptos, visitantes, "coleguinhas que possam ouvir a palavra”. Em uma das atividades destinada às crianças, a professora indica que todos irão louvar a Deus com uma canção e todos cantaram a música *Missionariozinho*:

“Ei, você, meu vizinho. Você que mora pertinho de mim! Ei, você, amiguinho! Eu sou o missionariozinho! Ei, você, amiguinho! Olhe pra cá, eu vou te contar, uma coisa muito boa! É bom, é bom, é muito bom, ter Jesus! Ei, você lá de longe! Você que vive distante de mim! Ei, você, amiguinho! Eu sou um missionariozinho!”.

Ao término, a professora pergunta às crianças quem quer ser missionário quando crescer e que todos podem ser missionários até mesmo trazendo um coleguinha ou um vizinho para a Igreja. As crianças aprendem que uma das atribuições de um crente é contribuir para que as pessoas que não conhecem a palavra bíblica passem a conhecer, tornando possível o propósito da Igreja de salvar almas, transformando as pessoas a partir da palavra de Deus.

Crescendo em números de adeptos por todo o Brasil, a AD também tem o cuidado de se mostrar diferente das demais igrejas evangélicas, marcando essa diferença dentro do espaço das

demais igrejas pentecostais, por seu rigor, por sua orientação teológica, por seu tamanho. Contudo, nos dizeres de Mafra (2001, p. 33),

Muito sinteticamente, a marca de ruptura entre os assembleianos e os demais evangélicos, esteve, desde o início, no apego à figura do Espírito Santo na Trindade, numa reinterpretação de 1º Coríntios 12,4 onde se diz que “há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”, como o elogio da ordem com ênfase na diversidade e singularidade do ser.

Sob a orientação do mesmo Deus e respeitando a diversidade e as singularidades, as Igrejas da AD começaram a se expandir, a partir do Norte do Brasil, para o Nordeste e Sudeste. Mafra (2001) e Freston (1994) ressaltam para a importância dos leigos nesse trabalho de chamamento que aumentou cada vez mais os números de adeptos, “sem pôr freio ao ímpeto proselitista dos seus membros (p. 33)”. Os ternos dos homens e os vestidos e cabelos compridos das mulheres foram logo assimilados pelos fiéis brasileiros, à moda dos suecos. O que também representava a construção de um *ethos* evangélico que já se diferenciava das demais denominações pentecostais.

Os pioneiros suecos evangelizavam adentrando por Belém do Pará, trazendo para si adventistas e batistas que habitavam pela redondeza, aumentando o número de adeptos. Em 1930 a AD se mudou para o Rio de Janeiro, já em larga expansão, com promessas de cura, atenção dada à população sofredora, cura para a alma; mudança de postura com a família assumindo uma conduta mais amena, cura para o alcoolismo. A tradição religiosa brasileira dos movimentos messiânicos foi outro fator que impulsionou o crescimento pentecostal nos seus primeiros passos em busca de se afirmar. O crescimento continuado do país, a mobilidade social individual e a centralização burocrática e militar do Brasil, puseram fim aos movimentos messiânicos, até mesmo de forma belicosa (LAMOUNIER, 1989; NOVAES, 1980). As variações expressadas pela população através do religioso foram sendo substituída aos poucos pelo pentecostalismo que trazia elementos diferenciados do messianismo: natureza aparentemente apolítica, forma pacífica e institucionalizada e naturalmente integrada ao processo produtivo do país (FRESTON, 1994). Alguns autores ressaltam a ideia de que a organização da AD pode ser caracterizada como oligárquica e caudilhesca, reforçado pelo coronelismo nordestino (FRESTON, 1994; MAFRA, 2001; HOFFNAGEL, 1978), estando o poder centralizado na figura do pastor presidente.

Este modelo, que deixa espaço para iniciativa leiga na expansão mas não no governo da igreja, produz as tensões típicas do caudilhismo (...). Quando o crescimento não é suficientemente rápido para permitir a absorção de novas lideranças em congregações

novas, a alternativa é de reduzir a atração do cisma, garantindo uma renda fixa aos pastores por meio de uma maior institucionalização (FRESTON, 1994, p. 88)

No Rio de Janeiro, o pastor Paulo Leivas Macalão, depois de grande ascensão na AD conduziu a cisão que revela de modo mais nítido as cisões que ocorreram no percurso histórico da Assembleia de Deus; há os crentes que pertencem à AD Madureira e os que pertencem à AD Missão, que faz parte do tronco inicial da Missão Sueca. Nos dizeres de Freston (1994) *é a concretização do modelo caciquista assembleiano: o caudilho que se tornou grande demais, ameaçando a sobrevivência dos outros* (FRESTON, 1994, p. 89)

3.2.1 “Nas águas do Capibaribe os primeiros irmãos foram batizados”. Início da Assembleia de Deus em Pernambuco

Nos escritos institucionais da AD, está registrada toda a história e organização da Assembleia de Deus no Estado de Pernambuco e como está inserida sob a administração do Templo Central no Bairro do Jordão, campo de pesquisa desse trabalho. Não tive acesso a documentos oficiais, mas às leituras produzidas pela própria instituição, bem como a partir das informações obtidas com os interlocutores. Adriano Nobre de Almeida foi enviado pela AD de Belém, em 1916 para estabelecer os trabalhos de evangelização em Recife, iniciou as reuniões em casas particulares, realizando o primeiro batismo de crentes da AD em Pernambuco, que ocorreu em 1917 nas águas do Rio Capibaribe. O batismo no Espírito Santo poderia acontecer antes mesmo do batismo nas águas, não havendo hierarquia nesse caso. Os poucos crentes que havia em Recife ficaram aos cuidados dos leigos e em 1918 os missionários Joel e Signe Carlson chegaram à cidade para efetivamente trabalhar na evangelização, eles enfrentaram muitas dificuldades, pois eram poucos os interessados, mas foram adentrando em Jaboatão dos Guararapes, Gameleira, Palmares (ARAÚJO, 2011).

O início da Assembleia de Deus em Pernambuco, partindo do Recife foi também dificultado pela recepção dada aos novos crentes por parte dos católicos e dos protestantes tradicionais que já se concentravam na capital pernambucana. Em seus estudos sobre a AD em Pernambuco, Hoffnagel (1978) fala da intolerância com que os novos adeptos eram tratados e de como essa intolerância acabou por chamar mais ainda a atenção das pessoas para os recém-chegados²⁵. A Assembleia de Deus, desde seu início, manteve a busca pela hegemonia e

²⁵ Dentre os muitos relatos encontrados nos escritos produzidos pela própria AD para registrar sua história, é possível perceber o tom mítico que é dado aos pioneiros e primeiros missionários, bem como aos problemas enfrentados como vieses que seriam resolvidos com a ajuda de Deus. Para o início da AD em Pernambuco conta-se que: “Certo dia, um pastor de outra denominação pediu ao delegado de polícia que tomasse providências

conquista de espaço como uma das características de permanência. A expansão pelo interior do Estado e pela Região metropolitana é observada nos estudos de Hoffnagel (1978), ao mesmo tempo em que a denominação cresce no país, chegando os crentes da zona rural para a capital já convertidos. Em 1930 a AD se institucionaliza com a criação da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, a primeira reunião acontece em Natal, Rio Grande do Norte, o que reforça o papel dos nordestinos nesse início de expansão e organização interna.

A força imposta pelos missionários nordestinos frente aos suecos fez com que os pastores brasileiros assumissem as igrejas do norte e nordeste enquanto a missão sueca ficou responsável em abrir novas frentes evangelizadoras no sul e sudeste, “*onde o trabalho ainda era incipiente*” (FRESTON, 1994, p. 84). Os templos e salões foram entregues aos missionários brasileiros que eram a maioria na convenção e que não ocupavam lugar de destaque na administração das igrejas locais.

Na contextualização do crescimento e fortalecimento da Assembleia de Deus em Pernambuco e na sua capital, é notado que esse aumento na Região Metropolitana do Recife trouxe consigo alguns desencontros que darão início às cisões dentro da AD local. Em busca de maior poder e autonomia, a AD Abreu e Lima teve sua cisão em 1950 o que a torna apartada da AD Convenção de Pernambuco, a qual está diretamente ligada ao Templo Central, como é chamada a sede da Avenida Cruz Cabugá, contudo as duas denominações estão submetidas a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, a Convenção de Belém do Pará, tendo esta a maior concentração de fiéis e representatividade no Estado.

As construções da AD no bairro do Jordão possuem templos muito antigos, que aos poucos foram sendo reformados²⁶, e que atualmente possuem as mesmas características arquitetônicas – cores, formato, disposição dos móveis - localizados em comunidades pobres, sobre os morros, afastados das avenidas.

contra os pentecostais. Então, o delegado enviou um soldado, a fim de observar a “nova seita” (assim eram chamados os pentecostais na época) e fazer um relatório do que presenciasse. O militar entrou no salão em que se reunia o casal Carlson com os crentes, sentou-se e observou tudo atentamente, anotando o necessário. Na hora do convite foi à frente aceitando Cristo como seu Salvador. Ao retornar à delegacia, deu as melhores informações possíveis. Posteriormente, um grupo de outra denominação, vendo a injustiça cometida contra os assembleianos, doou um salão ao missionário. Esse salão tornou-se uma congregação da AD no bairro de Santo Amaro” (ARAÚJO, 2011, p. 128). Freston (1994) chama atenção para os chamados “textos domésticos”, pois estes *são escritos para edificação e frisam o heroísmo e os acontecimentos excepcionais* (FRESTON, 1994, p. 70).

²⁶ Lembro-me que quando criança havia um templo da AD, Jaqueira Baixa, na rua em que nasci, construído em madeira, muito simples e que com o passar dos anos foi sendo reconstruído de tijolos com ajuda dos membros. Por ocasião da realização dessa pesquisa, estive nesse mesmo templo em atividade festiva e de evangelização destinada às crianças. Fui tomada por lembranças da infância em uma das tardes mais movimentadas do campo, onde participaram mais de 200 crianças nesse evento.

Acredito, pela observação do campo, que alguns prédios da AD ainda são iniciados nas salas das casas cedidas, como aconteceu com os primeiros membros e que aos poucos foram sendo reconstruídos e reformados. Diferentemente da enormidade em tamanho e riqueza do Templo Central²⁷, as onze igrejas que compõe o quantitativo das ADs no Jordão, das três que fazem parte do campo dessa pesquisa e como pude observar, são simples, internamente organizadas dentro de um mesmo padrão de mobiliários e decoração bem como o comportamento, rituais de entrada e saída, desenvolvimento do culto, praticamente iguais. A presença do pastor acontecia durante as atividades destinadas às crianças, ou na sua ausência, um “encarregado”, ou diácono realizava a pregação para as crianças. A divisão do trabalho, como pude notar, ocorria de forma ordenada, com papéis bem definidos, as lições a serem apresentadas para as crianças trazidas do Templo Central, com formação prévia das professoras e professores. O cuidado com os recursos didáticos, cartazes; canções, dramatizações eram ensaiadas previamente o que deixava transparecer a organização existente no templo. As atividades diárias da Igreja são realizadas por membros que sejam batizados e que poderão ser afastados e ter seus cartões de membros suspensos em caso de penalidades. A organização, grosso modo, pode ser assim descrita em sua forma hierárquica das funções e atribuições: pastor presidente²⁸, demais pastores, presbíteros, diáconos, auxiliares e os dirigentes dos órgãos.

Os que já foram batizados são considerados membros, e os que frequentam, mas não são batizados são denominados como congregados. As tarefas na Igreja estão dentro de um calendário que ocupa praticamente todos os dias da semana, com atividades de ensaios de coral, vocal, cultos, saídas para evangelização, Santa Ceia. A partir da desenvoltura nas atividades algumas meninas são convidadas para serem maestrinas, que consiste em ensinar os gestos realizados durante as canções para as crianças menores. Os pais levavam as crianças nesses momentos de atividades mesmo que destinadas aos adultos e elas passavam a se familiarizar com o cotidiano religioso. Em uma das entrevistas realizadas, perguntando sobre a frequência com que compareciam à Igreja a resposta foi de que

João: Além do culto no lar, das atividades da Igreja, tudo em casa é voltado para o ensinamento. Tudo. A gente tá na igreja na segunda, quarta, quinta e domingo e às

²⁷O Templo Central da Assembleia de Deus possui um projeto de expansão que passará a comportar até 27 mil pessoas. O prédio será construído em cinco andares, com alojamento e edifício-garagem com 17 andares. O terreno já foi adquirido e mede 12.557,68, sendo 32.298,24m² de área construída. Fonte: Blog de Jamildo, Portal NE10, 04/01/2013.

²⁸O pastor presidente do Templo Central é José Ailton Alves. Certa vez perguntei pra uma interlocutora se ele é visto com facilidade, a resposta foi que “*mais fácil é ver Cristo, ou se falar com o governador...*”.

vezes na terça e no meio da semana. Hoje mesmo era pra gente tá na Igreja (sexta). Praticamente a semana toda da gente é na igreja.

Essa divisão de tarefas é entendida por alguns autores como uma demonstração de democratização do poder, contudo percebi que as tarefas “elementares” e cotidianas é que são descentralizadas, outras decisões consideradas de maior importância precisam passar pela autorização do Templo Central. Um exemplo disso foi o pedido formal que precisei fazer para pesquisar a AD. As mulheres têm destaque como secretárias de algum grupo de adolescentes ou são responsáveis pelos encontros infantis. Os representantes responsáveis pela congregação não deliberam questões que consideram “delicada” como uma pesquisa antropológica sendo realizada em seus salões. A figura do pastor presidente é descrita como a de um bispo²⁹, poder máximo lhe é destinado, e nas Convenções seu ministério é responsável por conduzi-lo ao poder através de eleição. No Templo central, caso da COMADEPE (Convenção da Assembleia de Deus do Estado de Pernambuco), o pastor tem ao seu lado os conselheiros, secretários – seu ministério – mas a decisão final será sempre sua. O respeito destinado ao pastor é muito grande, sendo descrito por Freston (1994) como *um ungido do Senhor* (p. 87). A carreira para se chegar ao posto de pastor não ocorre de forma linear, passando inclusive por critérios que não estão atrelados à formação acadêmica. Mesmo com formação teológica é preciso receber “o chamado” de Deus e nem todos recebem esse chamado. Os evangélicos costumam argumentar dizendo “*Deus não escolhe os preparados, Ele prepara os escolhidos*”, para justificar o lugar ocupado na hierarquia pentecostal. A formação do pastor pentecostal através do processo de constituição de suas subjetividades juntamente com as práticas e representações na construção de uma carreira de pastor é a base da pesquisa de Maurício Júnior (2013). Para o autor “*ser escolhido por Deus e ser usado por Deus*”, constituem duas faces do processo de formação do pastor. Esse chamado de Deus poderá deliberar sobre a abertura de uma nova Assembleia de Deus, pois uma parte da formação do converso passa pelo aprendizado da palavra, outra parte passa pelo batismo no Espírito, respeitando alguns critérios institucionais, pode-se avançar na carreira até chegar a ser pastor. Dentre esses critérios a observação dos superiores ao formato familiar é levado em conta, a esposa do candidato é entrevistada, precisa demonstrar que a família está envolvida nos trabalhos da Igreja e que vivem de acordo com os preceitos³⁰

²⁹ Em alguns momentos percebi que os evangélicos da AD se referiam ao pastor presidente como “Anjo”.

³⁰ 1 Timóteo, 3-8; “Os deveres dos bispos e dos diáconos. Esta é uma palavra fiel; “Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja; Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avaro; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (porque se alguém não sabe governar sua própria casa, terá cuidado da Igreja de Deus?); não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não ‘caia na condenação do diabo’. Convém também que

pregados pela Igreja. A formação acadêmica, não é relevante, contudo, atualmente é crescente o número de jovens que buscam uma formação acadêmica, mesmo que o objetivo não seja galgar uma posição diferenciada dentro da Igreja.

Tradicionalmente, um homem chega a ser pastor na AD, vencendo uma série de estágios e aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. Embora haja elementos clericais no sistema (ritos reservados aos pastores), não há um abismo entre o clero e o laicato. O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação especializada. A escada de aprendizado é um forte meio de controle social nas mãos dos pastores-presidentes (FREESTON, 1994, p. 87).

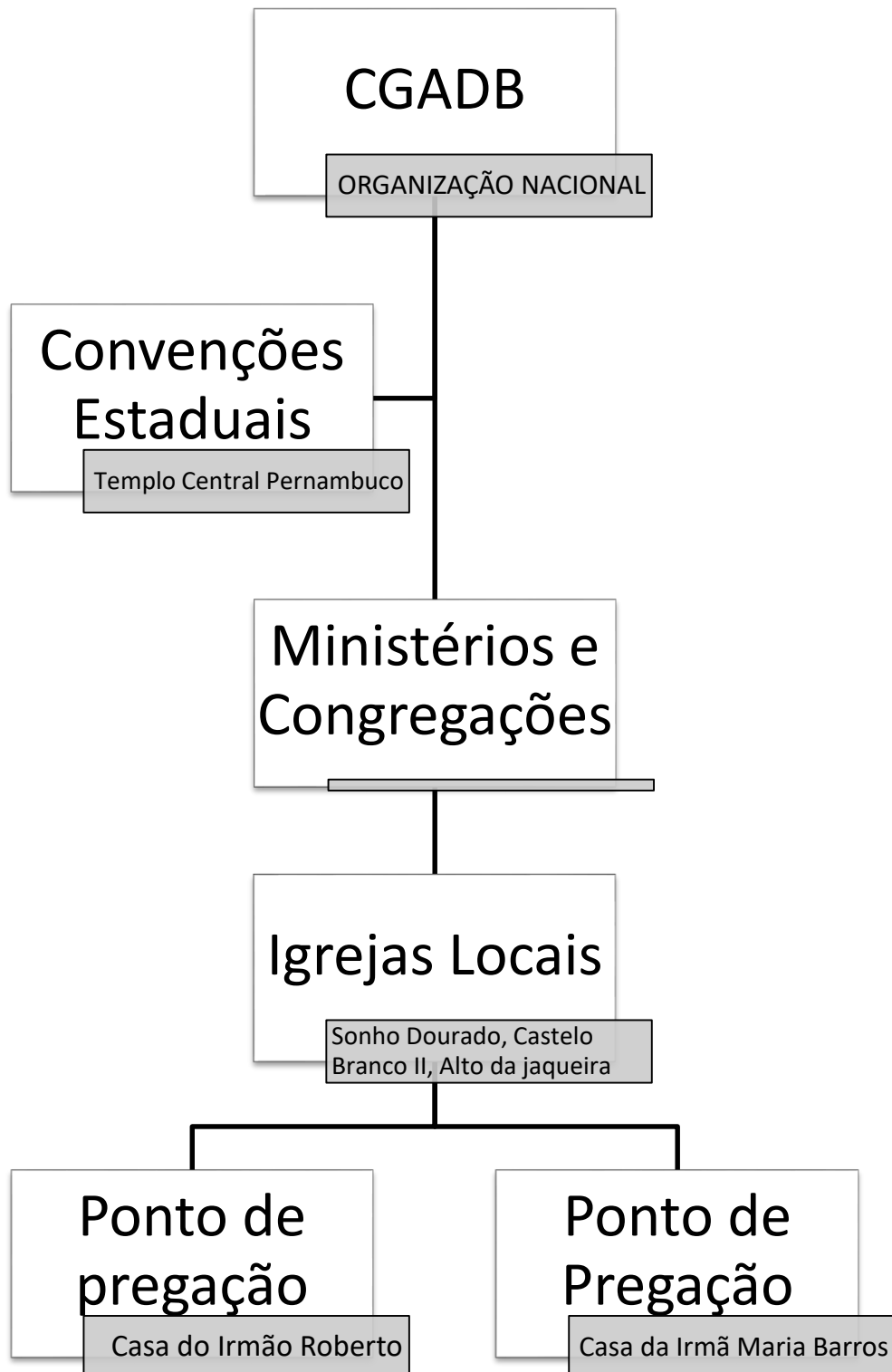
O autor ainda coloca que a formação teológica juntamente com a herança familiar dentro da AD, seria um curto caminho para ascensão dos que objetivam galgar uma carreira ministerial; participar das atividades da igreja “*trabalhar na obra do Senhor*”³¹, seja como maestro do coral, responsável por uma atividade com as crianças já é motivo para sentir-se útil para o andamento efetivo da igreja. A distância estabelecida, que é em muitas vezes estratégica, torna a imagem do pastor-presidente intocada, resguardada pelo poder que é exercido por ele. Aos demais membros, resta a cada um, cumprir seu papel destinado dentro da organização, realizando as tarefas e as ordens advindas de seus superiores mais diretos e preservar os costumes e a permanência da Assembleia de Deus.

A organização administrativa da AD Pernambuco, com a verticalização do poder e a concentração na pessoa do pastor-presidente, dá espaço para a participação na sua base para os demais membros batizados e os congregados, expansão dos pontos de pregação, desde que atrelados à Igreja sede e, descentralização das atividades dentro da Igreja com cada irmão ocupando uma função, com maior ou menor destaque. Abaixo da CGADB, está a AD Pernambuco, que não está atrelado a nenhuma outra denominação ministerial, apenas IADPE (Igreja Assembleia de Deus Pernambuco), as Igrejas locais (Sonho Dourado, Castelo Branco II e Alto da Jaqueira) e os Pontos de Pregação, Casa do Irmão Roberto que é subordinado à Castelo Branco II e Casa da Irmã Maria Barros, este subordinado à Sonho Dourado.

tenha bom testemunho dos que estão de fora para que não caia na afronta e no laço do diabo. Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância, guardando o mistério da fé em uma pura consciência”.

³¹ Coríntios 1:58: “ *Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil*”.

Figura 1 - Gráfico organizacional da AD



3.3 A organização da Assembleia de Deus: a relação entre o pastor e sua comunidade e a efetivação do trabalho – inserindo as crianças

Em 1990, a AD iniciou um grande projeto intitulado como “A Década da Colheita³²” para a Assembleia de Deus em todo o mundo (FRESTON, 1994; FONSECA, 2009). A orientação de implementação desse projeto que ocorreu durante os anos de 1990 foi uma tentativa de crescimento ordenado e manutenção dos adeptos, projeto esse, de criação do Comitê Mundial das Igrejas Assembleias de Deus, que abrangia todas as AD pelo mundo, como forma de enfrentamento à perda de fiéis para a Igreja Católica e demais denominações religiosas (SANCHIS, 1994; VALLE, 2004; AMARAL 2003; MAGNANI, 1999), o projeto possuía como principais metas:

- Criar no Brasil uma Cadeia de Oração: três milhões de brasileiros orando pela Década da Colheita;
- Iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se e todos os meios: jornais, rádio, televisão, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, com o propósito e chegar ao ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros;
- Formar novos obreiros;
- Implantar novas Igrejas;
- Enviar novos missionários (DANIEL, 2004).

Além de fundar novos templos, recuperar adeptos que se desviaram e conquistar novos adeptos, o reforço dos princípios teológicos e doutrinários resultou em uma adequação das Escolas Bíblicas Dominicais. Marin (2013) chama a atenção para outra mudança prevista no projeto que foi a reformulação dos cultos.

O projeto estabelecia 18 reformas a serem realizadas, sendo a principal a reforma dos cultos, que deveriam enfatizar os testemunhos legítimos, os exemplos das lideranças, as manifestações dos dons, a pregação, o ensino bíblico, as orações e os jejuns. As igrejas passariam a realizar três reuniões diárias quando seriam priorizadas a pregação, os testemunhos e o envolvimento dos fiéis no projeto *Década da Colheita*. Deveriam ser reduzidas as festividades, a execução de hinos e ensaios de grupos

³² “A década da Colheita” foi um projeto de evangelização implementado pela CGADB, cujo objetivo era que suas igrejas filiadas encerrassem a década de 1990 com 50 milhões de fiéis batizados. “(...) o pastor Waldir Bicego, relator da Década da Colheita (...) partia da estimativa, consensual entre a liderança da denominação de que havia 10 milhões de assembleianos no país em 1990. A partir disso, a Igreja precisaria crescer 17,5% anualmente, o que, segundo seus cálculos, significava que cada grupo de seis crentes deveria conquistar um novo adepto por ano, a fim de atingir 50 milhões em 2000” (MARIANO, 2001, p. 255) No ano de 1995, a Assembleia de Deus em Canoas, que já havia aderido a este projeto, deu-lhe nova roupagem, traçando um objetivo ainda mais pretensioso: adotando o slogan “cada um ganha um”, o objetivo era de a cada ano multiplicar por dois o número de membros, somando 3.200% de crescimento até 2000. Segundo estimativas da época, em 1995 a Assembleia de Deus de Canoas/RS contava com aproximadamente 6.000 membros batizados. A meta era chegar em 2000 com 192.000 membros.

musicais e outras atividades que desviassem do foco central que era a evangelização e o reforço doutrinário sob bases conservadoras. Os cultos públicos, realizados em ruas e praças, para pequenas e médias audiências, foram valorizados como elemento distintivo e como estratégia para conquistar novos membros (MARIN, 2013, p. 191)

Fonseca (2009) afirma que a mudança em alguns itens de orientação dos usos e costumes propostos pela ELAD, que ocorreu em 1995, foi uma tentativa de alcançar a meta proposta pela Década da Colheita, amenizando um pouco a rigidez das regras para que os adeptos não deixassem a AD atraídos por outras denominações religiosas, mesmo que fossem de orientação evangélica. Porém tanto os usos e costumes quanto a doutrina continuaram a ser as características mais contundentes e diferenciadas das religiões concorrentes no mercado evangélico, a condenação da homossexualidade, da eutanásia, do aborto, do divórcio, do feminismo e da união de pessoas do mesmo sexo, bem como a proibição do uso de bebida alcoólica, tabaco, drogas e relações sexuais extraconjugais (MARIN, 2013). A tentativa de manter os adeptos e continuar crescendo frente ao avanço das adesões neopentecostais e de outras denominações, fez com que a AD modificasse um pouco das orientações sobre os usos e costumes, contudo essa mudança foi proporcional a cada comunidade, sendo diferenciada de uma Igreja para outra. Nas Igrejas em que se realizou essa pesquisa – AD Sonho Dourado, AD Alto da Jaqueira e AD Castelo Branco II - a rigidez sempre esteve diretamente relacionada com as orientações do Templo Central e do pastor responsável. Com um discurso doutrinário pregavam a verdade única como sendo a defendida pela AD enquanto que as demais religiões eram, cada uma delas a seu modo, responsáveis por toda maldade e pecado existentes sobre a Terra.

As lideranças da Assembleia de Deus viam nos concorrentes não somente um inimigo em potencial e real, mas alguém pagão e demoníaco e que falseava a verdadeira religião. A prática de nomear, classificar e analisar os *outros* com elementos negativos e detratores criavam divisões, classificações, tratamentos desiguais e distinções entre os salvos e os não-salvos e entre os *nós* assembleianos, comunidades fiéis, um “parentesco espiritual” em que todos partilhavam a submissão às verdades bíblicas, com uma identidade distintiva e aparentemente uma, e os *outros*, *eles*, não assembleianos. Nomear e classificar os *outros* não significava apenas conhecê-los ocularmente, mas também significava descobrir e reafirmar o *nós* a partir de uma observação à distância, sempre superficial, negativa e confinando-as ao exotismo e aos erros doutrinários e interpretativos, de inspiração diabólica. Um *outro* que o negava e justificava e que dava sentido à sua existência, à sua razão de ser e à sua ofensiva missionária, uma vez que um pressupõe o outro. A construção e saberes e de diferenças irreduzíveis revelava a tentativa de dominar, de conquistar o poder e “colonizar” as religiões concorrentes (MARIN, 2013, p. 206)

Dois grandes acontecimentos marcaram a história recente da Assembleia de Deus e que foram, no meu entendimento, responsáveis por um crescimento a olhos vistos e contabilizados

nos dados censitários e pela permanência e retorno de adeptos: o projeto Década da Colheita e as reformulações dos usos e costumes propostos pelo ELAD. Esses dois pontos tiveram êxito para a instituição.

O nome *Assembleia de Deus* tem sido apontado em análises de resultados do Censo como responsável por grande número de adeptos, pois muitos evangélicos denominam-se participantes da AD como se esta formasse uma única instituição no Brasil. O nome AD cresce e se multiplica, mas fazendo parte de convenções diferentes (CGADB, CONAMAD). A Convenção Geral da Assembleia de Deus do Brasil é originária da primeira fundação da AD em Belém do Pará, enquanto que a Convenção Nacional da Assembleia de Deus Madureira, atuante inicialmente no Rio de Janeiro, mas que tem se expandido por todo o Brasil, é resultante da maior cisão da AD e é a maior rival da CGADB. Em Recife as duas maiores instituições da AD são o Templo Central e a AD Abreu e Lima, na cidade de mesmo nome. Mariano (2013) alerta para o cuidado que se deve ter com a interpretação dos números, pois, segundo a análise do autor:

É preciso, contudo, ter cautela com tais números, uma vez que não existe propriamente uma denominação Assembleia de Deus dotada de 12.314.410 de seguidores; embora o Censo demográfico, de certa forma, contribua para tal equívoco, para o deleite dos dirigentes assembleianos. A designação assembleia de Deus abrange várias denominações concorrentes dotadas de histórias, lideranças e tamanhos muito distintos, sendo as maiores delas vinculadas a duas grandes convenções nacionais rivais, cujos poderes, no entanto, são relativamente limitados (MARIANO, 2013, p. 125-126)

Os ganhos para que se mantenha uma filiação à AD mesmo depois das cisões por parte das novas igrejas que surgem, são observados por Carreiro (2014) e Fernandes (1994) ocorrendo de ambos os lados. Tanto as novas igrejas evangélicas ganham ao trazer em suas paredes o nome da Assembleia de Deus, mesmo sem ter qualquer vínculo institucional com a CGADB ou CONAMAD como as congregações também lucram com o aparente (porém confirmado pelos dados censitários) grande número de adeptos, pois esses evangélicos se denominam assembleianos. Na prática realizada pelos fiéis os princípios doutrinários continuam sendo os mesmos, o rigor dos usos e costumes continua sendo cobrados, as práticas pentecostais e a forma litúrgica também permanecem. A figura do pastor que guia esses fiéis e toda conjuntura descrita, garante de acordo com os autores citados, a permanência dos fiéis junto ao grupo, sem se importar com as questões de filiação institucional nem com a continuidade da sua pertença religiosa. A AD é quase um patrimônio que está para além dessa filiação e que é levada junto com quem um dia se converteu e que, mesmo rompendo com as duas grandes convenções, continuaria abrindo campo de trabalho.

Por sua vez, o ganho político que as duas grandes congregações somam, está diretamente ligado ao crescimento declarado tanto na pesquisa censitária oficial, como em pesquisas internas, na disputa para saber quem possui mais adeptos e quem detém maior poder no cenário nacional das igrejas evangélicas pentecostais e da própria Assembleia de Deus. *A AD é vista como algo maior que ela* (CARREIRO 2014).

3.3.1 A organização da Igreja e o papel de cada Irmão

De acordo com o que defende Carreiro, o modelo administrativo da Assembleia de Deus dificulta um maior crescimento da Igreja em âmbito nacional, devido ao seu caráter patrimonialista e personalista que apenas favorece a instituição em espaço local (CARREIRO, 2014). A complexidade da organização da AD, com grande divisão de trabalho e níveis hierárquicos bem definidos é uma das características da instituição que foi observada por Freston (1994). O autor chama atenção para a oportunidade dada aos leigos, mas com o efetivo exercício do poder concentrado nas mãos do pastor-presidente e seus subordinados diretos.

Esse modelo, que deixa espaço para iniciativa leiga na expansão mas não no governo da igreja, produz as tensões típicas do caudilhismo, (...) como os cismas. Quando o crescimento não é suficientemente rápido para permitir a absorção de novas lideranças em congregações novas, a alternativa é reduzir a atração do cisma, garantindo uma renda fixa aos pastores por meio de uma maior institucionalização (FRESTON: 1994,88).

A defesa da centralização na organização institucional toma como principal argumento o fato de que a coordenação e o controle das atividades do grupo têm mais chance de serem efetivas, mesmo que essa centralização não traga satisfação plena para o grupo na realização dos trabalhos (HATCH, 1997). Tão importante quanto a estrutura organizacional da instituição é a cultura organizacional, nos dizeres de Carreiro (2014) as crenças, valores, regras de conduta ética e morais juntamente com as normas políticas e o *modus operandis* de condução dos trabalhos está para além do que desejam os administradores.

Mesmo a AD sendo regida por um modelo congregacional, a centralidade do poder está mais presente nas lideranças que na própria comunidade (igreja) tratando dos assuntos diretamente com os pastores. Como está descrito nas orientações do Estatuto da CGADB, os membros da Convenção Geral precisam passar por uma ordenação. Vejamos o que rege o artigo 5º do Capítulo III:

Artigo 5º. São membros da CGADB, os ministros (pastores e evangelistas) devidamente ordenados, integrados e registrados na CGADB, como também os

ministros jubilados, todos credenciados pela respectiva Convenção Estadual ou Regional.

O membro da Convenção Geral é cadastrado após passar pela Convenção Regional e assim fazer parte do grupo que delibera as ações junto à Assembleia de Deus. Como descrito no Artigo 14º do Estatuto, as regras para a existência da Convenção Regional são as seguintes:

Artigo 14º. Convenção Estadual ou Regional é a primeira instância denominacional, reconhecida e registrada na CGADB, de acordo com os critérios seguintes:

- I – consulta, por escrito, aprovadas pelas Convenções existentes na respectiva região;
- II – o mínimo de trezentos membros filiados;
- III - a comprovação da necessidade de sua existência;
- IV – parecer do Conselho Regional.

Os demais membros que não fazem parte de Convenções, Geral ou Regional, são assim denominados após o batismo nas águas, momento em que recebem a *carteira de membro*³³ e os que não são batizados, mas frequentam a AD são denominados congregados. A força maior da Igreja é encontrada no âmbito estadual, embora esteja submetida à organização nacional, no caso de Pernambuco, a centralidade do poder encontra-se nas mãos do Pastor-Presidente Ailton José Alves que está à frente da instituição desde 1998, tem como marcas da gestão a Rede Brasil de Comunicação, a expansão da sede da AD no Centro do Recife, que está em construção e programas como PROATI (Programa de Apoio à Terceira Idade), SAMAD's (Seminário de Aperfeiçoamento Ministerial das Assembleias de Deus), bem como congressos de mulheres e de adolescentes.

O argumento de que a força local é muito expressiva pode ser confirmado, no caso de Pernambuco, quando se exalta o crescimento da Igreja AD de Pernambuco em missões pelo mundo. A referência utilizada é da missão estadual e não nacional, revelando que a AD cumpre sua expansão de forma desarticulada do projeto nacional, trazendo para si o crescimento pretendido. Carreiro (2014) menciona esse descompasso entre a administração nacional e local.

Cada pastor-presidente tenta ampliar o quanto pode seu rebanho e isso não possui limites demográficos. Ora, as disputas por poder e prestígio que impulsionam o trabalho de ampliação e cada pastor-presidente e a desconfiança mútua entre estes caciques impossibilita qualquer planejamento nacional em conjunto. E mesmo que

³³ Possuir a carteira de membro é um motivo de orgulho para o assembleiano, em alguns relatos, ao serem perguntados desde quando eram crentes, respondiam o ano da aquisição da carteira.

haja um planejamento a organização nacional não é capaz de implementá-lo (CARREIRO, 2014, p. 203).

O poder local do pastor-presidente é o reflexo da iniciativa individual que caracteriza a cultura organizacional assembleiana, sendo ele o verdadeiro dono do poder, mesmo que haja o aconselhamento ministerial, as decisões estão nas mãos do pastor-presidente, *assim como o patrão da sociedade tradicional* (HOFFNAGEL, 1978, p. 78). O surgimento dos pontos de pregação, de acordo com a demanda da comunidade é incentivado pelo pastor local, mas não necessariamente pela organização estadual ou nacional. Fato diferente ocorre com igrejas neopentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus e protestantes históricas que auxiliam na formação de novos postos de trabalho e seus pastores, inclusive financeiramente. O interesse maior da AD, nesses casos de surgimento dos pontos de pregação é o de expandir as congregações, desde que estejam atreladas ao pastor-presidente e à organização estadual, não demonstram interesse em ter Igrejas autônomas, podendo ser esse tipo de ligação entre o ponto de pregação e a Igreja sede de caráter vitalício.

Ocorrendo o inverso, dá-se a ruptura e o cisma com a instituição maior, pois são forças que podem tornar-se antagônicas, a partir do momento que o líder responsável pelo ponto de pregação apresentar interesse em se expandir e tornar-se autônomo, o que normalmente não é de interesse da sede. Quanto mais a organização estadual cresce em números de congregações e pontos de pregação, cresce também o prestígio e o poder do pastor-presidente, que também se expande para a política, nas três esferas do poder – municipal, estadual e federal, a exemplo das bancadas evangélicas.

Como descrito no segundo tópico deste trabalho os casais pesquisados exercem funções nos quadros das igrejas que são membros, que vão da participação em um coral até ser responsável pela congregação. Estão todos envolvidos em atividades que os colocam como efetivamente parte da Igreja e como descrevem, *trabalhando na obra do Senhor*. Em mais de uma situação, ao término das atividades com as crianças, em especial nas festividades que envolviam várias comunidades, ouvi relatos de *irmãs* que se mostravam exaustas com os preparativos do evento e todo o processo, acrescido esse cansaço com suas atividades domésticas, mas que não se furtavam a realizar por estarem cumprindo uma convocação da Igreja.

3.4 Família: um projeto de Deus

A temática sobre família vem, ao passar dos tempos, mudando o modo como os estudiosos abordam o tema, passando de uma abordagem que parte da necessidade da sobrevivência e manutenção da propriedade, até uma abordagem mais individualizada, com a modernidade (SINGLY, 2011); a formação da família patriarcal³⁴ brasileira e questões relacionadas a gênero, sexualidade, família (FREYRE, 1978; SCOTT, 2011), tomam mais visibilidade em pesquisas sobre família; discutiram os “novos” arranjos ou agrupamentos familiares que estão bastante evidentes na sociedade atual (FONSECA, 2008; PASSOS, 2005).

Nessa sessão me aproximo um pouco mais da posição da Assembleia de Deus sobre família, que é a definição descrita no livro bíblico de Gênesis e em outras passagens bíblicas para refletir sobre as impressões a partir do campo me levaram a entender um pouco mais sobre a importância da família no processo de evangelização das crianças e, a partir desse ponto me trouxe aos atuais debates que o Projeto de Lei Nº 6583/2013, denominado Estatuto da Família traz em sua composição. Faço, pois, algumas considerações acerca desse texto e o que o Estatuto da Família representa tanto para a sociedade de forma geral como para os membros da Assembleia de Deus.

Os usos e costumes direcionam a conduta, a forma de se comportar do crente e também das relações familiares, mesmo tendo sido modificado com o passar dos anos no Brasil, adaptando-se algumas vezes às diferenciadas situações, ainda é considerada uma Igreja com regras muito rígidas, a conduta ascética como formulador do *ethos* pentecostal. Mesmo acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade em variados aspectos, a exemplo da grande utilização das mídias para estabelecer maior comunicação com os membros, a AD ainda apresenta resistência às mudanças no que diz respeito à rigidez dos usos e costumes. Sendo os costumes, uma forma de comunicação da regra que se dá através da reflexão dos impactos que as mesmas apresentam para a vida do crente, nessa comunicação há encontros e desencontros, quanto ao que é ou não permitido tendo como parâmetro o livro sagrado, Gondim (1999), afirma que em alguns casos a Bíblia permite e a AD proíbe. Em conversa com uma das minhas

³⁴ Scott (2011) nos chama atenção para a ideia salvacionista do patriarca freyreano: “O patriarca que Gilberto Freyre resgata é uma figura de personalidade positiva (constrangida por fatores demográficos e de uma economia escravocrata, mas com disposições a uma abertura para se integrar com índios e negros). Ele também é uma figura em pleno processo de superação. Ele é o ponto de partida de uma sequência que define a própria trilogia de livros proposta por Freyre, passando de patriarcalismo (“Casa Grande e Senzala, 1933”), para semi-patriarcalismo (“Sobrados e Mocambos, 1939”), para a família conjugal (“Ordem e Progresso, 1959”). A força motriz desse trajeto é a urbanização e a industrialização - o avanço da história se encarrega de superar o patriarca”.

interlocutoras adultas, Ana, assim se coloca diante dos costumes da AD: “*O pecado Deus abomina, os costumes as pessoas impõem*”.

A Bíblia é para o evangélico a regra maior de conduta e fé; repetindo continuamente os ensinamentos dos textos sagrados na crença, na prática e na fé a partir da sua reflexão e interpretação.

De acordo com o trabalho “*A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*”, defendido por Cláudio José da Silva (2003), o autor nos diz que o verdadeiro crente pentecostal aprende a sê-lo de forma oral, ao menos assim é o primeiro contato, através do que é dito pelos pastores mais antigos baseado em sustentações bíblicas. O rigor com a utilização do texto bíblico serve também para argumentar sobre a formação da família, defendendo em cultos e pregações, o modelo familiar que é revelado como o modelo padrão a ser seguido, que é composto por um homem e uma mulher que entre suas atribuições está a procriação (BÍBLIA Livro de Gênesis³⁵, 17, 18).

No decorrer das entrevistas, observei a ênfase que é dada à união familiar, ao rigor dos hábitos dentro do lar, à realização do Culto Doméstico. Considero o Culto Doméstico com uma das estratégias de evangelização das crianças que os pais mais utilizam em casa. Consiste no estudo de um trecho pré-selecionado da Bíblia, cânticos e orações; os presentes fazem pedidos e agradecimentos de graças alcançadas. Nesses momentos toda a família se volta ao objetivo do estudo da palavra bíblica, refazendo todo o ritual do culto que é feito na Igreja e para as crianças são designadas tarefas a cumprir, ora elas cantam um louvor, ora elas lêem um trecho da Bíblia indicado pelos pais. Ao final as crianças identificam qual o ensinamento daquele trecho lido. A frequência pode ser diária em algumas famílias. O Culto doméstico baseia-se no Livro dos Provérbios, 12:6, “*Instrui o menino no caminho que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele*”. Na maioria dos relatos, os Cultos Domésticos acontecem bem próximos ao horário de dormir, à noite. Em umas das entrevistas, Ana relata que por estar se restabelecendo do nascimento da filha mais nova, toda família se reunia em volta da cama e oravam todos juntos.

³⁵ Gênesis 17,4-9: *Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e serás o pai de uma multidão de nações. E não chamarás mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome, porque por pai da multidão de nações te tenho posto. E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti. E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus e a tua semente depois de ti. 18, 9-14: E disseram-lhe: onde está Sara tua mulher? E ele disse: Ei-la, aí está na tenda. E disse: certamente tornarei a ti por este tempo da vida; e eis que Sara tua mulher, terá um filho. E ouviu-o Sara à porta da tenda, que estavam atrás dele. E eram Abraão e Sara já velhos e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres. Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho? E disse o Senhor a Abraão: porque se riu Sara? Dizendo: na verdade, gerarei eu ainda, havendo envelhecido? Haveria coisa ainda difícil ao Senhor? Ao tempo determinado, tornarei a ti por este tempo da vida, e Sara terá um filho.*

A observação da conduta dos meninos e das meninas no que diz respeito aos valores que são defendidos pelos membros também é bastante valorizada entre os assembleianos. Observo que há uma aparente migração no meio evangélico do foco na família como projeto maior de Deus, sendo, esse projeto defendido para além do campo religioso e adentrando no campo político nacional. Os pastores e presbíteros intervêm na vida privada dos casais, o que foi descrito de forma naturalizada por mais de um casal entrevistado, se esses estiverem passando por algum desentendimento ou crise, afastando-os inclusive das atividades na Igreja. Um desentendimento doméstico, da relação conjugal é entendido como um “problema disciplinar”. Igreja e família mesclam-se em seus espaços físicos e relacionais. De acordo com relato trazido do campo em entrevista com uma das famílias,

João: Na igreja nenhum (irmão) sabe do seu problema, ou se você, porque isso é caso de disciplina, ou se você, se a gente errar, assim discutir com a minha esposa, tenho uma discussão feia em casa com a minha esposa, eu não posso tomar a Santa Ceia se eu tô com um problema com a minha esposa, eu tenho que pedir um perdão a ela e ela a mim pra gente acabar com isso ou se ficar nessa briga, dormindo separado, eu vou ter que avisar o presbítero da igreja, tô com um problema em casa com a minha esposa, assim, assim, assim... eu vou ter que pedir um perdão a igreja, pra mim poder ceiar naquele dia, que é uma vez por mês, eu tenho que pedir perdão antes de ceiar, porque como eu vou ceiar se eu tô em pecado com a minha esposa? Não tô falando com a minha esposa? Quer dizer, pra gente ter uma vida conjugal na nossa casa a gente tem que ser uma boa família, um bom casal, pra poder na igreja, no meio da igreja a gente poder também ser vitorioso, porque se a gente tiver com intriga aqui, na igreja vai ser pior. Pra gente ter uma vida diante de Deus, certa, corrigida, a gente tem que começar de casa, a esposa, eu, meus filhos, ter uma boa conduta, e aí Deus vai nos abençoando (**Nalva**) Opera milagres! (**João**) É porque se a gente acha que tá errado, não pode viver no erro, eu não posso ir pra igreja, me esconder, chegar pros componentes e dizer, olhe irmã a senhora não pode andar assim, assim, assim, se eu faço... eu posso mentir pra ela (pra irmã), mas pra Deus eu não posso mentir. Por isso que tem esse sistema de disciplina.

A partir desse relato podemos perceber que a convivência da família, a forma como os casais se relacionam sofrem a influência direta dos pastores e presbíteros, agindo sobre os membros com punições e disciplinamentos, fazendo com que toda a comunidade seja de certa forma controlada nos seus atos, condutas e ações pelas orientações da religião, bem como controlem a vida de outros *irmãos*.

3.4.1 “Ensina teu filho no caminho que deve andar³⁶!”:

Os estudos sobre relações sociais/grupo familiar sempre estiveram presentes na antropologia. Os agrupamentos constituem relações sociais entre pessoas e são passíveis de mudanças, sendo a família uma forma de agrupamento social que une outras formas de identificação social, pois a aliança, o parentesco e a propriedade surgem como outros vínculos que unem os agentes pertencentes ao grupo familiar (LABURTHE-TOLRA; WARNIER. 1997). O grandioso estudo³⁷ realizado por Lévi-Strauss (1982), que também fundamentou o percurso da teoria antropológica, tratou de questões como aliança, troca matrimonial, filiação, princípios do parentesco, consanguinidade. Uma das definições de família, construída por Lévi-Strauss (1982) nos diz que,

A família tem a sua origem no casamento; Ela inclui o marido, a mulher, os filhos nascidos da sua união formando um núcleo em torno do qual outros parentes se podem, eventualmente, agregar; os membros da família estão unidos entre si por: a) laços jurídicos; direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa, ou outra; uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos como o amor, o afeto, o respeito, o medo, etc. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 104).

Nessa afirmação a família é composta por marido e esposa, com filhos nascidos dessa união, uma definição de família que não remete às questões que estão presentes nos debates atuais sobre configurações familiares e trazem outras questões, como formação de famílias por casais homossexuais, adoção de crianças, reprodução alternativa, inseminações artificiais entre outros arranjos familiares que permeiam a sociedade com novas demandas por reconhecimento e direitos. Para além de uma definição de família como grupo social formado apenas por relações de consanguinidade e parentesco, sabemos que os atuais debates nos trazem outras configurações familiares importantes para o meu argumento de que, para os assembleianos apenas o modelo bíblico é válido. Muitos relatos reiteram o uso da Bíblia, como no trecho a seguir:

João: Porque a bússola do crente é a Bíblia. A Bíblia Sagrada é a minha bússola, eu não vou me espelhar no pastor da Igreja não, eu não vou me espelhar no presbítero da Igreja não, meu espelho é a Bíblia.

³⁶ Trecho citado em entrevista realizada em 22/08/2014.

³⁷ Para melhor compreensão do estudo realizado por Claude Lévi-Strauss, ler: Lévi-Strauss, Claude. As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis, Vozes, 1982.

A descrição da Bíblia como orientação maior da conduta, também se reflete nos ensinamentos direcionado às crianças, para que compreendam os valores que a religião considera importante para a vida. Sendo a família assim definida em duas importantes passagens bíblicas do livro do Gênesis, que cabem ser citadas aqui.

Deus os abençoou e lhes disse: “sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a Terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movam pela Terra” (GÊNESIS, 1,28).

E, na segunda passagem,

Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne³⁸ (GÊNESIS, 2,2)

Nas discussões acima, a união entre um homem e uma mulher fica explícita, e mesmo na atualidade a interpretação dada ao texto bíblico não é entendida apenas como simbólica, com as reflexões levando para o entendimento proposto pela AD e dessa forma tem sido ensinado às crianças através dos textos bíblicos que são utilizados em casa, das atividades propostas pela Escola Dominical e dos ensinamentos passados na Escola Pequeno Príncipe. Para que o conteúdo doutrinário presente nos textos bíblicos seja acessível às crianças, as atividades da Escola Dominical são organizadas respeitando as faixas etárias e seus níveis de compreensão. A partir desse exemplo do Livro de Gênesis, são elaboradas estratégias didáticas que remetam à criação do mundo, que vão se utilizando de gravuras, histórias em quadrinhos e de canções. Sendo a música um importante elemento evangelizador e atrativo para as crianças.

O modelo familiar a ser seguido e reproduzido na vida dos membros da Igreja é esse modelo descrito no texto bíblico, não podendo haver espaço para outra interpretação. Contudo as reflexões acerca dos reordenamentos familiares estão presentes nas falas dos casais

³⁸ A Bíblia descreve orientações que são utilizadas para embasar os Princípios do Casamento, são eles: Princípio da Heterossexualidade, Gênesis 1, 27, “*E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou*”; Princípio da Monogamia, Gênesis, 2, 18-24, “*E disse o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para estiver como lhes chamaria, e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo, mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele. Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu, e tomou uma de suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne, esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada*”; Princípio Monossomático, Gênesis, 2,24, “*porquanto deixará o varão seu pai e a sua mãe, e apegar-se-à a sua mulher e serão ambos uma carne*”; Princípio da Indissolubilidade, Mateus 19, 6, “*Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem*” e Marcos 10,9, “*Portanto o que ajuntou, não separe o homem*”.

entrevistados. Eles descrevem que a família precisa ser e se comportar como definida por Deus. Assim,

Nalva: A importância da família para o crente da Assembleia é ter união, respeito e amor e principalmente respeito a Deus. Eu vejo a diferença de famílias não crentes, eu fico só imaginando se Deus não tivesse me salvado como estaria meu casamento hoje (...) Cada dia a família está sendo atingida por muita coisa do mundo.

Entendo que nessa concepção, “ter respeito a Deus” é agir de acordo com os ensinamentos bíblicos e das orientações doutrinárias da Igreja, bem como, quando a interlocutora se refere a “coisas do mundo”, está a se referir ao que consideram pecado, atitudes erradas, condutas repreensíveis. Através da fala das crianças e da análise dos desenhos que elas produziram pude perceber que o modelo familiar defendido pela AD é representado através dos desenhos, pai mãe e filhos. Lembrando que elas estavam representando suas próprias famílias, mas em nenhum momento comentaram sobre outro modelo familiar. A exaltação da figura da mãe também pode ser percebida. Conversando sobre a produção de um desenho com Milka, 08 anos, perguntei qual a parte da casa que ela mais gostava de estar, ao que ela respondeu:

Milka: a parte da minha casa que eu mais gosto é a cozinha, porque *mainha* sempre está lá e ela faz muitas comidas boas.

Na fala de Milka, a presença da mãe na cozinha remete, no meu entendimento, à ideia de aconchego, do carinho da mãe para com os filhos, dos momentos em que a mãe ocupa-se dos afazeres domésticos enquanto elas cantam, juntas, os hinos da Igreja. Milka é uma criança que gosta muito de cantar. O pai é maestro do conjunto feminino da Igreja, a mãe secretária do mesmo conjunto e a menina, filha do casal é incentivada a cantar, louvando ao Senhor através da música. Na realização do Culto Doméstico, a criança canta e muitos ensinamentos são passados através das canções, a exemplo da seguinte letra de uma canção ensaiada à exaustão por Milka para cantar no culto do Dia das Mães:

“Eu quero muito a mamãe/ a minha mãezinha querida/ a paz de Deus nesse mundo/ mamãe é tudo na vida/ primeiro eu quero a Jesus/ a mamãe em segundo lugar/ Jesus me prepara pro céu/ mamãe me educa no lar/ a minha mãe é tão boa/ e sofre muito por mim/ Jesus Cristo sofreu muito mais/ derramando seu sangue enfim/ primeiro eu quero a Jesus/ a mamãe em segundo lugar/ Jesus me prepara pro céu/ mamãe me educa no lar”.

Através das músicas ensinadas às crianças estão os ensinamentos e os valores da família a serem defendidos pelos membros da AD. Assim posto, como outros autores (FRESTON, 1994; MACHADO, 1996) percebo que o conceito de família que tem sido construído a partir dos evangélicos da Assembleia de Deus, ao longo de todo o percurso da Igreja tem por base a descrição bíblica, tendo que ser posto em prática na vida dos membros, com rigores a serem seguidos, condutas, disciplinas e reverências que estão para além da vida privada dos casais e se estendem aos salões das Igrejas. Percebo que a distância entre o relacionamento do casal e a Igreja é quase que inexistente, todos fazendo parte de um grande grupo que tem como elo a religião. Acreditando ser o lar uma extensão da Igreja e Deus o Senhor da Família. A partir do que é descrito nos ensinamentos sagrados e nas orientações dos pastores e presbíteros, os membros da Assembleia de Deus, constroem suas práticas cotidianas acerca do relacionamento entre os casais, orientações que são dadas aos filhos, bem como suas ações no mundo. esse modelo que é ensinado às crianças, nas reflexões dos textos bíblicos, nas lições da Escola Dominical, nos Cultos Domésticos e na prática vivenciada pelos casais.

3.4.2 Projeto de Lei Nº 6583/2013: Estatuto da Família

A partir do relato de uma das entrevistas, novos ruídos foram surgindo no campo e que agora passam a ser refletidos nessa sessão do texto. Questionando sobre a importância da família para um dos casais pesquisados ouvi um dos pais dizendo que a família *“hoje em dia corre muitos riscos e precisa ser preservada”*. Essa afirmação foi repetida de outras maneiras por mais três dos casais entrevistados. Contudo, comecei a encontrar um ruído ainda mais forte quando registrei que *“a família é um patrimônio que a Assembleia de Deus possui, por isso precisa ser preservada”*. O estudo sobre patrimônio também tem sido realizado por antropólogos e tem um longo caminho percorrido dentro da disciplina. A ideia de preservação dos bens culturais e a ideia de construção de valores de um grupo social vêm sendo defendidas juntamente com todo o processo de registro e documentação. Ao identificar o uso de termos como patrimônio e preservação nos discursos dos agentes envolvidos na pesquisa aqui descrita, em relação ao modelo familiar defendido pela Assembleia de Deus, logo me remeto ao Projeto de Lei 6583/2013, denominado Estatuto da Família.

Esse projeto é de autoria de Anderson Ferreira³⁹ e foi aprovado em Brasília. O Estatuto da Família tem por base duas ideias centrais: o estabelecimento do conceito de entidade

³⁹ Anderson Ferreira é atualmente Deputado Federal por Pernambuco, pelo Partido da República, PR; foi eleito prefeito de Jaboatão dos Guararapes, cidade da Região metropolitana do Recife. O mesmo é evangélico da

familiar, a união formada pelo casamento de um homem e uma mulher e, a preservação e proteção dessa unidade familiar. Ocorre que a ideia de preservação vem tomando corpo entre os evangélicos e a defesa desse modelo familiar como um patrimônio específico da Igreja a ser preservado. Dizendo de outro modo, O Estatuto da Família propõe que o Estado, por força de lei, utilize de meios que garantam a proteção e a preservação da família nesses moldes. Em seu Artigo 2º e 3º, nos diz que,

Artigo 2º: Define entidade familiar o núcleo social formado entre um homem e uma mulher, por casamento ou união estável ou por qualquer dos pais e descendentes.
Art. 3º É obrigação do Estado, da sociedade e do Poder Público em todos os níveis assegurar à entidade familiar a efetivação do direito à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania e à convivência comunitária.

As discussões em torno do conteúdo do Estatuto da Família estão na pauta do dia, nas redes sociais⁴⁰ e mídia impressa do Brasil, levantando questionamentos das entidades de Direitos Humanos, quanto ao seu teor que excluem outras formas de organização familiar, bem como acirrando a defesa dos evangélicos. Percebo, contudo que junto com as discussões específicas do conceito de família e sua formação, a inserção do Estado como regulador e outras tantas questões de cunho legal, está o movimento que a Assembleia de Deus vem fazendo para estabelecer distinção entre as demais denominações religiosas evangélicas pulverizadas nesse campo.

Cito como exemplo desse mesmo movimento de delimitação de espaço por parte da Assembleia de Deus no Brasil, a observação presente no trabalho realizado por Fajardo (2012), em que discutiu a construção do conceito de memória da Igreja por ocasião do seu centenário. Com a publicação dos Diários dos Pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia no Brasil, pela editora oficial da instituição – Edições CPAD/ Casa Publicadora da Assembleia de Deus - cumpriam o objetivo de estabelecer uma memória oficial, fortalecendo assim a identidade do grupo. Nesse trabalho, Fajardo (2012) discute o conceito de memória coletiva tendo por base o pensamento de Halbwachs (2006), que aponta a importância da memória coletiva para que a identidade do grupo se fortaleça, bem como discute sobre a sobreposição da identidade coletiva à identidade individual. Argumentando ainda sobre a pulverização do pentecostalismo no campo religioso brasileiro, Fajardo (2012), ressalta a

Assembleia de Deus. Em entrevista com o mesmo acerca de ter tomado por base escritos bíblicos, o deputado refuta e diz que a base do Estatuto é a Constituição Federal Brasileira.

⁴⁰ O texto base do Projeto foi aprovado em caráter conclusivo em 08/10/2015, e passará por votação no Senado Federal.

preocupação da Assembleia de Deus em produzir, através dos livros publicados, a memória da Igreja. A história institucional devidamente registrada, garantindo assim que, além de estabelecer uma identidade coletiva do grupo, não permitir que a memória de seus fundadores pudesse se dissipar com o tempo.

A fragmentação religiosa moderna aparece de forma bastante clara no pentecostalismo brasileiro, em que o número de denominações multiplica-se exponencialmente. O campo religioso pentecostal apresenta numerosos agentes, as diferentes denominações, que apesar de compartilharem de uma memória coletiva comum, travam uma batalha concorrencial pela conquista de espaço nesse campo. Nessa batalha, a reafirmação de uma história institucional é uma das ferramentas utilizadas (pela Assembleia de Deus) na tentativa de fomentar uma identidade de determinada denominação em contraposição aos demais agentes deste campo (FAJARDO, 2012, p. 276).

Entendo, pois, que tanto a publicação dos Diários dos Pioneiros como a elaboração do Estatuto da Família, outra ferramenta, no meu entendimento, traz de forma muito concreta a intenção da Assembleia de Deus em estabelecer-se, cada vez mais no campo pentecostal brasileiro de forma organizada, material e institucionalmente presente na vida dos assembleianos e da sociedade como um todo. A produção, resgate da história e publicação da memória, juntamente com o Estatuto da Família, que tem um modelo familiar como patrimônio a ser preservado, demonstra, na reflexão proposta, a intenção política que tem sido assumida pela Igreja e seus membros. Sobre a produção dos chamados “textos domésticos” nos alerta Freston (1994, p. 70):

Textos domésticos são escritos para edificação e frisam o heroísmo e os acontecimentos excepcionais. O normal e corriqueiro, com os quais a sociologia trabalha, não são destacados. Por isso é preciso ler, entre as linhas extraordinárias, as entrelinhas comuns, ou seja, colocar os pés dos heróis docéticos novamente no chão.

Há muito se observa a força dos evangélicos nas bancadas políticas do Brasil. Seja em que âmbito for, os políticos evangélicos defendem seus interesses de modo muito organizado. Estudos já realizados por Giumbelli (2008), Pierucci (1989), Burity (2001), apontam para o crescimento e inserção dos evangélicos – pentecostais e neopentecostais – no mundo da política. Os autores observam a presença de religiosos, a exemplo dos evangélicos na execução de políticas públicas e em parcerias com agências governamentais (GIUMBELLI, 2008, p. 90).

Garantindo assim, aprovação de projetos que são de interesse do grupo bem como do interesse comum. O Estatuto da Família tramitou na Câmara Federal dos Deputados desde 2013, passando por enquête popular e muita discussão nas redes sociais, tendo sido aprovado em caráter conclusivo. O embasamento que fundamenta o Estatuto, embora não esteja

literalmente presente no corpo do texto, é facilmente identificado no trecho abaixo, retirado da revista *Marcas de um Lar Cristão*⁴¹, devido a similaridade e, como já foi mencionado acima, ser o autor do Estatuto, membro da instituição evangélica Assembleia de Deus.

A família é uma instituição divina, formada por marido, esposa, pais e filhos, sendo, portanto, a célula basal da sociedade. A família recebeu do seu criador um manual composto de orientações que são indispensáveis para seu bem estar e preservação. Muitas ideologias trazidas pelo pós-modernismo tem sido fortes instrumentos do maligno para destruição dos princípios éticos morais e espirituais da família. Porém apesar desse momento de crise, a família cristã tem sido um referencial para a sociedade pós-moderna (ALVES, 2013, p. 06).

Como podemos perceber o teor do trecho acima traz em seu conteúdo o mesmo teor que subjaz no Estatuto da Família, política e religião unidas nesse projeto, o que remete às discussões que põem em dúvida a laicidade do Estado. Penso na importância dessas reflexões, principalmente no que concerne ao fator da educação das crianças que é uma das questões presentes nessa pesquisa. Ensinar as crianças no caminho da religião, contudo dentro de um contexto muito bem articulado entre igreja-família-escola. Reforçando esse argumento, percebemos a importância dada ao texto bíblico.

O Deus que concede filhos aos homens, também provém o manual para ensiná-los passo a passo como criar os filhos. E a responsabilidade dos pais cristãos, pesa ainda mais quando descobrimos pela Bíblia, que devemos criá-los para devolvê-los a Deus. Por isso, devemos criá-los na doutrina e admoestação ao Senhor (ALVES, 2013, p. 12).

Criar os filhos dentro dos ensinamentos cristãos e devolvê-los a Deus, conhecedores de todos os ensinamentos, educados dentro de uma família concebida e formada no modelo descrito pela Igreja e pelo Estatuto. Pensar na entidade familiar como um patrimônio a ser preservado é uma questão presente no Estatuto da Família mesmo diante dos debates atuais sobre reconfiguração familiar. Estabelece-se assim outra “guerra santa” promovida pelos pentecostais na sociedade brasileira. Assim, compreendo a importância da preservação de um bem intangível para o fortalecimento de um grupo social, sabendo que, como ressaltam Rotman e Castells (2007), o material e o imaterial estão unidos em sua importância, não cabendo ocupar um lugar na hierarquia dos bens. A construção do sentido, de acordo com as autoras, tem uma importância maior.

⁴¹ *Marcas de um Lar Cristão*. Departamento da Família. Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco. Organizada por Pastor Ailton Alves, Edições CPAD, Recife, 2013.

Os aspectos problemáticos da distinção conceitual entre patrimônio cultural tangível e intangível são suficientemente conhecidos. A separação entre o físico/material e o imaterial/oral resulta inviável, uma vez que ambos os aspectos estão inevitavelmente unidos e se articulam em qualquer expressão cultural e patrimonial. E mais: como alguns autores têm assinalado, a intangibilidade pode ser valorizada inclusive como o aspecto mais relevante de um bem, na medida em que precisamente sua legitimação como patrimônio será resultado das lutas pela imposição do sentido; são os significados, os usos e valores que se assinalam e se atribuem às expressões culturais os fatores que determinam seu caráter e, portanto, sua inclusão no campo patrimonial (ROTMAN; CASTELLS, 2007, p. 73-74).

Assim sendo, entendo que a intenção política que se insere na concepção do Estatuto da família, Lei 6583/15, está diretamente identificada com os preceitos da Assembleia de Deus. Os ruídos que sobressaem do campo acerca da preservação da família como um patrimônio da Igreja, me direcionam a pensar que elementos culturais de representatividade de grupos religiosos, poderão ser passíveis de entrar na discussão sobre patrimônio pelos órgãos responsáveis, a partir da demanda oriunda desses grupos. Sabidamente articulados e organizados, inseridos no contexto político e com objetivos bem traçados para garantir o espaço conquistado e sua identidade enquanto Igreja pentecostal no Brasil.

A educação religiosa das crianças – processo de evangelização – no que concerne a composição e formação da família toma por base o modelo familiar defendido pela AD e descrito no Estatuto da Família, favorecendo que as crianças conheçam esse modelo como único a ser aceito na sociedade. Em conversa com as crianças interlocutoras, pedi que elas falassem o que entendem por família. A seguir está descrita a fala de Marília.

Maria Edi: O que você entende por “família”?

Marília: Família é a melhor coisa que tem na vida, família é um projeto de Deus, sem família nós não somos nada, pois a família sabe o que você é... os seus sentimentos, quando você tá triste a família já entende, já te ajuda, já vem com aquela forma especial para a pessoa. A melhor coisa na família é a alegria que se tem dentro de casa, pra gente fazer um almoço, tendo a família, isso é uma alegria, das maravilhas de Deus que tem na nossa vida. Amigos não, mas a família é a melhor coisa que a pessoa pode ter no mundo.

Ao definir o que entende por família, Marília faz referência à importância que o grupo familiar exerce na sua vida, mas o que me chama atenção é a menção da frase “*família é um*

projeto de Deus”, pois é a apropriação de um discurso⁴² defendido pela AD e presente nas entrelinhas do Estatuto da Família com base em escritos bíblicos⁴³, como o Livro de Efésios que fala sobre a atribuição de cada componente da família, marido, esposa e filhos (homem, mulher e filhos). Outra definição segue descrita, a partir da mesma questão sobre família feita para Sofia.

Maria Edi: O que você entende por “família”?

Sofia: pra mim a família é as pessoas que moram na mesma casa e na família não pode faltar muito amor e união e a família é construída por Deus.

Na fala de Sofia, percebo o reflexo da sua formação familiar, pois na sua casa também mora, além do seu pai e sua mãe, o irmão, que é fruto do primeiro casamento do seu pai. Mas ela ressalta que *a família é construída por Deus*.

Nessas duas falas, entendo que, como parte da constituição da criança evangélica está o discurso de que a família faz parte de um plano traçado por Deus para vida do crente. O modelo familiar descrito na Bíblia, identificado e formatado nesses moldes – pai, mãe, filhos/ homem, mulher, filhos, é o mesmo modelo defendido pelo Estatuto da Família. As crianças se reconhecem fazendo parte desse grupo de pessoas, também pela composição familiar e pelo discurso da Igreja e que o plano de Deus está acima de outro interesse pessoal, emocional, individual de união de um casal.

⁴² Em uma atividade na AD Alto da Jaqueira as crianças cantaram uma música, que diz assim: “Eu e minha casa serviremos a Deus, serviremos a Deus, eu minha casa serviremos a Deus, serviremos a Deus. Minha família pertence ao Senhor e tem prazer em agradá-lo. Nós esperamos em suas promessas e temos prazer em adorá-lo. Porque ele é lindo, lindo, lindo como só ele é. Porque ele é lindo, lindo, seremos tudo o que ele quiser. Porque ele é Santo, santo, santo como só ele é. Porque ele santo, santo seremos tudo que ele quiser. Eu e minha casa serviremos a Deus. Serviremos a Deus, Eu e minha casa serviremos a Deus. Serviremos a Deus.

⁴³ Efésios, 5, 22-33. “*Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido. Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar, a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. Porque ninguém nunca aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também a vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie seu marido*”. 6,1-4: *Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor*”.

3.5 As crianças e os números: uma possibilidade de análise no grupo familiar

Em seu artigo *O Brasil religioso que emerge do censo 2010: consolidações e perplexidades*, Camurça (2013) observa inicialmente a queda do catolicismo, o crescimento dos evangélicos e, mesmo que de modo menos expressivo que o aumento dos evangélicos, o crescimento dos sem-religião.

Tabela 5 – Percentual religioso

	2000	2010
Católicos	73,8 %	64,6 %
Evangélicos	15,4 %	22,2 %
Sem-religião	7,28 %	8,0 %

Fonte: IBGE.

Buscando compreender os números resultantes do Censo 2010, Camurça (2013) traz um elemento que é bastante pertinente, quando o autor refere-se ao grande número de crianças evangélicas e pode apontar um caminho para futuras análises tendo o grupo familiar como interlocutor. Corroborando suas ideias com as de outros autores como Alves (2012) e Novaes e Mello (2012), a diminuição dos católicos está relacionada à faixa etária dos fiéis, que em sua grande maioria são adultos e idosos, fator que dificulta sua renovação. Outra motivação para o crescimento dos evangélicos é a grande presença feminina na religião e a possibilidade de que seus filhos⁴⁴ sigam a filiação religiosa das mães. A Assembleia de Deus defende a não dissolução e preservação da família, fator que também contribui para que os filhos sigam a religião de seus pais. Embora, no decorrer da pesquisa, pude perceber que também ocorre o caminho inverso, os pais seguindo a religião dos filhos, as crianças.

Em uma das entrevistas realizadas para essa pesquisa, Carla me diz que seu filho mais velho afastou-se da AD aos dezessete anos e acredita que ele possa voltar.

Carla: Acredito e peço todos os dias a Deus pra que meu filho volte pra Igreja, esse mundo não tem o que dar a ninguém não e ele sabe da Verdade. Quando eu digo Silas, volta pra Igreja, ele diz “Mainha, agradeça a Deus por a senhora ter me criado na Igreja, porque eu não fumo, eu não bebo, eu nunca farrei, eu nunca passei a noite fora, então agradeça a Deus”. Aí eu fico só orando.

Carla relatou que após ter ouvido seu filho dizer que mesmo afastado da Igreja seguia os ensinamentos que aprendeu durante os dezessete anos que conviveu na AD, parou de

⁴⁴ O Censo de 2010 indica o crescimento evangélico nos próximos anos e a grande quantidade de jovens e crianças devido à presença de seus pais na religião.

preocupar-se tanto. Na avaliação de Alves (2012) a tendência é de que em 2030 os evangélicos ultrapassem os católicos (42% a 40% respectivamente) devido à faixa etária dos adeptos, mais do que por razões de entrada na religião, pois os católicos ocupam a faixa etária mais avançada da população brasileira e isso dificulta a renovação. O autor, juntando-se ao que dizem Novaes e Mello (2012), levanta os dados de que grande parte dos evangélicos são mulheres na idade reprodutiva, de até quarenta anos, sendo de grande probabilidade a continuidade da presença evangélica dos seus filhos. O censo de 2010 aponta ainda a grande presença das crianças e adolescentes no meio evangélico, mais que no meio católico e entre os sem-religião, sendo entre os sem-religião a média de idade menor que vinte e seis anos e entre os evangélicos e católicos entre vinte e sete e trinta anos, Camurça (2013) avalia que:

No entanto, a análise do IBGE aponta uma maior regularidade evangélica na faixa de crianças e adolescentes e, se compararmos as taxas de crescimento na última década, vamos observar que os evangélicos cresceram com mais intensidade. E ainda podemos observar que a grande frequência entre os jovens dos sem-religião é majoritariamente masculina – 52,3 % homens para cada 100 mulheres em relação aos evangélicos, 77,6 % homens para 100 mulheres -, dando mais vantagens aos segundos na influência materna nas futuras gerações (CAMURÇA, 2013, p. 47)

Mesmo as crianças que são *nascidas na lei*, como foi o caso de Silas, filho de Carla, são cuidadas nos ensinamentos da *doutrina* e dos usos e costumes dentro e fora da Igreja, no seio das famílias e no caso do grupo pesquisado, na escola de orientação evangélica, têm mais um espaço para evangelização. A responsabilidade que os adolescentes vão assumindo no decorrer da sua vida evangélica, a quantidade e qualidade dos eventos destinados às crianças, a utilização de recursos midiáticos para tornar as atividades mais interessantes para os pequenos; a transferência de atividades que são realizadas dos templos para dentro das casas, como os cultos domésticos e a vigilância que é feita pelos pais sobre o comportamento das crianças; a orientação evangélica na escola e o *Cultinho*, são fatores que, no meu entendimento, favorecem para que as crianças evangélicas sejam cuidadas no sentido de garantir a permanência e o crescimento da Igreja Assembleia de Deus e não abandonem a religião no meio do caminho, ou dizendo em outras palavras, na adolescência que é uma fase de transição e perigos.

Os dados apresentados nessa tese não dão conta de um maior aprofundamento no sentido de compreendermos melhor a relação entre a entrada e a saída dos adolescentes do convívio religioso, apenas consigo apontar essa possibilidade de análise a partir do grupo familiar. As orientações recebidas na Igreja demonstram, inicialmente, que é necessário um reforço familiar, sendo ainda assim passíveis de não poder garantir a permanência do jovem no seio da igreja.

- **Galeria de Imagem 2**



Imagem da AD do Bairro da Encruzilhada, evidenciando a exclusiva participação masculina (Imagem retirada da Página Oficial do Templo Central do Recife.)



Pr. Ailton José Alves, Presidente da AD Pernambuco (Imagem retirada da Página Oficial do Templo Central do Recife).



Desfile comemorativo ao Dia da Bíblia, segundo domingo de Dezembro, no bairro do Jordão. Pelotão dos Irmãos que ocupam funções de liderança (Arquivo Pessoal)



Nessa imagem Marília faz o desenho de Deus em seu trono (Arquivo pessoal)



Encontros para “Brincar de desenhar” (Arquivo pessoal)



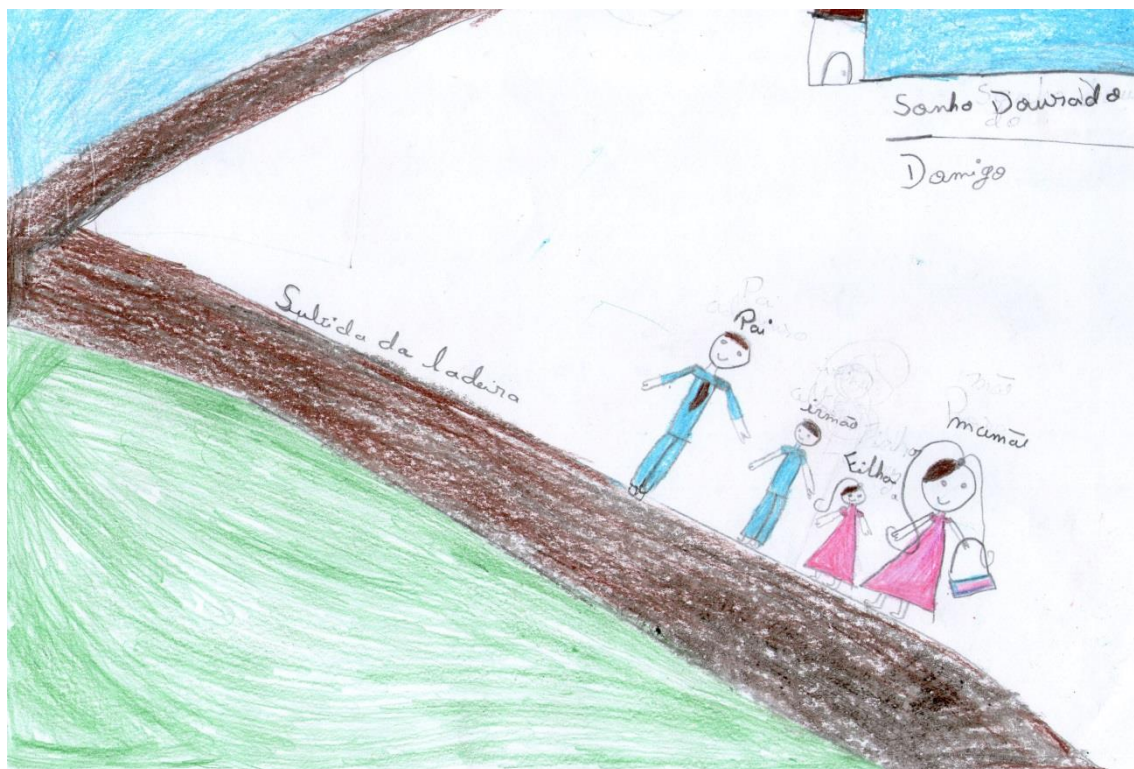
Pelotão das Bandeiras dos países onde a AD realiza missões de evangelização (Arquivo Pessoal)



“Cultinho” realizado na Escola Pequeno Príncipe. Imagem cedida por Ana



Bíblia confeccionada pelas professoras da EBD para o Encontro das Crianças, na AD Sonho Dourado. Na segunda imagem Sofia e Marília estão vestidas com a camiseta temática do Encontro.



Milka desenha sua família indo para AD Sonho Dourado no domingo, todos arrumados com as roupas adequadas para o culto, seu pai com gravata e ela e a mãe com a roupa do mesmo tecido. Milka relatou que sua mãe gosta de ir pra Igreja bem arrumada.



Marília desenha Deus em seu trono, no céu.

4 CONHECENDO E RECONHECENDO O CAMPO: A FAMÍLIA, A IGREJA E A ESCOLA

Nessa seção, faço a descrição dos espaços que compõe o campo em que se desenvolveu a pesquisa, contextualizando o bairro do Jordão para discutir o movimento das crianças nesses espaços de convívio. Seguindo os passos das crianças e sendo guiada por elas, pude estabelecer a aproximação com as famílias, a Assembleia de Deus e a Escola Pequeno Príncipe, para obter os dados necessários à compreensão da dinâmica desses espaços. Contudo essa diferenciação espacial do campo trouxe uma dinâmica para a pesquisa, pois foi necessário circular nos três lugares em que se deu a coleta dos dados.

4.1 Um campo: três espaços

O campo dessa pesquisa está dividido em três espaços distintos: a família, a Igreja e a escola. Foi preciso multi-situar o espaço da pesquisa em três lugares distintos por entender que assim seria possível perceber a influência de cada um deles na formação evangélica das crianças. Foram nove crianças, distribuídas em sete famílias que fizeram parte da pesquisa (ver tabela mais adiante); a Escola Pequeno Príncipe, de orientação evangélica/cristã, que atende crianças na Educação Infantil e Ensino Fundamental e em três congregações que fazem parte da AD dentro do bairro do Jordão, em comunidades distintas.

As atividades aconteciam de forma descentralizada, ora em uma congregação, ora em outra. E as crianças se deslocavam de uma Igreja para outra, enquanto eu as seguia. Quando a atividade acontecia na AD Sonho Dourado, as demais Igrejas eram convidadas e assim também acontecia quando a atividade era na AD Alto da Jaqueira ou AD Castelo Branco.

O processo de *formação* da criança assembleiana se desenvolve em etapas que são estabelecidas levando em consideração a faixa etária das crianças, nas atividades da Igreja. A organização dos textos bíblicos a serem trabalhados nas Igrejas, partem do Templo Central e são reproduzidos nas congregações, os professores e dirigentes utilizam recursos visuais (cartazes, ilustrações de histórias, atividades de pintura...), formação de conjuntos para apresentações, jograis, duetos, apresentações solo, perguntas com presentes ao final. A realização de Encontros, EBF, Congressos destinados às crianças acontecem em datas pré-estabelecidas pela AD para todo o Estado, na semana de comemoração ao dia das crianças, em outubro, acontece um grande encontro de crianças que dura mais de um dia. Todas as leituras

da Bíblia que são utilizadas nos encontros infantis são trabalhadas com as crianças em formato lúdico, mas sem deixar o caráter de doutrinação de lado.

A escola privada, em uma dimensão menor, utiliza recursos pedagógicos e mescla com a religião, servindo de reforço positivo às crianças que são evangélicas e de iniciação para as crianças que não são, devido ao fato de não atender exclusivamente às crianças pertencentes à Assembleia de Deus tem seu proselitismo limitado. Contudo, considero o papel da Escola Pequeno Príncipe muito importante no sentido de colaborar para o *habitus* da criança evangélica assembleiana.

A família é um dos elementos de grande importância nesse processo de formação. O exemplo de vida dos pais, o culto no lar, as orações, as conversas, o respeito aos usos e costumes que dão continuidade ao que é defendido na Igreja amplia o espaço religioso para dentro das casas e faz com que a criança sinta-se separada do mundo. Dentro desse contexto igreja-escola-família a criança reelabora seu entendimento acerca do mundo, pois agentes externos provocadores de reflexão surgem por intermédio da mídia e de outras crianças, a necessidade de negociações e intervenções acontecem e são realizadas pelas crianças.

Chamo a atenção para uma questão importante que é posta por essa pesquisa, os casos de crianças que são responsáveis pelo processo de iniciação religiosa dos pais e dos parentes mais velhos, subvertendo a lógica de um caminho para a participação religiosa trazida unicamente através da orientação familiar. Encontrei no caminho desse trabalho experiências como a de André e de Davi que, ainda crianças, tanto aceitaram Jesus antes da família quanto foram os responsáveis pela entrada das mesmas para a Assembleia de Deus.

Para a realização dessa pesquisa iniciei uma relação diferenciada com as crianças da Assembleia de Deus, diferente da relação que costumo estabelecer com crianças em meu ambiente de trabalho. Na Igreja, as crianças estavam em seus momentos de louvor, aprendendo a orar, a fazer suas reverências na entrada do templo, inclinando-se sobre os assentos, realizando apresentações; na Escola Pequeno Príncipe, as crianças faziam apresentações, liam versículos da Bíblia, cantavam canções, realizavam o *Cultinho*; em suas casas a rotina não era muito diferente, como me foi descrita, sob a orientação dos pais, elas liam versículos, buscavam entender a mensagem, cantavam, treinavam bastante para depois poder cantar na igreja, quem sabe até nos cultos do domingo. Estive bem perto dos pequenos, na Igreja, na escola e em suas casas.

Figura 2 - Mapa do Recife/localização do Jordão
(Em amarelo, Recife. Em vermelho, Jordão)



Fonte: IBGE/2010

Nesse estudo, as igrejas evangélicas pesquisadas se localizam na cidade do Recife, que de acordo com os dados do censo realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010 é de 1.536.934 habitantes e desses 20.777, residem no bairro do Jordão. A quantidade de igrejas pertencentes à Assembleia de Deus existentes no Jordão são onze atualmente. O bairro é dividido em duas áreas, para acompanhamento da AD, sendo a parte pertencente ao Recife com 11 congregações e a parte do bairro que pertence à cidade de Jaboatão dos Guararapes com 09 congregações; as igrejas mais antigas da AD que existem no bairro datam da década de 70 do século passado, inicialmente construídas em madeira, aos poucos foram sendo reformadas em templos de alvenaria. Em pesquisa que teve como campo o bairro do Ibura, vizinho ao Jordão, Couto (2001) trouxe ao debate questões relativas à importância da filiação religiosa nos diferentes gêneros e que transformam a vida dos homens e das mulheres, em um espaço e trânsito religioso intenso. O Ibura, assim como o Jordão são bairros da periferia do Recife que entre outras características em comum possuem uma enorme quantidade de igrejas e templos e um pluralismo religioso intenso.

Circular nos três espaços que compõe o campo dessa pesquisa foi uma experiência que exigiu de mim uma disciplina maior, pois até mesmo o modo de me comportar neles foi diferenciado. Estar na escola e nas casas dos interlocutores foi mais simples do que a experiência de estar presente durante os cultos e visitas nas Igrejas. O contato com as crianças pôde ser aprofundado a cada encontro sendo na escola o espaço em que nosso contato direto foi menor, devido ao fato de que elas estavam em momento de aula e eu apenas participei dos *Cultinhos*.

Acredito ser necessário conhecer o uso mais comum que é dado a alguns termos utilizados no campo, vocabulário êmico⁴⁵, para melhor compreensão da dinâmica do mesmo.

Tabela 6 - Vocabulário êmico

Vocabulário êmico	O que significa	Contexto de utilização (exemplos citados pelos interlocutores)
Ser salva	Ir para o céu, para perto de Deus após a morte	É utilizado para o convencimento inicial a fazer parte da religião.
Irmãos	Fazer parte da congregação	Para saudar, referir-se aos membros da Igreja.
Escalado	Ter sido designado para presidir o culto, o Templo Central é que faz a escala.	<i>“O escalado de hoje é o Presbítero José”.</i>
Dar oportunidade	Poder participar mais efetivamente das atividades da Igreja.	<i>“O Pastor Manoel me deu a oportunidade de louvar com uma música!”</i>
Dizimista e ofertante	Pessoas que colaboram com dinheiro	A diferença entre o dizimista e o ofertante é que o primeiro tem uma contribuição financeira sistemática enquanto que o segundo contribui esporadicamente.
Batismo pelo Espírito Santo	Experiência única e pessoal com Deus	Ser batizado pelo Espírito Santo é um fator de grande importância para cada irmão dentro e grupo, os que já passaram por essa experiência referem-se a esse fato com orgulho e os que ainda não passaram expressam a esperança de alcançar.
Falar em línguas estranhas	Glossolalia	Emitir sons que apenas representam significado compreensível para o falante.
Crentes	São as pessoas que creem na palavra de Deus	Termo utilizado para referir-se aos evangélicos de modo mais geral.

⁴⁵ As palavras – termos êmicos, que encontrei ao longo da pesquisa, estão presentes em todo trabalho e especificadas nessa seção quanto ao significado e uso comum no grupo.

Ir para a Glória ou ser guardado por Deus	Morrer	Forma de referir-se a quem morreu: <i>“Irmã Maria está na Glória!”</i> .
Levantado/chamado	Ser convidado para participar de um cargo de mais relevância no grupo. Normalmente são os homens que são chamados/levantados	<i>“Eu fui levantado para servir como presbítero!”</i>
Ceiar	Participar do culto da Santa Ceia	Uma forma de punição ao assembleiano que é comumente aplicada é afastá-lo do Culto da Santa Ceia.
Harpa	Livro de canções	A Harpa Cristã é utilizada em todos os cultos com hinos que são históricos para AD.
Texto áureo	Texto bíblico	Antes da leitura do texto bíblico que será estudado, aprofundado naquele culto, a pessoa que vai ler diz bem alto: “Texto Áureo!” e todos pegam suas Bíblias.
Arrebatados	Ser levado para o céu, para Terra Prometida	<i>“Quando Jesus voltar, os crentes serão arrebatados!”</i>
Separados	Ser salvo	Os evangélicos da AD se denominam separados dos demais, são separados dos pecadores.
Cultinho	Pequeno culto	O Cultinho é realizado na Escola Pequeno Príncipe, quinzenalmente para todos os alunos, evangélicos ou não.
Culto no lar	Culto realizado em casa	O Culto no Lar é uma prática comum entre os assembleianos, nele as crianças aprendem como se comportar no culto da Igreja.
Maestrina	A menina que ensina os gestos das músicas para as demais	A menina que é maestrina tem destaque sobre as demais, ocupa um lugar diferenciado diante do seu grupo.
Membro ou membra	Pertencentes que são batizados, nas águas ou no Espírito Santo.	Ser membro requer uma maior responsabilidade e consequentemente mais cobrança nas atitudes e conduta.
Do mundo	Pessoa que não é assembleiano	Quem é do mundo é pecador, não está salvo, não faz parte da AD.
Aceitar Jesus	Tornar-se assembleiano	Aquele que aceita Jesus, aceitou seu chamado, aceitou ser salvo do pecado.
Ser disciplinado	Passar por um castigo imposto pelo pastor ou presbítero da AD	A irmã Maria não veio para a Santa Ceia porque está sendo disciplinada.

4.1.1 Aproximações com as famílias

As crianças que participaram da pesquisa junto à escola e às famílias estão abaixo descritas:

Tabela 7 - As Crianças

CRIANÇA	SEXO	IDADE	PAIS
Milka	Feminino	Oito anos	Nalva e João
Matheus	Masculino	Doze anos	Nalva e João
Sofia	Feminino	Nove anos	Selma e Daniel
Marília	Feminino	Nove anos	Ana e Samuel
Lívia	Feminino	Nove anos	Sônia e Elias
Andréa	Feminino	Dez anos	Carla e José
Renata	Feminino	Onze anos	Marli e Vagner
Lúcia	Feminino	Nove anos	Eliane e Miguel

Identificação das crianças.

A aproximação com as famílias que fizeram parte dessa pesquisa se deu a partir do contato inicial com a igreja e do próprio conhecimento que já existia da convivência no bairro. Foram priorizadas famílias que tivessem vínculos com a igreja e/ou com a escola para que pudesse estabelecer um entendimento mais bem aprofundado do processo de evangelização das crianças envolvidas. Para que pudéssemos estabelecer uma aproximação fiz visitas nas casas das pessoas que compunham esse grupo, a maioria das famílias envolvidas me conhecia do convívio com a escola que trabalho. Inicialmente eu explicava os objetivos da pesquisa, e perguntava se poderia conversar de modo mais aprofundado na casa deles, a partir daí marcávamos um momento para que eu pudesse lhes fazer a visita.

Tabela 8 - Descrição das famílias

CASAIS	ESTADO CIVIL/TEMPO DE CASADOS	FILHOS/QUANTIDADE	POSIÇÃO/FUNÇÃO QUE OCUPA NA IGREJA
Selma e Daniel	Casados há 11 anos	01 filha	Ele é Presbítero e ela componente do vocal.
Ana e Samuel	Casados há 15 anos	03 filhas	Ele é Diácono e ela componente do coral.
Carla e José	Casados há 20 anos	01 filho e 01 filha	Ambos cantam no vocal.
Nalva e João	Casados há 15 anos	01 filho e 01 filha	Ele é regente do Conjunto e ela é a sua secretária.

Marli e Vagner	Casados há 21 anos	01 filho e 02 filhas	Ele é Vice-Dirigente da Escola Dominical e Auxiliar Oficial da Congregação e ela é Dirigente do Círculo de Oração Infantil.
Sônia e Elias	Casados há 18 anos	02 filhos e 01 filha	Ele é regente do Coral e ela é responsável pelo Círculo e Oração infantil.
Eliane e Miguel	Casados há 13 anos	01 filha e 01 filho	Ambos cantam no vocal.

Descrição das famílias pesquisadas.

Algumas visitas aconteceram à noite, outras à tarde, dependiam do horário em que o esposo estivesse em casa, pois nem todas as esposas trabalhavam fora. Consegui o contato com sete famílias, todas nucleares, com poucos filhos, casais jovens, batizados⁴⁶ nas águas e alguns batizados no Espírito Santo. Mas a escolha por famílias que seguissem essa composição - pai, mãe, filhos - não foi proposital e sim levando em conta a participação das crianças na Igreja e/ou escola.

Uma das visitas, coincidentemente aconteceu no dia de sexta- feira à noite, momento destinado ao culto doméstico que reunia todos os membros dessa família, que morassem ou não naquela casa, que ficava em um grande quintal, com as casas dos filhos construídas em torno da casa dos pais. A matriarca da família havia falecido e quando estava viva criou o hábito de que todos participassem desse grande culto semanal. Após sua morte os demais membros, esposo, filhos, filhas, netos e netas; jovens e crianças, realizavam o culto como de costume, com leituras da Bíblia, reflexões e cânticos. Esse foi o momento mais emocionante das visitas realizadas nas casas, pois após o culto os parentes se confraternizavam, comiam juntos, em uma reunião familiar que falava sobre Deus, amizade e amor. Nessa noite eu senti replicado o mesmo culto que presenciei várias vezes na igreja. As crianças participavam do culto cantando, todos

⁴⁶ O batismo nas águas ocorre por imersão, sendo uma cerimônia coletiva no Templo Central, no caso das AD de Recife. Cerimônia coletiva que reúne centenas de pessoas, que antes precisam passar pelo discipulado para apreender os costumes, a doutrina e iniciar seu processo de evangelização, quando novo convertido. Já o batismo pelo Espírito Santo representa uma importância maior, sendo possível, inclusive ser batizado no Espírito Santo após a conversão, sem ter descido nas águas. O batismo pelo espírito Santo está descrito em Atos, 2. *“Cumprindo-se o “dia de Pentecostes”, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo o céu. E correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e Medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus quanto prosélitos), e cretenses e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto”*.

sentados em círculo na sala de estar da casa, as leituras bíblicas e a condução das reflexões eram conduzidas pelos adultos. Foi na visita ao casal Nalva e João.

João - Hoje mesmo aqui em casa tem culto, na casa de papai, toda sexta- feira, a família toda pela sala, canta vários hinos aí vêm os netos, irmãos, tudinho, tudinho, as crianças também participam. É um culto no lar ampliado, como a gente mora tudo junto, faz na casa de mamãe, que hojetá na glória, na mesma sala que mamãe gostava de fazer... incentivar as crianças a fazer a obra de Deus é bom demais!

Nalva e João são pais de Matheus e Milka, o menino com onze anos e a menina com oito. São casados há quinze anos, os dois se conheceram por intermédio da mãe dele, que aos poucos foi trazendo Nalva para perto da religião e logo ela se batizou; eles casaram em uma cerimônia coletiva proporcionada pela AD, que auxilia os casais que não tem condições financeiras de casar. Nesse casamento coletivo casaram-se dez casais, ao que eles definiram com *“uma bênção”*. A casa localiza-se no quintal dos pais dele, com outros familiares morando ao redor, todos assembleianos. Nessa noite estávamos apenas eu e o casal, acredito que Matheus e Milka foram dispensados para brincar para não participar da conversa dos adultos. Ficamos na sala, que era um cômodo pequeno, bem arrumado, muito colorido, com televisão e computador que depois fui informada que ficavam expostos para que os pais pudessem sempre ver o que os filhos assistiam ou faziam no computador. A casa era bem pequena, mas apenas circulei na sala e na cozinha, por onde entramos. A entrevista fluiu de forma que aos poucos eles foram sentindo-se confiantes e respondiam às questões com naturalidade. Mostravam-se apaixonados, referindo-se o tempo todo um ao outro pela alcunha de *“Mô”*. Matheus é um pré-adolescente de onze anos, bastante tímido e calado. Recentemente realizou o discipulado, não tem aptidão para tocar instrumentos musicais como seu pai que confessou ter vontade que o filho aprendesse algum instrumento para tocar no conjunto musical da Igreja. Sua irmã Milka, ao contrário de Matheus é bastante falante e gosta muito de cantar nos cultos, seja de crianças, seja no culto dos adultos. Desde bem pequena, aos dois anos, Milka já cantava na Igreja e é incentivada pelos pais, realizando ensaios em casa para os dias em que se apresenta na Igreja. Depois da nossa conversa, teve início o culto no lar, na casa ao lado, dos pais de João.

Selma e Daniel são pais de Sofia e são casados há onze anos. Conheceram-se na Assembleia de Deus em uma visita dela na Igreja em que ele fazia parte em outra comunidade, no Bairro do Jordão. Ele é Presbítero e responsável pela Congregação que hoje participam, Castelo Branco II. Selma ressalta a importância que a esposa do Presbítero tem na resolução de problemas entre casais membros da igreja e para acompanhar o marido na necessidade de uma

conversa mais formal com alguma *irmã*. Eles moram no Alto da Jaqueira, próximo a Escola Pequeno Príncipe, onde a filha Sofia estuda. Sofia não é tímida, uma menina muito educada e amorosa, participa de atividades da Igreja como maestrina (ensinando os gestos para as crianças no coral), participa também de encenações e jograis. Em uma atividade, ela estava rouca, quase sem voz, mas participou com responsabilidade e esforço. Vai à Igreja com sua própria Bíblia e quando se encontra doente, pede que sua mãe ore, antes de procurar um médico. Ela diz *“mainha, ora que vai passar...”*. Daniel tem um filho de um relacionamento anterior ao casamento, quando ainda não era assembleiano, Ítalo, e todos moram juntos.

Ana e Samuel são pais de Marília e também de Mariana e Cibeles. Casados há quinze anos, Mariana tem catorze anos, Marília nove e Cibeles seis meses de idade. Conheceram-se ainda adolescentes, quando não eram evangélicos. Ela foi levada à AD por seu irmão Davi que na época tinha nove anos de idade e Samuel, como o mesmo descreve *“aceitou Jesus ouvindo um programa evangélico na rádio quando percebeu que o locutor falava diretamente para ele”*. As filhas maiores auxiliam a mãe nos cuidados com a pequena Cibeles. Mariana é descrita pela mãe como uma menina mais individualista enquanto Marília é muito cuidadosa com os afazeres da casa. Na ocasião dos preparativos para o nascimento da filha mais nova, Mariana acompanhou Ana ao hospital, enquanto Marília ficou em casa com o pai e na hora do almoço, tudo estava pronto e arrumado e o Samuel espantou-se acreditando que Ana já havia voltado do médico. Marília havia arrumado todo o almoço e servido para o pai à mesa. Samuel falou que sabe qual a filha que substituirá a mãe como dona de casa.

Carla e José são os pais de Andréa, com dez anos e Saulo, um rapaz de dezenove, casados há vinte. Carla contou que aceitou Jesus quando seu filho estava doente e no caminho para o hospital um *irmão* fez o convite de antes de socorrer o menino deixar que ele fizesse uma oração pela criança. O filho ficou curado e a partir daquele momento ela decidiu ser evangélica da AD. Seu marido a acompanhou e ambos fazem parte do coral da AD Sonho Dourado. Saulo não faz parte da pesquisa, pois mesmo muito jovem já é casado e mora em outra casa. Ele foi educado na AD e há alguns anos não é mais evangélico, sendo questionado pela mãe porque não retorna à Igreja, ele falou com convicção, como me foi relatado por Carla:

“Mainha, agradeça a Deus por a senhora ter me criado na Igreja, porque eu não fumo, eu não bebo, eu nunca farrei, eu nunca passei a noite fora, então agradeça a Deus”. Aí eu fico só orando.

Saulo justifica para Carla que os princípios ensinados para ele durante todo o período em que pertenceu à AD, dezessete anos, não foram esquecidos nem deixados de lado. A outra filha do casal, Andréa, é maestrina, participa das atividades da Igreja e gosta muito de acompanhar Carla na evangelização que fazem na rua. Andréa entrega a literatura e diz “*Jesus te ama!*”. Andréa se define como evangélica, mas sua mãe diz que ainda é cedo para afirmar. Tanto Carla quanto José demonstram receio que Andréa afaste-se da AD como fez seu irmão. Percebo que eles sentem que de certa forma é responsabilidade dos pais a permanência dos filhos dentro da religião.

Carla: Andréa foi criada na Igreja, também não sei até quando ela vai ficar na Igreja. Eu criei ela desde a barriga dentro da Igreja, mas eu acho que não considero Andréa uma (menina) crente não. Por que ela não tem como se decidir, eu sou ou não sou crente. Eu tô levando pra Igreja, como fiz com Saulo, ela diz “mãe eu sou crente”. Mas ela é uma menina de nove anos! Eu tô fazendo a minha parte como uma mãe evangélica.

Marli e Vagner são pais de Renata, além de Jonas e Rafaela. Conheceram-se na Igreja. Ela retornando para AD após o falecimento da sua mãe e ele já era evangélico. São casados há dezenove anos. Marli contou que “*Deus guardou*” sua mãe quando ela estava com catorze anos e afastada da Igreja, mas sentia muita falta da mãe e folheando a Bíblia que pertenceu a ela sentiu muita vontade de retornar para AD. Nesse período morava em São Lourenço da Mata e decidiu morar no Jordão, em casa de parentes, passado alguns anos, começou a pedir a Deus um casamento e uma família, foi então que se casou com Vagner. São responsáveis pela AD Alto da Jaqueira. Os dois filhos mais velhos Jonas e Rafaela, não fazem parte da pesquisa. Renata é uma menina muito calada, participa do coral infantil e diz que sempre será crente, ela também afirma que sua melhor amiga é sua mãe a quem é muito apegada, ela já fez o discipulado, mas ainda não foi batizada nas águas por medo de se afogar no tanque batismal.

Sônia e Elias são os pais de Lívia, Pedro e Paulo. Casados há dezoito anos, toda a família é evangélica da AD, os dois filhos já são rapazes e Lívia tem nove anos. Eles se conheceram na igreja e são *nascidos na lei*, atualmente ela é responsável pelo Círculo de Oração Infantil e ele canta no coral da AD Alto da Jaqueira. Dos filhos do casal apenas Lívia faz parte da pesquisa, ela é uma menina sorridente, participa do coral infantil como maestrina e está muito próxima das atividades relativas às crianças, pois Sônia é dirigente do Círculo de oração Infantil. Lívia gosta muito de auxiliar na Escola Dominical, nos grupos de crianças com idade menor que a sua.

Eliane e Miguel são os pais de Lucia e Luís, evangélicos desde a adolescência, eram vizinhos quando se conheceram e começaram a namorar. São casados há treze anos, Lúcia tem nove e Luís quatro anos. Ambos participam do Coral da AD Alto da Jaqueira. Seus filhos Lúcia e Luís participam das atividades da Igreja, porém Luís é uma criança com necessidades especiais e possui limitações que o impedem de participar de modo mais efetivo. Lúcia é uma menina bastante inteligente, doce e educada, participa da Escola Dominical, vai para a Igreja acompanhada por Sofia que é sua melhor amiga. Lúcia canta no Coral Infantil e geralmente vai à Igreja com as vizinhas evangélicas durante a semana e aos sábados, pois muitas vezes Eliane precisa cuidar de Luís.

Como foi dito no início dessa sessão o critério utilizado para aproximação com as famílias foram as crianças, foi a afinidade e o conhecimento que existia entre nós, construído através da convivência no bairro. Também levei em conta a aceitação dessas famílias em participar da pesquisa. As idades das crianças variam entre 08 e 12 anos (adolescente), sendo a mais nova Milka com 08 e a mais velha Matheus com 12. A variação das idades possibilitou observar a mudança de comportamento e a passagem pelos grupos da Escola Dominical, que são organizados por faixa etária, bem como a atuação dessas crianças nas atividades desenvolvidas na AD.

4.1.2 O casal assembleiano

Para que o casamento aconteça, o casal precisa ser batizado e para ser batizado, se morarem juntos precisam ser casados. O batismo é a porta de entrada para que o crente possa participar de qualquer atividade institucional dentro da Igreja, mesmo os adolescentes só começam a ter responsabilidade nas atividades após o batismo. Enquanto não é batizado o evangélico não é considerado “membro do corpo de Cristo”, apenas congregado. É possível que uma pessoa divorciada seja aceita na Assembleia de Deus, no contexto do campo dessa pesquisa, mas não poderá ocupar funções de destaque na congregação, apenas se ela, mesmo divorciada, casar-se novamente na Assembleia de Deus. No seu trabalho, *“Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar”*, Machado (1996) traz vários exemplos de como se organizam as pessoas divorciadas que são católicas e pentecostais e de como esse estado civil importa na vida religiosa. A Igreja auxilia os casais que não tem condições de promover a cerimônia, como descrito abaixo sobre batismo e casamento.

Nalva: Pra se batizar a gente tem que ser casado, casado mesmo (ele). Tem que ser casado porque a Igreja não aceita batizar sem ser casado, até mesmo pra fazer parte de algum órgão da Igreja a gente tem que ser ou membro da Igreja, no caso se batizar, a gente chama membro da Igreja. Pra fazer parte de qualquer órgão. Uma família que teve muitos anos, não são casados no papel, aí tem que casar. Se for preciso até a Igreja ajuda a fazer o casamento. O da gente quem fez foi a Igreja, reuniram as Igrejas, não, vamos fazer o casamento, aí nessa época, a gente e mais uns dez, não foi? Uns dez casamentos. Teve dez casal. Foi uma bênção!

Como pude observar no discurso dos casais entrevistados de um modo geral, nas pregações destinadas às famílias, nos textos históricos e instrucionais produzidos pelo Templo Central, e finalmente por inserções da bancada evangélica na vida política do país há um movimento direcionado para garantir que as ideias acerca do modelo familiar sejam garantidas por lei. Para ser crente é necessário parecer crente; para ser uma família crente é necessário que a família, haja, pareça, comporte-se como uma família crente. A questão que está subjacente ao modelo de uma família crente está diretamente direcionada a construção e manutenção do *ethos* pentecostal assembleiano. O controle da igreja sobre a vida privada dos casais e do comportamento familiar ocorre para que a igreja permaneça e fortaleça o grupo diante das demais instituições religiosas. Mostrar a diferença de comportamento, vestimenta, hábitos privados que fazem parte do cotidiano dos membros fortalece a ideia de que esse modelo é o ideal a ser seguido, reforçando a crença de que os que serão *salvos e arrebatados quando Jesus voltar* vivem dentro desse modelo familiar; por outro lado, reforça a ideia de que são diferentes de outras famílias. Nesse sentido, para construir-se como um verdadeiro crente é preciso aceitar as regras que são apresentadas pela AD, através de seus pastores, diáconos e presbíteros quando acontece o processo de iniciação religiosa do e no caso dos que *nascem na lei*, comportar-se dentro da rigidez imposta.

Machado (1996) discute dentro dessa mesma ideia da construção do *ethos* evangélico a justificativa que sustenta a aceitação das regras e dos costumes, para a autora, a construção de regras disciplinares que definem o que os fiéis podem e que não podem fazer exercem uma função complementar essencial ao crescimento e à permanência do grupo, quando da sua inserção no Brasil, não sendo suficiente conhecer a doutrina e aceitar a salvação pela fé.

O rígido controle exercido pela comunidade não tinha a finalidade exclusiva de ajudar o protestante na busca da perfeição cristã. Servia também para distingui-lo do católico e constituía a base para a evangelização deste último. Afinal, se os protestantes se consideravam corretos em suas doutrinas e costumes, aqueles que não seguiam suas regras necessitavam de ajuda para abandonar os valores mundanos, e nesse sentido a vida exemplar dos missionários e crentes poderia ser um passo importante (MACHADO, 1996, p. 85).

A autora se remete ao pensamento durkheimiano de que por ser uma religião minoritária, o controle moral dos seus adeptos pelos demais e pelos seus líderes os distanciaria de uma convivência social mais ampla (MACHADO, 1996, p. 86). Apresentando uma forma recatada de se vestir, a não participação em festas considerados do mundo, a presente ideia de ser separado do mundo, como explicação para ter sido retirado por Deus do mundo dos vícios e do pecado também auxiliam na composição do *ethos* assembleiano.

Outra questão que se faz presente é a observação que realizei no campo dessa pesquisa acerca do gênero e do exercício dos papéis masculino e feminino dentro da igreja e da família, o papel desempenhado pelo casal assembleiano, mais especificamente no espaço da casa. Nas famílias pesquisadas, tanto o homem quanto a mulher são assembleianos. Esse fator me levou a refletir sobre as questões relativas ao desempenho dos papéis na esfera religiosa e doméstica bem como na convivência familiar. Ao contrário de outras pesquisas que observaram casais em que apenas um dos componentes era evangélico (WILLEMS, 1967; PAGE, 1984), no presente campo, todos os casais são evangélicos da Assembleia de Deus. A participação em algumas atividades dentro dos lares, a convivência e os relatos nos põe diante de relacionamentos conjugais pacíficos, respeitosos, vigiados pela Igreja e pelos demais membros, todos demonstram serem muito alegres e felizes.

As atividades domésticas são realizadas pelas mulheres, o cuidado com a educação dos filhos – ficando bem explícito que no que diz respeito às orientações religiosas, o pai se mostra presente – a docilidade, a conciliação, o modo de “falar baixo”, são papéis femininos bem definidos; o homem aparece como provedor da casa, aquele que é mais severo, que combina as coisas com a esposa. Mesmo nas famílias em que a mulher trabalha fora, ela “ajuda” o marido e ainda realiza todas as tarefas da casa. A posição da Assembleia de Deus de interferir junto aos casais, orientar, aconselhar, punir, é aceita pelo homem, em contraste com a herança da família tradicional, em que o homem, chefe da família, decide sobre todos. Nas relações de poder estabelecidas entre o casal entra um terceiro elemento que é o pastor (presbítero ou diácono), hierarquicamente o marido está acima da esposa e o pastor acima dos dois. Acredito que entender a casa como uma extensão da Igreja, no sentido da repetição de atividades; realização do culto doméstico; influência direta da orientação dos pastores, presbíteros, diáconos na resolução de problemas matrimoniais; divisão das tarefas organizacionais entre o casal, quando o marido ocupa uma função na administração religiosa da Igreja é um fator que precisa ser visto como relevante na continuidade, fortalecimento e crescimento da AD no Brasil e mais precisamente no âmbito em que se realiza essa pesquisa. A forte ligação casa/Igreja reforça os laços de identidade estética e comportamental dos crentes à sua religião, adentrando a casa no

espaço da Igreja e a Igreja no espaço da casa. Entendo que essa extensão espacial está diretamente ligada à inclusão e adesão dos padrões tradicionais no que se referem ao comportamento, usos e costumes, que representam no corpo e na ação da doutrina expressa na Bíblia.

As representações sociais e ritualísticas que podem ser compreendidas a partir do cotidiano doméstico e as observações no espaço da casa apresentam especificidades no caso brasileiro, como descrito por Freyre (1936) e da DaMatta (1997), trazendo o espaço da rua em oposição ao espaço da casa. Percebemos que essa oposição não ocorre entre o espaço da casa assembleiana e o espaço da Igreja (não doméstico), o que revela, ao contrário, uma repetição de rotinas, rituais, atividades vivenciadas pelos componentes das famílias (pais, mães, filhos, primos, avós...) tanto no cotidiano da Igreja quanto no cotidiano da casa. A importância social da família para estabelecer ordens necessárias à compreensão de sistemas temporais e afetivos na vida dos sujeitos mescla-se com as rotinas estabelecidas pela Igreja. Acredito que esse fator contribua para que os papéis definidos como se fossem naturalmente destinados às mulheres dentro das casas repitam-se, em certo modo na composição organizacional da Igreja. Os rituais tidos como de menor importância e visibilidade ficam a cargo das mulheres e os rituais e funções com maior visibilidade política e social, são destinados aos homens. Nesse sentido, concordo com DaMatta (1997) quando o mesmo defende que,

O mundo diário pode marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos de poder ressaltam apenas os homens; a vida diária centra a vida da casa nos adultos, mas num cerimonial como o Natal as crianças adquirem uma importância extraordinária; as regras normais de denominação de trabalho se certificam da manutenção da hierarquia e das fronteiras rígidas entre as pessoas que representam essas posições no desenrolar da vida comum (...) (DAMATTA, 1997, p. 39).

Ocorre que a mulher compartilha com o marido das obrigações referentes à função que *ele* ocupa na Igreja, mas efetivamente não pode galgar funções de maior destaque dentro da congregação (FRESTON, 1994; MAFRA, 2001). As funções de caráter secundário, do ponto de vista da hierarquia são destinadas às mulheres, tanto na casa quanto no espaço da Igreja, o que acontece de modo não conflituoso dentro dos dois espaços, nesse caso de forma naturalizada por ser a casa uma extensão da Igreja e mais específico ainda no caso dessa pesquisa, o fato de que todos os membros das famílias são assembleianos. Destacamos dois relatos de um dos casais que fazem parte desse trabalho, discorrendo sobre as atribuições e papéis de cada um junto à congregação.

Daniel: A família é a Igreja dentro de casa, a continuação da Igreja, não adianta eu ser Igreja só no templo, eu tenho que ser Igreja na minha casa também o que eu aprendo lá na Igreja eu tenho que dar continuidade na minha família, dentro de casa. Na verdade a esposa é cinquenta por cento do Ministério do marido. Ela implica nas mesmas responsabilidades que o obreiro tem, então do mesmo jeito que ele é olhado, observado, ela também é, ela sabe disso, né? Então quando o obreiro é *levantado*⁴⁷, tudo é observado.

Selma: Eu tenho por obrigação de acompanhar ele, até porque em certas situações ele não pode resolver só, têm situações de mulheres que ele não pode resolver, então eu tenho que tá ao lado dele pra auxiliar, e até assim, conversas com mulheres casadas o pastor orienta ele não estar só: *esteja com sua esposa acompanhando!* O testemunho fala mais do que as palavras. Avida, a vida da gente é o exemplo maior do que dizer que faça.

A diminuição dos conflitos dentro o lar, das tensões domésticas, como outra característica do evangélico (MACHADO, 1996), sugerem estudos acerca de gênero e pentecostalismo, definição e atribuição de papéis aos homens e às mulheres. Pois a variação dessas atribuições, de acordo com a autora irá ocorrer a partir do processo de iniciação religiosa do casal, se solitária ou conjunta. Contudo, a iniciação religiosa, quando acontece em pares, no meu entendimento, auxilia na relação conjugal, do ponto de vista afetivo, mas não refazendo o caráter assimétrico da relação, nos dois espaços citados, Igreja e casa/família. A necessidade de fazer parte das mesmas atividades que a esposa faz, quando o esposo não é convertido, fez com que Samuel começasse a sentir vontade de aceitar Jesus.

Samuel: Eu já vinha com o coração quebrantando devido a ela, e que ela ia pra Igreja com a minha filha e eu sabia que tava faltando uma parte de mim ali. Uma certa ausência da minha parte porque eu não era muito presente, realmente eu não era muito presente. Assim, eu era presente como todo pai era, de botar alimento dentro de casa, comprar uma roupa, um remédio, um negócio, presente nesse sentido, mas presente assim pra gente sentar, conversar, brincar com a criança, ter aquele momento família, eu não tinha esse momento. Quer dizer, eu deixava ela, e o momento família que eu tinha era com as pessoas que diziam que eram meus amigos, então eu dava mais importância aos meus amigos do que à minha própria esposa e minha filha e isso Deus já vinha mudando meu coração.

A reflexão sobre as ausências nos momentos destinados à família motivou Samuel a aceitar Jesus, ficando mais perto da esposa e da filha (nessa época eles tinham apenas uma filha, atualmente são três), tanto nas atividades da Igreja, quanto no convívio doméstico. O modelo familiar presente no campo dessa pesquisa está diretamente ligado ao modelo defendido pela instituição religiosa Assembleia de Deus e, como descrito no Livrinho de estudos de casais,

⁴⁷ *Levantado* tem aqui o sentido de ter sido escolhido dentre os demais responsáveis pela congregação para exercer uma função maior dentro da AD.

produzido pela AD “A Família Segundo o Padrão Divino⁴⁸” (2015), “*a família que confia no Senhor e se submete à sua santa vontade permanecerá guardada e protegida*” (p. 01). Tenho percebido que a importância que é dada aos casais evangélicos é muito grande, a exaltação da família, exemplos de casais bem sucedidos de mulheres apaziguadoras de conflitos dentro de seus lares⁴⁹. Nas atividades das crianças, que precisam de uma preparação bem cansativa, com recursos de cartazes, lanches, presenciei mais de uma vez, no momento dos agradecimentos, os pastores referindo-se à esposa com orgulho pelo trabalho realizado. Nas ocasiões da Escola Dominical, o responsável pelo culto apresenta sua esposa e filhos que estejam presentes naquele momento. Mas a importância da família para os evangélicos da Assembleia de Deus vai bem mais além que a demonstração de orgulho ao apresentar sua família à igreja. O modelo familiar, pai – mãe – filhos tem sido defendido nas falas de todos os casais entrevistados, revelando no meu entendimento, a defesa de um modelo que permanece como único para o *ethos* familiar assembleiano. Não acreditam nem defendem novos arranjos familiares, que não seja o modelo pregado pela Igreja. Para o crente o casamento é uma *benção de Deus*, e a constituição da família representa o desenvolvimento de um papel social e possibilidade de avanço no status da congregação, como descrito acima. A defesa da instituição do casamento é um discurso comum e bem afinado com os ensinamentos bíblicos da Assembleia de Deus, sendo realizados cultos específicos para os casais mensalmente e seminário anual. A cobrança da presença dos congregados nesses eventos é realizada ao final dos cultos ordinários. No discurso em defesa do modelo familiar heterossexual, feito pelo interlocutor Elias, percebemos a presença de argumentos que revelam uma aproximação com as questões atuais acerca das composições familiares homoafetivas, adoção e o embate da AD em relação a esse assunto. Abaixo segue descrito trecho da entrevista.

Elias: Nós defendemos a heterossexualidade. Se você for olhar pela estruturação da família, é um ponto difícil de se falar pelas polêmicas que temos hoje em dia, mas é impossível dizer que é algo normal, quando toda sociedade julga, ela diz que não é normal a questão da homossexualidade e também quando eles querem que as pessoas aceitem, respeitem, mas não se dão nenhum respeito, valor pra isso, eu não tenho motivos pra acreditar que eles estão certos, é o contrário. Eu só tenho família se eu tiver um lar, se for um encontro. Isso é inevitável, a família só existe porque existe o

⁴⁸ O referido Livro para estudo dos casais é composto pelas seguintes lições: Lição 1- O Casamento; Lição 2- A Família; Lição 3- A Importância da Sexualidade no Casamento; Lição 4- A Comunicação na Família; Lição 5- A Família e a Criação dos Filhos; Lição 6- A Família e o Combate à Mentira; Lição 7- A Família Vencendo os Conflitos; Lição 8- A Família Vencendo pela Oração; Lição 9- A Família e o Cuidado com as Finanças; Lição 10- A Família e o Altar da Oração.

⁴⁹ Ao ser questionada sobre a orientação recebida na igreja de como a mulher deve se portar no lar, a interlocutora Carla assim respondeu: “Sim, é dito pelos pastores, pelos escalados que vem, que “*a mulher sábia edifica sua casa e a tola destrói*”. Então, se meu esposo não é evangélico eu não posso tá, de manhã tem ciclo de oração, de tarde tem consagração, de noite tem culto. Eu não posso tá os três horários, pois se meu marido não é evangélico vai ter confusão dentro de casa”.

casal heterossexual, tem o pai, tem a mãe e tem os filhos, só acontece por causa disso. Aí querem que a Igreja, as pessoas da Igreja aceitem, a própria Igreja mude, a Bíblia, a palavra de Deus, por conta da vontade deles, isso não vai acontecer nunca. Vai acontecer sim, perseguições por que já tá predito na palavra.

No discurso de Elias, estão presentes elementos que são constantemente ressaltados pelos assembleianos em defesa do modelo familiar em que acreditam. A não possibilidade de procriação, a negação de outros modelos perante o texto bíblico, bem como a crença na palavra bíblica como regra única de fé e de conduta de vida. A preocupação com a educação dos filhos em relação à orientação sexual dos meninos, também está presente na fala de João e Nalva, pais de duas crianças, uma menina e um menino, Matheus e Milka. Referindo-se a esse assunto, eles afirmam seus receios.

Maria Edi: A orientação dada aos dois é igual, para o menino e para a menina?

João: Não, as cobranças que eu não comento com ela porque ela é muito criança ainda, é só por causa de namorado, eu falo, ó namorar...A....., não painho eu não quero namorar, quero nem ver namorado. É, mas isso é agora! Namorar, não! Você vai estudar terminar seus estudos, arrumar trabalho, um dia quando você começar a paquerar, gostar de um namorado, você antes fale com painho e com mainha, antes de qualquer coisa, trazer em casa, por que foi assim com as minhas irmãs, traziam o namorado em casa, conversavam com papai e com mamãe, tá certo, venha tal dia, tal dia e tal dia e saía tal hora, era assim...

Diferentes formas de conjugalidade, filiação e parentalidade estão presentes nas famílias homoparentais que baseiam seus laços na afetividade, rompendo com a lógica heteronormativa de formação familiar. Estando muito distante de ser aceita como possível pela ótica assembleiana, tanto a formação da família como as questões de sexualidade dos filhos passam por uma ideologia aprendida nos textos bíblicos. Conhecer quem é seu filho do ponto de vista da sua orientação sexual é uma preocupação para os pais e para os membros da igreja. A instituição familiar não é estática, vem sendo modificada a partir das relações estabelecidas entre seus componentes, Sarti (2003), define família como um mundo de relações. E as relações são estabelecidas e experienciadas entre pessoas, não cabendo para isso, formatos estáticos.

Ainda sobre os debates atuais acerca das configurações familiares, podemos citar o trabalho de Fonseca (2008), que discute sobre homoparentalidade fazendo um paralelo entre a formação familiar nuclear, filiação adotiva e tecnologias reprodutivas assistidas. A autora afirma que as discussões sobre homoparentalidade nos obrigam, de certa maneira, a repensar

as categorias básicas do parentesco⁵⁰, fazendo com que pensemos no que é “natural”, considerando os novos agrupamentos. As pesquisas que se debruçam sobre as relações familiares fortalecidas por laços afetivos, sem necessariamente serem formadas por laços consanguíneos, levam em conta a busca de casais *gays* por um aparato legislativo e jurídico que os defendam (CARSTEN, 2004; WESTON, 1992). Questões como direitos, garantias previdenciárias, herança e partilha de bens, surgem dos conflitos vividos pelas pessoas envolvidas nessas configurações, bem como a definição dos papéis dos adultos em relação às crianças/filhos.

Em lugar da definição de uma essência espiritual, biológica ou antropológica da família, fundada no gênero e no sexo ou nas leis do parentesco, e em lugar daquela, existencial, (...) foi instituída outra, horizontal e múltipla, inventada pelo individualismo moderno e logo dissecada pelo discurso dos especialistas. Essa família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado (ROUDINESCO, 2003, p. 155).

Concordo que os lugares ocupados dentro da família homoparental não são fixos, diferente do modelo de família formado por casais heterossexuais, o que me faz refletir sobre as diferentes formas de configuração familiar. Outras definições de lugares de poder dentro do grupo social familiar vêm surgindo, quebrando hegemonias, redefinindo papéis. Embora as novas configurações familiares sejam em menor número que os modelos heteroafetivos, a bandeira que vem sendo levantada em sentido contrário a essas formações tem tido uma grande expressividade por parte dos evangélicos da AD, exemplo do Estatuto da Família. Saindo em defesa de um modelo familiar que une política e religião em debates bastante acirrados na sociedade brasileira atual.

4.2 Aproximações com a Igreja

O segundo espaço do campo pesquisado foi a Igreja, em momentos destinados às crianças e em outros em que os adultos eram protagonistas, a exemplo do culto da Santa Ceia. Estive em várias atividades que envolviam crianças e adultos: Festas do Conjunto Infantil, Festas do Círculo de Oração Infantil, Escola Dominical, Escola Animada, Encontro de Crianças, Congresso das Crianças e nesses momentos pude estreitar mais ainda o contato com as famílias. São três as Igrejas em que intensifiquei a participação: AD Castelo Branco II, AD

⁵⁰ Com o avanço da tecnologia reprodutiva, a inseminação artificial, ou mesmo a fecundação natural de uma das mulheres de um casal de lésbicas, abre a possibilidade de que as duas sejam consideradas mães biológicas, ou como revela Fonseca (2008), podendo uma ser a mãe e a outra “co-mãe”.

Sonho Dourado e AD Alto da Jaqueira, tendo ainda visitado a AD Jardim Jordão e AD Jaqueira Baixa, uma vez apenas em cada uma delas. As crianças são sujeito da atenção dos adultos, dedicando para elas muito tempo, envolvimento e compromisso na ação de evangelizar. Os caminhos que me levaram a adentrar no campo da pesquisa foram construídos tanto de modo externo, passando por todos os elementos burocráticos que compõem os pedidos de autorização para frequentar a igreja e a escola e solicitando visitas nas casas das pessoas, como na elaboração de estratégias de aceitação e permanência dentro da igreja, que para mim foi a experiência que exigiu maior disciplina e preparação.

Ao pensar na realização dessa pesquisa em três espaços distintos que formam o campo, havia sido alertada que não seria uma tarefa simples. Como chegar à igreja? Como chegar ao Templo Central? Participar do *Cultinho* na escola seria fácil? O rigor da Assembleia de Deus sempre foi visto por mim como um possível problema, mas, desafios são próprios dos trabalhos de campo. O primeiro passo foi tentar obter a permissão do Templo Central⁵¹ da Assembleia de Deus, que será descrito adiante, pois ir diretamente às congregações não seria o caminho mais indicado. Através de um amigo evangélico, foi possível chegar até a pessoa responsável pela formação dos professores que atuam nas Escolas Dominicais e marcar um horário para ser atendida no Templo Central. Após uma conversa inicial com o secretário responsável, explicando os objetivos da pesquisa, precisei esperar por quarenta dias para que o pedido fosse negado, contudo tive a permissão de participar das atividades nas congregações do bairro. Foi preciso um ajuste metodológico, pois inicialmente havia a intenção de participar das formações dos professores.

Insistindo com os dirigentes do Templo Central, obtive a permissão de frequentar as atividades que acontecem nas igrejas, no caso da minha pesquisa, no bairro do Jordão, Alto da Jaqueira.

Contudo respeitando a exigência de que usasse saias para comparecer às atividades, eles disseram “*só tem uma coisa que a senhora vai ter que fazer: usar saias ou vestidos*”. Não só aceitei a exigência imposta, como não usei adereços como brincos, colares, pulseiras; não deixei meus ombros à mostra; não fui à igreja com os lábios e as unhas pintadas. Essa postura foi questionada por algumas pessoas, até mesmo por colegas antropólogos, que achavam um cuidado exagerado e desnecessário.

Concordo com o que diz Pires (2011) acerca da necessidade de estabelecer um contato muito próximo do nativo. A autora afirma que,

⁵¹ Adiante iremos nos deter sobre a denominação Templo Central.

De um ponto de vista antropológico, o pesquisador deve ser capaz de observar a comunidade de uma perspectiva interna. Isso não quer dizer que ele deva se transformar em nativo, mas, sim, que as suas dessemelhanças em relação aos nativos não devem ser um impeditivo para a relação. Um dos desafios do pesquisador é conseguir manipular a sua presença no campo de modo que respeite as normas de interação social reinantes e as especificidades daquela comunidade e, ao mesmo tempo, consiga se inserir de maneira efetiva, a fim de realizar sua pesquisa satisfatoriamente (PIRES, 2011, p. 62)

As iniciativas que resolvi tomar com relação à minha aparência foram estabelecidas com a intenção de tornar mais fácil a minha permanência na Igreja, tanto para os evangélicos quanto para mim. Em respeito às regras impostas e também para poder me aproximar sem maiores constrangimentos de ambos os lados. Percebi com o passar do tempo que os membros da Igreja, que sempre me viam fazendo anotações no meu caderno no decorrer dos cultos, estavam mais acostumados com a minha presença. Contudo, estar ali dentro da Igreja nos momentos de culto, destinados às crianças ou nos cultos dos adultos⁵², foi uma tarefa difícil para mim e, se ainda assim frequentasse de forma a impor minha presença tornaria tudo ainda mais complicado. Não é preciso acreditar no que nosso interlocutor acredita, mas é preciso respeitar o que ele acredita.

De modo que, ao aceitar a imposição do Templo Central e fazê-lo da minha forma, apenas exercitei o respeito ao nativo ao mesmo tempo em que tentei tornar mais simples minha aceitação naquele espaço repleto de restrições. Muitas vezes fui chamada a “aceitar Jesus”, “querer ser salva” ao final de cada culto e a experiência de ser o centro das atenções de toda uma plateia que se voltava em minha direção foi outra experiência que ora registro. Em uma das vezes, o pastor, ao encerrar o culto, agradecia a presença dos visitantes e citou meu nome ao que já completou perguntando: “*a senhora quer ser salva hoje?*” Como eu poderia dizer que não queria ser salva? E naquela fração de segundos que durou uma eternidade, todos olhando para mim, respondi: “*Hoje não*”.

A frequência com que os assembleianos tentam evangelizar, “salvar”, “trazer para Cristo” os que não são evangélicos não é possível de ser mensurada, pois eles fazem isso o tempo todo e, se percebem que dentro do culto há alguém que é apenas visitante, não deixam passar a oportunidade de convidar abertamente a aceitar Jesus, levando o visitante a sentir-se diferente dos demais, ressaltando que eles estavam salvos e iriam para o céu enquanto que aos que não aceitaram Jesus, o futuro não seria nada promissor. Nesses momentos refletia sobre o

⁵² Participei apenas de alguns momentos destinados aos adultos e às crianças, mas uma única vez ao Culto da Santa Ceia que é realizado à noite e é mais frequentado por adultos. Essa é uma cerimônia fechada que só tive autorização de participar porque neste mesmo dia acontecia o aniversário do Conjunto Musical. As crianças participam ao lado dos pais e responsáveis, mas as atividades como cânticos, leituras, são realizadas por adultos.

exercício antropológico de entender a diferença; nesse instante a antropóloga é que ocupava o lugar do diferente, examinada, observada, fora de lugar.

A dinâmica de realização dos cultos aconteceu em um mesmo formato nas três Igrejas em que pesquisei, seguindo um padrão estabelecido para todas as congregações da Assembleia de Deus, abaixo descrevo essas etapas:

▪ **Etapas de desenvolvimento do Culto:**

- Ao entrar no Templo todos os assembleianos, adultos e crianças ajoelham-se voltados sobre os bancos de madeira para orar, de modo silencioso;
- Às 19:00 o escalado bate na campainha para que todos que estejam sentados fiquem de pé e ouçam a oração inicial que dará início ao culto. Todos cantam 03 Hinos Congregacionais que fazem parte da Harpa Cristã;
- Depois desse momento inicial, o escalado dá oportunidade para os grupos musicais da Igreja cantarem um Hino;
- Momento da leitura da palavra;
- O escalado dá mais uma oportunidade para outro grupo musical da Igreja. Faz uma oração em agradecimento ao dizimistas e ofertantes e oportunidade para alguém ou grupo musical cantar enquanto são recebidas as ofertas;
- Explanação da palavra;
- Avisos;
- Oração final.

As etapas acima descritas são de um culto noturno, mas são as mesmas se o culto acontecer pela manhã. À noite é o culto mais formal, ou a Santa Ceia, uma atividade que considero muito importante fazer a descrição. O convite surgiu de repente, pois a cerimônia é restrita, inclusive com as portas fechadas, permitida apenas aos assembleianos, mas que na noite desse mesmo dia seria a comemoração do aniversário do conjunto musical dos adultos e algumas pessoas convidadas puderam comparecer, Selma me convidou e logo aceitei. O que me chamou a atenção inicialmente foi o fato das portas da frente da igreja estarem fechadas, apenas sendo possível entrar por uma pequena porta lateral, logo depois a quantidade de pessoas que iam chegando, convidadas de outras congregações e o trabalho dos diáconos e presbíteros para acomodar a todos. A Santa Ceia acontece em dias diferentes para cada Igreja: no Sonho Dourado é na quarta quinta-feira do mês; no Castelo Branco é na quarta terça-feira do mês e na

Jaqueira Alta na primeira terça-feira do mês. Esse calendário facilita a visita do pastor nas Igrejas durante as semanas. Logo a Igreja estava apinhada de gente, o calor era grande e os obreiros, presbíteros e diáconos cuidavam para acomodar todas as pessoas.

O culto da Santa Ceia seguiu as mesmas etapas que os demais cultos, porém havia uma formalidade maior, eram muitas pessoas presentes, mais adultos que crianças. Três momentos que destaco nesse culto foram a ceia propriamente dita, quando é ofertado aos assembleianos o pão e o vinho⁵³, em bandejas douradas, poucas foram as pessoas que não receberam, as crianças a partir dos doze anos que já são batizadas já podem ceiar. O segundo ponto foi a quantidade de assembleianos que falavam em *línguas estranhas* ao mesmo tempo, no momento em que o pastor começou fazer a reflexão sobre o texto bíblico, tanto ele quanto várias pessoas começaram a falar em línguas, uns gritavam, outros choravam e duas mulheres desmaiaram sendo auxiliadas pelos presbíteros que estavam dentro da Igreja. O terceiro ponto que destaco é o quanto saí impressionada, tendo inclusive muita dificuldade em conciliar o sono, ainda não havia presenciado nenhuma manifestação de glossolalia no decorrer da pesquisa e foi uma experiência impressionante, não fui capaz de compreender nenhuma das palavras que antecediam o momento de êxtase, apenas que as orações são feitas de modo individual e as palavras proferidas de forma particular, em uma experiência vivida de maneira diferente por cada pessoa ali presente. Ao final um semblante aliviado e feliz foi o que pude identificar no rosto dos assembleianos. Não percebi nenhuma das crianças que se encontravam presentes nesse momento *falando em línguas*, mas os que não se encontravam recebendo a comunicação com o Espírito Santo mantinham-se de olhos fechados e em oração.

No que concerne à organização espacial das Igrejas percebi que a arrumação dos móveis dentro do Templo segue um padrão, com a disposição dos assentos, localização do pastor e dos presbíteros sentados atrás do púlpito (como pode ser observado nas fotografias exposta na galeria de imagens dessa seção e nos croquis das Igrejas). Em todas as Igrejas há o nome *JESUS*, em letras douradas e grandes na parede frontal, para onde boa maior parte dos assentos está voltada. A destinação dos assentos laterais são para os conjuntos da própria igreja e conjuntos visitantes de outras comunidades, os demais visitantes sentam-se nos bancos de trás, separados homens e mulheres. As crianças sentam-se nos bancos laterais.

Quanto à organização das turmas de crianças para a Escola Dominical, observei que são organizadas para as classes por faixa etária e seguirei descrevendo uma das atividades que tive

⁵³ Depois do culto me informei que, em lugar de ofertar vinho, é utilizado suco de uva industrializado e pão comprado na padaria do bairro.

oportunidade de observar: a Escola Bíblica De Férias que foi etnografada em 27 de julho de 2013, com o tema “*Um vôo com Jesus*”.

A partir do tema central apresentado, são divididos os sub-temas para cada grupo de faixa etária diferente, como variados níveis de aprofundamento. Essa EBF aconteceu na AD Sonho Dourado. O referencial bíblico utilizado foi Timóteo⁵⁴, 2-16. Essa atividade aconteceu em dois turnos, com a presença de 75 crianças pela manhã (Vôo 1) e 145 à tarde (Vôo 2), somando 220 crianças presentes. Algumas crianças que compareceram pela manhã não retornaram à tarde, mas mesmo assim o número da tarde foi bastante expressivo. Elas voltavam para suas casas para almoçar e à tarde o trabalho recomeçava. Encontrei uma menina que pela manhã estava com seu irmão, mas à tarde compareceu sozinha, ao perguntar por que seu irmão não estava presente ela respondeu: “*só Deus pode obrigar*”. A atividade teve início dentro do salão principal da Igreja e posteriormente as crianças foram separadas por faixa etária como descrevo a seguir:

Tabela 9 - TEMA: “*Um Vôo com Jesus*”

FAIXA ETÁRIA	DENOMINAÇÃO DO GRUPO	SUB-TEMA	ATIVIDADE PRINCIPAL
De 03 a 04 anos	Maternal	Jesus: Um Bebê Especial	Contação de história com pintura e desenho copiado
De 05 a 06 anos	Jardim da Infância	Pecado	Contação de história com pintura e desenho copiado, diferentes da turma anterior
De 07 a 08 anos	Primário	Missão	Leitura bíblica e sabatina
De 09 a 10 anos	Juniores	Formação da Família	Leitura da Bíblia e reflexão
De 11 a 12 anos	Pré-Adolescentes	Ser Crente	Leitura bíblica e reflexão
De 13 a 14 anos	Adolescentes	Obediência	Leitura bíblica, reflexão e sabatina

Faixa etária: 03-04 anos/ Maternal: Sub-tema Jesus um Bebê Especial, depois de contar a história do nascimento de Jesus a professora falou que o coração limpo, sem pecado é branco; verde é nova vida em Cristo Jesus; coração preto representa as trevas; vermelho é o

⁵⁴ “Tu, porém permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido. E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”.

sangue de Cristo; amarelo é aceitar Jesus no coração. A professora usa chupetas com cada cor que foi definida. Atividades para que as crianças pintem.

Faixa etária: 05-06 anos/Jardim da Infância: Sub-tema foi o pecado. A professora apresenta um “plano de salvação” para limpar o pecado do coração e também faz a analogia das cores enquanto põe as chupetinhas coloridas no desenho do bebê Jesus: Amarelo: céu feito por Deus; preto: escravidão, trevas, pecado, coração sujo, com ruindade; vermelho: sangue de Jesus, derramado na cruz por nós; verde: nova vida em Cristo Jesus, árvore frutífera; branca: paz, coração limpo. Nessa turma uma das crianças mascava um chiclete e a professora pediu que tirasse e disse *“mascar chiclete na hora da ED é falta de temor a Deus, falta de reverência”*.

Faixa etária: 07-08 anos/Primário: Com o sub-tema missão a professora conduzia a atividade através de conversa, retirada de perguntas previamente preparadas de dentro de uma caixa para as crianças e iniciou perguntando: *“Quem fala de Jesus na escola?”*.

Faixa etária 09-10 anos/ Juniores: O sub-tema foi a formação da família e o professor falou *“Aí José disse: Oxente como é que Maria tá grávida?”* e depois ressaltou para o grupo: *“só pode ter um filho quando se casa um homem e uma mulher!”*.

Faixa etária 11-12 anos/Pré-adolescentes: Com o sub-tema ser crente a professora utilizou leitura bíblica para justificar seus ensinamentos. Ela orientou os adolescentes a consultar Jesus antes de fazer algo, antes de tudo que for fazer. Ela perguntou: *“Quem vai pro céu?”*, e continuou *“às vezes as pessoas não aceitam nosso modo de ser, nos julgam, mas não devemos ficar tristes. Mas nós somos abençoados por estar aqui”*.

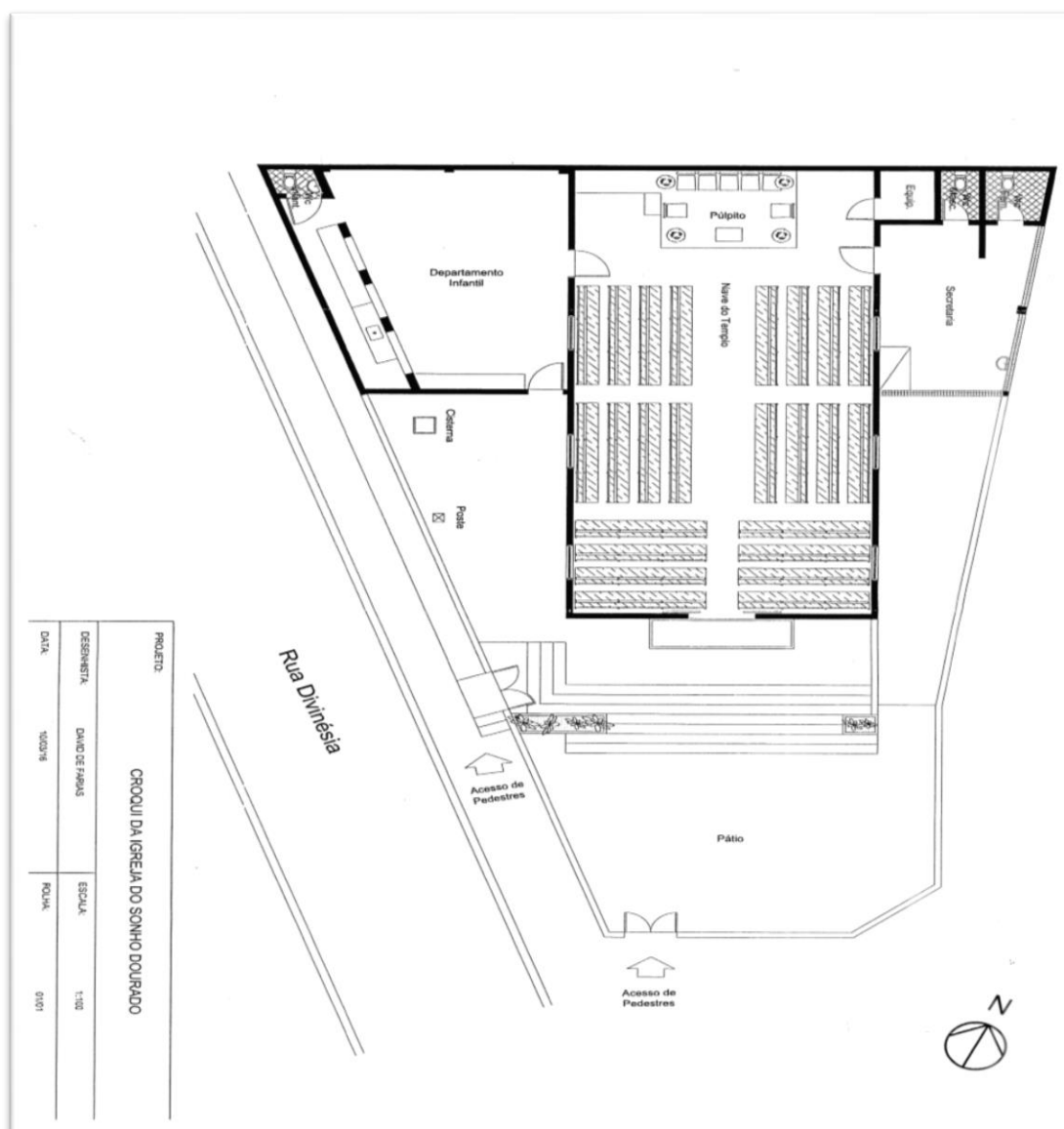
Faixa etária 13-14anos Adolescentes: Esse grupo trabalhou com o sub-tema obediência, a professora citou a escolha de Maria por Deus por ter demonstrado obediência e temor à Deus, através de conversa, perguntas respostas dos adolescentes. A professora falou *“Deus se agrada do adolescente que é obediente aos pais, às lideranças da Igreja, a Deus...assim Deus vai nos abençoar”*.

A organização por faixa etária ocorre em todas as congregações pesquisadas, com a mudança de idade, à medida que vão crescendo, as crianças mudam também de classes, passando por todas as etapas com outras atividades, outros recursos pedagógicos e aprofundamento dos estudos bíblicos. As atividades sempre iniciaram no grande grupo, no segundo momento separam-se por idade e finalizam novamente no salão do templo, todos juntos. Esse recurso de estudos é utilizado tanto na escola Bíblica de Férias quanto na Escola Dominical, nas demais atividades, como as festas dos conjuntos infantis e círculos de oração para as crianças, as atividades são todas dentro do salão da Igreja sem estudos por grupos

etários. Tanto o tema quanto os sub-temas estavam interligados e traziam o conteúdo doutrinário presente no discurso dos professores e nas atividades realizadas. De acordo com a faixa etária tanto as atividades variavam quanto o grau de reflexão sobre tais temas era direcionada pelo professor. A organização dessas atividades levava dias para se consolidar, com reuniões de preparação dos professores, tanto no Templo Central, como na própria congregação.

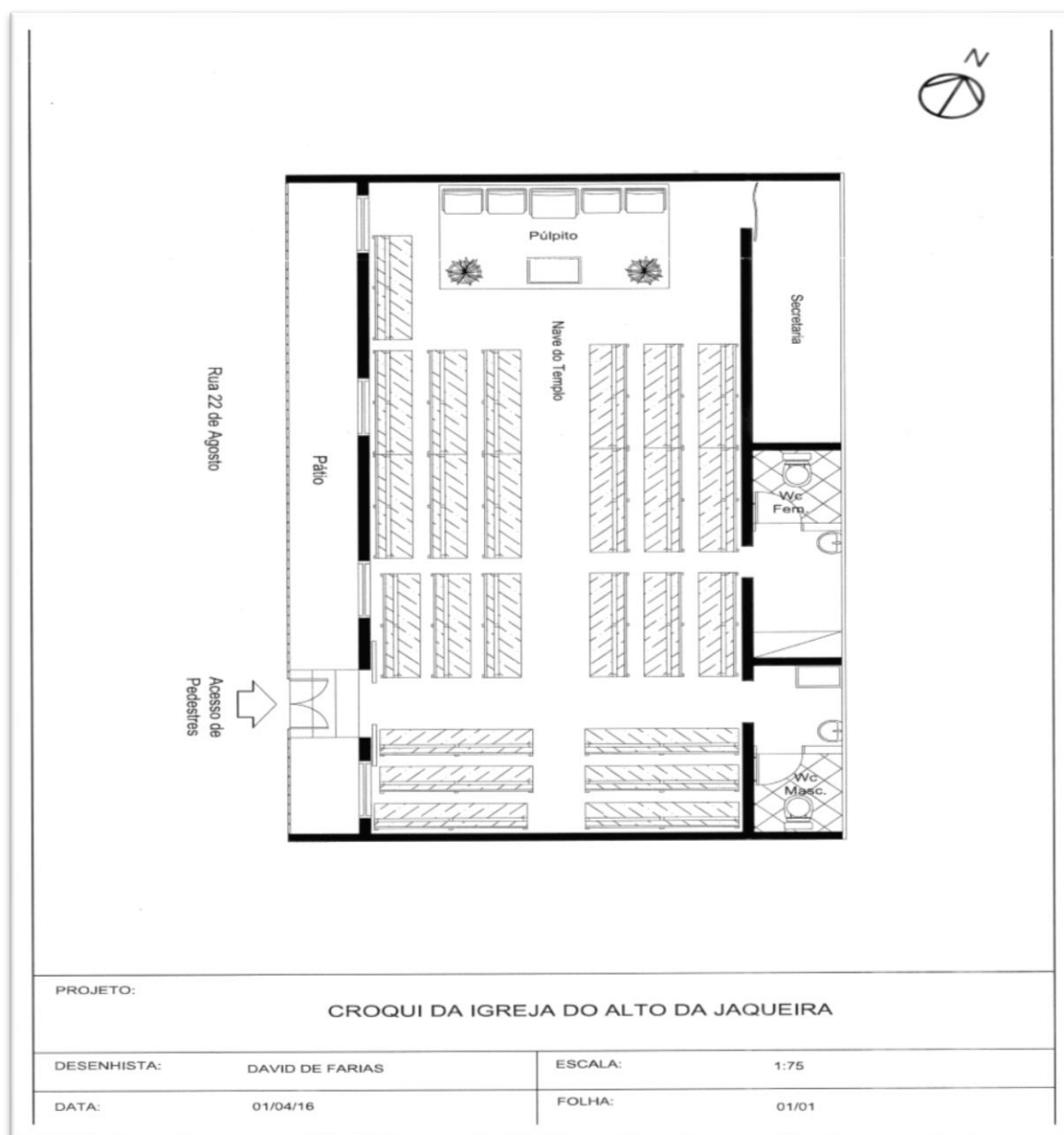
Abaixo, podemos observar como está organizado o espaço interno das três Igrejas pesquisadas.

Figura 3 - Assembleia de Deus Sonho Dourado



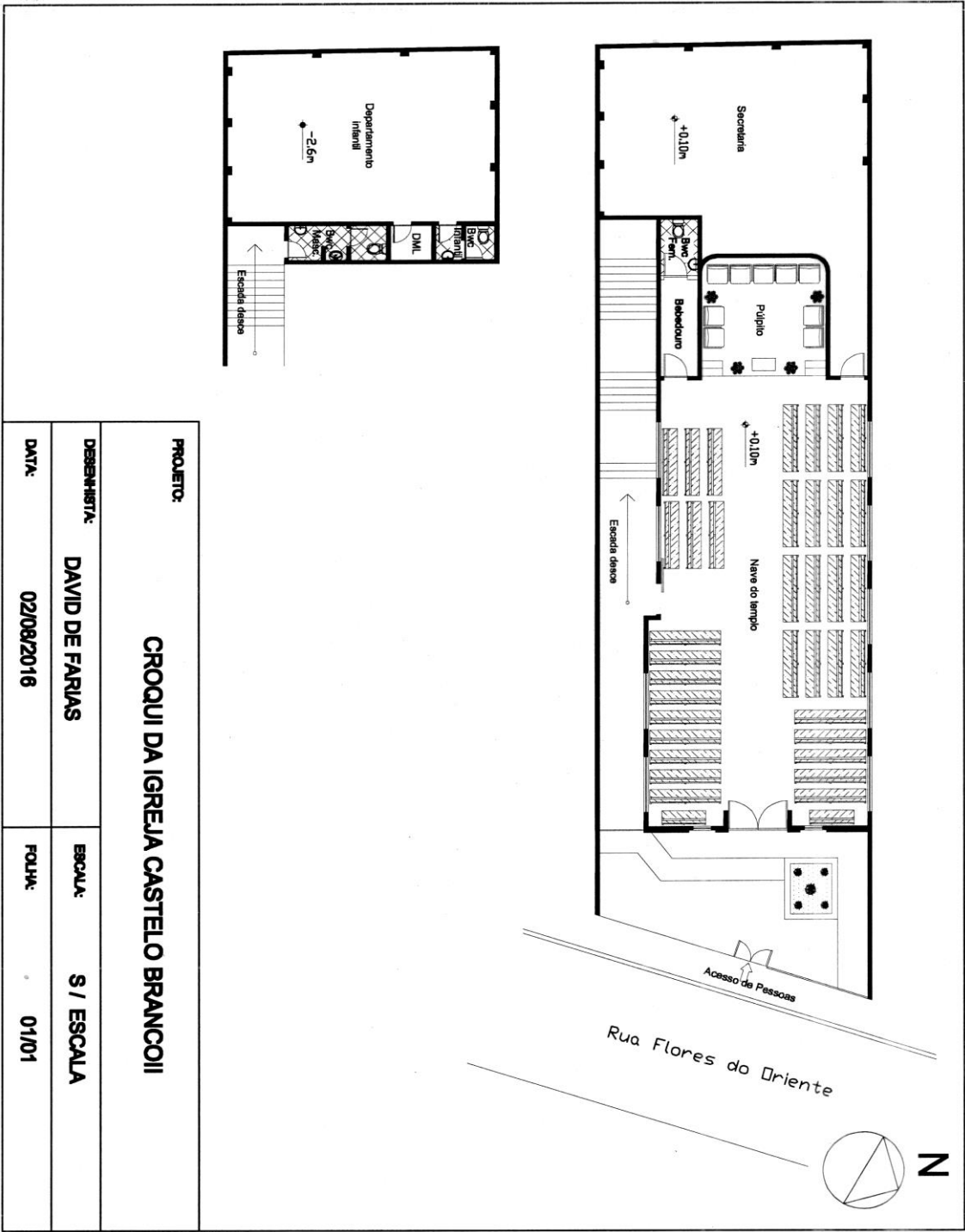
- A AD Sonho Dourado localiza-se no Alto da Jaqueira, na Rua Divinézia, em uma casa adaptada que foi sendo reformada aos poucos; comporta 150 pessoas; das 120 que frequentam 90 são membros e 30 congregados, as crianças só são consideradas membros depois do batismo nas águas, antes desse rito elas são identificadas como crentes ou quando sua família é membro ou congregada e ainda, quando ela frequenta sozinha, pelo menos três vezes consecutivas a EBD. A disposição dos bancos está organizada para receber sentados perto da porta de entrada os visitantes, nos demais bancos se sentam os membros e congregados e os corais. Em dias de festa isso pode variar, exceto para os visitantes que sempre se sentam perto da porta de entrada; à frente está o púlpito, aonde se dirigem os pastores, presbíteros, diáconos e os irmãos que lerão a Bíblia ou cantarão. A Igreja conta ainda com Departamento Infantil, banheiros e secretaria, vale salientar que a existência desse departamento demonstra, no meu entendimento, a importância que as crianças têm para a AD.

Figura 4 - Assembleia de Deus do Alto da Jaqueira



- A AD Alto da Jaqueira está localizada na Rua 22 de Agosto e é a menor das três Igrejas pesquisadas, iniciando suas atividades em uma casa bem pequena. A disposição dos bancos segue a mesma orientação da AD Sonho Dourado, porém o espaço para o púlpito é menor. A capacidade dessa Igreja é de 100 pessoas, e das 90 que compõe o corpo de irmãos, 68 são membros e 22 congregados. Por se localizar no alto do morro, em uma comunidade sem praças ou espaços para que as crianças possam brincar muitas delas são atraídas pelo movimento das festas, com músicas, lanches, doces, convidadas pelos coleguinhas. Nessa Igreja não há Departamento Infantil, devido ao seu tamanho, sendo realizados os estudos e as divisões das classes por faixa etária dentro na nave do templo.

Figura 5 - Assembleia de Deus Castelo Branco II



- A AD Castelo Branco II é a maior das três Igrejas, está em outra parte do Alto da Jaqueira, na Rua Flores do Oriente. Acompanha as demais Igrejas na disposição dos bancos, a nave do templo é espaçosa e ainda conta com secretaria e banheiros. O Departamento Infantil fica na parte de trás do prédio e também tem banheiros infantis. A Igreja comporta 200 pessoas, das 180 que formam o corpo de irmãos, 135 são membros e 45 congregados. Nos dias de culto festivo, a exemplo da Santa Ceia que observei, são acrescentadas cadeiras avulsas e ficam pessoas assistindo ao culto até mesmo do lado de fora.

4.3 Aproximações com a Escola Pequeno Príncipe

A Escola Pequeno Príncipe, terceiro espaço do campo da pesquisa está localizada na comunidade do Alto da Jaqueira, no Bairro do Jordão, com 180 alunos matriculados em 2016, para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com as proprietárias da escola, Helizabete e Aline Julião, que são também mãe e filha, a orientação para o ensino religioso que é realizado, não é estritamente evangélico, mas denominado por elas como educação cristã. Toda a família da gestora Helizabete é assembleiana: ela, o esposo que é presbítero, sua filha Aline e o seu filho Lucas. A escola⁵⁵ funciona em dois turnos, manhã e tarde e conta com 08 professoras, das quais 07 são evangélicas e a outra professora é católica e, de acordo com a informação da gestora Helizabete, o nome da escola foi dado por ela devido ao grande apreço que a mesma tem pela obra do escritor Antoine de Saint Exupéry, A professora completa dizendo que leu a obra 09 vezes em diferentes fases da vida e em cada uma delas tinha uma visão diferente, dar esse nome para a escola sempre foi seu intento “*se um dia eu tiver uma escola se chamará Pequeno Príncipe*”. A escola está funcionando há dezesseis anos.

A Resolução nº2/88 da CEB/CNE define que as escolas privadas não possuem obrigatoriedade na oferta do ensino religioso, mas, uma vez optando por ofertar essa modalidade é preciso que esteja dentro da Proposta Pedagógica e que seja declarada aos pais. Na Escola Pequeno Príncipe a orientação religiosa da escola é informada aos pais no ato da matrícula, fazendo parte do item descrito no contrato que os pais e/ou responsáveis assinam ao matricular seus filhos, pois, de acordo com o parecer 16/98 do Conselho Nacional de Educação é obrigatória a elaboração da Proposta Pedagógica do estabelecimento de ensino. Como descrito no artigo 12 da LDB nº 9.394/96:

Art. 12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica. É na proposta pedagógica que os estabelecimentos de ensino deverão dispor o seu currículo, sua grade curricular, suas disposições pedagógicas e didáticas, com todo o processo educativo e de aprendizagem, que a filosofia de sua entidade mantenedora e/ou a própria escola - (entidade educativa) - tem como princípio de proceder, este último contexto, quando se tratar de estabelecimentos de ensino da iniciativa privada (BRASIL, 1996, p. 4).

⁵⁵ A educação escolar no Brasil nasceu em 1553 a partir da iniciativa privada, quando foi fundado na Bahia pelos padres franciscanos, o primeiro estabelecimento de ensino. A atuação da escola privada na educação brasileira, nos seus mais diferentes formatos que assumiu ao longo dos últimos cinco séculos, deu-se de forma ininterrupta na história do nosso país (ALVES, 2009, p. 71).

Com essa determinação legal, os estudantes, pais e responsáveis precisam estar cientes da confessionalidade e da ideologia do estabelecimento de ensino, assim, se faz obrigatória também a presença dos alunos às aulas e demais atividades promovidas pela escola para o ensino religioso. Estando assim a família aceitando o perfil da instituição de ensino.

A primeira vez que tive a oportunidade de visitar a Escola Pequeno Príncipe deu-se por ocasião do evento de uma feira de ciências cujo tema foi “A Bíblia e a Ciência”, nesse primeiro contato fui informada que todas as apresentações das crianças nesse evento seriam voltadas para os ensinamentos da Bíblia em contraponto com o que explica a ciência para fenômenos da natureza e outras questões. Voltando à escola por ocasião de estabelecer os primeiros contatos e apresentar os objetivos da pesquisa, fui bem recebida pelas gestoras, bem como pelas professoras durante os três meses em que compareci aos *Cultinhos*. Essa atividade acontece quinzenalmente, sempre nos dias de sexta-feira, com a participação de todos os alunos da escola, evangélicos ou não. Alguns pais e responsáveis também compareciam nesses momentos, sendo mais constante a presença dos mesmos quando convidados para os cultos festivos do Dia das Mães, Dia do Estudante ou Natal. Abaixo segue o calendário de atividades religiosas da escola.

Tabela 10 - Calendário de Atividades

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Oração na entrada dos turnos. Diariamente.	Oração na entrada dos turnos. Diariamente.	Oração na entrada dos turnos. Diariamente.	Oração na entrada dos turnos. Diariamente.	Oração na entrada dos turnos. Diariamente.
	Estudo da lição bíblica que será apresentada no <i>Cultinho</i> .		Estudo da lição bíblica que será apresentada no <i>Cultinho</i> .	<i>Cultinho</i> com todos os alunos da escola. Quinzenalmente.

Atividades religiosas da Escola Pequeno Príncipe.

As crianças apresentavam quinzenalmente no *Cultinho* o que haviam estudado durante a semana nas aulas de religião, cantavam e liam trechos da Bíblia, realizavam dramatizações ou jograis em atividades que eram pontuadas para seus boletins de notas. Cada turma seguia uma ordem de apresentação organizada pela escola, e a professora responsável por dirigir o culto naquele dia coordenava os trabalhos.

Percebi que algumas professoras da escola também eram professoras da Escola Dominical nas Igrejas que pesquisei, bem como as crianças também participavam dos demais espaços. De acordo com a gestora da Escola, 30 % das crianças são evangélicas e as demais não são. Essas atividades serviam como reforço ao que é ensinado nas Escolas Dominicais, para as demais crianças não evangélicas, acontecia uma iniciação religiosa, pois através dos conteúdos ensinados pela escola elas se aproximavam de orientações bíblicas. As crianças participavam com entusiasmo, os menores brincavam com cantigas, os maiores demonstravam mais seriedade ao momento, pois as atividades mudam a partir da idade dos alunos, seguindo um aprofundamento nos estudos e consequentemente nas apresentações a partir das séries dos alunos.

Todas as atividades são propostas pela gestão da escola, que propõe as tarefas e dinâmicas que elas, Helizabete e Aline, pesquisam nas revistas que são vendidas pelas Edições CPAD – Casa Publicadora da Assembleia de Deus e APEC⁵⁶ – Aliança Pró Evangelização das Crianças.

As atividades religiosas realizadas em sala de aula eram sempre destinadas às apresentações no *Cultinho*, este se iniciava com a professora responsável daquele dia, conduzindo a atividade que seus alunos iriam apresentar e envolvendo os demais. Ela lia o versículo da Bíblia, convidava outros alunos a fazer suas orações, cantava com os demais. Em cada sexta-feira, quinzenalmente, era conduzida por uma professora diferente.

A escola não fez nenhuma ressalva quanto à minha participação no *Cultinho*, nenhuma condição me foi imposta pelas gestoras, que a todo tempo procuravam me explicar como a atividade havia sido elaborada durante a semana. Nos momentos em que estive presente na Escola Pequeno Príncipe encontrei com algumas crianças que também pesquisei na Igreja e pude ver como realizam atividades com conteúdo religioso diferenciadas das que encontrei na Igreja. A participação das crianças também era diferenciada, na escola elas participavam ou não, diferente do que acontecia na Igreja, pois na AD a proposta de participação era efetivamente, não era parte de um currículo mais amplo, como é o caso da escola. Algumas crianças apenas permaneciam sentadas e apenas olhavam o desenvolvimento do *Cultinho*, mas não se envolviam tanto quanto as outras que eram evangélicas. Para essas, as evangélicas, pouco diferenciava de um culto realizado na Igreja, elas se envolviam, participavam com atenção e concentração.

⁵⁶ A APEC é um ministério internacional de fé centrado na Bíblia que se dedica a evangelizar crianças, produz materiais diversos que são utilizados nas igrejas evangélicas com o intuito de educar as crianças, fundado nos Estados Unidos em 1937, chegou ao Brasil em 1941.

4.3.1 A Escola Pequeno Príncipe: a evangelização das crianças – conflitos e mediações no processo

A escola privada que também é parte dessa pesquisa traz em sua base curricular orientações evangélicas e lições bíblicas, devido à vinculação religiosa dos seus proprietários que são assembleianos. Em conversa com Helizabete, que divide a gestão da escola com sua filha Aline, pude perceber que existe resistência por parte dos pais que não são evangélicos sobre a participação dos seus filhos em algumas atividades mais direcionadas aos ensinamentos bíblicos, até mesmo impedindo que as crianças participem do *Cultinho*, que é realizado quinzenalmente. Em contraponto, os pais e responsáveis que são evangélicos também demonstram insatisfação com relação às atividades voltadas para festividades e tarefas escolares diretamente ligadas à cultura regional. Dividindo-se entre esses dois caminhos presentes na proposta curricular da escola, a gestora revela como vem, ao longo do tempo recebendo as críticas.

Helizabete: Eu já fui muito criticada por causa disso Edi, gente mesmo, da própria igreja que tem alunos aqui, dizer: *“nunca vi uma escola de crente fazer esse tipo de coisa...”* Festa de São João, faço quadrilha mesmo e por que não? Eu tô vivenciando a coisa que principalmente na minha cidade, em Recife, em Pernambuco é o auge! São João de Caruaru, Pátio de São Pedro e outras coisas, é o que mais se tem. Então eu não posso deixar de vivenciar uma cultura da minha cidade, do meu Estado, simplesmente pelo fato de que eu sou crente, não tem como.

Percebo no relato da gestora que existe um direcionamento claramente evangélico na conduta pedagógica da escola que entra em conflito com as atividades que fogem a esse padrão. É interessante refletirmos que esses atritos com os pais também estão presentes em escolas públicas que direcionam atividades para um grupo religioso em detrimento de outro. Em alguns casos são os evangélicos que ficam de fora, como foi possível perceber na pesquisa de Silva (2011). A retirada das crianças das atividades que não atendem sua orientação religiosa também se faz presente no campo dessa pesquisa bem como as estratégias de mediação que são estabelecidas entre a instituição educacional e as famílias.

Maria Edi: Então você recebe críticas?

Helizabete: Muitas, de mãe de aluno, de professor, de gente da própria Igreja. Já vi gente de púlpito falando lá, sabia que era direcionada a mim, mas eu na minha educação, ignoro totalmente (Aline)...de vez em quando vem empurrar sua crença e expandir pra todo mundo, tem mãe que vai aceitar, mas tem mãe que o filho no dia de sexta-feira não vem, no dia do Culto (que acontece na escola). Acontece de não vir. Fica a critério, como a aula é eletiva, fica ao critério da família se vem ou não. Como acontece o contrário também, de quando a gente vai fazer esse tipo de apresentação

de mãe dizer, “meu filho não vai participar porque meu filho é crente!” Não deixou o menino participar de jeito nenhum, como outra coisa que valia nota, não lembro como foi, de apresentações mesmo, acho que foi feira de ciências, um tema regional que a gente tinha, só vou deixar porque... e cada região tinha que apresentar uma dança daquela região...foi o carimbó de Belém do Pará que tinha que cantar “bate forte o tambor “ e a mãe não queria, a maioria das feiras de ciências aqui são comuns, não são evangélicas.

A escola mantém as atividades religiosas juntamente com o ciclo comum do conteúdo, incluindo dentre as atividades cotidianas, as que são mais diretamente ligadas à orientação religiosa, para assim atender todo o público, que não é formado apenas por crianças evangélicas, utilizando a estratégia da pontuação para garantir a presença de todos. Contudo os ensinamentos religiosos são realizados de forma que terminam por influenciar as crianças, não apenas fortalecendo os ensinamentos das que já são evangélicas, como descrito no relato abaixo.

Aline: A gente teve um ano que foi *A Bíblia e a Ciência*. No ano passado mesmo foi sobre as regiões brasileiras...então a mãe disse ele só vai porque é pra nota, mas meu filho é crente, minha filha é crente! Então tá certo é uma escolha sua...A gente é livre pra colocar o ensino religioso, já que a gente tem a base do ensino religioso, a base do evangelho aí a gente escolhe aquilo, queira ou não você tá incentivando a criança a crer na fé, crer que Deus existe, mesmo que a família talvez não acredite, mas você...a gente tá passando a crença da gente pra eles, também não obriga ninguém a seguir mas...dá o ensinamento.

A escola tenta se dividir organizando o currículo escolar com atividades que atendam ao seu público que não é composto apenas por crianças evangélicas, mas que entende o comprometimento religioso da proposta. Uma parte desse público aceita e cobra que seja mais enfático, outra parte retira as crianças das atividades por não aceitar.

A escola se mostra como um reforço a mais na religião de 30% das crianças, as que são evangélicas; enquanto que as demais se dividem entre as que participam das atividades que sejam consideradas adequadas pelos pais e outros participam sem apresentar ressalvas, sendo sujeitos dos ensinamentos religiosos passados pela escola. Poucas são as crianças que deixam de ir à escola para não participar das atividades evangélicas, as mães reclamam, mas para não sofrerem sanções nas presenças, que são obrigatórias, deixam as crianças participar. A gestora deixa claro que esses ensinamentos têm consequências na vida dos alunos, sendo responsável pela entrada de alguns na vida religiosa assembleiana.

Helizabete: como já chegou mãe aqui agradecendo, dizendo que tava em casa angustiada, chorando, aperreada e o filho chegar e dizer: “*mãe, vou fazer uma oração por você, por que lá no culto da escola eu aprendi que se a gente ora Deus responde*”.

Ela disse que na hora começou a chorar e disse que ela não sabe nem o que ele orou, só sabe que ele botou as mãozinhas na cabeça dela e fechou os olhos, se ele disse alguma coisa ou não, se oração pra ele era só botar a mão e fechar os olhos...ela disse que quando ele tirou as mãozinhas ela já estava se sentindo outra...isso quer dizer, de qualquer modo, interferiu a fé daquela criança naquela mãe!

E continua,

Helizabete: Então tanto o culto quanto outras coisas que a gente faz aqui, em questão cultural, o que a gente quer é isso mesmo, é que fique pelo menos o mínimo na mente da criança pra que ela possa usar aquilo no futuro...como já tem jovens de 18 anos, 19 anos...tem pais que já estudaram aqui e já colocaram os filhos aqui também e muitos já disseram, hoje eu sou evangélico porque a escola me ensinou tudo que eu sei, por isso que eu optei por isso, do mesmo jeito que tem católicos que dizem que aprenderam muita coisa aqui, é só uma questão cristã, eu não colocaria assim ensino evangélico não, sabe? Eu colocaria ensinamento cristão, até porque é universal.

A influência dos ensinamentos realizados pela escola na vida dos alunos é intencional e têm sido obtidas respostas positivas nesse sentido em uma junção entre o fazer educativo escolar e o religioso. Considero que uma das atribuições da escola pesquisada tem sido a de evangelizar, embora em alguns momentos das falas da gestora e da sua filha deixe transparecer que o intuito não seja esse. O ambiente evangelizador da escola pesquisada realizada a dupla tarefa de ser mais um espaço de reforço positivo para as crianças evangélicas e de ser o espaço inicial para o conhecimento religioso das crianças que não são evangélicas. Uma das ações esperadas para ser realizada por um assembleiano é a de pregar a palavra de Deus em qualquer lugar em que esteja e a escola, nesse exemplo, torna-se um espaço evangelizador.

Com as crianças evangélicas que fazem parte do grupo pesquisado e que circulam no espaço da Igreja e no espaço da escola percebi que os ensinamentos, até mesmo realizado pelas mesmas professoras, da Escola Pequeno Príncipe e da Escola Bíblica Dominical, são naturalizados, pois além desses dois espaços existe a casa e os ensinamentos continuam com as famílias. Portanto considero que os três espaços escola-casa-igreja também podem ser vistos por essas crianças como *um* espaço apenas (circuito fechado), do ponto de vista do reforço dos ensinamentos religiosos da AD.

4.4 Seguindo o percurso de Marília

Acompanhando o grupo e crianças, observei que as atividades religiosas aconteciam diariamente, nos três espaços pesquisados. Com algumas crianças de modo menos ou mais

intenso, dentro de um calendário regular de atividade. Marília é uma das crianças que tem as atividades religiosas presentes de forma sistemática na sua rotina. Com auxílio de Marília e da sua mãe Ana, juntamente com minhas anotações, conseguimos construir o calendário das atividades de Marília, nelas destacando as atividades religiosas. Nesse momento da pesquisa, o auxílio dos interlocutores foi fundamental, pois sem essa colaboração não seria possível acompanhar, por exemplo, os momentos de dormir e acordar da criança.

- **Segunda-feira:** Marília desperta antes das 07:00h, se arruma sozinha e vai para escola Pequeno Príncipe. Chegando à escola, se organiza na fila referente à sua turma e todos oram antes de entrar na sala de aula. Já em sala, ela assiste à aula depois vai ao parque, depois lancha e volta à sala para continuidade da aula. Ao Término da aula, a irmã mais velha vai buscá-la. Já em casa, toma banho, almoça, descansa e faz as atividades escolares e vai brincar no quintal. À noite, Marília janta com sua família e vai ao Ponto de Pregação de Dona Maria Barros, no Culto ela louva ao Senhor no Grupo Infantil. De volta para casa ela assiste um pouco de televisão, novela com temática bíblica, lancha e se arruma para dormir, antes de deitar-se ela ora.
- **Terça-feira:** Marília acorda às 07:00h, arruma-se, toma o café da manhã e vai para escola. Na fila da entrada, todos oram e seguem para sala de aula. Na sala, assistem à aula e depois vão para o parque, na escola mesmo. Voltam para sala, lancham e a aula continua. Nesse dia seu pai foi buscá-la, ao chegar a casa, Marília toma banho, almoça e assiste ao Canal 14 da AD com programação infantil e faz as atividades escolares, depois vai brincar com duas primas da mesma idade. À noite, brinca depois do jantar e depois se arruma para o Culto Doméstico, lancha e vai dormir.
- **Quarta-feira:** Foi acordada pela mãe às 07:00h, toma o banho e o café a manhã e segue para Escola Pequeno Príncipe. Seus colegas já esperam na fila para oração antes da entrada na sala de aula. Assiste a primeira parte da aula antes do recreio e do lanche e depois todos voltam à sala para a continuidade da aula. Sua irmã vai buscá-la. Chegando em casa, por volta o meio dia, Marília toma banho e almoça, depois assiste ao Canal 14 e vai visitar os tios, as tias e os primos junto com a avó materna que mora no mesmo quintal da sua casa. À noite vai para o Culto de Oração da AD Sonho Dourado, para louvar ao Senhor

no Grupo infantil. Chegando a casa, Marília faz as atividades escolares, lancha, ora e vai dormir, por volta das 22:00h.

- **Quinta-feira:** Marília levanta-se às 07:00h, toma banho e café da manhã, se arruma e segue para escola levada por sua irmã. A oração de entrada é realizada com todas as crianças na fila e depois seguem para sala de aula para o início da aula. Terminada a primeira parte da aula, todas as crianças vão brincar no pátio da escola e depois lancham, após o lanche a aula continua. Marília é levada para casa pelo pai, toma seu banho e almoça, assiste TV, faz as atividades escolares e brinca com sua irmã mais nova. À noite, se arruma para ir ao Culto e Doutrina na AD Sonho Dourado e louvar ao Senhor no Grupo Infantil. Chegando em casa joga no computador, *Papa Jogos Infantis*⁵⁷, se arruma para dormir, ora e se deita.
- **Sexta-feira:** Marília acorda às 07:00h, toma banho e o café da manhã, se arruma e seu pai a leva para a escola. Na fila de entrada, todos oram e seguem para sala de aula. Após o lanche, as crianças vão para o pátio, que está organizado com cadeiras para a realização do *Cultinho* com as professoras, nesse dia a atividade foi com a apresentação as turmas do 5º Ano. Após o *Cultinho*, todas as crianças fazem recreação na sala e esperam o horário de largar. A irmã mais velha de Marília vai buscá-la, já em casa toma banho, almoça, brinca e faz as atividades escolares. À noite, janta, assiste no Canal 14 a “Hora Animada” e joga no computador, se organiza para dormir e ora antes de deitar.
- **Sábado:** Acorda às 08:00h, toma o café da manhã, assiste às programações do Canal 14 e brinca com amiguinhas. Depois do almoço, à tarde, se arruma e vai com a irmã para a Igreja participar do ensaio do Grupo Infantil. Ao chegar em casa, vai brincar. À noite, Marília vai com seus pais para o ensaio do Vocal que seus pais participam na AD Sonho Dourado e ela brinca com outras crianças que são filhos dos componentes do Vocal. Ao chegarem em casa, ela se arruma para dormir e estuda a lição da Escola Dominical para a manhã seguinte com sua mãe, ora e vai dormir.
- **Domingo:** Acorda às 07:30h, toma o café da manhã com toda família reunida e vai para a escola Dominical da AD Sonho Dourado com sua irmã mais velha. Na Escola Dominical, participa do estudo bíblico através das lições e louva ao

⁵⁷ <http://www.papajogos.com.br/> é um site em que se encontram vários jogos destinados às crianças.

Senhor no Grupo Infantil. Em casa, recebem a visita o tio e da tia para o almoço, descansa e vai passear com seus pais e com a irmã mais nova. À noite, segue para o Culto de Pregação na Igreja e Marília louva ao Senhor no Grupo Infantil. Chegando em casa, lancha, se arruma para dormir e ora.

As atividades diárias de Marília são organizadas de modo que todos os dias ela participe de momentos religiosos, seja na escola, em casa ou na igreja. Chamo atenção para os momentos em que assiste televisão ou brinca no computador, esses momentos também são direcionados por sua família para os canais de TV com programação evangélica, novelas, desenhos animados, programas da AD destinados às crianças e jogos de computador que ensinam a fazer comida, joguinhos esportivos (*Papa Jogos Infantis*). As atividades da escola e da casa complementam e reforçam os ensinamentos da Igreja, contudo em uma complementaridade assimétrica, ou seja, a ênfase é dada com os ensinamentos que são realizados pela EBD, EBF, junto à Igreja, mas que são complementados pelas atividades e orientações da família e da escola.

No exemplo de Marília, sua formação religiosa está assimetricamente apoiada nas três bases que são a (1) Igreja, da (2) família e da (3) Escola Pequeno Príncipe, seguindo essa ordem e importância complementar.

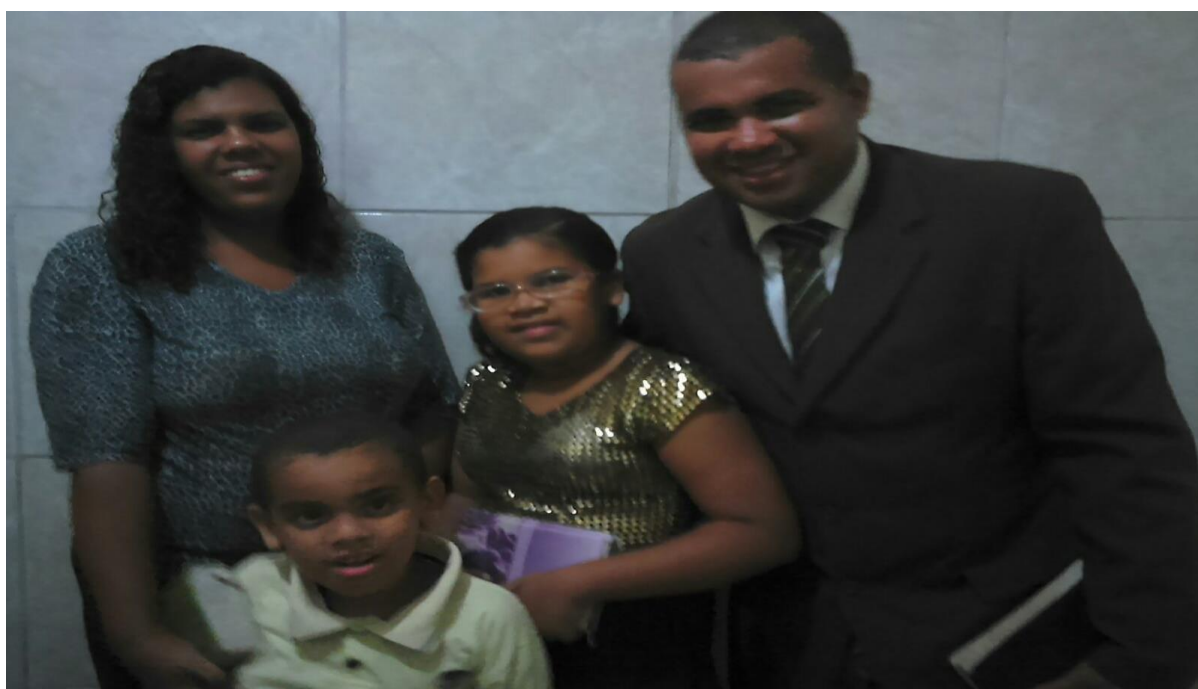
Galeria de Imagem 3



Família de Milka e Matheus



Família de Andréa



Família de Lúcia



Família de Marília (Todas as imagens das famílias foram cedidas pelas mesmas.)



Escola Pequeno Príncipe. Imagem da fachada (Arquivo Pessoal)

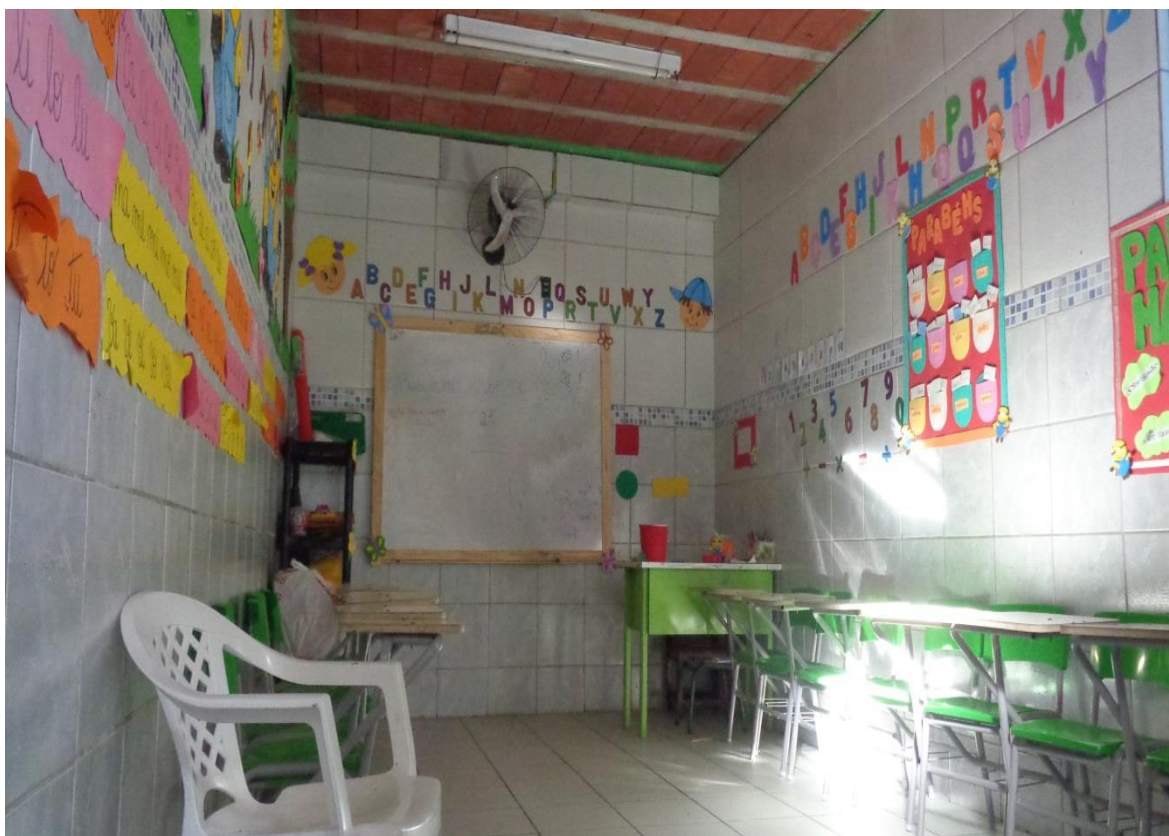


Imagem da sala de aula da Escola Pequeno Príncipe (Arquivo Pessoal)

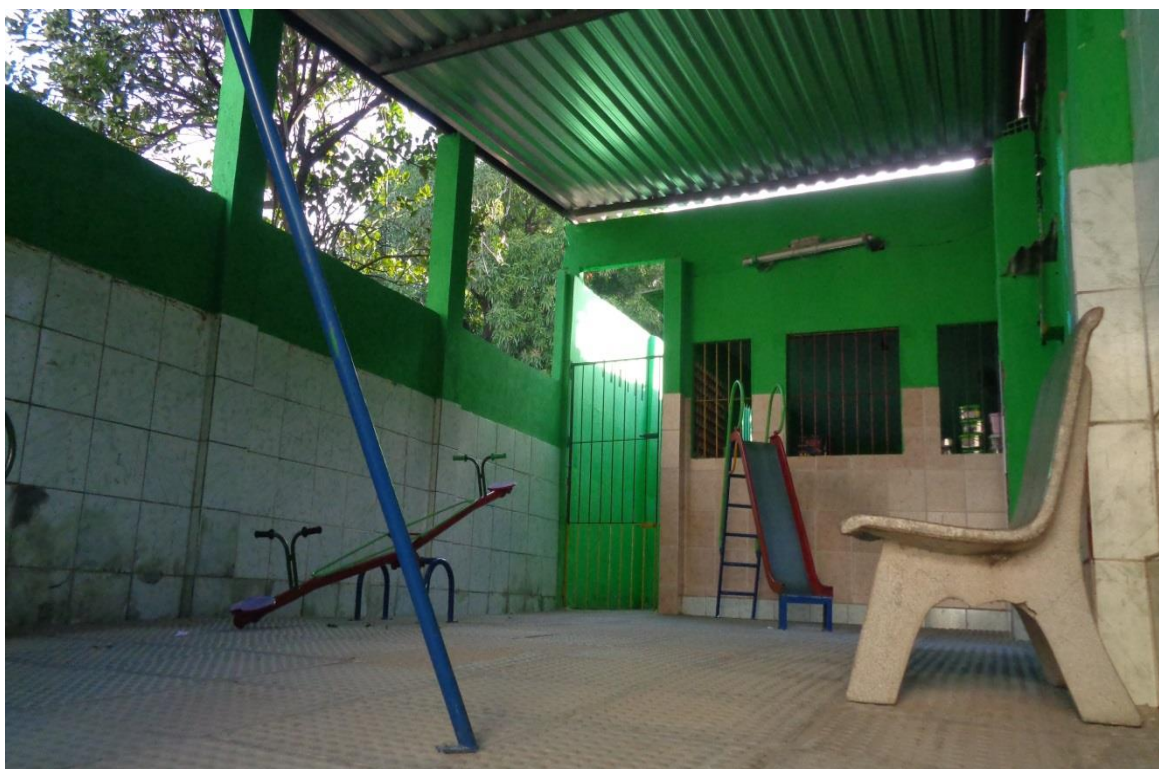


Imagem do pátio interno da Escola Pequeno Príncipe, onde acontece o “Cultinho” (Arquivo Pessoal)



Imagem da fachada da Igreja AD Sonho Dourado (Arquivo Pessoal)



Imagem da fachada da Igreja AD Alto da Jaqueira (Arquivo Pessoal)



Imagem da fachada da Igreja AD Castelo Branco II (Arquivo Pessoal)



Imagem que demonstra a organização interna do templo (Arquivo pessoal)



Andréa e a mãe estão prontas para ir para AD Alto da Jaqueira, seguem acompanhadas do pai.



Lúcia desenha Deus acima das pessoas, nas nuvens, no céu.

5 ASSEMBLEIA DE DEUS: A EVANGELIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E A CONTRIBUIÇÃO COM O TRABALHO DO SENHOR

Nessa seção, o objetivo é refletir sobre a compreensão das crianças acerca dos conceitos que estão presentes no chamado “Trabalho do Senhor”, a realização de atividades dentro da AD. As categorias de entendimento que pude perceber nas falas das crianças interlocutoras nos dão pistas de como as mesmas elaboram sua compreensão sobre a religião; as categorias que me auxiliaram nessa compreensão são costumes; disciplina e obediência; Deus; corpo; vestimentas e vaidade; brinquedos e glossolalia. A formação da criança assembleiana passa pelo processo de evangelização e da compreensão das categorias citadas e da forma como elas se integram ao trabalho realizado na Igreja e no seu cotidiano fora dela.

5.1 Vivendo a Igreja: as crianças trabalhando na obra do Senhor

A participação em atividades na AD é algo que desperta o interesse de todos os membros e congregados. Desde ajudar com a organização do lanche das crianças, cantar um louvor, limpar a Igreja, conduzir estudos bíblicos, seja qual for a atividade, o que importa é *trabalhar na obra do Senhor*, como discutido anteriormente, na seção 3 dessa tese. As crianças começam a ter esse entendimento desde muito pequenas, quando justificam suas participações nos congressos, jograis, nos encontros infantis, ensinando as crianças menores, disciplinando. Perguntando para Renata sobre a importância da sua participação na Igreja, ela assim respondeu:

Renata: a gente tem que participar das coisas da Igreja pra servir a Deus. Ficar perto dele e alegrar Ele. Mesmo se sentir vergonha, depois passa ... Quando eu era pequena eu sentia vergonha de fazer as coisas lá na frente, mas a gente ensaia, ensaia em casa e aprende.

Renata exemplifica sua participação como um processo de aprendizado e ressalta a importância de ser realizado para agradar a Deus, todos que fazem parte do grupo precisam ser úteis e sentirem-se úteis para obra do Senhor. Tomando por base o texto bíblico⁵⁸ que ensina a

⁵⁸ João 6:28-29. “Disseram-lhe, pois: que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu e disse-lhes: a obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou”.

necessidade de serem úteis aos trabalhos da Igreja as crianças são orientadas a participar das atividades propostas.

O Trabalho do Senhor requer dedicação de todos que fazem parte da Igreja, sabendo que serão recompensados pelo que for executado. Agradar a Deus é uma atitude esperada por todos. A recompensa esperada é a salvação e todo o trabalho que for feito com dedicação, disciplina, aprendizado e conduta são mecanismos que podem sedimentar o caminho da salvação do assembleiano. A grande presença das crianças, nas atividades destinadas à elas ou não, no espaço religioso da AD é um fator a ser considerado nas observações acerca dos assembleianos. Todas as crianças são envolvidas em algum tipo de atividade, de menor ou maior destaque, o importante é que contribua desde pequeno, acreditando que esta também é uma forma de inserção ao grupo. Para os que nascem e para os que chegam à religião.

5.2 As regras no dia a dia: “Isso é fazer a criança viver no *costume*!”

Além da Bíblia, tem se tornado difícil encontrar redações acerca das regras, sendo fator de discórdia e desencontros nas convenções da própria Assembleia de Deus, causando inclusive cisões (FREESTON, 1994). No Estatuto da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, atualizado em 2012, não há menção aos usos e costumes, apenas ao disciplinamento, no que se reporta ao comportamento. No Capítulo II, Artigo 4º, em seu Parágrafo Único, considera *como ações inerentes a cada Assembleia de Deus no Brasil, o disciplinamento dos membros*.

Ricardo Gondim (1999) defende que existem regras que em muitos casos são mais rígidas quando impostas pela AD que pelos próprios escritos Bíblicos, fazendo referência ao que é apresentado como modelo de conduta e comportamento de acordo com a orientação das congregações. De forma geral, como defende Cláudio José da Silva (2003) em sua dissertação *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*, o que é pregado por pastores mais antigos como padrão de conduta é:

Não usar joias, batom, calça comprida e cortar o cabelo para as mulheres; não bater palmas durante o culto, não ir ao cinema, não ir à praia e piscina de biquíni e, ou sunga, não ouvir música não-evangélica, não cantar música gospel de ritmos como samba, rock, balada, na igreja ou fora dela, etc., não cantar estas músicas por considerá-las não sacra; não ir ao estádio e não jogar futebol (SILVA, 2003, p. 22)

Nas Igrejas que fizeram parte do campo dessa pesquisa, AD Sonho Dourado, AD Jaqueira Alta e AD Castelo Branco II, foi possível observar uma uniformidade no que diz

respeito aos usos e costumes, sendo o controle do cumprimento a essas regras, também realizado bem de perto pelo próprio Templo Central na pessoa dos pastores e presbíteros, bem como demais responsáveis. O controle das condutas e o conjunto das práticas austeras bem como o disciplinamento do corpo é embasado na religião, a regulamentação religiosa da vida (WEBER, 2004). Na prática, a doutrina e os costumes não se separam, pois os escritos bíblicos – doutrina - que são defendidos como verdades incontestáveis são utilizados para subsidiar os costumes que os evangélicos seguem. A postura que se admite para o evangélico é contrária ao que eles consideram ser “do mundo”, trazendo a ideia de que eles são *separados* das demais pessoas e precisam demonstrar através do comportamento, modo de vestir e de agir. As restrições são, na maioria das vezes destinada às mulheres, principalmente no que diz respeito às vestimentas, corte de cabelo (nesse caso é defendido que mantenham os cabelos sempre compridos). Mudanças e adequações foram percebidas dentro da AD e podem ser verificadas nas Convenções⁵⁹ realizadas anualmente pela CGDAB.

Os dois exemplos que se seguem demonstram ajustes nas orientações dos usos e costumes que foram discutidos na Convenção de Santo André⁶⁰, 1975, e que ficou denominada como resolução de Santo André, essa resolução vigorou por mais de trinta anos e teve alteração apenas em 1999 no 5º ELAD - Encontro os Líderes da Assembleia de Deus, 1999.

A Resolução de Santo André explicita o caráter conservador dos usos e costumes e das normas que eram defendidas pela AD:

E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus (Lv. 20.26).

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus - a Bíblia Sagrada - e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;

⁵⁹ Desde 1932 a Assembleia de Deus demonstra preocupação com as práticas doutrinárias dos seus fiéis. A consolidação da AD em uma Igreja com um rigorismo doutrinário excessivo foi resultado das influências do Missionário sueco Samuel Nyström. O caráter sexista da Igreja também foi resultado das atuações do missionário nas convenções de 1932 a 1948; o caráter conservador da AD destina às mulheres os papéis secundários e práticos de evangelização e manutenção física da Igreja. As funções hierárquicas de destaque e poder são ocupadas apenas por homens. (SOUSA, 2011).

⁶⁰ A partir de 1930 a AD iniciou a realização de Convenções Gerais por iniciativa dos Obreiros Nacionais Norte e Nordeste, antes desse período as lideranças estavam sob a orientação dos Missionários suecos e as Igrejas não tinham autonomia (FONSECA, 2009).

4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
8. Uso de bebidas alcoólicas (Daniel, 2004)

Os sadios princípios a que se refere a Resolução de Santo André, 1975 orienta que sejam seguidos costumes rígidos, com proibições que foram abrandadas após discussões em outras Convenções e afirmadas na atualização da resolução no ELAD em 1999.

Convém, portanto, atualizar a redação da resolução de Santo André, omitindo a expressão ‘como doutrina’, ficando assim: ‘sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil.

Quanto aos 8 princípios da Resolução (de Santo André), uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

1. Ter os homens cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias;
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos;
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica;
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone;
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Daniel, 2004)

É importante observar que as duas resoluções marcam décadas importantes para a sociedade brasileira e para a organização da Assembleia de Deus, sendo a década de 70 essencialmente caracterizada pelos movimentos feministas e uma crescente liberação na conduta das mulheres. O corpo e as ações femininas foram, portanto, alvo do controle da Igreja e da religião, as mulheres e consequentemente as meninas foram alvo da maior parte das proibições, sendo passíveis de disciplinamento (punições ou expulsões). Na década de 90, a AD expandiu seu projeto de crescimento e as conferências realizadas apontaram para uma moderação nos usos e costumes, buscando assim, adequá-los à realidade e à conquista de mais adeptos. Nesse período a AD esteve empenhada ativamente para manter sua evidência e atividade no campo religioso brasileiro que passava pelo grande crescimento das Igrejas neopentecostais (MARIANO 2001), o avanço da Renovação Carismática na Igreja Católica ao mesmo tempo em que perdeu muitos fiéis (SANCHIS, 1994).

Quero citar dois exemplos de relatos trazidos do campo dessa pesquisa sobre a temática dos costumes destinados às mulheres. O primeiro foi relatado por Samuel ao referir-se à beleza da mulher assembleiana, ele falou que a *“beleza da mulher não tá no enfeite, tá no frisar dos cabelos, a beleza da mulher vem do Espírito Santo que deixa a mulher bonita”*. Percebo que a

fala de Samuel desvincula a beleza da mulher ao seu próprio controle e cuidado ou à sua vontade, vinculando seu corpo à religião.

No segundo relato, João falou de um disciplinamento que teve que aplicar a uma irmã da sua congregação.

João: Eu tinha uma componente do conjunto que dentro da Igreja era crente, lá fora não era. Essa componente, uma benção! Não faltava, eu cobrava: olhe, os componentes não podem faltar! E ela lá sempre cantando. Mas chegou a notícia pra mim, ligaram pra mim eu tava na Igreja. Olha! Tua componente tá aqui no shopping, de bermuda bem curtinha, de batom, de blusa! Oxe, e é! Tá aqui no shopping eu vi ela agorinha. A pessoa ligou pra mim. Eu disse tá certo irmã, obrigado! Eu desliguei o telefone. Eu não fui conversar com a irmã, porque eu não vi. Eu não gosto de tocar no assunto de uma coisa que eu não vi. Vou deixar de mão, aí eu deixei, fiquei calado. Aí fiquei observando ela, mas era uma benção! Na Igreja era uma benção, tudo bonitinho...Aí depois o próprio primo dela disse: irmão...tira ela do conjunto, teve uma festa na família da gente ela foi de calça, mas dançou tanto! Eu digo, oxe! Você é auxiliar da Igreja, por que você não pegou ela no pé? Você é auxiliar da Igreja, você tá errado, se eu disser isso ao pastor da Igreja tu vai ser punido, você tá com medo dela por que é tua prima é? Você tinha chamado ela, vou conversar com o dirigente do conjunto pra lhe tirar do conjunto, você vai tá afastada do conjunto, mas tu ficasse com medo e vem me dizer, não eu não, eu não vi, não voga!

Os dirigentes e auxiliares podem intervir no disciplinamento dos demais membros. No caso relatado, a irmã era componente do conjunto musical e costumava circular em lugares que iam de encontro às orientações da Igreja. Continuando seu relato, nos conta João:

João: Teve uma vez que essa irmã veio pra Igreja de brinco, culto de Santa Ceia. Ou foi na doutrina, uma coisa assim...Ela ia pro trabalho, botava brinco se emperquitava, botava tudo, quando vinha no caminho, tirava tudo...Aí um dia ela vacilou, sentou no meio do conjunto de brinco e eu com a mão ocupada, com instrumento, não vi... Não! Quem viu foi eu e chamei a irmã...imagina se o pastor da Igreja tivesse ali e visto! Aí eu ia levar uma botada. Irmão venha cá, o que é que tá acontecendo com o conjunto, o senhor não tá vendo aquilo não! Imagina!!! Aí Mô, olhou pra trás e disse pra ela, olha tu tais de brinco!!! Aí minha esposa me disse, quando terminou o culto eu disse: irmã, fique aqui sozinha pra mim conversar com a senhora. Aí eu deixei todo mundo sair, aí eu chamei minha esposa, disse meu amor fique comigo, pra eu não falar com ela só. Aí eu conversei com ela, irmã a senhora não é membra da Igreja, por que a senhora fez isso? “Não, é por que eu esqueci...” A senhora não sabe que não pode? Antes da senhora ser membra, quando a pessoa vai dar a profissão de fé que é pra pessoa ser membra, na frente do pastor da Igreja, o pastor pergunta a senhora se aceita passar por toda disciplina da Igreja? Isso, isso, isso, aceite...O pastor pergunta no meio da multidão da Igreja, pra ver se ela quer ou não, porque pra ser membra a senhora não pode fazer isso, isso, isso... a senhora quer? Quero! E por que depois que é não quer fazer? Olhe minha irmã, infelizmente a senhora tá afastada do conjunto, eu não quero que a senhora se desvie da Igreja, não. Não faça isso não, fique vindo pra Igreja, sente ali no meio dos irmãos, vá cultuando, quando eu ver que a senhora merece confiança, eu vou e lhe convido e a senhora volta pro conjunto, mas não faça mais não, a senhora é crente, separada do mundo. Aí ela ficou com a cabeça baixa...Fique com raiva de mim não, mas eu tô agindo como a Igreja determina e como a Bíblia determina! “Tá certo!” Mas ficou desgostosa, saiu da Igreja, tá na bagaceira aí...Eu não posso fazer nada, eu fiz o certo.

Pelo fato de ter usado brincos em uma celebração da Santa Ceia, a irmã foi punida e terminou por se afastar definitivamente da Igreja. O controle do seu corpo, do que usava e do que vestia, acarretou problemas para si que poderiam ter se estendido ao dirigente se o mesmo não houvesse aplicado a punição devida.

- **As crianças, a disciplina e a obediência:**

As crianças relataram casos de punição de adultos, exemplo citado na fala de Marília transcrita abaixo, essencialmente mulheres, que elas presenciaram durante os cultos e dos irmãos levantando as mãos em sinal de perdão. Perguntei para Sofia se ela sabia o que é ser disciplinada e ela assim respondeu:

Sofia: Fica um mês, por exemplo, sem ceiar, depende do que a pessoa fizer, tem pessoa que passa até um ano sem ceiar. A Igreja toda sabe que a pessoa pecou.

Em outro relato sobre a mesma temática de disciplinamento, Marília falou:

Marília: Mas teve uma vez que uma irmã da Igreja, ninguém sabe o que ela fez, parece que ela pecou, errou, ninguém sabe, foi de repente, aí o nosso presbítero que é o irmão Sandro, ele mandou ela se levantar e perguntou à Igreja se ela foi perdoada aí quando ele pergunta à Igreja pra levantar a mão, aí a Igreja permitiu. Perdoou. Ela ficou nervosa, mas depois...ficou calma.

Nenhuma das crianças fez referência a situações de disciplinamento sofrido por elas ou por outras crianças, na Igreja ou em casa, ressaltam sempre que é preciso obedecer aos pais, aos professores, aos dirigentes e pastores da Igreja para que não sejam disciplinados. Disciplina e obediência são dois pontos que sempre estão juntos no que pude entender, nas lições que são passadas às crianças, em qualquer um dos três espaços da pesquisa.

Na tabela abaixo é possível perceber quantos itens são destinados às mulheres, quantos são para os homens e os que são comuns a todo o grupo.

Tabela 11 - Comparação da proibição dos costumes

Resolução de Santo André - 1975	Resolução Elad - 1999	Alvo da proibição
1. Cabelos crescidos	Cabelos crescidos e/ou cortes extravagantes	Homens
2. Uso de trajes masculinos	Uso de trajes masculinos ou indecorosas	Mulheres
3. Uso de maquiagem	Uso exagerado de maquiagem e pinturas (unhas, tatuagens e cabelos)	Mulheres
4. Corte dos cabelos	Uso de cabelos curtos	Mulheres
5. Sobrancelhas alteradas		Mulheres
6. Uso de minissaia		Mulheres
7. Uso de aparelho de televisão	Mau uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone.	Todo o grupo de evangélicos
8. Uso de bebidas alcoólicas	Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes	Todo o grupo de evangélicos

Na tabela das punições, as crianças não aparecem como alvo direto, mas esse controle das ações é de responsabilidade da família que deve cuidar para que os pequenos não deixem de seguir as orientações das resoluções.

As alterações mais relevantes que são possíveis observar quando comparamos as duas resoluções, concentram-se no item que faz referência ao corte de cabelos para os homens que inicialmente orientava que não poderiam ser *crescidos* e posteriormente, acrescentou-se a palavra *extravagantes*. Os cabelos das mulheres não podiam ser cortados e mantidos presos, na adequação da ELAD a orientação era que não fossem curtos, deixando a entender que poderiam ser cortados, como de fato acontece com algumas mulheres assembleianas.

No terceiro item o uso de maquiagem, que era proibido, passou a ser orientado o *uso sem exagero*; a proibição da alteração das sobrancelhas não existe mais na resolução, embora eu tenha percebido que nas congregações em que pesquisei, variava bastante essa alteração, algumas mulheres alteravam, embora sutilmente, outras não; a orientação quanto ao uso de minissaia também foi suprimido, mas as mulheres evangélicas não usam, apenas saias compridas ou na altura dos joelhos.

O consumo de bebidas alcoólicas continuou sendo proibido, mas a alteração que ocorreu da Resolução de Santo André no que diz respeito ao uso da televisão, que sempre foi um dos pontos polêmicos de diferenciação da AD das demais Igrejas evangélicas foi modificada. A recomendação do bom uso dos meios de comunicação, incluindo a internet, rádio, telefone, à

televisão representa uma mudança substancial, sendo facilmente entendida pelo fato do uso que é feito desses meios pela própria AD nos dias atuais.

Em uma das sessões de desenho com as crianças, pedi que elas desenhassem a Igreja e Deus, da forma como sentiam, imaginavam. Antes de realizarem os desenhos, conversamos sobre o que elas iriam desenhar e Sofia pensou e falou algumas coisas e finalizou dizendo, *acho que vou olhar na minha Bíblia online*. As crianças levam a Bíblia tradicional para a Igreja, mas a facilidade dos tempos atuais e a mudança dos usos e costumes no que diz respeito ao uso das mídias faz com que se utilizem da Bíblia *online* que todas tem em seus telefones portáteis. Até mesmo durante o culto quando o pastor pede que abram suas Bíblias em determinado livro, nem todos trazem a Bíblia tradicional, mas buscam na Bíblia *online*, o que para mim foi uma surpresa no início da pesquisa.

Durante o trabalho de campo realizado com as crianças, busquei compreender de qual modo a doutrina dos usos e costumes, bem como o ensinamento da palavra bíblica era transmitido, ensinado aos pequenos e de que modo a recepção dessas orientações, muitas vezes representando proibições, era recebida por elas. Entendi que as crianças recebem esses ensinamentos nos três espaços em que circulam sem muitos questionamentos, levantando poucas questões e muitas vezes conversando entre elas buscam sanar algumas dúvidas.

Maria Edi: Como uma criança evangélica tem que se comportar?

Marília: Ah, a gente é um pouco diferente das outras meninas que não são crentes!

Matheus: e dos meninos. Tem coisa que a gente faz e tem que fazer e os meninos que não são crentes não faz. Teve uma vez que minha irmã (Milka), tava brincando na escola e uma menina que não é crente brigou com ela e ela saiu de perto porque não pode brigar. Aí ela me perguntou e eu disse “saia de perto dela pra não brigar, porque Deus não gosta!” E ela saiu.

Outro elemento que procurei me deter foi se as crianças punham em prática essas orientações na construção das suas relações ou, até mesmo se elas construíam negociações com seus pais, colegas e demais membros da Igreja e percebi que elas põem os ensinamentos em prática em cada momento do seu dia, nas ações com os amigos da escola, da Igreja e com seus familiares. Em conversa com Matheus, ele me revelou que certa vez participou de uma festa de despedida no fim de ano na escola e que nesse dia teve o aniversário de um colega de sala, com música *do mundo*. Ele falou sobre ter feito algo que não deveria, devido à sua orientação religiosa.

Matheus: a única coisa (errada) foi dançar na festa de Tia Ana, de despedida, foi bom que só!

Maria Edi: Você achou que estava fazendo alguma coisa errada?

Matheus: Tava errado, mas, peço perdão, né? Pela última vez, só pra aproveitar com meus amigos a última vez ...

Maria Edi: Depois você conversa com Deus, explica pra tua mãe, né?

Matheus: Não. Pra *mainha* eu não expliquei nada.

Na fala de Matheus entendo que ele estabelece uma relação de aproximação bastante direta com Deus, confiando seus erros, ciente do perdão, diferente da relação com sua mãe. Deus já sabe que ele fez algo errado. Para a mãe, que não sabe e nem ficará sabendo, ele não irá explicar nada. As crianças revelam o auto-regulamento e a formação de uma consciência dos seus limites e realizam as negociações que acreditam ser possíveis para circular entre os não evangélicos também, desde que consigam o perdão dos seus erros. Cada momento do dia a dia é vivido dentro de um rigor e disciplina que é esperado para elas, tanto quando é ensinado nas atividades, quanto em situações diferenciadas, como a citada por Matheus.

Em uma das primeiras visitas à Igreja, uma fala que me chamou atenção foi dita pela moça que conduzia a atividade, ela referia-se às crianças e disse “*chiclete na boca é falta de temor a Deus, falta de reverência!*” Percebi então que cada momento era de ensinamento, cada gesto, cada passo, a forma de sentar, de cantar, era entendido como um momento, uma oportunidade de ensinar de fazer a criança aprender que “*isso é fazer a criança viver no costume!*”. A criança desde cedo vive no costume e põe esse costume na sua vida cotidiana.

5.2.1 A concepção da pessoa evangélica da Assembleia de Deus e as crianças: a alma não tem idade

Início essa sessão a partir da reflexão sobre a *aceitação* de Jesus pelas crianças que não nasceram na religião assembleiana, os aqui denominados *criados na lei*.

Essas crianças tomam a iniciativa de participar de uma religião atendendo ao chamado de salvar as suas almas. De acordo com o que sustenta a concepção de pessoa dentro de uma perspectiva cristã, a presença dos elementos *Deus, corpo e alma* estão muito presentes.

A antropologia tem a preocupação de compreender a concepção de pessoa dentro dos mais variados grupos por entender a importância que essa categoria do entendimento humano

possui. O fazer antropológico se ocupa em analisar as formas simbólicas que se encontram presentes nas palavras, comportamentos, instituições, emoções, imagens para entender como os sujeitos se apresentam para si mesmos e para os demais (SEEGER; DaMATTA; VIVEIROS DE CASTRO, 1979). A pessoa entendida como ser individual, como é retratada nos estudos de Dumont (1970) revela que no Ocidente Moderno a categoria de indivíduo é a que predomina. Contudo, em estudos anteriores, Marcel Mauss provocava dizendo que,

De uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação; foi assim que o percurso se realizou (MAUSS, 2003, p. 397).

Mauss (2003) apontava vários caminhos que posteriormente foram sendo trilhados para formular uma, ou mesmo mais de uma concepção de pessoa. Para essa pesquisa, o interesse de entender como vem sendo pensada a concepção de pessoa evangélica assembleiana é importante para compreender a lógica interna do grupo no que se refere principalmente a autonomia que a AD concede às crianças.

Em sua pesquisa no bairro de Casa Amarela, na Zona Norte do Recife, Reesink (2014) buscou compreender, através da ligação do homem com Deus, como seus interlocutores católicos se identificam e identificam o *outro* enquanto pessoa. A autora chama a atenção para a pluralidade e complexidade que essa concepção traz consigo e de como essa complexidade pode ser enriquecedora para o debate antropológico acerca da formulação conceitual, levando-se em conta o que os dados etnográficos trazem de referenciais de cada campo e de cada pesquisa.

Néanmoins, en dépit de la diversité de la modernité occidentale, lorsqu'il est question de la notion de personne, la plupart des travaux anthropologiques adoptent une démarche monadique, dont le principe fondamental est l'individu et l'individualisme. J'avance que cela se doit surtout au fait que les anthropologues ne sont pas habitués (ou intéressés) à adopter une approche plus anthropologique: ils ne relativisent pas la doxa établie, car ils ne prennent pas vraiment en compte ce que les données ethnographiques dévoilent (REESINK, 2014, p. 159-160)

Os dados etnográficos dessa pesquisa me levaram a refletir que a concepção de pessoa assembleiana está diretamente ligada à religião como também insere o sujeito em um mundo separado, a partir da religião. A tríade Deus-corpo-alma se apresenta no discurso e na prática dos assembleianos, pois para agradar a Deus e ter a alma salva é preciso doutrinar o corpo e demonstrar através da expressão corporal (gestos, vestimentas, comportamento) que é parte do grupo e não apenas um indivíduo evangélico. O crente precisa ser e parecer crente aos olhos

dos demais e também os que estão fora do grupo, mas também para Deus. O cuidado com corpo é traduzido não apenas do ponto de vista biológico, mas social, pois é através dele que se mostra, em primeiro plano quem são os membros da AD.

- **A criança, Deus, o corpo e a alma:**

Na observação do campo pude compreender que nascer e morrer como pessoa evangélica possui um significado que está para além da explicação biológica de iniciar ou findar a vida, aceitar Jesus é nascer e quando o evangélico morre, vai para a glória. As crianças aprendem sobre o arrebatamento⁶¹, sobre modificação do corpo para poder ver Deus, sobre ressurreição nos ensinamentos bíblicos e através dos dados obtidos nas conversas e entrevistas destaco os seguintes trechos:

Maria Edi: Conta como você entende que os crentes vão para o céu.

Milka: Quando ele (o pastor) tá pregando eu escutei assim...Aí o pastor tava dizendo “quando a gente subir ao céu, a gente vai ficar dentro da noiva de Jesus! Aí, os outros “ Oh! Glória! Quando subir ao céu a gente vai tá dentro da Igreja e vai subir a Igreja, e lá só vai existir ouro”.

Maria Edi: O pastor diz que as pessoas que fazem parte da Igreja vão subir quando morrer?

Marília: Não, pode ter o arrebatamento.

Matheus: Assim... é assim, vai ouvir o som da trombeta e os crentes que ouvir vai subir, aí de lá de cima vai receber a recompensa.

Marília: Primeiro os mortos vão ressuscitar, aí vai tocar a primeira trombeta, aí os mortos ressuscitam.

Percebo no trecho acima que as dimensões de corpo e a alma, morte e vida, céu e Terra estão representadas na fala das crianças, identificando a salvação após a morte ou mesmo com o arrebatamento que será feito quando Jesus voltar à Terra. Após o primeiro chamado, que

⁶¹ 1 Tessalonicenses, 4: 13-18. “Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que *já* dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor, descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro; depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com essas palavras.

segundo a palavra bíblica, serão levados os mortos ressuscitados, os vivos serão monitorados por um *chip*⁶².

Matheus: quem ficar na Terra vai botar um chip. É assim, você não pode tirar, se você for tentar tirar explode sua mão,

Maria Edi: Quem vai colocar o chip são as pessoas que são crentes?

Lívia: É. Quem tiver adorando Deus vai subir pro céu.

Marília: é porque tem outra trombeta pra Deus realmente ver quem ficou. A segunda vez. Quem ficou adorando no momento de tribulação, quando morrer vai subir pro céu, vai se juntar tudinho.

Andréa: Jesus vai levar a gente pra Nova Jerusalém, que o povo diz que é a cidade de ouro. Ele vai arrebatá a todos que estão no céu e vai levar pra nova cidade.

A analogia feita pelos pastores e professores relativa ao uso de um *chip* não foi apenas relatada pelas crianças, mas confirmada pelos adultos que são interlocutores dessa pesquisa. Uma forma de reafirmar que as pessoas que não forem ao céu ao primeiro chamado, serão observadas, acompanhadas para comprovar que estarão aptas a subir no segundo chamado. E continuam,

Marília: Até pra gente ser arrebatada, nosso corpo vai ser transformado pra gente poder ver Ele, porque se a gente for assim pro céu, como eu tô, como Sofia tá, Milka, a gente não vai conseguir ver Deus...

Sofia: a gente vai ter que se vestir de vestes brancas... quem era cego vai ver, quem não escutava vai ouvir, quem não falava vai falar. Olha, no céu a gente não vai ter dor, não vai ter fome...

Observei na fala das crianças que o entendimento acerca do arrebatamento, as previsões apocalípticas que fazem parte da escatologia cristã assembleiana são tratadas de forma natural.

Marília: Olha, a gente não vai conhecer ninguém no céu...

Lúcia: Só looooouuva ...

⁶² Sobre a inserção do chip, citado pelas crianças, busquei maiores informações com os professores da Igreja que falaram ser uma analogia utilizada pelos pastores em algumas pregações.

Sofia: tu não vai conhecer tua mãe lá não sabia? Tu não vai conhecer tua mãe lá não!

Matheus: tu não vai lembrar por que se você lembrar e souber que seu pai e sua mãe não subiu pro céu, tu vai querer chorar, aí não pode.

Marília: você não vai conhecer seu pai e sua mãe não, você vai se lembrar que conhecia aquela pessoa, não vai lembrar que ela foi sua mãe e seu pai. E as inimigas evangélicas também? Vai pro céu aí sobe tu, aí chega aquelas meninas... inimiga não, mas amiga falsa eu tenho!

A consciência de que os pais podem não subir aos céus revelam que as crianças possuem a intencionalidade de oportunizar a salvação da alma dos mesmos através da religião para que, tanto seus pais, quanto seus amigos, possam ser salvos, de corpo e alma. Eles sabem que, de acordo com os ensinamentos bíblicos, se eles não forem crentes não irão se encontrar no céu, assim as crianças convidam seus pais e parentes para participar da AD juntamente com eles. Enquanto desenhavam, as crianças sempre falavam muito e interferiam, opinando nos desenhos uns dos outros.

Marília: (sobre o desenho) Sofia, desenha um chão, parece que tua igreja tá voando.

Sofia: ela tá subindo pro céu!

Andréa: então bota a mão de Deus puxando!

Marília: e ela vai subir assim? Quem sobe é a gente! Ela vai ser arrebatada! Ela vai ficar, quem sobe é a gente.

Matheus: ela sobe toda

Penso que a concepção de pessoa evangélica possível de ser compreendida, a partir dos relatos do meu campo, especialmente os relatos obtidos nas conversas com as crianças, auxilia o entendimento do processo de formação da criança evangélica da Assembleia de Deus. As crianças são pessoas que querem salvar suas almas, estando próximas a Deus, revelando seu pertencimento ao grupo através do que é expresso pelo corpo, pela experiência mais próxima com Deus (batismo no Espírito Santo), pela persuasão que exercem ao trazer os pais para dentro da religião (autonomia e agência).

Elas expressam o que as diferem das demais crianças, reconhecendo-se como pessoas evangélicas assembleianas que fazem parte de um mesmo grupo (“a gente”) como ressalta Andréa: “quando o povo diz que a Igreja vai subir, é a gente, as pessoas. É porque o Templo é tipo a madeira, entendeu? E a gente é a Igreja”. Assim como a pesquisa de Reesink (2014),

a partir do pertencimento religioso, as crianças se inserem no grupo, se identificam e identificam o outro como assembleiano.

O acesso ao conhecimento que tem sido compartilhado entre os assembleianos foi possível de ser observado durante a pesquisa de campo, como exemplo posso citar a fala das crianças interlocutoras quando estávamos em um dos encontros. Perguntadas por mim como as crianças imaginavam Deus:

Maria Edi: Como vocês imaginam que Deus é?

Aline: A gente não consegue ver Deus, por que como a luz do sol é muito forte, imagina ver Deus a olho nu?

Matheus: Foi no congresso. O pastor falou de Deus aí o menino pegou e disse; ô pastor, me mostre Deus, como é Deus? Aí ele pegou o menino pra beira da praia e disse: “olhe pro sol!” “ Não consigo, é muito forte!” “Como você quer ver Deus se não pode ver nem uma criação dele?”

Milka: É melhor fazer Deus e a Igreja, por que a Igreja é a noiva de Deus.

Marília: Antigamente, a Igreja se chamava templo, por que o povo diz que o templo é a madeira, é o teto é tudo, a Igreja somos nós que vamos. A Igreja é a noiva de Jesus.

Livia: Jesus vai levar a gente pra Nova Jerusalém, que o povo diz que é a cidade de (?). Ele vai arrebatar a todos que estão no céu e vai levar pra nova cidade.

As crianças demonstram, no meu entendimento, uma capacidade de abstração e de conhecimento compartilhado pelo grupo que remetem a textos bíblicos bastante específicos, como exemplo do comentário de que a *Igreja é a noiva de Jesus*. Essa passagem bíblica⁶³ faz referência a uma analogia de que Cristo é o noivo e a Igreja, ou a cidade prometida de Jerusalém, seria a noiva. O povo é a Igreja, que unidos a Cristo formam um só corpo. Esse conhecimento é trazido no discurso das crianças que também revelam uma interpretação própria.

A noção de Deus está diretamente ligada á noção de pessoa evangélica. Em outro trabalho, “A antropologia, os católicos e a noção de Deus”, Reesink (2005), para discutir a noção de Deus, apresenta, a partir de dados do seu campo de pesquisa no Alto do Observatório, no bairro de Casa Amarela, dois elementos principais que são as personagens de Deus e do homem, em uma comunicação na Terra e no outro mundo. Caracterizando Deus como pai que perdoa e que salva, centro da cosmologia cristã e aspiração maior dos católicos (REESINK, 2005, p. 13).

Encontro muitas semelhanças, em uma elaboração que toma por base a descrição e fala das crianças, entre a noção de Deus apresentada no campo católico do Alto do Observatório e

⁶³ Apocalipse 21: 9-10. “E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu”.

no campo das crianças evangélicas do Alto da Jaqueira. Deus sempre está presente junto às crianças, também sendo descrito como uma figura paternal, que está acima dos demais, que perdoa os pecados e que tudo sabe. O diálogo que se segue caracteriza bem sobre a noção de Deus que elas possuem:

Maria Edi: Como vocês vão desenhar Deus no papel?

Andréa: Grande, brilhoso, bonito que tem cabelo grande também.

Lúcia: Agora, a gente não sabe se ele é moreno ou branco...

Renata: Branco.

Andréa: eu vou pintar de pardo, da tua cor...

Marília: é por que ele é ...branco.

Sofia: eu acho que ele é branco, muito, muito, muito alto, cabelos longos, castanho, olho azul, não, eu acho que ele tem olho verde.

Nesse trecho do diálogo, as crianças conversam sobre como vão desenhar a figura de Deus no papel. O que me despertou a atenção logo de início foi o fato de Lúcia ter buscado uma semelhança entre a figura de Deus e sua cor de pele, ela é negra e representar Deus com a cor da pele escura como a sua foi colocada no grupo, mas que não se manteve devido à reação dos demais que também queriam desenhar Deus com suas cores de pele. As demais crianças estranharam o fato de Lúcia ter falado que a cor da pele de Deus era morena. Eles fizeram comparações que remetiam às figuras que vêem em vídeos, na TV, contudo a ideia de ser negro foi descartada. A relação de aproximação entre Deus e as crianças fica bastante perceptível, a figura divina tem forma humana e com características aproximadas às delas.

Matheus: Na Bíblia diz que Ele é bonito...

Marília: Sim, Ele é bonito...

Renata: Ele é brilhante...

Marília: mas que ele tem olho verde essas coisas não, acho que é castanho claro...

Andréa: a gente não tem certeza se ele é branco, preto, moreno...

Ainda nesse trecho, a questão da cor de Deus é retomada, posta em dúvida por parte de Andréa, que ressalta não ter certeza. Acredito ser interessante observar essa discussão no grupo de crianças, sobre a cor de Deus, principalmente por ter partido de uma criança negra. Penso que a identificação que Lúcia descreve com a divindade reflete o tipo de entendimento da aproximação que a mesma tem com a figura divina.

Maria Edi: Tu achas Lúcia, de verdade, que Ele é branco?

Lúcia: Acho. Da cor de Marília.

Provoco um pouco Lúcia, mas ela já havia recuado de pintar seu desenho com a pele negra, devido à reação dos colegas.

Maria Edi: Vocês lembram que disseram a pouco, que ninguém viu Deus?

Matheus: Ninguém nunca viu e nunca chegou na inteligência humana como é Deus, como nasceu Deus nada sobre Deus na inteligência humana.

Marília: eu vou desenhar Deus, as nuvens em baixo, aí vem o trono de Deus em cima e Deus sentado nele, por que é assim!

Destaco nessas duas falas como Matheus enfatiza que é desconhecido para inteligência humana o conhecimento sobre Deus. Entendo que a posição agora é de distanciamento, longe do entendimento humano. Essa distância é complementada na fala de Marília, o trono de Deus acima das nuvens, longe das crianças.

Sofia: ah, meu filho tem três tipos de céu aqui, tem esse céu que a gente vê, tem o céu dos planetas, o universo e ...o céu que Deus tá. Que é o universo, onde Deus tá, fio!

Marília: Ah, não! Eu queria minha mãe...eu queria ajuda. Eu não sei como desenhar...

Milka: cace na sua imaginação, minha filha!

Matheus: É como se fosse mais brilhoso do que o céu...do que o sol.

Marília: Ninguém conseguiu ver ele, por isso que a gente vai ser transformado, também por causa do pecado, mas a gente vai ver Deus como é?

Andréa: pode subir pro céu de óculos?

A diferenciação dos tipos de céu traz para a discussão elementos do conhecimento científico e religioso. As crianças disseram que aprenderam sobre os tipos de céu na escola, misturando na formulação do seu entendimento ciência e religião. A referência ao pecado e ao corpo transformado remete à ideia de morte, perdão dos pecados e salvação.

Nesse diálogo estão presentes elementos que favorecem o entendimento da noção de Deus que as crianças assembleianas, interlocutoras nessa tese trazem. Deus, ao mesmo tempo em que é próximo pode ser distante, ficando acima das crianças, em seu trono nas nuvens; Deus presente, bonito, brilhante, mas incompreensível à inteligência humana. Contudo, constante na intencionalidade de promover a salvação das almas, transformando seus corpos para ser possível subir aos céus e estar perto.

5.2.2 “Nosso corpo é a casa de Deus e Ele quer morar no nosso coração!”: como as crianças incorporam a doutrina

A criança da Assembleia de Deus aprende desde muito pequena que seu corpo precisa ser educado para demonstrar a todas as pessoas, do seu grupo religioso ou não, a qual religião pertence. *Ser crente e parecer crente* é um princípio que é exercitado e que traz consigo outros tantos elementos do processo de formação da criança evangélica.

O uso das roupas, o modo de sentar-se e de gesticular durante as músicas na Igreja; o modo de dançar ou *quase* dançar; a posição do corpo no momento de entrada no templo, em sinal de reverência; o uso de maquiagem; o comprimento dos cabelos; as palavras proferidas durante os cultos; o comportamento esperado diante de uma discussão; a obediência, o pecado, o discurso articulado aos ensinamentos bíblicos, o batismo pelo Espírito Santo; o uso dos brinquedos são algumas categorias presentes e recorrentes nas conversas com as crianças.

Das categorias acima citadas considero a obediência⁶⁴ como a que mais aparece e é cobrada no cotidiano das crianças e que se encontra nessa sessão. A partir do ato de ser ou não ser obediente é que as demais categorias aparecem com mais frequência na formação da criança evangélica. A consciência de que Deus⁶⁵ é onipresente, onisciente e onipotente, de acordo com os ensinamentos bíblicos, está bem caracterizada na fala das crianças.

⁶⁴ Deuterônimo, 5:29. “*Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fossem a eles e a seus filhos, para sempre*”!

⁶⁵ Segundo a Bíblia, são três os atributos principais de Deus: o único que tudo vê, o único que está em todos os lugares: onipresença; o único que tudo pode: onipotência; o único que tudo sabe: onisciência. Salmos 139, 1-8: “Senhor, tu me sondas e *me* conheces. Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar; e conheces todos os meus caminhos. Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, Ó Senhor, tu conheces. Tu me cercaste em volta e puseste sobre mim a tua mão. *Tal*

Em um dos *encontros*⁶⁶ para *desenharas* crianças conversavam sobre o arrebatamento da igreja, quando Andréa sentiu-se aliviada por entender que o prédio da igreja, as paredes, não subiria aos céus e falou:

Andréa: Ainda bem que a Igreja não vai subir, por que senão ia ter que arrancar a parede do banheiro.

Renata: Porquê?

Andréa: Porque eu escrevi o nome JESUS na parede e Ele ia saber que foi eu.

Lúcia: Mas ele já viu o que tu fez, o que tu vai fazer hoje de tarde, o que tu fez antes de tu pensar em fazer.

Andréa: o que eu vou fazer hoje de tarde? Dormir.

Matheus: Deus sabe de tudo. Sabe quando tu vais pecar, quando tu vai fazer uma coisa errada.

As crianças demonstram conhecer bem o ensinamento de que Deus tudo sabe, tudo vê e está em todos os lugares e a vigilância das pessoas envolvidas nas atividades é mais um mecanismo de controle, pois o controle maior vem através da consciência doutrinária. Ao serem perguntados se as crianças evangélicas são identificadas pelas roupas que vestem, Sofia e as demais crianças que estavam presentes nesse encontro, assim responderam:

Sofia: Não, pelos modos.

Andréa: se não ela não sobe pro céu. Não pode usar maquiagem.

Matheus: Não sobe e não pode usar por que é errado.

Lúcia: nem batom.

Matheus: Nem brilho.

ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta *que* não a posso *atingir*” 7-12: “Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí *estás*; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali *estás* também; se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me sustentará. Se disser: decerto que as trevas me encobrirão; então, a noite será luz à roda de mim. Nem ainda as trevas me escondem de ti; mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz *são para ti* a mesma coisa. 13-16”: Pois possuíste o meu interior: entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, por que de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu *corpo* ainda informe, e no teu livro todas estas coisas foram escritas, as quais iam sendo dia a dia formadas, quando nem ainda uma delas *havia*.

⁶⁶ Como dito na metodologia desse trabalho, os momentos com as crianças variaram entre a observação das atividades na Igreja e na Escola e das visitas nas casas, bem como momentos de conversa informal e entrevistas, individuais e coletivas. Outro caminho percorrido foi através dos encontros para desenhar, aos quais denomino como estratégias de aproximação, pois os desenhos serviram como mediador de questões que precisavam ser aprofundadas.

Andréa: brilho não pode?

Matheus: Pode não.

Andréa: Pois eu tô pecando todo dia!!

Sofia: brilho pode, agora batom...porque tem menina...

Andreza: Eu fui no banheiro com tua irmã, no congresso e tinha duas meninas crentes botando batom, se maquiando. Aí a dirigente da União de Adolescente chegou lá *“estão passando batom, é? Vermelho? Passa todo mundo pra dentro, vamos?”*

Tanto as meninas quanto os meninos sabem as regras sobre uso de maquiagem e as meninas fazem negociações com relação ao *batom e ao brilho* labial, diferenciam que batom não pode, mas brilho pode. Com relação ao comportamento da criança, Matheus responde:

Maria Edi: E o comportamento?

Marília: O comportamento tem que ser assim, sem palavrão, principalmente palavras indiscretas.

Matheus: não pode humilhar ninguém, tem que saber perdoar, tem que saber ter paciência também, que é uma coisa que eu não tenho.

Matheus revela em sua fala, ter consciência dos seus limites, pois pelo fato de não ser paciente, precisa de um pouco mais de esforço para não humilhar as pessoas, perdoar, atitude que é cobrada pela Igreja em seu comportamento.

A vigilância divina sobre o comportamento da criança evangélica e o perdão de Deus para os seus pecados são descritos como uma forma de proteção e cuidado.

Maria Edi: E quando a criança faz uma coisa errada?

Matheus: Fica no cérebro e pede perdão a Deus. Ele já sabe que a gente pecou antes da gente pedir perdão.

Marília: Ele perdoa.

Sofia: Ele sabe nosso pensamento antes da gente pensar.

Maria Edi: E vocês não se sentem vigiados?

Milka: Vigiada, não. Quando eu tô nos lugares eu já sei que Ele tá com o olho, olhando eu. Pra qualquer coisa assim, pra me proteger.

Em um dos encontros com as crianças, com todo grupo reunido, perguntei como elas definiam uma criança evangélica, ao que responderam:

Grupo de crianças: Muito diferente. Não pode usar brinco, calça comprida, maquiagem, colar, brinco, vestido curto, não pode ficar arranjando briga na escola, saia curta.

- **As crianças, as vestimentas e a vaidade:**

Percebo no relato acima que as crianças têm conhecimento dos impedimentos e das orientações que são postas pela religião, os usos e costumes que orientam a utilização de roupas e do comportamento, esse relato é, praticamente, um resumo da Resolução do ELAD. A vaidade feminina também é relatada, mas não é fácil ouvir referência à vaidade masculina. Silva (2003) chama atenção para o uso intencional do termo vaidade fazendo referência a adornos e enfeites, diferentemente do sentido bíblico que se remete ao vazio das ações que possam ser realizadas por pessoas vaidosas. O autor reforça que o sentido dado pela AD à vaidade representa mais um símbolo de como ser e parecer crente, ao que completa:

Neste sentido, os símbolos não só ajudam a representar concretamente a coletividade, como podem também servir para provar ou alimentar o sentimento de pertença e solidariedade destes membros onde pertencem, reproduzindo conduta e padrões que estão sendo ensinados, como forma de obediência e compromisso (SILVA, 2003, p. 40)

Ainda justificando o uso das roupas que uma criança evangélica deve usar, Marília fala que:

Marília: É porque é assim, a gente que é evangélico, diz: aquele vestido é bonito, de alça, compra. Mas bota o quê por cima? Bota um casaquinho, um bolero, o povo fala né? Blusa por dentro, que é segunda pele. A gente não pode usar short curto, agora assim em casa, você tá no terreno (a palavra *terreno* tem o mesmo sentido que *quintal*), pra dormir, short curto não, short normal. Desde que eu estudava no Pequeno (refere-se à Escola Pequeno Príncipe), eu saí esse ano, que eu nunca gostei de usar short curto. Eu sou evangélica desde pequena, né? Eu nunca gostava, o único short que eu usava era o short da escola, desde a alfabetização que eu uso saia.

Marília sempre demonstrou maturidade nas suas colocações, de todo o grupo de crianças mostrou-se a menina que expressava a opinião mais firme. As estratégias reveladas para utilizar roupas sem mangas me surpreenderam, pois acreditava que essas eram apenas usadas por mulheres e não pelas meninas, as crianças revelaram que em meio aos ensinamentos da doutrina

e dos costumes, elas elaboravam suas negociações. Compram blusas e vestidos de alça, mas cobrem os ombros com um casaquinho ou *bolero*⁶⁷.

Ainda com relação à roupa, perguntei para Matheus, o único menino do grupo, sobre suas vestimentas para ir à Igreja:

Maria Edi: Como é roupa que você vai à Igreja?

Matheus: Eu vou de calça desde que eu aprendi, que mainha disse que o certo é ir de calça comprida. Quando era criança, você podia vir com bermuda, mas depois eu comecei a usar calça porque é o certo.

Maria Edi: Você usa paletó?

Matheus: Vou, né? Quando pede (referindo-se à dirigente da União dos Adolescentes), eu vou ficar em cima do púlpito dirigindo também, aí uso o paletó.

Maria Edi: Você gosta?

Matheus: Eu gosto muito, é bom demais!

Milka: mas é um calor terrível!

Entendo que o uso das calças compridas e do paletó descrito por Matheus possui um significado de maturidade e consequentemente do envolvimento do pré-adolescente com outras atribuições auxiliando os dirigentes, presbíteros e pastores na condução disciplinar das crianças menores. Vestir o paletó e executar ações de imposição de ordem às crianças menores é uma demonstração de poder e Matheus sente-se bem com isso, não importando o calor. O uso do paletó tem sido uma das características trazidas pelos missionários suecos desde que vieram para o Brasil e foi incorporada ao *ethos* assembleiano, que mesmo diante de temperaturas elevadas, continua sendo usado como demonstração de *status* e pertencimento ao grupo. O comentário feito por Milka sobre o *calor terrível* no uso do paletó não fez a opinião de Matheus ser alterada, pois o calor não se apresenta como obstáculo.

As meninas reconhecem as limitações que as mulheres possuem dentro da congregação e se espelham muito na postura das mães. Uma das características que observei dessa conduta feminina na AD está relacionada com o modo de evidenciar a vaidade. Um modelo próprio de arrumar-se para as atividades da Igreja e que é muito marcante está presente nos cabelos e nas roupas das *irmãs*. Diferente de outros grupos femininos, as mulheres assembleianas usam fardamentos para ocasiões festivas como festa do coral, aniversário do círculo de oração, ou mesmo apresentação dos corais nos dias comuns de culto. Esses fardamentos despersonalizam as mulheres e elas procuram encontrar uma forma de diferenciar-se, arrumando os cabelos a

⁶⁷ A palavra *bolero* refere-se a um tipo de blusa curta, que é sobreposta a outras blusas ou vestidos.

seu gosto, embora os mantenham compridos ou abaixo dos ombros. É um grupo pequeno – coral ou vocal - dentro do grupo maior de todos os membros da Igreja. As meninas, como muitas vezes pode ser observado, usam roupas feitas com o mesmo tecido do fardamento da mãe, para seguir o mesmo padrão do fardamento.

Maria Edi: Qual a roupa que você mais gostou de usar nas festas da Igreja?

Sofia: A farda da festa das crianças, um vestido vermelho com um cinto azul.

Andrea: o fardamento é tão infantil...depois é que muda, quando a gente cresce.

Milka: Eu não gostei do fardamento do Sonho Dourado, aquela tiara sem combinar, feia, a mãe de Clarinha fez a mais bonita pra Clara e a da gente tava troncha...

Renata: a costura tava troncha e eu não gostei da tiara...só gostei do tecido porque era igual a farda da minha mãe.

Observo nas falas das meninas que há restrições sobre o fardamento, mas gostam por ser parecido com a farda usada pelas mães, reproduzindo o modelo de vaidade esperado para uma menina assembleiana, pois apresentam uma sensibilidade estética própria.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “*O Corpo Santo: Construção e Performance do Corpo Religioso das Mulheres da Congregação Cristã no Brasil*”, Braz (2015) revela a peculiaridade da vaidade feminina expressa pelo controle das técnicas corporais para que consigam afastar a vaidade do espaço da igreja. A contenção do corpo e a modéstia são mecanismos que podem fazer com que as mulheres alcancem a santidade, que é uma categoria muito importante para o grupo observado.

A identificação religiosa está atrelada ao corpo, e, em alguns casos, a (re)construção do próprio corpo é um dos mecanismos de objetificação do religioso, da autoestima e do estabelecimento da relação com o mundo. As representações do corpo operam de acordo com as representações disponíveis na sociedade, de acordo com as visões de mundo das diferentes comunidades humanas (BRAZ, 2015, p. 104)

Identificar-se religiosamente através das roupas que usam bem como através do controle do corpo compõe o *ethos* assembleiano e a respeito do *ethos* de um povo, Geertz (2008) nos diz que a sua definição está diretamente relacionada aos aspectos morais e cognitivos, a visão de mundo e a vida prática. Trago essa definição ao grupo pesquisado, concordando com o autor quando o mesmo define que,

O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu

mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem. A crença religiosa e o ritual confrontam-se e confirmam-se mutuamente; o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas o qual esse tipo de vida é expressão autêntica (GEERTZ, 2008, p. 93).

O aprendizado sobre a visão de mundo assembleiana, e a colocação das ações e do comportamento, é percebido na vida prática, na realidade em que vivem, estão também descritos e presentes no modo de ser, agir e estar no mundo. Esse aprendizado é ensinado às crianças e elas compartilham desse entendimento de modo prático, elaborando sua visão de mundo a partir dos princípios que são trazidos para sua educação global. O uso de roupas que são determinadas pela religião direciona o modo como as crianças percebem seu corpo e seu movimento, a incorporação dos ensinamentos doutrinários. Os cabelos das meninas expressam não apenas a vaidade, mas também é um componente do *ethos* assembleiano. Elas percebem que os cabelos possuem uma importância grande para a religião, mas também exprimem vontades que vão de encontro às orientações de manter os cabelos compridos, como no exemplo abaixo.

Maria Edi: Como deve ser o cabelo da menina evangélica?

Marília: ainda bem que meu cabelo tá grande, batendo na bunda porque eu vou doar.

Matheus: não pode viu, não pode cortar porque é o véu!

Sofia: nem cortar nem pintar.

Renata: mas as adultas, as mulheres que tem o cabelo branco tem que pintar de preto.

Marília: mas tem um produto ...

Lúcia: é progressiva, botox, sei lá...

Matheus logo chama a atenção das meninas para o tamanho dos cabelos e do significado⁶⁸ desse tamanho, *não pode cortar porque é o véu!*

⁶⁸ 1 Coríntios, 11: 1-16: “E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei. Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente, tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão. Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão. Por que também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão. Portanto,

Outro elemento que compõe a observação acerca da vaidade feminina que pude destacar durante o percurso da tese, relaciona-se com os gestos realizados pelas meninas. Percebi durante o trabalho de campo, que as meninas realizavam gestos com as mãos, quase uma dança, quando cantavam no coral da Igreja. À frente do grupo sempre estava outra menina que conduzia o gestual, a maestrina⁶⁹.

A música representa uma forma de louvar a Deus bastante utilizada com as crianças, bem como entre todos os crentes, nos momentos em que entoam os hinos, ocorre uma comunicação que une todo o grupo. As demais meninas ficam nas fileiras da frente e os meninos nas fileiras de trás. Eles apenas cantam, não fazem os gestos com as mãos que a maestrina indica.

Sobre os gestos que são realizados pelas meninas e não pelos meninos, quis saber um pouco mais e questionei um dos orientadores das crianças chamado Paulo, ao que ele respondeu:

Maria Edi: Percebi que os meninos não realizam gestos com as mãos durante as músicas, como as meninas. Vocês orientam essa postura?

Paulo: É verdade, é um princípio, a gente aprendeu que é assim, eu não saberia dizer por que, mas os gestos ficam pras meninas, por ter a delicadeza das mãos, *quase que uma dança, mas não é uma dança*. E os meninos cantam.

Aos meninos, a postura não inclui movimentos gestuais, mas algo mais austero em contraste com a delicadeza das mãos das meninas. Às crianças não é permitido dançar, mesmo em brincadeiras fora da Igreja, com amigas, as meninas comportam-se respeitando essa regra, algumas vezes inventam formas de mexer o corpo sem parecer que estão dançando. Ao ser questionada se tinha vontade de dançar, Lívia explicou:

Lívia: dançar? Assim, a nossa Igreja permite música evangélica, aí pode ir, no ano novo na minha casa, pode se mexer, agora não pode se requebrar, dançar o quadrado, começar a dançar *funk*. Um exemplo, eu tô com minha amiga, a gente tá na casa dela escutando música evangélica, um hino gospel, por exemplo, pode ficar assim, rodando assim, dançando...pode, pode!

a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos. Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher, sem o varão, no Senhor. Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém a mulher, mas tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter o cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, por que o cabelo lhe foi dado em lugar de véu. Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as Igrejas de Deus”.

⁶⁹ A categoria de entendimento “maestrina” será discutida na seção que se segue.

Ao mesmo tempo em que falava, Lívia demonstrava, segurando em minhas mãos e balançando o corpo pra lá e pra cá, demonstrando como é possível mexer o corpo em uma música evangélica sem dançar. Existe uma forma de expressar os movimentos do corpo que é entendido pelas crianças como definidores de uma criança evangélica, o que é chamado por Mauss (2003), como *técnicas corporais*. Para Mauss, esse entendimento vai além de mera imitação do comportamento dos adultos, pois as técnicas corporais são as formas como tradicionalmente as sociedades sabem servir-se do seu corpo (MAUSS, 2003, p. 401). Dentro da perspectiva do “homem total”, o elemento biológico se une ao fisiológico, psicológico e sociológico e, através da educação, as crianças repetem as técnicas socialmente pertinentes ao seu grupo.

A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros (MAUSS, 2003, p. 405).

O comportamento gestual das meninas da Assembleia de Deus foi a temática observada por Rigoni e Prodócimo (2013), pois de acordo com as autoras, mais nas mulheres que nos homens, é no corpo feminino, desde muito cedo, que as marcas da educação religiosa são impressas (p. 228). Ainda na infância, quando meninas, o repertório gestual das mulheres é incorporado, a religião educa seus corpos e torna o rigor do conservadorismo da Igreja presente no corpo.

Nas conversas com as crianças não tratei da questão da sexualidade, pois são de pouca idade e, mesmo que tivesse podido adentrar nesse assunto, preferi não fazê-lo. O fato da proibição da dança remete ao controle da sexualidade, posto que o uso da roupa apenas não dê as garantias necessárias de que o comportamento deixe de ser considerado “provocativo”. Um conjunto de proibições – gestos, dança, roupas, maquiagem – colaboram para o controle da sexualidade. No relato de Lívia, de que não podem *requebrar*, *dançar o ‘quadrado’*, *dançar funk* a referência ao controle da sexualidade é explícita, sabendo que esses ritmos são bastante sensuais e chamam a atenção para movimentos sensuais do corpo.

Os pais expressavam a preocupação com a sexualidade dos filhos, se os meninos podem se interessar por outros meninos, se estão namorando com outra pessoa evangélica ou não. Em meio às conversas com o casal Nalva e João, pais de Matheus e Milkafoi possível perceber esse cuidado:

Nalva: Tu tá namorando Matheus? *E o que é que tem mainha ela écrente!* (João) eu disse assim pra minha esposa: olha Mô, Matheus é muito novo pra namorar, mas eu disse até pro presbítero da Igreja...escute só...por uma parte, eu gostei da atitude dele, por que hoje em dia você ver assim...até dentro da igreja mesmo, o menino vai crescendo e o pai: “não vai namorar não”...termina o menino...gostando de outra pessoa do mesmo sexo! É isso que eu tenho medo! Aí eu disse Mô, deixe ele falar, tocar no assunto que eu quero saber quem é meu filho, eu quero saber...eu falei isso pra o presbítero e ele disse assim, “*mas irmão seu filho é muito novo, o meu já tem catorze anos e eu não deixo!*” Irmão, o senhor tá errado, o senhor tá errado. Eu acho assim que o senhor deveria deixar ele pra o senhor saber a conduta do seu filho, saber direitinho...depois sentava com ele, meu filho você é novo, vocês são criança ainda, mas pelo menos meu filho já me deu sinal de que gosta...eu gostei disso do meu filho, eu gostei!

O conceito de *habitus*⁷⁰ nos dá pistas para entender o processo de aprendizado e incorporação desses gestos ou técnicas, no sentido de Mauss (2003), que ocorre na formação da criança evangélica e perdura por sua vida adulta. Bourdieu (1983) nos diz que *habitus* é,

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65)

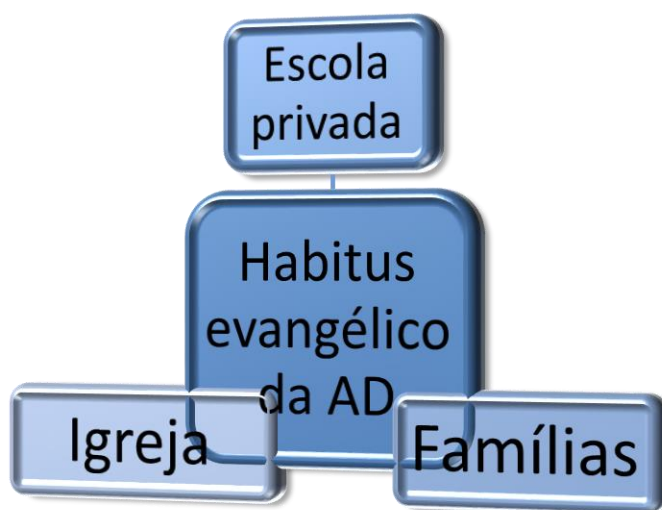
As percepções objetivas e subjetivas do mundo são constantemente trocadas de modo recíproco na individualidade de cada um, sendo o *habitus* capaz de expressar o diálogo presente nessas trocas. As disposições estruturadas socialmente e mentalmente são o resultado de experiências vividas na ação do sujeito em seu cotidiano. Em outras palavras o entendimento sobre o mundo está sendo reelaborado, demonstrando que existe uma agência presente nas ações mesmo que essa reproduza, de certo modo, a coletividade. O *habitus* individualmente produzido é resultante de um aprendizado com os grupos que se têm relações, no caso dessa pesquisa, as crianças aprendem com seus grupos de relações – escola, família, igreja – o comportamento evangélico, mas reelaboram internamente esse entendimento e demonstram possuir certa agência e autonomia na prática do seu cotidiano.

As crianças não reproduzem, apenas, mas reagem e adaptam-se às regras do seu grupo, contribuindo para a permanência do grupo. Sendo o entendimento conceitual do *habitus* como

⁷⁰ Originária do pensamento aristotélico e escolástica medieval, o conceito de *habitus* vem da filosofia antiga e foi recuperado e retrabalhado depois da década de 60 por Pierre Bourdieu para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reproduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes. Tratando da doutrina sobre a virtude, o *habitus* estabelece o caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos em uma situação e como tal, nossa conduta (WACQUANT, 2007; 64-65).

algo que não é imutável, mas aberto constantemente a novas experiências, percebi na fala das crianças algumas posições transitórias diante das proibições, sujeitas a negociações e intervenções propostas por elas na prática do cotidiano. Ao mesmo tempo em que, o *habitus* do grupo é mais contundente que o individual, essas negociações acontecem. A mudança de postura nas práticas sociais diante de novas informações sobre essas práticas é apontada pelos evangélicos da AD como um mal a ser combatido e as crianças precisam estar afastadas dessas novas informações, ou tê-las de modo comedido e vigiado.

Figura 6 - Grupos sociais que fundamentam o *habitus* evangélico das crianças



Intrinsecamente ligada às relações sociais das crianças está a família, esta concebida não só pelos laços de consanguinidade, mas pelos laços sociais, a convivência em grupo entre diferentes membros familiares. O papel educativo desempenhado pela família tem sido mostrado de forma relevante, no que diz respeito aos preceitos religiosos em vários trabalhos acadêmicos. Em pesquisa realizada por Costa (2011), *Família, Escola e Religiões: que Conflitos e Negociações?* a autora nos põe diante de um quarto elemento de relações, além da escola, família e igreja, que coloca a construção de elementos éticos, comportamentais, de conduta, em uso sistemático diante das relações sociais das crianças: o espaço da rua. Nesse espaço, de acordo com Costa (2011), não existem regras morais definidas, em contraponto com as regras existentes na escola e na igreja. Cabendo à família “dar garantias” dessa educação evangélica.

A atuação da família e da igreja na educação da criança contribuirá para essa formação do crente, e nos dizeres da autora,

É preciso lembrar que para as igrejas evangélicas ditas “tradicionais” a restauração física e moral do indivíduo não se pode realizar senão com base em um estilo de vida “crente”: administrar o mal consiste em extirpar todos os traços contrários a um ideal de vida digno de redenção, cujos atributos são desenhados e elaborados no seio da Igreja e partilhado pelos membros (COSTA, 2011, p. 89).

No campo dessa pesquisa, essa vigilância é realizada pelos três grupos distintos, mas que possui em comum a religião como elemento norteador da formação das crianças. Giddens (1994) chama atenção para o que denomina de reflexividade moderna, que é o fato de refletir sobre as influências trazidas por meio de grupos diferenciados ao grupo de origem. Por exemplo, informações trazidas pela ação da mídia na vida das pessoas. Para esse autor, a ação prática é aprovada não apenas por obediência a uma autoridade tradicional, mas por conhecer as razões que sustentam essas proibições. No caso das crianças, a obediência é sustentada por respeito ao que é justificado pela Bíblia e pela prática cotidiana do grupo. O *habitus* coletivo tem permanecido com maior força diante das crianças, ao mesmo tempo em que a reflexividade, demonstrada pela agência em práticas do cotidiano também ocorre. As relações com o mundo exterior ao mundo da Igreja são acompanhadas de perto pela escola, família e igreja.

- **As crianças e seus brinquedos:**

Um dos momentos das conversas com as crianças que mais me levou a refletir sobre o que eu desconhecia no universo infantil, diz respeito aos brinquedos usados pelas crianças evangélicas interlocutoras nessa pesquisa. Acredito ser importante observarmos os relatos que foram feitos durante as conversas sobre o uso de brinquedos e bonecas pelas meninas para entendermos um pouco mais sobre a formação da criança evangélica. Sendo Matheus o único pré-adolescente do grupo, a opinião das meninas sobre brinquedos foi a que mais prevaleceu. As orientações, ou indicações da Igreja, também estão presentes no imaginário infantil acerca dos seus brinquedos.

Maria Edi: Existem diferenças dos brinquedos da criança evangélica para os brinquedos das crianças que não são?

Rafaela: Algumas, algumas...

Maria Edi: Qual é a diferença? Existe diferença nas bonecas?

Lúcia: Eu odeio boneca!!

Sofia: A Igreja diz que a pessoa que é crente, a criança, não pode brincar com *Barbie*!

Milka: Barbie, Deus me livre, sangue de Cristo tem poder!!!

Lívia: Não pode! Não pode! *Monster High*, nada da Disney.

Maria Edi: Mas por quê?

Sofia: Eu não sei, mas tem um desenho da Disney, Frozen, e tem uma parte no filme, que Elsa, quando ela vai soltar o poder dela ela faz esse símbolo (refere-se ao gesto que é feito com todos os dedos da mão fechada e depois ergue-se apenas o indicador e o mindinho). E quando ela faz o Olaf ela bota a mão atrás assim pra ninguém ver, e dá pra perceber mesmo, quando a gente assiste pela internet que é pequenininho, chega mais perto, dá pra perceber mesmo...

As meninas demonstram certa repulsa por alguns tipos de bonecas, justificando que não gostam do brinquedo por terem recebido orientação da Igreja para não brincar com *Barbie* ou *Monster High*, associando a essas bonecas e desenhos da Disney, gestos que podem ser interpretados como sinais que remetem ao diabo⁷¹ ou ao fato de sempre ficarem doentes.

Andréa: eu tinha três sacolas de brinquedo, cheios de bonecas, aí Milka foi pra Igreja com a Barbie dela, aí eu tava brincando com a boneca dela quando o irmão tava fazendo a pregação, aí o irmão perguntou se aquela boneca era minha, eu disse que era de Milka, ele disse que se eu tivesse alguma boneca, eu jogasse fora, porque na época eu tinha muita doença, eu vivia muito doente, aí ele disse que era por causa das bonecas que eu tinha. Depois que eu joguei todas as minhas bonecas eu não fiquei mais doente até hoje.

Maria Edi: O irmão disse isso pra você ou pra sua mãe?

Andréa: pra mim.

Lúcia: Tia Carla (mãe de Andréa) quando soube disso, jogou as bonecas tudinho.

E continuam a justificar:

⁷¹ Existe uma justificativa para que as meninas não brinquem com a boneca Hello Kitty, que circula nas redes sociais desde 2005: “Havia uma menina de catorze anos que estava em fase terminal de câncer na boca. Os médicos já haviam tirado todas as esperanças da família em relação à cura da garotinha. A mãe da menina, desesperada, tomou uma decisão insana. Fez um pacto com o Demônio: consagrou a menina ao demônio para que ele a curasse e como promessa, criaria uma marca que afetaria todo o mundo (no caso a Hello Kitty). Posteriormente o Demônio curou a garotinha, e a mãe cumpriu o que havia prometido: criou a Hello Kitty. A palavra Hello em inglês quer dizer olá e a palavra Kitty, de origem chinesa quer dizer Demônio. Logo, Hello Kitty quer dizer Olá Demônio. Vocês podem perceber que a HelloKitty não tem boca, devido ao caso da garotinha ter o câncer de boca. A Hello Kitty é um símbolo da Nova Era. A Nova Era é uma seita que vai contra todos os princípios de Deus. Ela busca criar “símbolos bonitinhos” pra agradar a todos”. Disponível em: <http://metropolitanafm.uol.com.br>. Em 12/09/2016, 22:30.

Maria Edi: Por que na Igreja falam isso sobre as bonecas?

Matheus: Por que pode *usar* a boneca...

Maria Edi: E vocês acham que as crianças que adoecem são apenas as crianças evangélicas?

Sofia: Não. É o diabo mesmo que *usa* a boneca.

A palavra *usar* e *usa* está aqui empregada pelas crianças no sentido de ser possuída pelo diabo, elas acreditam que os brinquedos citados podem servir como transmissão do mal, fato que é dito pelos adultos e que é reforçado pela imaginação infantil. Ocorre que essa limitação na utilização de certas bonecas pelas meninas traz a conotação de que o mal pode estar presente no seu cotidiano, objetivado nos brinquedos e pode e deve ser evitado, sendo o causador de doenças e medo nas crianças.

Lúcia: Não tem loja de brinquedo? Tem loja que o diabo possui lá mesmo (o brinquedo), faz não sei lá o que e as bonecas ficam doidas. Já vem assim da loja, o diabo *usa* ela...

Lívia: Essa boneca Hello Kitty o povo também diz que ela teve um pacto com o diabo, antes dela ser assim conhecida, famosa no mundo.

Maria Edi: Esse assunto sobre os brinquedos vocês escutam das crianças ou de alguém na Igreja?

Lívia: Só das colegas.

Maria Edi: A mãe de vocês fala alguma coisa sobre as bonecas?

Andrea: Não. Eu fui explicar pra minha mãe, sobre essa história, o que estava acontecendo, mas mainha não acreditou na gente, mainha disse “*isso é imaginação*”.

Matheus: Eu acho até que foi coisa da cabeça da gente, porque eu olhei pra boneca a cabeça dela tava girando, aí eu fechei o olho quando eu olhei de novo ela tava com a cabeça toda parada...

Andrea: Eu tava imaginando que eu tava fazendo uma coisa impossível...

Matheus: Quem faz coisa impossível é Deus, menina!!!

Entre o que ouvem na Igreja, dividem com as colegas e imaginam acontecer com os brinquedos, o que me chamou a atenção foi o fato de que os brinquedos terem esse caráter restritivo para as crianças da Assembleia de Deus. A utilização de argumentos que remetem ao diabo e às doenças faz com que as crianças convivam com formulação de princípios religiosos nos momentos de brincadeira e lazer. As restrições a certas bonecas ocorrem de modo natural para as meninas sem que isso se torne um problema. Elas aceitam e acreditam que ficarão

melhores sem esses brinquedos. Como relatada por Andrea, a mesma não possui nenhuma boneca, todas foram doadas depois que ficou adoentada e o pastor a orientou que se desfizesse das suas bonecas e assim sua mãe fez.

- **A criança e a glossolalia:**

A experiência individual com o Espírito Santo faz com que o crente seja parte do corpo invisível da igreja, enquanto que o batismo nas águas o faz parte do corpo visível. A glossolalia ou o *dom de línguas ou ainda dons*⁷² *espirituais* é uma forma de oração⁷³ extática reconhecida pelo pentecostalismo e é o eixo da Teologia Pentecostal⁷⁴, experiência emotiva partilhada pelos crentes (CORTEN, 1996). Essa experiência individual de comunicação direta com Deus, como é descrito pelos crentes e observado por vários teóricos em suas pesquisas, traz um diferencial para a vida do evangélico, buscado inclusive pelas crianças como descrito no relato de André. A presença da experiência glossolálica na AD é tão antiga quanto sua própria fundação no Brasil, sendo inclusive descrita como fator determinante para a cisão com a Igreja Batista de Belém do Pará, mas há registros anteriores em outras localidades, fora do Brasil (FREESTON, 1994; HOFFNAGEL, 1978; MAFRA, 2001).

A glossolalia pentecostal é uma forma de elocução ritual caracterizada pela falta de um componente semântico (CSORDAS, 2008, p. 126). A repetição de palavras ritmadas, com o aumento da intensidade e do volume da voz foram observadas por Hoffnagel (1978), após as orações e da repetição de frases e palavras pelos crentes:

Most cases of glossolalia I observed in the church took place during services devoted to prolonged periods of intense prayer. After some time has passed in prayer, the tongue speaker begins to repeat certain words or phrases (Alleluia, Glory to god, Praise the Lord, Help me Jesus, Help this sinner) in a sing-song fashion until achieving

⁷² Os dons espirituais possuem quatro conjuntos de classificação encontrados nas Escrituras; 1) apóstolos; 2) profetas; 3) doutores; 4) dons de operar milagres; 5) dons de curar; 6) socorros; 7) governos, dons administrativos; 8) variedade de línguas. No segundo conjunto: 1) palavra da sabedoria; 2) palavra da ciência; 3) fé; 4) dons de curar; 5) operação de maravilhas; 6) profecia; 7) discernimento dos espíritos; 8) variedade de línguas; 9) interpretação de línguas. O terceiro é assim organizado: 1) profecia; 2) ministério; 3) ensino; 4) exortação; 5) contribuição; 6) liderança; 7) misericórdia. Para finalizar, o quarto conjunto: 1) apóstolo; 2) profeta; 3) evangelista; 4) pastor; 5) doutor (RICCI, 2006, p. 84).

⁷³ A Renovação Carismática Católica, em alguns aspectos se assemelha aos cultos pentecostais, pois trazem como elementos de grande importância a glossolalia, a expulsão de diabo, as curas e os milagres (PRANDI, 1998; STADTLER, 1988).

⁷⁴ Corten (1996), nos fala que a Teologia pentecostal é um sistema doutrinário muito próximo às demais concepções evangélicas sobre a aspiração e revelação das Escrituras, tendo como diferencial das demais Igrejas a doutrina do Espírito Santo e a atualidade dos dons espirituais sendo uma crença comum entre essas igrejas que: a) a Bíblia é a Palavra de Deus; b) Jesus é Senhor e salvador dos seres humanos; c) o homem é um pecador e necessita de uma redenção; d) a única forma de salvar-se é crer no sacrifício de Jesus; e) todo aquele que crer deve ser batizado nas águas; f) o inferno é um lugar de tormento para onde irão todos os perdidos (p. 53).

a certain rhythm (words and rhythms vary with the individual). Gradually the speech becomes unintelligible and the voice becomes shriller than in normal speech. The intensity and volume of speech also varies during tongue speech (HOFFNAGEL, 1978, p. 120-121)

A repetição das palavras ininteligíveis e frases desconexas, acompanhadas por grande variação da emotividade – choro, riso, lágrimas, êxtase, desfalecimento, desmaio, urros, dança – foi descrita na observação das crianças, em conversas durante o trabalho de campo. “O fenômeno glossolálico em si não era a novidade do movimento, mas sim a elaboração doutrinária que lhe dava uma centralidade teológica e litúrgica” (FREESTON, 1994, p. 75).

O chamado “batismo no Espírito Santo” representa a experiência rápida e pessoal com Deus, acessível a qualquer adepto, em oposição à busca demorada da salvação. Falar em línguas, o fenômeno glossolálico é a evidência do batismo no Espírito Santo. Para essa pesquisa é preciso salientar a importância que o fenômeno glossolálico representa para os assembleianos bem como as observações que foram anotadas no campo junto às crianças sobre tal assunto.

Em todos os momentos em que falaram sobre glossolalia, Milka contou o que viu no congresso das crianças:

Milka: a menina pequena foi batizada na Igreja, duas crianças. Foi batizada pelo Espírito Santo. Uma tem uns onze anos e a outra tem uns sete anos.

Eu lhe perguntei o que a menina havia falado e Milka assim respondeu:

Milka: teretereter... palavras dessas que eu falei, a gente tem que evitar falar isso, evitar e muito!

As crianças entendem que falar línguas é uma experiência importante para sua constituição enquanto evangélicas, Milka refere-se a evitar no sentido de não banalizar, evitar comentários banais acerca da glossolalia, como percebi no exemplo de André, também compreendem que existe um mistério e uma reverência que envolve essa experiência. Em outro momento de conversa com Andrea, ela tenta explicar o que entende sobre a glossolalia, e me diz:

Andrea: sabe o que eu vi na internet? Tava dois crentes e três meninos, Deus tava usando o menino pra falar línguas estranhas, como é aqueles que falam, eu não sei como falar...

Matheus revela que certa vez durante um culto direcionado às crianças, presenciou o seguinte acontecimento:

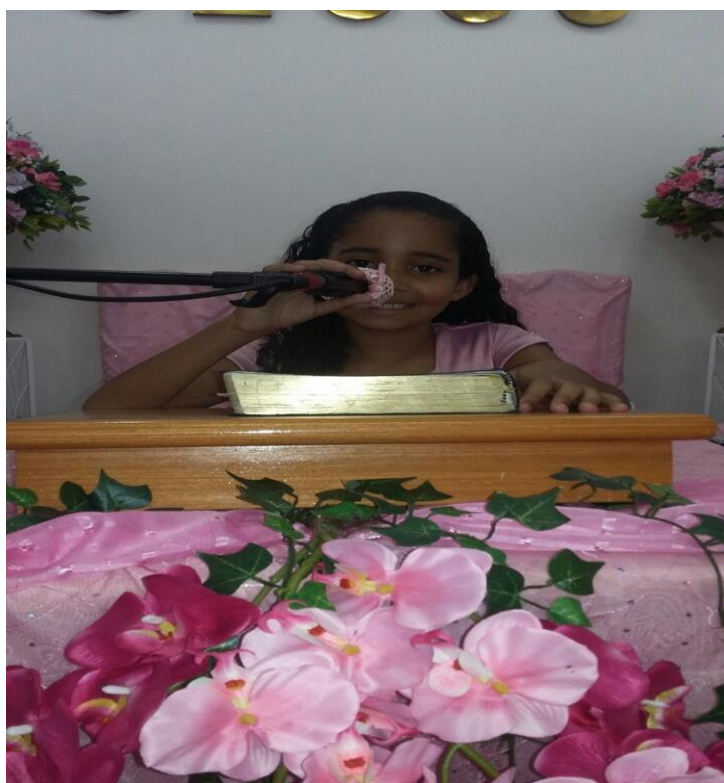
Matheus: Já no dia do congresso, a menina foi, como é? O pastor pediu pra ela um dom espiritual de profecia, profetizar dizendo: Deus vai realizar grandes coisas na sua vida. A menina disse: “ai meu Deus essa baboseira de ficar falando palavras”, não sabia de nada, não era crente, só gostava de música do mundo, ela ficou falando isso.

Percebo na fala de Matheus que, mesmo a menina participando do culto, assim como ele, foi identificada como não sendo crente e as justificativas que ele usou foi que ela *não sabia de nada*, pois *não era crente* e que *só gostava de música do mundo*. O ensinamento da doutrina e dos usos e costumes são fatores determinantes para a formação do entendimento evangélico das crianças e o reforço que é dado nos ambientes e grupos sociais em que convivem fortalecem a formação dessa identidade nas crianças. A convivência entre as crianças que são assembleianas e as que não são, foi observada nessa pesquisa como conflituosa em alguns momentos, pois o modo de ser e de agir diante do mundo é bastante diferenciada. A linguagem utilizada seja ela verbal, corporal, ou de outra natureza é bastante definidora do grupo ao qual a criança faz parte e o evangélico assembleiano é facilmente identificado. Esse fato não chega a ser um problema nos espaços que compõe o campo dessa pesquisa, mas em outros ou até mesmo nas relações estabelecidas entre crianças evangélicas e não evangélicas há a diferenciação, como percebi descrito na fala de Matheus.

Galeria de Imagem 4



Na primeira imagem cartaz incentivando que as crianças assembleianas convidem os amigos para a EBF. Na segunda, recursos utilizados na evangelização das crianças do Grupo Maternal (Arquivo Pessoal)



Sofia se prepara para ler a Bíblia no púlpito da AD Castelo Branco II (Arquivo Pessoal)

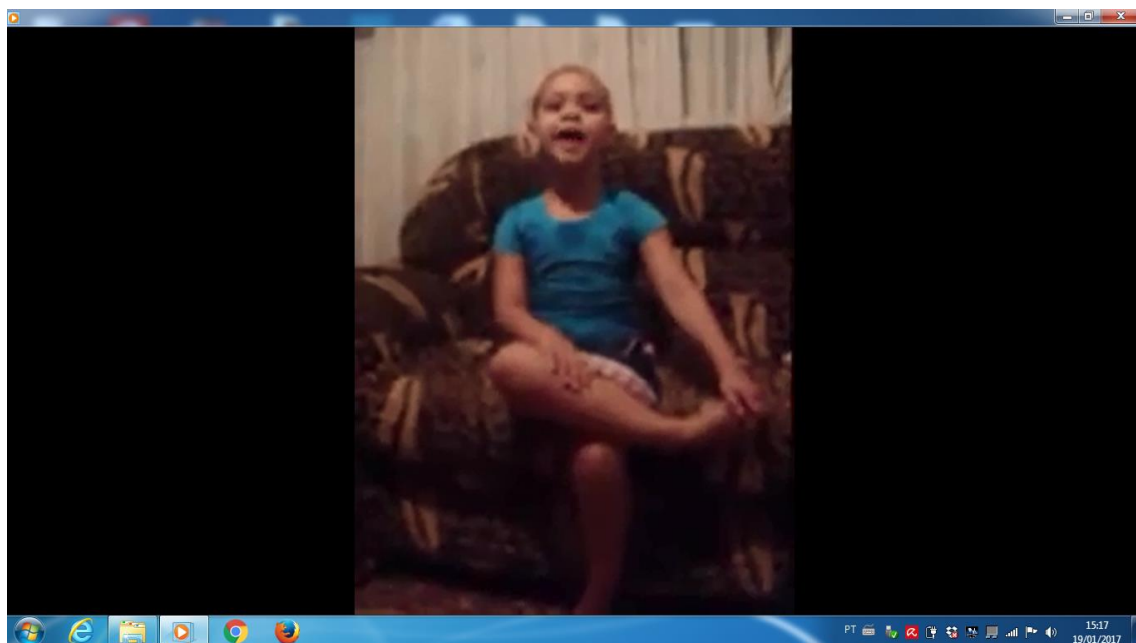


Imagem “*printada*” de um vídeo cedido por Nalva em que aparece Milka ensaiando para cantar no culto festivo do Dia das Mães na AD Sonho Dourado.



Imagem “*printada*” de um vídeo cedido por Nalva do momento da apresentação de Milka no Culto da AD Sonho Dourado. É possível perceber a presença da figura da criança no culto dos adultos à noite.



Nessa imagem percebemos as crianças pertencentes a AD Castelo Branco II na atividade festiva de aniversário do Conjunto Infantil. As crianças com fardamento vermelho fazem parte dessa congregação. O tamanho dos cabelos das meninas, o uso dos vestidos e a presença da Bíblia para leitura individual são elementos, que no meu entendimento, colaboram com a *formação* da criança assembleiana no que diz respeito ao *ethos* evangélico.

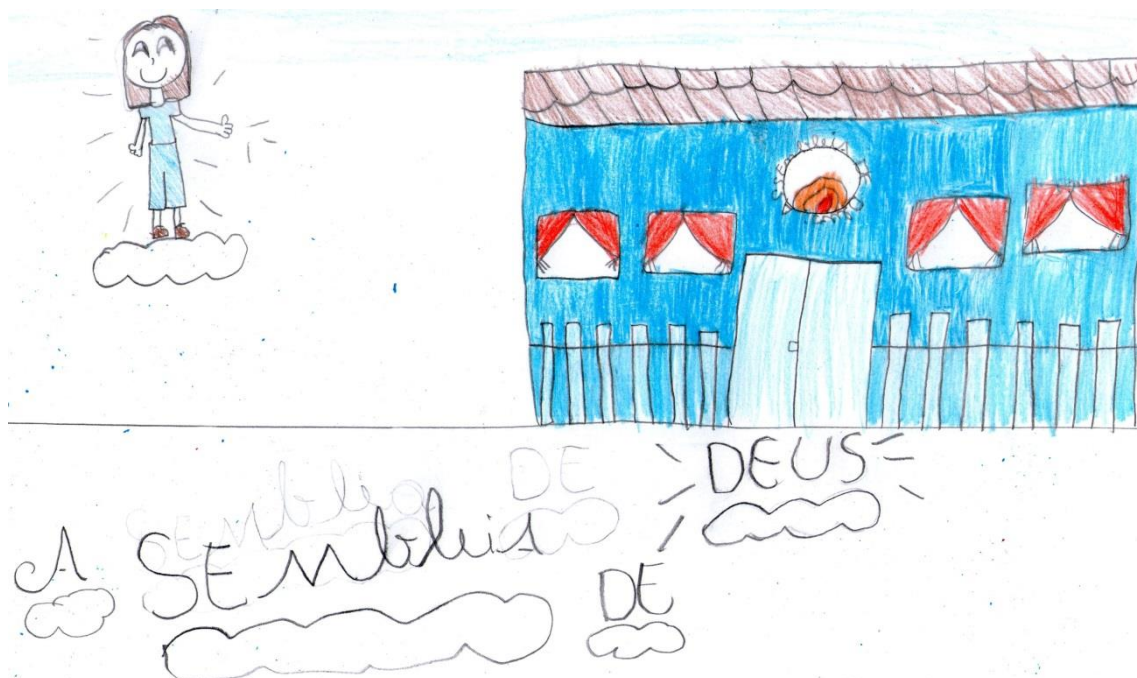


agui i' a subida
da ladeira pra
ir pra igreja

Matheus desenha toda sua família indo para Igreja, subindo a ladeira, com suas Bíblias.



Andréa desenha a mão de Deus sobre a Terra, ela não representa nenhuma figura humana, pois argumenta que “Deus não se vê”, sente-se a presença, aqui representada pela mão.



A mão de Deus em direção à AD Alto da Jaqueira, expressa que assim Ele fará no dia que vier buscar toda Igreja, como explicou Renata após terminar seu desenho.

6 PROCESSO DE FORMAÇÃO: A CRIANÇA NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Nessa seção descrevo a participação das meninas e dos meninos em dois momentos específico: as meninas como maestrina e os meninos quando auxiliam na disciplina dos menores, caracterizado pelo uso do *paletó*. É interessante perceber como se dá a passagem de uma fase para outra, a margem, colocando essas crianças em posição de destaque diante das demais. Participar em uma atividade e ter destaque dentro dos grupos é algo almejado pelas crianças, sendo um marcador de tempo em suas vidas.

6.1 A menina e o menino evangélico: definindo e assumindo papéis

As crianças interlocutoras, que eram bem menores no início da pesquisa, atualmente ocupam funções diferenciadas e participações cada vez mais comprometidas nas festividades e encontros com seus pares. Quando a menina torna-se maestrina, é o reconhecimento de que a mesma está crescendo e que tem condições de ensinar às meninas menores os gestos das músicas. A escolha⁷⁵ da maestrina é feita pela dirigente do conjunto infantil, geralmente são escolhidas as meninas que são crentes e que mais se destacam, sem restrições de ensinar os gestos à frente das demais meninas. Essa escolha também toma por base as meninas que são assíduas aos cultos e estudos bíblicos, ser maestrina é ser reconhecida perante o grupo como líder das meninas. A idade pode variar entre dez, onze, doze anos, de acordo com a desenvoltura da menina.

Sofia é maestrina e resume a importância dessa função dizendo:

Sofia: Eu gosto de ser maestrina porque eu tô contribuindo com a obra de Deus.

Com os meninos, percebi que após a conclusão do discipulado⁷⁶ e o batismo nas águas, acontece o momento em que passam a usar o *paletó* e ajudar na organização disciplinar das

⁷⁵ “A mais nova orientação do Templo Central é que não exista mais esse título de maestrina, pois algumas maestrinas achavam ter autoridades sobre as outras crianças. A orientação é que qualquer criança que frequente o Círculo de Oração Infantil e seja crente, possa mastrar o grupo, dando assim a oportunidade de todas as crianças mastrarem, inclusive os meninos. Porém os meninos não fazem gestos como as meninas, apenas regem”. Esse relato é de Selma, explicando sobre novas orientações recebidas do Templo Central sobre o título e atividade de mastrar, contudo em nenhuma das vezes em que estive nas igrejas vi algum menino realizando essa atividade, ou o revezamento de meninas. Eram sempre as mesmas meninas. A nova orientação ainda não está sendo posta em prática.

⁷⁶ O discipulado é um curso de formação evangélica que todos os crentes devem fazer antes de ser batizado nas águas, que muito se assemelha à catequese realizada pela Igreja Católica.

crianças menores, é o reconhecimento de que eles não são mais crianças. Eles são orientados a usar o paletó sempre que são oportunizados a pregar em cultos para os jovens. Acredito que o uso do *paletó*⁷⁷ pelos meninos pode ser pensado como a representação da mudança de *status* dentro do processo de *formação* enquanto menino/adolescente assembleiano. A passagem do *status* de criança pequena para menino/adolescente com *paletó* dentro dos cultos possui, no meu entendimento, o significado do crescimento na religião e na execução de papéis dentro do grupo, a margem é o avanço na *formação* como assembleianos. Assim como o uso do paletó tem a representação de mudança de *status* no processo liminar dos meninos, considero que o ato de ser maestrina tem significado igual para as meninas (VAN GENNEP, 2011).

Considero importante a observação desses momentos de mudança de comportamento de saída de um grupo etário para outro como uma possibilidade de aproximação com momentos específicos de um grupo, do ponto de vista geracional. Dizendo de outro modo, especificamente no grupo observado, para as crianças da Assembleia de Deus, tornar-se maestrina – para as meninas - e vestir o paletó – para os meninos, são etapas liminares⁷⁸ de mudança de pertencimento de um grupo etário. A passagem de uma etapa para outra acontece, nesse exemplo, mediante a participação em atividades – rituais – diferenciada por idade e desempenho na formação.

Sobre a importância dos rituais nos diz Peirano (2003) que eles “são bons para transmitir valores e conhecimento e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (PEIRANO, 2003, p. 10).

A relevância dessas mudanças na vida das crianças pesquisadas representa a ocupação de lugares de destaque diante do grupo, bem como a confirmação de seu pertencimento enquanto criança evangélica, pois estão alcançando estágios de participação que são tidos como positivos diante dos demais membros da congregação. As posições sociais ocupadas pelos adultos fazem parte do desejo das crianças, enquanto membros de um grupo. Sobre a mudança de etapas/territórios, nos diz van Gennep, 2011:

Qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome *margem* (estando presentes) em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra (VAN GENNEP, 2011, p. 35) (GRIFOS MEUS)

⁷⁷ Paletó: ética.

⁷⁸ Sobre liminaridade, ver Victor Turner, O Processo Ritual, 1974.

A partir dos dados do meu campo de pesquisa, caracterizo como mudança de status do menino quando é convocado pelo pastor ou presbítero para disciplinar as crianças menores após ter sido batizado e concluído o discipulado. Exemplo descrito na fala de Matheus, ao usar o paletó:

Maria Edi: Como você se sente quando vai à Igreja de paletó?

Matheus: é porque eu gosto de ficar em cima do púlpito ajudando, aí o pastor fala “manda não sei quem se calar, as pessoas sentar ...” é bom que só. Eu gosto muito. A farda que eu gostei foi a farda da União, camisa preta, calça social, paletó e gravata branca...

Enquanto as meninas quando mudam de *status* passam a ser maestrinas e ensinar os gestos que serão realizados nas apresentações dos vocais e corais, para as demais meninas. Ao ser questionada o que sente ao ser maestrina, Sofia responde “*eu gosto de ser maestrina porque eu estou contribuindo com a obra de Deus !*”

As crianças são ensinadas que todas as suas ações são voltadas para a construção da obra de Deus, as funções ocupadas na Igreja são voltadas para esse propósito e assim sentem-se útil a desempenhar qualquer papel. A passagem de uma situação social para outra, materializa a experiência vivida pela criança-adolescente e a torna consciente de que existe um papel a desempenhar dentro do seu grupo evangélico, trazendo em seus atos o reflexo do que vem sendo discutido e aprendido nos estágios anteriores, sobre doutrina, usos e costumes.

A percepção de que outros estágios ainda virão também está presente na fala das crianças, quando afirmam que *ainda não estão na idade certa para fazer o discipulado* (margem), por exemplo. Sobre essas novas e constantes etapas liminares que atravessamos na vida, nos diz van Genneep, 2011:

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. E sempre a novos limiares a atravessar, limiares do verão ou do inverno, da estação ou do ano, do mês ou da noite, limiar do nascimento, da adolescência ou da idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar da outra vida – para os que acreditam nela (VAN GENNEP, 2011, p. 160)

As funções de destaques colocam na prática os ensinamentos ao mesmo tempo em que servem de exemplo de conduta, pois como complementa Selma *o testemunho fala mais do que as palavras. A vida, a vida da gente é o exemplo maior do que dizer que faça*. E nesse reforço

de condutas e posturas, exercitando o que se aprende na Igreja desde criança, as etapas vão sendo vividas e ultrapassadas e servindo de exemplo para que os demais membros assumam seus papéis dentro da Igreja e queiram mudar de função, ou esperem ouvir a vontade/chamado de Deus. Pois para aqueles que não galgam cargos maiores, resta saber que nem todos serão *levantados* para grandes funções. Para as mulheres, as restrições são ainda maiores, pois como revela Selma, na AD *não existe nada disso, mulher presbítera, diaconiza, nem pastora, o máximo que uma mulher pode chegar na nossa congregação como obreira é dirigente do círculo de oração.*

O papel destinado às crianças dentro da organização assembleiana começa a ser delineado quando as mesmas são bem pequenas, com a apresentação dos bebês para a comunidade e vai sendo desenvolvido durante seu crescimento com as participações na Igreja.

- Apresentação do bebê na Igreja: assim que a criança nasce, passados alguns meses, os pais levam o bebê ao culto para ser apresentado à Igreja. O pastor ergue o bebê no alto dos seus braços e o abençoa juntamente com toda assistência;
- A partir dos 04 anos de idade, a criança inicia sua participação na Escola Dominical e nas demais atividades destinadas à elas, EBF, Congressos de Crianças, Encontros Infantis, etc.
- Até os doze anos a criança participa do seu grupo etário para os estudos bíblicos.
- Após os doze anos inicia a participação na União de Adolescentes e pode ser batizada nas águas.

Chamo a atenção para a presença efetiva, na prática, dos ensinamentos da doutrina e dos usos e costumes, o que se torna pré-requisito para desempenhar uma atividade no grupo. As meninas que assumem a função de maestrina são aquelas que apresentam maior desenvoltura, conhecimento da doutrina, fazem parte de famílias exemplares aos olhos criteriosos dos demais membros e que já são crescidas. Não existe função de maestrina e de disciplinador para todas as crianças que crescerem, portanto esses papéis são limitados e cobiçados, as demais crianças irão mudar de função quando mudarem de grupo (grupo de crianças para grupo e adolescentes) e poderão se destacar em outras atividades, como participação em solos para cantar, participação em duetos, atuar como professores nas Escolas Dominicais.

6.2 Evangelizando as crianças: o ensinamento da doutrina

A primeira fonte de informação sobre a doutrina⁷⁹ e sobre os usos e costumes que se encontra entre os pesquisados acerca dessa temática é a Bíblia. Definida pelos próprios evangélicos como *o livro de conduta e fé*, a Bíblia traz em seus livros os fundamentos que embasam o comportamento e os costumes vividos pelo crente, uma regra incontestável. Duas categorias importantes para nossa reflexão são a evangelização e a doutrina vividas, experienciadas, aprendidas pelas crianças em seu processo de formação.

A doutrina está presente em todos os ensinamentos que são passados para as crianças, nos três espaços que fazem parte do campo dessa pesquisa, enquanto que a evangelização é a prática dessa doutrina, o fortalecimento dos ensinamentos presente nos atos cotidianos das crianças, que também são orientados, além do conhecimento doutrinário, pelos costumes, esses mais próximos da prática cotidiana.

A evangelização é todo o processo de aprendizado da doutrina e dos costumes que estão presentes no processo *formativo*. Até chegar o momento do batismo nas águas, que é o rito simbólico da filiação à Igreja, passa-se pelo discipulado e por todo processo de aprendizagem que é contínuo. Entendendo o processo de *formação* como a racionalização dos processos educativos (SOARES, 2016), percebo que as crianças quando passam pelo discipulado, bem como nas demais atividades educativas realizadas pela Igreja, família e escola tem acesso ao conhecimento necessário através da palavra bíblica, para fazer suas reflexões. “Enquanto um guia, a Bíblia permanece sendo o suporte de uma fé fortemente racionalizada, na busca pela compreensão do mundo sem estabelecer barreiras prévias entre as verdades religiosas e outras formas de compreensão do mundo” (SOARES, 2016, p. 127)

A evangelização de crianças não é um processo novo no campo religioso. A Igreja Católica catequiza crianças desde toda sua história incluindo a catequese dos índios e escravos negros ainda crianças por acreditar que com os adultos fosse mais difícil o processo de conversão. Trazer as crianças indígenas para a religião passou a ser uma preocupação dos jesuítas, para assim poder construir alianças entre os padres portugueses e os índios. Dois exemplos da insistente catequese realizada pela Igreja Católica ao longo da sua história podem ser descritos na história da colonização brasileira.

⁷⁹ Para melhor compreensão do que é definido como doutrina: de caráter permanente, verdades reveladas por Deus aos homens, imutáveis ao tempo; Costume: transitória, passível de mudança. A doutrina não pode ter mudanças enquanto que os costumes são passíveis de mudanças e de adequações.

Na documentação jesuítica quinhentista, há constantes referências ao desejo dos índios de entregarem seus filhos para que fossem ensinados pelos padres. Talvez, o ensino das crianças indígenas pudesse representar, também, uma possibilidade de estabelecer alianças entre grupos indígenas e padres, revelando outra dimensão da evangelização das crianças como “grande meio” para se converter o gentio (CHAMBOULEYRON, 2013, p. 59).

Ao mesmo tempo em que ensinavam as crianças indígenas a ler, catequisavam com os ensinamentos do catolicismo e estabeleciam contatos, aproximações com os pais dessas crianças. Vários são os relatos de que através da conversão das crianças os padres encontraram outro caminho para vencer a resistência dos índios adultos, pois os sacerdotes acreditavam que os adultos já haviam *consolidado o mal em suas práticas e teriam mais dificuldade em deixá-las*. Investir no que eles chamavam de “nova cristandade”, com as crianças aprendendo a falar, escrever em português e suceder seus pais, substituindo a geração (CHAMBOULEYRON, 2013, p. 60), pareceu ser uma boa estratégia.

Processo similar ocorreu com os filhos de escravos negros que nasciam nas fazendas dos missionários jesuítas; as crianças eram catequizadas e sofriam castigos corporais justificados pelos métodos utilizados pelos padres. Portanto, evangelizar crianças, ensinar os preceitos religiosos são práticas que sempre estiveram presentes na história, seja de modo mais ou menos violento. Atualmente, não se utilizam essas metodologias com base em castigos corporais, ao menos explicitamente nas escolas ou em outros espaços de ensino.

O ensino das crianças nas religiões afro-brasileiras, especificamente no Candomblé, ocorre como descrito em trabalhos de pesquisa como os de Caputo (2005), Falcão (2010), Sales Júnior (2013), Rabelo (2015) de modo mais participativo por parte das crianças e dentro de outra perspectiva geracional, pois quem ensina e quem aprende não é estritamente relacionado à idade. Um adulto pode saber menos sobre a religião do que uma criança que já é predestinada pelo seu Orixá, ou que tenha mais tempo de iniciação religiosa dentro do terreiro, como podemos perceber nos trabalhos acadêmicos citados. Todavia, sabe-se que a detenção de saberes por parte de crianças em detrimento de adultos também ocorre em outras religiões. Brandão (1981) aponta que a educação é uma invenção cultural e que os processos educativos estão presentes de diferentes formas nos mais variados grupos sociais:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam - e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a

inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 1981, p. 04).

O campo de pesquisa junto com as crianças evangélicas revela que a ênfase dada à aprendizagem é através da transmissão de saberes dos adultos para as crianças, seja dentro do lar, na Escola Dominical ou na escola privada, e através de uma prática *formativa* extremamente racionalizada. A orientação pedagógica dada aos professores⁸⁰ acontece no segundo sábado de cada mês, na sede do Templo Central, destinada a toda Região Metropolitana do Recife (Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife, São Lourenço da Mata), através do estudo dirigido de textos e que serão usados com as crianças. O Departamento Infantil da AD Templo Central, através do dirigente responsável por cada turma entrega os materiais que serão usados na confecção de cartazes e outros recursos visuais, exceto figuras, *folders* que precisam ser comprados⁸¹ pelos professores. A orientação é para que os professores confeccionem o próprio material e as estratégias sugeridas são jogos de perguntas e respostas, gincanas, premiações, sobre o tema trabalhado. As crianças de mais idade também auxiliam na evangelização das crianças mais novas, essa função da criança evangelizadora é repetida muitas vezes durante os momentos de estudo.

Em uma das atividades em que estive presente, notei que ao meu lado estavam duas meninas, a mais velha aparentava ter 09 anos enquanto a menor 04 anos, elas eram irmãs, chegaram com a mãe, enquanto a mãe curvava-se no assento para fazer sua oração, a menina mais velha ensina a irmã a orar. Elas curvaram-se com o rosto voltado para o assento o banco de madeira e pude ouvir o que a menina falava para que a irmã pudesse repetir:

“-Senhor eu te agradeço por mais um dia! Cuida da minha família, papai, mamãe, cuida de mim.

-Eu te peço para quando eu crescer, ser uma menina muito inteligente, me ajuda a orar e consagrar a Ti, a saber entender a Tua palavra.

-Em nome de Jesus, amém!”

⁸⁰ Os adultos responsáveis pelas aulas na Escola Dominical recebem o nome de professores, sem que para isso tenham cursado o magistério ou pedagogia. É um trabalho voluntário realizado por leigos. Estarei me referindo à formação realizada pelo Templo Central do Recife.

⁸¹ Nas atividades com as crianças em que estive presente, no final de todas elas, era recolhidas doações em dinheiro dos presentes, pois não existe uma arrecadação sistemática de dízimo para os membros, em todos os cultos, seja com criança ou com adulto é passado uma sacola de coleta chamada *salva*, para doação voluntária dos presentes. Em uma ocasião percebi que a professora, antes do recolhimento, quando todos estavam juntos no salão principal da Igreja, dizia que o dinheiro arrecadado seria pra financiar as missões fora do país e completava dizendo que *a criança também deve ir às campanhas evangelizadoras com os pais*, e ajudar nas missões orando, lendo e contribuindo com dinheiro.

Em artigo intitulado “*Rogai por nós: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano*”, Reesink (2009) ressalta a oração como um dos fenômenos centrais da vida religiosa, e fundamentando suas reflexões no pensamento maussiano, a autora diz que a prece é ao mesmo tempo pensamento e ação, são palavras pronunciadas que revelam uma série de posturas. A oração realizada pelas meninas revela elementos caros para elas e que, por intermédio de Deus possam se concretizar em sua vida, a exemplo do pedido pra que Deus cuide dela e da sua família; a capacidade de compreender a palavra bíblica também é uma preocupação e aprender a consagrar. A busca pelo entendimento denota uma racionalização do contato direto com a divindade e a criança. O gesto de curvar-se sobre o banco e orar, ao mesmo tempo em que ensina sua irmã mais nova, me faz refletir que a intencionalidade presente e o agenciamento que a criança faz em um momento íntimo com Deus. Com a execução da prece, a crença em Deus e o culto como ensinado pela Igreja, estão presentes, como nos dizeres de Reesink (2009) em um gesto mínimo.

Quando fala-se de *mínimo*, pretende-se sobretudo evocar o fato de que a estética da prece, sua performance, exige um mínimo de gestos, em comparação a outros rituais. Assim, a gestualidade da prece é menos complexa do que, por exemplo, a de uma procissão; além do mais, na maior parte das situações, trata-se de um assunto privado e íntimo. Nesse sentido, é com relação à economia de gestos da prece, e não em outros aspectos, que se faz referência a um mínimo, ao mesmo tempo em que se considera que, mesmo nesse caso particular, a prece subsiste plena de beleza, complexidade e, principalmente, de sentido (REESINK, 2009, p. 35)

A oração não segue uma fórmula e não possui intermediário, é uma conversa entre a criança e Deus, refletindo os elementos que ela considera importantes e passíveis da proteção divina, pedindo para ser inteligente, o exercício da *livre conversação* (REESINK, 2009)

Na etimologia da palavra, oração, prece e reza podem ser definidas como sinônimas, o mesmo não acontece com seu significado conceitual. O católico reza enquanto o crente ora. E para esses dois grupos a prece pode ser realizada tanto na Igreja, lugar sagrado, quanto em casa, ou em qualquer lugar secular.

A palavra “oração”, derivada do substantivo latino *oratio*, tem essencialmente três gamas de significados. O primeiro e mais vulgar é “súplica ou veneração religiosa pela qual o crente se dirige à divindade, aos santos ou a entidades sobrenaturais”. Mas a palavra tem implicações especiais na retórica, onde assume o significado de “discurso elaborado, eloquente, que se destina a impressionar e persuadir” (...) Como é de imaginar, a palavra latina remete para o verbo *orare*, que significa “falar, dizer, contestar, advogar, suplicar (...) Por sua vez, *orare* deriva da palavra latina *os*, *oris*, que remete para uma origem comum a todas as línguas indo-europeias e que, no proto-indo-europeu, significava “boca” ou “face”. A expressão latina, porém, implica um

deslize semântico que merece a nossa atenção, já que pode querer dizer “boca” ou “língua”, mas acaba por significar “idioma” ou “linguagem”. Por sua vez, a palavra portuguesa “prece” é essencialmente latina. Ela deriva de *prex*, *precis*, aparentemente pouco usada no latim clássico, mas que, no plural *preces*, significa “súplicas, pedidos, rogos, instâncias”. Assim, mais uma vez, nesse deslize histórico que leva a fala a remeter para a imposição, voltamos à questão central da eficácia, que tanto fascinava Mauss e que ele parece não ter conseguido responder no seu texto: como é que passamos da súplica/pedido à imprecação/exigência? Como dizia ele, o que faz com que os deuses respondam? (...) Finalmente, o verbo “rezar”, segundo o *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa* que viemos usando, significa “comunicar com Deus pela oração”. Curiosamente, porém, a palavra tem um segundo sentido quando usada para significar “está escrito”, tal como na expressão comum “como reza a tradição”. A implicação é interessante porque remete à memória, o que não surpreende se pensarmos que a etimologia latina de “rezar” é *recitare*, cujo sentido, por sua vez, é “ler em voz alta” ou “dizer de memória” (PINA CABRAL, 2009, p. 17-18)

Vale ressaltar, o que Pina Cabral (2009) provoca acima, a partir das discussões propostas por Mauss, acerca da resposta dos deuses aos pedidos feitos nas orações. A condição dialógica existente na oração revela que ao fazer um pedido a Deus as crianças se comprometem a dar algo em troca, sua conduta, sua obediência, os trabalhos na obra do Senhor e a partir da confiança estabelecida com essa comunicação, esperam ser atendidas em seus pedidos. Deus certamente irá responder. “(...) se respondem é porque os deuses entendem e, se entendem, é porque sabem o que é a minha alegria e o meu sofrimento. Ora, se eles partilham desses paradigmas afetivos é porque, em muitos aspectos, partilham da minha condição” (PINA CABRAL, 2009, p. 24-25)

As crianças ensinam as menores a orar, a se comportar dentro da Igreja, a cantar, aprendem coisas em seus grupos etários e vão repassando aos menores, o nível de dificuldade vai aumentando, as atividades são diferenciadas, as cobranças são mais severas. A partir da orientação da divisão das turmas por faixa etária, o professor precisa organizar seu trabalho para que facilite a compreensão pelas crianças, percebi que a metodologia utilizada é muito semelhante a que se utiliza em escolas comuns, com explicações dos cartazes, leituras das histórias com definição de personagens, atividades para colorir, principalmente para as crianças de menor idade, as cobranças e níveis de dificuldade variam de acordo com a faixa etária dos grupos. Toda preparação para as atividades com as crianças seguem um rigor que se inicia no Templo Central com a formação⁸² dos professores, continua nas congregações até as salas com os grupos de criança. A organização do trabalho tem por base toda a preparação que foi definida e estudada previamente para atender um calendário de atividades anual e semanal destinado às crianças.

⁸² No início dessa pesquisa pedi autorização ao Templo central para observar a Formação dos professores, foi necessário formalizar o pedido por escrito, mas após quarenta dias de espera, a resposta foi negativa.

Nesse calendário as atividades anuais são distribuídas juntamente com as atividades semanais que acontecem no sábado à tarde e no domingo pela manhã. O Círculo de Oração Infantil, no sábado, tem a importância de reunir as crianças para aprender os hinos ao mesmo tempo em que aprendem sobre os textos e histórias da Bíblia e tem uma intencionalidade doutrinária, é nesse encontro que são escolhidas as maestrinas que irão se apresentar na manhã seguinte na EBD. A função da maestrina não é fixa e depende do desempenho das meninas. Os corais infantis das três Igrejas que fazem parte dessa pesquisa são:

- AD Castelo Branco II: Lírios dos Vales;
- AD Sonho Dourado: Cântico dos Querubins;
- AD Alto da Jaqueira: Jardim de Deus.

Descrevo três atividades que considero importantes para entender o caráter doutrinário educativo que pude observar durante o acompanhamento para a coleta de dados, nas três percebemos o caráter festivo muito presente. A primeira atividade é *A Escola Bíblica Dominical*, a segunda é o *Congresso das Crianças* e a terceira é a *Escola Bíblica de Férias*.

Nos domingos pela manhã, a Escola Bíblica Dominical reúne adultos e crianças, mas minha observação deteve-se na atividade direcionada principalmente para os menores, com as divisões das turmas para o estudo. O incentivo para que os pais também compareçam à EBD com seus filhos é dado em todos os cultos bem como em cartazes colados nas paredes da Igreja, para esse fim. Participei em uma ocasião que se denominou *Escola Animada*, que consistia em uma EBD ampliada, sem a divisão dos grupos, em um culto festivo com a presença de pastores e de todos os membros e congregados. A *Escola Animada* é a festa anual da Escola Bíblica Dominical e nessa manhã, foi a primeira vez que vi Sofia curvar-se de joelhos ao entrar na Igreja, juntamente com Selma, sua mãe. Elas sempre estavam juntas, mas apenas Selma curvava-se na entrada, perguntei posteriormente pra Sofia porque apenas nessa atividade ela curvou-se com sua mãe para orar, ela respondeu que nesse culto o presbítero responsável seria o seu pai e ela teria que se comportar de modo diferente, poderia ser mais observada.

Após a Oração Inicial, foi cantado o Hino Nº 42 ⁸³da Harpa Cristã, “*Saudai Jesus*”. O pastor deu continuidade com a Lição daquela manhã que era “*Jesus: modelo ideal de*

⁸³ Saudai o nome de Jesus!/Arcanjos, vos prostrai/ Arcanjos vos prostrai/Ao filho do eterno Deus/Com glória, glória/Glória, glória, coroi!/ Ó escolhida geração/ do bom eterno Pai/ Do bom eterno pai/ Ao grande autor da salvação,/ Com glória, glória/Glória, glória, coroi!/Ó perdoados, cujo amor/ Bem triunfante vai/Ao Deus Varão, Conquistador, com glória, glória/ Glória, glória/ Glória, glória/ Com glória Coroi/Ó raça, tribos e nações,/ Ao

humildade”, que na Bíblia encontra sua base em Filipenses, 2, 5-11⁸⁴. O pastor recitou a *verdade prática*, palavras repetidas por todos e o culto seguiu no formato de costume, mas as apresentações dos corais davam o tom festivo e animado que a ocasião pedia, sendo ressaltada a importância da Escola Bíblica Dominical. Nessa manhã estavam presentes 115 pessoas na congregação.

O Congresso das Crianças é outra importante atividade anual que descreverei. Esse encontro estava sendo bastante esperado, aconteceu uma semana antes do dia destinado às crianças, em 05 de outubro de 2013. Para esse “*Congresso das Crianças*”, foi elaborada uma camiseta própria com os dizeres: “*Eu e minha família na Arca de Deus*”. O encontro ocorreu em um Templo da Assembleia de Deus Jaqueira Baixa, reunindo as crianças da AD Alto da Jaqueira, AD Sonho Dourado e AD Alto do Jordão, e ainda as crianças visitantes. Nessa tarde estavam presentes em torno de 200 crianças, 30 adultos evangélicos que conduziam os trabalhos e aproximadamente 10 adultos visitantes.

A Igreja estava toda enfeitada para a festa, desde a entrada com a réplica de uma arca enorme, que servia como suporte para que as crianças tirassem fotografias. A disposição dos assentos seguia o mesmo padrão, com lugares definidos para cada Igreja e para os visitantes, bem como as pessoas que não eram crentes. De início a quantidade de crianças me impressionou, não havia participado de nenhuma atividade que tivesse tantas crianças e elas permaneciam sentadas, seguindo as orientações da professora, que deu início dizendo “*Vamos começar o trabalho do Senhor!*”, “*Vamos louvar ao Senhor com um hino...*”, e todos acompanharam cantando.

Havia espaço para leitura da Bíblia, Gênesis, 7⁸⁵. Todo trabalho teve por base esse trecho da Bíblia, sendo acompanhado pelas crianças. A festa continuou com a apresentação de cada

Rei dos reis honrai!/Ao Rei dos reis honrai!/ A quem quebrou vossos grilhões,/ Com glória, glória/ Glória, glória, /Com glória, coroi!

⁸⁴“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, pra que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para Glória de Deus Pai”.

⁸⁵ Gênesis 7, 1-9: *Depois, disse o senhor a Noé: entra tu e toda tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de mim nesta geração. De todo animal limpo, tomarás para ti sete e sete: o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois: o macho e sua fêmea. Também das aves dos céus sete e sete: o macho e sua fêmea, para se conservar em vida a semente sobre a face de toda a terra. Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda substância que fiz. E fez Noé conforme tudo o que o Senhor o ordenara. E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra. E entrou Noé, e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos, com ele na arca por causa das águas do dilúvio. Dos animais limpos e dos animais que não são limpos, e das aves, e de todo o réptil sobre a terra, entraram de dois em dois para Noé na arca, macho e fêmea, como Deus ordenara a Noé.*

grupo que cantavam e faziam gestos – apenas as meninas, como expliquei anteriormente. Da metade para o fim da atividade, teve início uma sessão de perguntas e respostas sobre o texto trabalhado, em que as crianças que acertavam eram premiadas, aplaudidas efusivamente. Todos se divertiam muito e davam glória pelas respostas. Após esse momento as professoras que coordenavam os trabalhos realizaram um tipo de teatro com o cenário da arca de Noé e conforme iam perguntando e contando a história, iam surgindo os personagens. As crianças eram chamadas a participar desse momento, segurando cartazes, respondendo. Nesse momento também, valores como a obediência, missão, desobediência, pecado, evangelização, coração limpo do crente, atitudes do mundo e atitudes do crente, eram ressaltados. Quando perguntada sobre a cobrança feita pelos formadores da Escola Dominical sobre o aprendizado da Bíblia, uma criança assim responde:

“Cobra, porque tem que aprender as coisas de Deus pra evangelizar as pessoas, aí tem prova pra saber se a pessoa tá estudando, se não aprender faz de novo”.

Entendo também nessa fala que as crianças aprendem a doutrina com o intuito de evangelizar-se e evangelizar também as demais pessoas do seu convívio.

No intervalo de uma atividade para outra, as crianças eram chamadas a cantar e orar. Uma delas leu um trecho da Bíblia e concluiu dizendo “*Deus tá dizendo que é para todas as crianças louvar a Deus*”. E todos cantaram. Essa atividade teve muita música, animação, participação das crianças, momentos mais concentrados para leitura dos trechos Bíblicos, recolhimento da oferta e ao final, após a oração de encerramento, todos receberam sacolinhas⁸⁶ de bombons, pipocas, doces, chocolates que foram entregues pelas pessoas responsáveis por cada grupo de criança.

Considero a festa acima descrita como um momento que foi concebido com o propósito de evangelizar, no período que comumente se comemora o dia das crianças, o mês de outubro, mas que não foi feita nenhuma menção à data, colocando a centralidade na palavra de Deus, louvores e estudo. Uma festa da Igreja, não uma festa do mundo.

Novas configurações festivas acontecem em ambientes como as Igrejas observadas, dentro de um cotidiano que torna o momento muito natural, em uma proposta de marcação do tempo diferenciada. Notei que as festividades da Igreja são organizadas para marcar a diferença, a música não é profana, o ambiente é sagrado, o encontro tem o objetivo de estudar a palavra de Deus e aprender com ela, o momento é de alegria. A roupa que é vestida nesses dias festivos

⁸⁶ As “sacolinhas” com doces e bombons nada diferiam das costumeiras “sacolinhas” entregues em aniversários, ou festas dos Santos Cosme e Damião. As crianças recebiam os doces como fechamento da festa, havia também bolo e suco.

também marca a diferença, são confeccionadas camisetas temáticas para todas as crianças, lembro-me que ao voltar para casa nesse dia, vi muitas crianças caminhando com as camisetas em diferentes localidades, em outras congregações da AD, fora do bairro do Jordão.

A festa, com seu caráter repetitivo, pela sua potencialidade em reunir a coletividade, pela reencenação de ritos, tem ainda a dimensão representativa da mudança de um tempo cíclico (LEACH, 2005). Tempo de brincar, tempo de estudar, tempo de trabalhar, tempo de festejar. Essas atividades diferenciadas não significam necessariamente o oposto umas das outras: são estados distintos de uma mesma realidade, a atividade humana. A percepção do tempo, respeitando seu princípio de alternância, o ir e o voltar, o fluxo, a interrupção mostra-se nas atividades festivas religiosas uma intenção de continuidade.

Vejamos o que diz Leach (2005), sobre alternância, “Eu sustentaria que a noção de que o tempo é uma “descontinuidade de contrastes repetidos” é provavelmente a mais elementar e primitiva de todas as maneiras de encarar o tempo” (LEACH, 2005, p. 206)

A construção da noção de tempo, com as interrupções das atividades cotidianas por ocasião das festas na Igreja com elementos religiosos nos faz pensar na continuidade da ação educativa relacionada com a igreja e com a família na evangelização das crianças. Deus como centro de tudo. Na Igreja, a construção da noção temporal se dá por meio das atividades cíclicas, predeterminadas, com o evento festivo utilizado estrategicamente como atrativo para as crianças. A preparação nos ensaios, na confecção das camisetas e das fardas para ocasiões como o Congresso das Crianças colaboram para marcar a diferença temporal. Os estudos acerca da noção de tempo a partir da percepção extracotidianas das festas nos calendários, também estão presentes na discussão proposta por Victor Turner. Nos momentos de festa coletiva, há uma suspensão da atividade cotidiana, envolvendo todos os participantes em um momento único. Em artigo intitulado “*Victor Turner e antropologia da experiência*”⁸⁷, John C. Dawsey (2005) discute sobre a comunhão das experiências coletivas.

Nos momentos de suspensão das relações cotidianas é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta recria-se. A essa experiência Turner dá o nome de *communitas* (DAWSEY, 2005, p. 165).

⁸⁷ “Victor Turner e Antropologia da Experiência”, Cadernos de Campo, nº 13, 2005, USP, São Paulo.

A experiência festiva serve para pensar na formação da criança evangélica e de como ela elabora sua participação nesses momentos, contrapondo suas percepções a partir da participação em outras festas, a exemplo das festas que ocorrem nas escolas por ocasião dos Ciclos Festivos, das festas que ocorrem no bairro, na cidade. Por que as festas da Igreja são diferentes? Por que as festas dos crentes são diferentes das festas dos não crentes? Nesses momentos festivos na Igreja, percebi um estímulo a maior participação das crianças, executando tarefas que posteriormente também executarão quando adultas; momentos em que elas se familiarizam com a rotina dos cultos, interpretando a palavra bíblica, realizando apresentações e também tendo a possibilidade de aceitar Jesus e de ser batizada pelo Espírito Santo.

Observei que as atividades destinadas às crianças são organizadas em tom festivo, sempre com brincadeiras e muita música. Em pesquisa anterior, Silva (2011), o elemento festivo surge como cenário de vivência e convivência, construção de interações e mediação de conflitos entrelaçados pelos elementos religiosos. As festas, nesse exemplo das atividades destinadas às crianças da AD, deixam à mostra as sutilezas de festas organizadas com uma temática específica, independente de calendários formais. A Igreja, espaço considerado sagrado, vive em festa. Ouvir a palavra de Deus é uma festa. Encontros de crianças é a própria festa. Entendo que a atividade festiva é utilizada como um recurso metodológico de evangelização das crianças, ao mesmo tempo em que auxilia na criação de um ambiente atrativo e que prenda a atenção dos pequenos, sintetizando a compreensão e a visão de mundo, o tom, o caráter e a qualidade devida bem como as ideias sobre ordem (GEERTZ, 2008)

A Escola Bíblica de Férias⁸⁸ acontece anualmente em todas as Igrejas da AD e é um dos maiores eventos destinados às crianças, ficando bem perto do movimento que é a realização do Congresso das Crianças. Em conversa com uma das professoras da EBD e EBF sobre a preparação do evento, tive acesso a apostilas e revistas que são usadas para estudos e reprodução

⁸⁸ A Escola Bíblica de Férias surgiu para atender às necessidades de crianças em situação de rua. Elisa Hawnes, em 1898 preocupando-se com crianças abandonadas pelos pais no período das férias e que viviam nos arredores da sua casa em New York resolveu realizar EBF para que as crianças de até 14 anos de idade aprendessem a palavra de Deus. Em um lugar que à noite se vendia cerveja, um pátio com um jardim que não havia atividade diurna, foi então alugado por Elisa Hawnes. Inicialmente a Escola foi chamada de Escola Bíblica de Férias Diária, aconteceu por seis semanas, duas horas por dia. As atividades que estavam incluídas no programa eram: saudação à bandeira, memorização dos versículos da Bíblia, músicas, desenhos, histórias bíblicas, ginásticas e brincadeiras, trabalhos manuais para que as meninas aprendessem culinária e costura. O mesmo programa criado pela Irmã Elisa, basicamente ainda é seguido até hoje na maioria das EBFs que ocorrem. A Igreja Batista de Epiphany ajudou na realização dessa primeira EBF, pois era a Igreja da qual fazia parte sua criadora e continuou nos anos seguintes. O secretário executivo da Sociedade Batista de Missões Urbanas em Nova Iorque, Robert Boville, é considerado o fundador da EBF por ter sido responsável pela sua divulgação no âmbito interdenominacional. A primeira EBF que aconteceu no Brasil realizou-se no Colégio Americano Batista, em Vitória do Espírito Santo, em 1924 pelo fundador do Colégio, Loren Reno. Atualmente a EBF é realizada por praticamente todas as denominações religiosas em todo o mundo. In: “Evangelização e discipulado Infantil. CPAD”.

de atividades. Algumas dessas revistas são produzidas pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus – Edições CPAD. Em uma das apostilas confeccionadas para a formação, há justificativas e vantagens para a realização da EBF e sua importância junto às crianças, pais, professores e Igreja, podemos perceber que as atividades propostas nessa apostila estão direcionadas tanto para a doutrina quanto para a evangelização das crianças:

1. As crianças poderão ter aproveitamento sadio do seu tempo de férias;
2. O ambiente festivo e alegre marcará a vida a criança;
3. Uma EBF com o tempo diário de três horas, se comparada com a EBD vale por três meses de Escola Dominical;
4. Proporcionará uma oportunidade para receber a Jesus Cristo como seu Salvador;
5. Permitirá que a criança cresça conhecendo a palavra de Deus;
6. Para os pais, saber que os filhos estarão em um local e uma programação que ajudarão no desenvolvimento de suas personalidades será de grande significado;
7. Para os professores, o treinamento específico que receberão servirá para o crescimento e aperfeiçoamento;
8. Fortalecerá a comunhão entre os membros da Igreja e permitirá que cada um dos membros passe sua experiência, e assim aprendam uns com os outros;
9. Para a Igreja, a EBF será uma ponte para novos alunos para EBD, além e atingir os vizinhos com a Mensagem de Salvação através das crianças.

Fonte: Apostila produzida pelo TC.

Percebo que cada item da apostila tem um objetivo claro a ser desenvolvido no processo de educação religiosa das crianças, que abaixo discrimino em DOUTRINA E EVANGELIZAÇÃO, sendo a doutrina a parte do ensino bíblico propriamente dito, com a leitura e ensinamento a partir o texto bíblico e a evangelização o processo de conversão:

- O tempo de férias das crianças será aproveitado para ensinamentos bíblicos - DOUTRINA;
- As atividades festivas propostas pela EBF poderão atrair o interesse as crianças e auxiliará nos ensinamentos bíblicos – DOUTRINA E EVANGELIZAÇÃO;
- Intensificação dos ensinamentos bíblicos – DOUTRINA;

- Oportunizará o conhecimento bíblico – DOUTRINA E EVANGELIZAÇÃO;
- A criança conhecerá a palavra durante a infância - DOUTRINA E EVANGELIZAÇÃO;
- Participação de atividades propostas pela Igreja – DOUTRINA E EVANGELIZAÇÃO;
- Formação religiosa dos professores – EVANGELIZAÇÃO;
- Troca e experiência⁸⁹ entre os membros da Igreja – EVANGELIZAÇÃO E DOUTRINA;
- Possibilidade e atrair novas crianças para participar da EBD – EVANGELIZAÇÃO.

A apostila traz consigo os elementos que poderão favorecer tanto a aproximação de novas crianças quanto o fortalecimento das que já fazem parte do grupo. Considero importante observarmos que no terceiro item fica explícita o intuito de intensificar os estudos com as crianças, pois os encontros serão diários, mas ainda mais importante é o teor do item nove que trata da importância da EBF para a Igreja. Em um dos itens, a intencionalidade da atividade é trazer novos adeptos para a Igreja para assim poder salvar mais almas para Cristo, sendo o papel de cada criança congregada ou membro o de levar amigos para o evento e a partir desse encontro, a Igreja, através do trabalho dos professores, fazer com que essas crianças continuem, bem como o reconhecimento de que através da criança a mensagem de Deus será propagada. Nos demais itens, tanto a doutrina quanto a evangelização aparecem de modo bastante equilibrado, reforçando a ideia de complementaridade.

Após fazer um levantamento das crianças efetivamente matriculadas nas escolas Bíblicas Dominicais pude perceber que a quantidade regular – que frequentam três domingos ininterruptos é pequena – em torno de nove a onze crianças em cada turma, o quantitativo final cresce em torno de 20% com a presença das crianças convidadas. Portanto, os grandes eventos anuais são oportunidades bastante pensadas e cuidadas para que essas crianças que estão entrando em contato pela primeira vez, não só permaneçam como sirvam de elo entre a Igreja e suas famílias.

⁸⁹ A troca de experiência, o TESTEMUNHO, aqui não será explorada, pois aparece em apenas um dos itens. Em seu trabalho sobre a Congregação Cristã no Brasil, Braz (2015) fala da testemunhança, ato de testemunhar, como um importante momento para a CCB: “A “testemunhança” é parte importante do culto na CCB. Único momento permitido para todo e qualquer fiel se expressar. Trata-se do momento em que o fiel tem oportunidade de ir à frente da igreja e contar algum episódio de sua vida cotidiana, no qual atribui-se a Deus alguma participação. Geralmente são histórias de cura, libertação e providência financeira” (BRAZ, 2015, p. 100).

Acredito que o reconhecimento do protagonismo e da agência das crianças com seus pares e com os adultos da sua convivência é uma pista importante, mesmo que sutil, no meu entendimento, para percebermos que a AD, assim como outras instituições religiosas, investe muito em formação de professores e em toda realização das atividades com as crianças, sejam anuais⁹⁰ ou semanais.

Tabela 12 - Calendário de atividades destinadas às crianças da AD

Número	Atividade	Periodicidade	Público Alvo
01	Escola Bíblica Dominical	Semanal (manhã os domingos)	Crianças
02	Ensaio do Conjunto Infantil	Semanal (sábado à tarde)	Crianças
03	Congresso Infantil	Anual (mês de outubro)	Crianças
04	Aniversário do Conjunto Infantil	Anual (no mês referente ao aniversário)	Crianças
05	Escola Bíblica de Férias	Anual (Em Julho - mês das férias escolares)	Crianças

Fazer com a que as questões doutrinárias sejam entendidas pelas crianças exige uma adequação metodológica apropriada, como a que foi descrita nessa pesquisa (divisão dos grupos por faixa etária, organização das atividades respeitando o nível de compreensão de cada faixa etária, utilização de recursos audiovisuais, atividades de perguntas e respostas, festividades, apresentações individuais e coletivas...). Abaixo, descrevo o que pude observar em outra Escola Bíblica de Férias, que tive a oportunidade de acompanhar, tendo acesso aos registros de planejamento da atividade. A apostila confeccionada pelo TC referia-se aos *Quatro Passos para levar uma criança para Deus*, com a discriminação do objetivo principal a ser alcançado pelo estudo doutrinário⁹¹, fazendo a referência ao texto bíblico ao qual a etapa se remetia.

⁹⁰ Não acontecem atividades relativas à Paixão de Cristo. No Natal acontece o culto natalino nas Igrejas, bem como as cantatas de natal. O culto natalino que acontece no Quartel da Polícia Militar, na Praça do Derby, no dia 25 de dezembro é tradicional na cidade do Recife e é realizado pela Assembleia de Deus. O dia 24 de dezembro é reservado para a Missa do Galo.

⁹¹ **Salmos 51-5:** “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe”; **Isaías 5, 3-6:** “Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e moradores de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu não lhe tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas? Agora, pois, vos farei saber o que eu hei de fazer á minha vinha: tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derribarei a sua parede, para que seja pisada; e a tornarei em deserto; não será podada, nem cavada; mas crescerão nela sarças e espinheiros; e às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela”; **Eclesiastes 7, 20:** Na verdade, não há homem justo sobre a terra, que faça bem e nunca peque”; **Romanos, 3, 23:** Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”; **Salmos 58, 3:** Alienam-se os ímpios desde a madre, andam errados desde que nasceram, proferindo mentiras”. **Coríntios 15,3-4:** porque primeiramente

Tabela 13 - Quatro Passos para levar uma criança para Deus

Passos	Orientação	Doutrina
1º	Mostrar a necessidade da salvação; “O coração do homem é mal desde a meninice”.	Salmos 51,5; Isaías 5,3-6; Eclesiastes 7,20; Romanos 3,23. Salmos 58,3.
2º	Apontar o caminho da salvação	1 Coríntios 15,03-4; João 14, 6.
3º	Levar a criança a entender Jesus Cristo como um presente de Salvação que morreu por nossos pecados.	João 1,12; Romanos 5,8; Efésios 2, 8-9.
4º	Mostrar através da Bíblia que recebendo a Cristo ela tem a salvação.	João 3,3-6; João 3,7.

Fonte: Apostila produzida pelo TC

A formação do *ethos* evangélico, o ser crente parecendo crente está presente na intenção e na ação dessas atividades festivas, pois apresentam uma identidade própria, que difere de outras atividades festivas que se tem conhecimento, tidas como festas do mundo. Nos encontros que pude observar com as crianças, o tom festivo é reafirmado dentro do cotidiano desses momentos, não havendo para isso separação no calendário, seguindo uma proposta diferenciada de organização do tempo. A intencionalidade proposta nesses momentos é claramente evangelizadora, fazendo parte do projeto que a Igreja implementa no Brasil desde sua *formação*, salvar almas, afastando-os do pecado e mantendo-se firme em seu formato, com a vigilância aos usos e costumes e com a permanência de uma doutrina rigorosa.

Ouvir as vozes das crianças sobre o que pensam à respeito da sua religião, pode acrescentar ao debate o entendimento de um grupo diferenciado que em variados momentos e cenários não são levadas em conta, com exceção de algumas reflexões; nem mesmo aparecem nos resultados dos dados censitários, ou em pesquisas internas da AD. Mostrar a presença maciça das crianças dentro da AD, o movimento de evangelização proposto pela instituição e de como se dá o processo de *formação* desse crente, pode revelar que a Igreja cresce junto com suas crianças e com a salvação de suas almas.

vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”; João 1,4-6: Estas coisas vos escrevemos para que o vosso gozo se cumpra. E esta é a mensagem que dele ouvimos e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. “Se dissermos que temos comunhão e andarmos em trevas mentimos e não praticamos a verdade”; João 1, 12: Filhinhos, escrevo-vos porque pelo seu nome, vos são perdoados os pecados”; Romanos 5,8: Mas Deus prova seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”; Efésios 2,8-9: porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus. “Não vem das obras para que ninguém se glorie”; João 1,12: Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome”; João 3,3-6: E qualquer que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro. Qualquer que comete o pecado também comete iniquidade. E bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados; e nele não há pecado. Qualquer que permanece nele não peca; qualquer que peca não o viu nem o conheceu”; João 3, 7: “Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como ele é justo”.

6.3 Os nascidos e os criados na Lei: a formação evangélica das crianças

A grande presença das crianças, nas atividades destinadas a elas ou não, no espaço religioso da AD é um fator a ser considerado nas observações acerca dos assembleianos. Todas as crianças são envolvidas em algum tipo de atividade, de menor ou maior destaque, o importante é que contribua desde pequeno, acreditando que esta também é uma forma de inserção ao grupo. Para os que nascem e para os que chegam à religião.

Para melhor exemplificar como se organizam dentro do campo religioso, é preciso que duas categorias sejam um pouco mais exploradas: *os nascidos e os criados na lei*. Nessa pesquisa tenho observado no campo, a grande presença das crianças bem como a continuidade na religião daqueles que se denominam “*nascidos na lei*”, que são as crianças que nasceram em lares evangélicos e que dão continuidade a esse pertencimento.

Alguns dos adultos que foram interlocutores na pesquisa nasceram em lares evangélicos assembleianos e assim permanecem até hoje, esperando a mesma atitude por parte dos seus filhos, de acordo com seus próprios relatos. Mesmo com a continuidade religiosa dos filhos na religião evangélica dos pais e, principalmente das mães, como sugere os dados censitários de 2010, alguns se afastam da Assembleia de Deus, geralmente os meninos na fase da adolescência, e, por vezes, retornam quando jovens. Considero ser esse um grande desafio para os professores das Escolas Dominicais, bem como para os dirigentes do Templo Central: pensar em estratégias de aproximação para as crianças de fora e manutenção da participação e permanência das crianças de dentro.

Os denominados “*criados na lei*” são aqueles que tiveram sua conversão em outras fases da vida, ocorrendo, inclusive, de várias crianças *aceitarem Jesus* antes dos seus pais e irmãos mais velhos e serem responsáveis por levá-los à Igreja. O ato de *aceitar Jesus* por iniciativa própria é um ponto que considero importante para a reflexão sobre a agência infantil. A persuasão que tem sido feita por algumas crianças para que seus pais e demais parentes também se convertam nos dá pistas de que há uma intencionalidade na maneira de agir, capacidade de transformação social a partir do momento que contribuem para o crescimento da AD. De acordo com Ortner (2006), a agência revela um empoderamento do sujeito estando, agência e poder estritamente relacionados:

Em seu uso provavelmente mais comum, o termo “agência” pode ser praticamente sinônimo das formas de poder que as pessoas têm à sua disposição, e sua capacidade

de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimentos e de manter algum tipo de controle sobre suas próprias vidas (ORTNER, 2006, p. 64)

As crianças demonstram ter a capacidade de expressar o entendimento necessário para decidir iniciar em uma religião independente da orientação dos seus pais e ainda, sendo elas a levarem seus pais e parentes posteriormente. O caminho trilhado é o oposto do que muitas vezes se observa, com as crianças sendo conduzidas e educadas para permanecer na AD; caminho de oposição e contradição ao que mais comumente é percebido. As crianças levam os adultos. Essa capacidade de persuasão, todavia, é distribuída de forma desigual (ORTNER, 2006), não são todas as pessoas que a desenvolve e que conseguem assim comunicar-se.

Assim como todos os humanos têm capacidade de linguagem, mas precisam aprender a falar um idioma em particular, todos os humanos têm também capacidade de agência, mas as formas específicas que esta assume variam nos diferentes tempos e lugares. (ORTNER, 2006, p. 55)

As crianças que conseguem expressar sua autonomia na prática, aceitando Jesus por vontade própria e ainda, fazendo com que seus pais também aceitem, são as mesmas crianças que assumem à frente de trabalhos (Trabalho do Senhor) com maior visibilidade na Igreja. Sujeitos empoderados, ou nos dizeres de Cohn (2009), a criança atuante, que age diretamente na transformação social do grupo ao qual pertence.

Por outro lado, observei a receptividade da Igreja e dos adultos envolvidos nas atividades com as crianças, o cuidado com que recepcionavam aqueles que se decidiam por aceitar Jesus. Ao expressar sua autonomia com essa aceitação, as crianças buscam salvar suas almas e a Igreja não faz distinção se a alma é de uma criança ou de um adulto. A alma não tem idade e não é pelo fato de ser uma criança que será menos aceita na religião. A criança é um ser que atua de forma direta na agência e que não tem sua idade vista como falta de maturidade para decidir em salvar sua alma.

Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição (COHN, 2009, p. 21)

A importância que é dada para a iniciação religiosa infantil é a mesma que é dada para o processo de iniciação religiosa de um adulto, passando pelo mesmo processo de evangelização e doutrinação na palavra bíblica. Durante o período em que estão participando efetivamente dos trabalhos de evangelização é que percebo o maior interesse da Igreja para que as crianças não se afastem, fazendo para isso uma programação voltada às festividades e doutrinação desses

meninos e meninas. Em artigo intitulado “*Quando eu crescer vou escolher a minha religião!*”: *a reinvenção da religião dos brasileiros através do olhar infantil!*”, Campos e Silva (2011) discutem como as crianças pensam e experimentam sua identidade religiosa partindo do pertencimento religioso da família e dos colegas da escola, evidenciando uma escolha individual.

No caso das crianças evangélicas que são interlocutoras dessa pesquisa não foi feita uma escolha inicial, para as que nascem nos lares evangélicos, pois estas seguem a religião dos pais e são educadas para dar continuidade e não se dispersarem desse caminho. As crianças que aceitam Jesus durante atividades na Igreja passam a ser *criadas na lei* e para essas crianças toda atenção é voltada para garantir sua permanência. Quando ocorre de que seus pais também aceitem, o cuidado maior passa a ser feito pelos membros da família, como foi o caso de André.⁹² A presença da família em todas as atividades de cunho religioso também é responsável pelo reforço de valores e crenças que são defendidas pela AD, fortalecendo a ideia de pertencimento ao grupo, a continuidade e o fortalecimento do *ethos* assembleiano, que é posto à prova sempre que as questões apresentadas pelo *mundo* exterior à Igreja são confrontadas nas experiências fora do círculo de relações evangélicas.

Entendo que uma das formas de manter as crianças dentro da religião evangélica, fazendo com que cada dia mais elas fortaleçam a fé, os hábitos e o sentimento de pertencimento ao grupo é a forte presença da família. No caso das crianças aqui pesquisadas, ainda há o reforço da escola. Mas as estratégias utilizadas pela AD junto aos pais, com a realização do culto doméstico, orientação e vigilância permanente, fazem com que as crianças em geral vivam *protegidas* de experiências que possam levá-las a querer afastar-se da Assembleia de Deus, podendo assim interromper sua permanência na Igreja.

A presença da família é o divisor de águas entre as crianças que são *nascidas* na lei e as que são *criadas*. Sendo no primeiro caso a presença dos valores evangélicos visíveis desde muito cedo na vida dos pequenos.

Em um levantamento realizado nas três Igrejas que fazem parte do campo desse trabalho, busquei perceber numericamente quantas crianças eram nascidas nos lares evangélicos e quantas comparecem atraídas por colegas e vizinhos e que estão participando do mesmo processo de evangelização na Igreja.

⁹² André é uma criança *criada na lei*. Sua história será mais bem explorada na próxima subseção.

Nascidos e Criados na Lei

Assembleia de Deus Castelo Branco II

Item	Crianças	Quantidade
01	Nascidas	26
02	Criadas	42
03	Total	68

No primeiro levantamento apresentado, das 68 crianças que regularmente frequentam as atividades da AD Sonho Dourado 38,1% são *nascidas na Lei* enquanto que 61,9% são *criadas na Lei*.

Assembleia de Deus Alto da Jaqueira

Item	Crianças	Quantidade
01	Nascidas	18
02	Criadas	27
03	Total	45

No segundo levantamento, das 45 crianças participantes regulares da AD Alto da Jaqueira, 40% são *nascidas na Lei*, enquanto 60% são *criadas*.

Tabela 14 - Assembleia de Deus Sonho Dourado

Item	Crianças	Quantidade
01	Nascidas	21
02	Criadas	32
03	Total	53

No terceiro levantamento, das 53 crianças frequentes na AD Castelo Branco II 33,9% são *nascidas* e 66,1% são *criadas na Lei*.

Assim, com o levantamento realizado, de caráter indicativo, pois tanto o quantitativo observado quanto o número de Igrejas participantes é sabidamente pequeno, entendo que as crianças que não nasceram em lares evangélicos estão em número percentual maior entre as crianças presentes na Assembleia de Deus, no campo dessa pesquisa, sendo evangelizadas dentro do processo descrito e, muitas sendo responsáveis por trazer seus pais e demais parentes para a religião evangélica. Os ensinamentos que são transmitidos pela Igreja, munem as crianças de elementos que são entendidos como capazes de trazer novos adeptos para a AD, sejam eles seus pais, colegas da escola, vizinhos.

Em uma das vezes que estive em atividades direcionada para as crianças, ao final da tarde, a professora que orientava os trabalhos perguntou se alguma criança queria ser crente. Essas crianças eram visitantes que haviam sido trazidas por amigos e vizinhos, não estavam acompanhadas dos pais. Ela perguntou: “*quem gostaria de ir para o céu, caminhar por ruas de ouro e viver na morada preparada por Jesus? Quem gostaria de salvar a alma e ir pro céu quando Jesus voltar?*” Quatro crianças foram à frente e alguns adultos postaram as mãos sobre suas cabeças e fizeram uma oração para que Deus as protegesse e não as deixasse desistir.

Após o término da atividade perguntei para Selma, minha amiga e interlocutora que sempre esteve ao meu lado, qual seria a condução daí em diante. Ela respondeu que essas crianças que vem sozinhas para os cultos, trazidas por amigos e vizinhos e que aceitam Jesus, são acompanhadas mais de perto pelas dirigentes e que nem sempre continuam com o mesmo interesse demonstrado. Cabe aos adultos cuidarem para que não desistam, estimulando nas participações das atividades nos grupos e nos estudos bíblicos.

A iniciação na religião com a aceitação de Jesus é o começo do processo de salvação da alma, que para os *nascidos na lei* ocorre tanto quanto para os *criados na lei*, pois é com o aprendizado da palavra e o doutrinamento que o processo de evangelização se complementa e todos os assembleianos, nascidos ou criados na lei, terão que passar

6.4 Davi e André: dois assembleianos criados na lei

O relato inicial conta a *história de Davi*, que na minha compreensão tem sua importância marcada pelo fato de exemplificar o processo de formação da criança assembleiana. A partir do momento que pude ter acesso a essa história, vários questionamentos surgiram durante o estudo do campo, bem como, depois de ter conhecido Davi e sua trajetória, ter fortalecido dentro de mim alguns argumentos que defendo nessa tese, tais como a importância e o investimento da AD no processo de *formação* evangélica das crianças para a salvação das suas almas e permanência no grupo; bem como a relevância da agência exercida pelas crianças para trazer seus parentes e amigos para a AD.

Davi não estava entre os interlocutores que haviam sido pensados inicialmente para a construção da pesquisa, mas nosso encontro surgiu de uma forma inesperada durante uma das entrevistas com um dos casais. Ao iniciar a entrevista com o casal Ana e Samuel, pedi que Ana relatasse como foi sua entrada para Assembleia de Deus, pois já havia dito que ela *aceitara Jesus* depois de tornar-se adulta, como descrito no trecho abaixo:

Ana: Eu não era evangélica aí meu irmão chegou à noite na minha casa, ele e um colega dele, agora ele ficou falando, conversando comigo, falando da Igreja, como era

bom, falando das coisas de Deus, falando que a vida que eu tava levando... Eu já morava com ele (refere-se ao marido), a gente já era casado, mas a gente morava perto na mesma rua, aí ele falando como ele se comportava na Igreja, os trabalhos que tinha na Igreja, como era, ele sempre falava pra mim, que ele participava de um grupo de crianças.

A fala de Ana me despertou bastante interesse, pois tanto a sua entrada na AD quanto a do seu marido⁹³ aconteceram quando ambos não eram mais crianças e com histórias bem peculiares, questionei sobre a idade do seu irmão, então ela continuou contando.

Ana: Uns nove pra dez anos. No Sonho Dourado, aí ele dizendo que ele participava de um grupo, no sábado à tarde era o Círculo de Oração Infantil, aí ele ia, aí lá orava, fazia a leitura, contava histórias e ensaiava hinos. E tinha gestos também, só que os meninos não faziam, e domingo tinha a Escola Dominical e a noite tinha o culto que eles também iam e formavam com o grupo. Aí ele começou a explicar pra mim, né, falando e foi despertando uma curiosidade em mim, né? E ele falando que era bom, aí eu disse tá bom, essa semana eu vou, por que ele ficou insistindo...bora só pra tu ver, não precisa aceitar, mas é pra tu ver como é, pra conhecer, aí eu disse na quarta eu vou, por que na quarta era oração pra mocidade, que é um trabalho que envolve muitos jovens, mais os jovens que eles botam pra trabalhar, aí eu fui e vi. Assisti o culto, aí no final eles fizeram o convite, só que quando eu cheguei na Igreja, tinha um jovem que eu tinha estudado com ele, e ele também tinha se convertido, aí ele aproveitou a oportunidade e começou a conversar comigo. Ana é muito bom, aceita Jesus, olhe se você aceitar você não vai se arrepender. Ele disse, se você se arrepender, você me diga depois, é muito bom, a experiência é boa, uma coisa totalmente diferente da vida que a gente leva aqui, ele falava do lado espiritual, aí ele falando e o irmão fez o convite na hora, é agora vamos? Só que eu ainda fiquei assim resistindo.

Levada para igreja por convite e insistência do seu irmão, uma criança de onze anos, como depois me foi confirmado por Davi, Ana afirma que os argumentos utilizados por ele foram tão convincentes que a fizeram ir até a Igreja e na mesma noite *aceitar Jesus*, permanecendo até os dias de hoje na mesma Congregação.

Ana: Foi a primeira vez que eu fui no Sonho Dourado. Aí quando terminou o trabalho, ele chamou o dirigente que tava dirigindo o culto e disse: ô irmão! Ela tá com vontade, mas ela não confessou. Por que tem que falar, confessando que quer, aí o irmão começou a falar também: aceita Jesus! Olhe você vai ver que é uma coisa boa, vai ser uma experiência muito boa pra você, a sua vida vai mudar por completo, aí eu disse tá bom, eu aceito, aí eu fui aceitei. Eles fizeram a oração.

⁹³ Samuel, marido de Ana, aceitou Jesus enquanto estava em seu trabalho, ouvindo um programa evangélico no rádio, como foi descrito no Capítulo 1. Ele reforça que o fato da sua esposa ter aceitado Jesus, bem como a insistência de Davi, foram fatores essenciais para que escutasse o programa e estivesse pronto a aceitar.

No relato de Ana, o que mais me chamou atenção e que considero relevante pontuar é que o convite para conhecer a Igreja AD Sonho Dourado, partiu de uma criança de onze anos, seu irmão Davi, que sempre se mostrou seguro e munido de argumentos convincentes. A partir do momento que ouvi esse relato senti muita vontade de conhecer Davi e saber das suas impressões e lembranças da sua fase de criança. Mesmo sabendo que a conversa seria com um adulto, o que me interessou foi o percurso da evangelização de Davi, o fato, para mim inusitado, de ter sido ele o responsável pela conversão da sua irmã mais velha, posteriormente ter incentivado seu cunhado e sua mãe, bem como vários colegas de brincadeiras, mesmo ainda sendo um menino. A conversão de Ana é atribuída ao seu irmão, como ela responde:

Maria Edi: Você atribui sua ida ao Sonho Dourado e sua conversão ao convite feito por Davi?

Ana: Sim, mesmo sendo criança ele soube argumentar, começou a falar, a contar das experiências, mesmo poucas, por ser criança, e tava a mãe do colega dele e o colega dele e a gente por morar ali, já via a atitude de cada um.

Sendo Davi, atualmente estudante de arquitetura, e devido aos afazeres do seu trabalho, por estar reformando a sua casa devido ao fato da sua esposa estar gestante, uma pessoa bastante ocupada, passei algum tempo à espera do nosso encontro, que aconteceu na casa da sua irmã Ana. Esperei ansiosamente por esse momento, não me recordava, mas já havia visto Davi, um ano antes em uma das vezes que fui participar de uma festa para as crianças na AD Sonho Dourado, Escola Bíblica de Férias – para o campo dessa pesquisa - e ele coordenava um grupo de crianças com ensinamentos da Bíblia. Ele me recebeu com muita atenção e eloquência, ao que demos início à nossa conversa. Davi relatou para mim sobre a primeira vez que foi à Igreja, a recepção do pastor e o que fez com que ele se interessasse em continuar participando da Congregação. Perguntado como foi o início de toda sua história como evangélico, ele respondeu:

Davi: Por ser criança, na época eu tava com onze anos, chegou o dia das mães, em maio de 98 e pela manhã eu fui procurar meus colegas, minhas amizades, as outras crianças que eram mais novas que eu quando eu fui na casa deles não tinha nenhum deles em casa, aí eu bati na casa da frente: Tomas tá aí? Não tá! Tiago tá aí? Não tá! Pra onde os meninos foram? Aí disseram, eles foram pra Igreja!

Algumas crianças interlocutoras nessa pesquisa relatam, assim como Davi relatou, que elas levam colegas para participar das atividades da Igreja, mesmo sem a presença dos seus pais. Davi continua seu relato dizendo que foi procurar a vizinha responsável por levar as crianças à Igreja e se ofereceu para ir também.

Davi: Era uma irmã lá da Beira Rio. Foi ela que levou eles. Aí eu fiquei em casa. Daí começou tudo, eu senti a falta e percebi que minhas amizades estavam indo pra outro

ponto em comum, procurando outro lugar pra se encontrar, e quando foi antes de terminar o dia eu fui na casa dela e perguntei, me ofereci: Marlene você me leva pra Igreja? Você levou os meninos pra Igreja e eu quero ir também! Então ela disse: Claro! Se arrume que antes das sete horas da noite eu pego você e a gente vai pra Igreja. Desde então a gente foi pra Igreja, eu e uma prima minha. O esposo dela tinha um cargo na Igreja e no final do culto ele chamou a gente lá frente e fez uma oração por nós.

Para mim foi perceber que a iniciativa de ir até a Igreja partiu dele próprio, mesmo contando com pouca idade sua atitude demonstra que conseguiu expressar suas vontades com firmeza em questões fundamentais como a orientação religiosa. Decidido a tornar-se evangélico naquela mesma noite, ele continua:

Davi: Como eu já fui interessado ele já foi me apresentando a Deus. Ele não perguntou, pediu que a gente desse dois passos à frente, pediu que a Igreja orasse, que o Senhor firmasse nossos passos e a gente não desistisse da caminhada. Não impôs nada, fez a oração como a gente faz por quem tem interesse, a pessoa precisa de uma oração, então chama à frente e faz a oração pela pessoa.

Decidido e confiante, Davi iniciou sua entrada para Assembleia de Deus onde permanece até hoje, decisão que foi tomada e seguida sem nunca ter tido a menor dúvida se esse era o caminho que queria percorrer. Relatou-me ainda que alguns dos seus amigos saíram, mas ele manteve-se firme, aprendendo a doutrina com os estudos da Bíblia na Escola Dominical, participando dos grupos de estudo direcionado para as crianças, da União de Adolescentes, Vocal Adulto e de todas as etapas do processo de evangelização que deu início naquele dia das mães de 1998. Continua até hoje como me afirmou na entrevista:

Davi: Isso. Eu continuei, muitos saíram e eu permaneci. No início meu interesse era porque minha amizade toda estava lá, depois eu aprendi que não era assim. *O mais importante estava lá.* Todos eles saíram e eu permaneci.

A partir da história de Davi, encontrei elementos recorrentes lendo os diários de campo, relendo as entrevistas com as crianças e com os casais, estabeleci comparações entre a história relatada por um adulto sobre sua infância e seu percurso religioso na AD com os relatos dos demais entrevistados. A história de Davi teve uma grande importância para essa pesquisa e para mim, pois pude entender através da fala de um adulto que se juntou ao relato das crianças com percepções muito aproximadas devido à experiência diferenciada de ter entrado para Assembleia de Deus por opção, ainda na infância. Dizendo de outro modo, percebi no relato de Davi descrições de experiências muito próximas às descritas pelas crianças que fazem parte da pesquisa, a agência percebida nos seus atos, o comportamento dentro e fora da Igreja, a relação

com os amigos, a responsabilidade de trazer novos adeptos para a religião inclusive a família, o estudo dos textos bíblicos, o empoderamento das citações bíblicas como elemento de fortalecimento do discurso evangélico e a salvação, a forma de lidar com o corpo. Todos esses elementos convergiram para demonstrar que a evangelização é uma das atividades mais importantes realizada com as crianças.

No encontro com *André*, relato uma experiência que presenciei durante a pesquisa de campo na AD Castelo Branco II.

Em uma atividade festiva de aniversário do Círculo de Oração Infantil havia muitas crianças na Igreja, as que pertenciam ao Templo estavam com fardamento na cor vermelha, no vestido e na tiara dos cabelos das meninas e nas camisas dos meninos. Essa atividade foi realizada com muitas apresentações feitas pelas crianças, essencialmente pelas crianças da AD Castelo Branco, que recepcionavam os demais. O fato que me chamou atenção foi a presença de um menino. E esse menino chamava-se André. Ele não fazia parte do grupo de crianças interlocutoras da pesquisa, mas me interessei muito em conhecê-lo.

Dali do seu lugar, ele falava muito alto, dando *Glória a Deus, Aleluia*. Até então, em todo período que durou a pesquisa de campo, mais de quatro anos, não havia encontrado uma criança que agisse de forma tão espontânea e tão enfática como André. Junto a ele estava outro menino que também agia assim, mas André era ainda mais enfático. Uma senhora que estava sentada ao meu lado olhou pra mim, acreditando que eu também era assembleiana e disse *“Jesus faz cada coisa linda né não, irmã? Como é diferente o povo de Deus com o povo do mundo!”*. Impressionada, assim como eu com o comportamento do menino. André participou da apresentação de um dueto junto com seu amigo e sua *performance* continuou a me impressionar, os dois no púlpito, falavam e movimentavam o corpo, erguendo uma das mãos, enquanto com a outra seguravam o microfone. Fui para casa com André presente em meus pensamentos.

Passado esse momento, consegui, depois de muitos dias, conversar com André, em sua casa, na presença dos seus pais. André tem 12 anos e há quatro foi sozinho até a Igreja, em uma atividade destinada às crianças *aceitou* Jesus, depois levou seus pais e seu irmão. Ele relatou que já havia participado da Igreja Católica, mas que não despertou o interesse que sentia na AD. Meu objetivo em conversar com André era entender o que o motivava a louvar e dar glória a Deus de forma tão enfática que chegava a chamar a atenção de todos que estavam presentes naquela tarde, tanto as crianças quanto os adultos. Fui recebida na sala da sua casa por sua mãe e logo depois chegou seu pai, após explicar o meu objetivo com a conversa, a mãe dele o chamou e começamos a conversar. Depois de umas perguntas sobre seu comportamento, sua

ida até a Igreja, o fato de ter sido ele que convencerá seus pais a participar dos cultos na Castelo Branco, perguntei o que o levou a agir de modo diferenciado naquela tarde na Igreja:

André: Deus tocou no meu coração, “*Dá Glória! Dá Glória!*” Quando a gente ia pra outra Igreja no Córrego da Gameleira (outra localidade dentro do bairro), ia lá pra frente e ficava de olhos fechados aí o irmão dizia: “*abre tua boca e dá glória que tu pode ser batizado agora!*” E assim que eu aprendi e fui fazendo. Eu gosto de louvar, eu gosto de orar também. Eu faço tudo pra Deus.

A atitude que é expressa na fala e na ação de André me faz perceber que ele é uma criança assembleiana que além de trazer em seu comportamento os ensinamentos que recebe na Igreja, busca alcançar o batismo pelo Espírito Santo, por perceber a importância que essa experiência tem para seu grupo religioso. Em seu processo de constituição enquanto criança assembleiana ele aprende a forma adequada, de acordo com os ensinamentos que recebe, de se comportar para poder ser batizado pelo Espírito Santo e assim efetivamente fazer parte do grupo ao qual se inseriu.

Ele continuou falando sobre o que sente nesses momentos de maior fervor: *eu sinto um calor, um calor subindo, eu começo a dar glória e sinto, não é o calor do corpo da gente não, é um calor diferente*. Perguntei para André se ele tem vontade de ter uma função na Igreja, chegar a ser pastor, ele assim respondeu: *isso é só na mão de Deus, se ele quiser tem que ser e eu vou gostar*. André não considera que o calor diferenciado que já foi possível sentir tenha sido a experiência pentecostal do batismo pelo Espírito Santo, por isso continua tentando se concentrar para que aconteça.

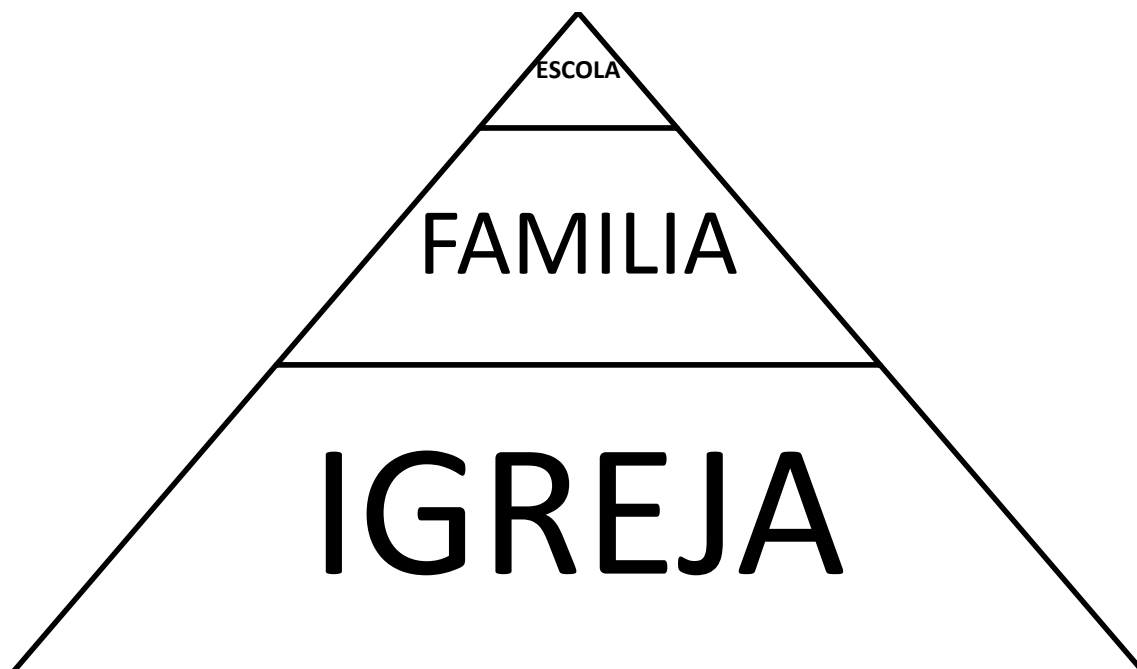
Em sua pesquisa de mestrado intitulada “*Transe ou Transa*” (1988), Hulda Stadler afirma que o ato de *falar em línguas* é apenas um dos elementos que se vinculam ao fenômeno glossolálico para compor, o que a autora descreve como padrão de comportamento complexo que faz parte da experiência pentecostal (STADTLER, 1988). Dito de outra forma, a formação do assembleiano é formada por vários elementos e entre eles o batismo pelo Espírito Santo. E, de acordo com o relato de André quando afirma que “... *e assim que eu aprendi e fui fazendo*”, o aprendizado também é reforçado nos dizeres de Stadler (1988):

Partindo do princípio de que a motivação básica que conduz o indivíduo à experiência pentecostal é o desejo de pertencer a um grupo social integralmente, a partir da crença em suas ideias e modos de vida, o processo pelo qual esta experiência é atingida parece pertencer a processos de aprendizagem (STADTLER, 1988, p. 41).

A história de André repetiu, em parte, a história de Davi, com uma intencionalidade muito mais definida, ao meu entendimento, em estabelecer um contato mais direto com Deus a partir do fenômeno glossolálico, contudo no que diz respeito à agência, suas trajetórias foram muito semelhantes, ambos aceitaram Jesus e trouxeram suas famílias.

Estes são elementos que considero relevantes para entender com as reflexões propostas nessa tese sobre a *formação* da criança evangélica que se mostraram bastante presentes na história de Davi, André, Milka, Matheus, Sofia, Marília, Lívia, Andrea, Renata, Mariana e Lúcia: as crianças são agentes ativos dentro da AD, sendo responsáveis por atividades próprias de cada idade bem como responsáveis por convidar novos adeptos. Os *criados na lei* decidem por salvar suas almas e *aceitar a Jesus* para a partir daí trazer sua família; os argumentos para o convencimento da família e dos amigos são elaborados a partir dos estudos bíblicos; o processo de evangelização das crianças se dá nos espaços da Igreja, escola e casa em uma complementaridade assimétrica, tendo maior peso a Igreja, no meu entendimento e em segundo lugar a família com essa dinâmica ocorrendo entre os nascidos e criados na lei nos espaços da IGREJA-FAMÍLIA-ESCOLA. Apenas o espaço da Igreja não tem se mostrado suficiente para garantir a permanência das crianças na religião, necessitando do papel fundamental desempenhado pela família nesse processo e na outra ponta a escola, pois o risco e o perigo que o mundo representa precisa de elementos/espços que reforcem o processo de formação.

Figura 7 - Complementaridade assimétrica



Os relatos de Davi foram bem atuais, mesmo tendo sido descrito um cotidiano evangelizador vivido há tempos passado, a estrutura destinada às crianças continua alinhada com a que encontrei durante o campo da pesquisa.

A voz de Davi ecoa nas paredes da Assembleia de Deus onde atualmente escuto ecoar as vozes de Milka, Matheus, Sofia, Marília, Lívia, Andrea, Renata, Lúcia e André, crianças assembleianas que estão sendo evangelizadas pela família, pela igreja e pela escola.

Galeria de Imagem 5



Nessa imagem percebemos a atuação das meninas como maestrinas a frente do Coral (Arquivo Pessoal)



Matheus com a farda que foi confeccionada para a formatura do discipulado e na segunda imagem ainda em casa com o paletó pronto para ir para a AD Sonho Dourado (Imagens cedidas por Nalva)



Nessa imagem as crianças que foram convidadas a *aceitar Jesus* vão até a frente e são recebidos com uma oração da dirigente do Círculo de Oração Infantil.



Sofia usa roupas confeccionadas com o mesmo tecido e modelo da farda da sua mãe (Imagem cedida por Selma)



Imagens cedidas por Davi, em diferentes momentos da sua *formação* religiosa na AD Sonho Dourado e com sua família.



André recebe o certificado de conclusão do Discipulado em culto realizado na AD Castelo Branco II para esse fim. Nesse momento ele começa a usar o paletó em atividades da Igreja (Imagem cedida pela família)



André dirigindo esse momento de estudo do texto bíblico na AD Castelo Branco II (Imagem cedida pela família)



As “sacolinhas” com doces e pipocas que as crianças receberam ao final do Encontro da EBF (Arquivo pessoal)



Sofia desenha a si mesma e seus pais indo para AD Castelo Branco II com suas Bíblias, para o culto de domingo à noite.



Lívia desenha Deus com vestes compridas e com uma faixa amarrada na cintura, no céu, irradiando luz.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma pesquisa antropológica tem como primeira intenção, no meu entendimento, trazer ao conhecimento acadêmico e não acadêmico, a compreensão das particularidades de um grupo específico. Conseguir participar, vendo, ouvindo e sentindo, nos dizeres de Oliveira (2000), como determinado grupo cultural se organiza.

Para a academia, a contribuição com o debate, a reflexão sobre temáticas variadas irá não apenas enriquecer como provocar novos olhares para lugares que talvez ainda não tenham sido vistos, ou que não tenham sido vistos desta ou daquela perspectiva.

Para os leitores de fora da academia que tenham a curiosidade e o interesse de ler uma pesquisa antropológica, terão a oportunidade de conhecer mais sobre as pessoas que moram ao seu lado, tendo a chance de entender as diferenças culturais como elemento que estimule a convivência pacífica e a construção de relações mais saudáveis entre os seres, humanos ou não. Bem como entre educadores, a produção antropológica poderá auxiliar na construção de uma interdisciplinaridade entre as ciências para um fazer educativo mais voltado às diferenças.

Por ora, acredito ter sido possível trazer um pouco da compreensão das particularidades de um grupo de crianças em processo de *formação* religiosa, orientadas pela Assembleia de Deus do Recife, suas famílias e a escola em que estudavam, para além do bairro do Jordão, impressas nestas linhas que se findam e que seguem marcadas para sempre, na alma da antropóloga.

Poderia nesse instante relembrar de cada instante que tive a oportunidade de permanecer no campo, nas casas, na escola, no convívio direto com as crianças, vencendo meus dilemas pessoais e construindo um texto a partir dos dados coletados com os percalços e as vitórias que são peculiares a uma elaboração textual. Talvez a fase mais complicada e rica da construção de uma narrativa etnográfica seja conseguir desprender-se dela e lhe dar vida, no papel. Deixar que as ideias fluam e que circulem, fora da antropóloga.

Contudo, me deterei em fazer as considerações finais que acredito serem pertinentes nesse momento de conclusão de caminhada.

A antropologia com crianças tem sido um campo de grande expansão na produção local, principalmente nas temáticas que utilizam a religião dos pequenos como fio condutor, o que favoreceu bastante a construção dessa pesquisa por caminhos metodológicos já trilhados pelos pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPE. Juntando-se às demais pesquisas nacionais, amplia-se a vasta bibliografia produzida no Brasil nessa temática.

As questões geracionais que envolvem as relações das crianças com outras crianças e com os adultos foi outro elemento motivador para conhecer o grupo evangélico assembleiano. Entender o mundo sob o olhar e a compreensão infantil me faz pensar que essa pesquisa pode ser contributiva com os estudos sobre a antropologia da infância no Brasil. Desse modo a aproximação com os espaços de evangelização e da doutrinação – onde é promovida a educação para tornar-se evangélico – mostrou-se necessária. A fase transitória da infância pode sofrer mudanças a partir de questões sócio-estruturais em que estão inseridas, como por exemplo, a formação das famílias, pobreza, influenciando ou não no amadurecimento (QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2005).

Considero que os recursos metodológicos utilizados para realizar essa pesquisa foram sendo adequados a partir da necessidade de melhor aproveitamento da coleta dos dados, devido ao fato de terem sido os meus interlocutores diferenciados, crianças e adultos. Destaco dois pontos da aproximação com as crianças: o primeiro ponto diz respeito à utilização de desenhos.

Os *encontros para brincar de desenhar* tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento da coleta de dados com as crianças, porém não obteria muito sucesso com a realização dos desenhos se os mesmos não tivessem sido utilizados como estratégias de aproximação e de estímulo à fala. Partindo do que as crianças desenhavam de acordo com os temas, consegui desenvolver diálogos entre elas e ao mesmo tempo em que captava a conversa, ir provocando as discussões.

O segundo ponto importante com as crianças foram as conversas em grupo. Percebi que realizar entrevistas, ou mesmo gravar as falas durante conversas individuais não produziriam a riqueza que as conversas em grupo puderam proporcionar. A dificuldade nas transcrições não foi impedimento para continuar com essa estratégia durante toda pesquisa.

A discussão sobre as crianças *nascidas e criados na lei* remete ao ponto central dessa tese que é a *formação* evangélica da criança, com o processo de evangelização passando pelos três espaços de convívio: igreja, família e escola, em uma complementaridade assimétrica, sendo a importância maior observada na igreja e em segundo grau na família, ficando a escola em terceiro lugar. Essa complementaridade não tem sido, contudo, capaz de afastar as crianças dos perigos do mundo e da possibilidade de desvio da religião, pois a partir dos dados coletados esse receio pode ser observado: poderia-se inclusive afirmar que o modelo de “Circuito Fechado” esboçado, opera como uma espécie de reação implícitas aos perigos do mundo.

A partir da identificação da evangelização como um processo de *formação* onde a criança aprende a ser evangélica através de estratégias utilizadas pela Igreja e reforçadas pela família e pela escola, o trabalho apresenta dados que são capazes de demonstrar o quanto a

Assembleia de Deus se empenha em proporcionar momentos em que as crianças estejam presentes para aprender a doutrina, os usos e costumes contidos nas regras do fazer assembleiano. As categorias “doutrinar” e “evangelizar” são as duas bases do processo de *formação* das crianças, sendo o conhecimento da palavra bíblica e a prática desses conhecimentos possíveis de serem observados e percebidos no campo. Os dados não foram capazes de comprovar, por sua natureza incipiente, que o crescimento da AD também se deve ao papel evangelizador das crianças, contudo indica um caminho possível de ser trilhado nesse sentido em futuras pesquisas.

Tanto os *nascidos* quanto os *criados na lei* precisam passar pelo processo de *formação* assembleiana, aprendendo sobre a religião à luz dos textos bíblicos, bem como elaborando seu próprio entendimento do mundo e das relações com as pessoas. A noção de pessoa e a noção de Deus estão diretamente ligadas à religião e ao pertencimento ao grupo e assim, nas minúcias do processo de *formação* evangélica foi possível compreender que as crianças exercem uma agência relativa, ocorrendo em determinadas situações, e relacional, tendo com parâmetro a agência dos adultos, não podendo ser considerada uma autonomia efetiva. O exemplo mais contundente dessa agência exercida pelas crianças é a iniciativa de entrar para a religião independente da religião da sua família, e, logo em seguida persuadir amigos e parentes a fazerem o mesmo: aceitar Jesus e salvar sua alma.

As crianças evangélicas mostraram com seus exemplos que conseguem exercer a agência de forma a definir questões religiosas, influenciar pessoas e argumentar com empoderamento para iniciação religiosa na AD de seus parentes. O desenvolvimento da *formação*, a agência e o empoderamento das crianças são processos observáveis, perceptíveis na mudança de *status* dentro do grupo, sendo a “maestrina” e o “uso do paletó” duas categorias importantes para entender a continuidade desse processo.

A Assembleia de Deus não consegue, contudo, garantir que apesar de todo esforço na *formação* evangélica das crianças, chegue um momento em que elas deixem a religião, como ficou exemplificado no caso de Silas, filho de Carla. O mundo está cheio de riscos, inseguranças que representam perigo para as crianças e adolescentes. Esses perigos podem ser amenizados com um cuidado sistemático da família, participando efetivamente do processo de *formação* dos seus filhos, realizando dentro das casas atividades bem semelhantes às que são feitas na Igreja, juntando-se a isso o reforço religioso da escola, criando um modelo de “circuito fechado”.

A discussão que pôde ser feita a partir das estratégias formativas utilizadas pela Assembleia de Deus, bem como o sentido da *formação* enquanto processo educativo remete à

interdisciplinaridade possível entre a antropologia e a educação, o que enriquece tanto uma ciência quanto a outra; a cultura é aprendida e dinâmica. A *formação* como racionalização é enfatizada pelo recurso de conhecimento do texto bíblico e a partir dele ser possível fazer as reflexões e a leitura de mundo esperadas para uma criança assembleiana. Portanto, considero que a partir dos dados obtidos na pesquisa, pude entender a efetiva contribuição das crianças para o trabalho realizado na Assembleia de Deus, e ressalto que essa contribuição precisa ser aqui entendida como um caminho para perceber a infância como categoria estrutural na sociedade, sendo influenciada pelas crianças na fase da vida em que ainda são crianças e não quando tornarem-se adultos (QVORTRUP, 2010). A Igreja, se utilizando dos espaços em que for possível adentrar (família, escola, política), reconhece a importância evangelizadora dos pequenos, seu poder de persuasão que é desenvolvido a partir do estudo da doutrina e consegue dar visibilidade a essa pessoa/criança dentro da instituição.

Nascendo ou sendo criadas na lei, as crianças assembleianas se *formam* em ação e em relação umas às outras e aos adultos, atuando como crentes, evangelizando seus familiares e amigos, louvando e falando em línguas estranhas, vestindo-se e comportando-se como é esperado pelo seu grupo, sendo concebidas como separadas do mundo, elaborando seu entendimento do mundo e das coisas de Deus. Elas percebem, desde cedo que para pertencerem ao grupo assembleiano é preciso trabalhar na obra do Senhor, sendo eficazes para alcançar a salvação.

Enfim, finalizo meu caminho com o sentimento de ter tido a rica oportunidade de conhecer um grupo de crianças assembleianas que estão em processo de *formação* religiosa de maneira contributiva e dinâmica influenciando efetivamente para a permanência do *ethos* do seu grupo e sendo reconhecidamente importantes nesse processo.

REFERÊNCIAS

A Família Segundo o Padrão Divino. Recife: Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 2015.

ALVES, A. *Marcas de um Lar Cristão*. Departamento da Família – Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco. Recife: Edições CPAD, 2013.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Censo Demográfico 2010: as Transições da Sociedade Brasileira. *Revista Cidadania e Meio Ambiente*, Rio de Janeiro, 2012.

ALVES, Maria de Fátima Paz. *Um/Uma Jovem Separado/a no 'Mundo': Igreja, Juventude e Sexualidade na Perspectiva de Jovens da Assembleia de Deus em Recife-PE*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia), UFPE, Recife, 2009.

AMARAL, Leila. *Deus é Pop: Sobre a Radicalidade do Trânsito Religioso na Cultura Popular de Consumo*. In: SIEPIERSKI, Paulo; BENEDITO, Gil (Org.). *Religião no Brasil: Enfoques, Dinâmicas e Abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ANDRADE, Cláudia Castro de. A Fenomenologia da Percepção a Partir da Autopoieses de Humberto Maturana e Francisco Varela. *GRIOT- Revista de Filosofia*, Recôncavo da Bahia, 2012.

ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ARAÚJO, Isael. *100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições CPAD, 2011.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

AUBRÉE, Marion. Brasil: As Mulheres Pentecostais entre 'Combate' e 'Libertação'. *Revista Antropológicas*, Recife, 2014.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livro do Brasil, 1934.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento. Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 2013.

BITTENCOURT, José Filho. Remédio Amargo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos Nem Demônios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BLOG de Jamildo. Portal NE10. Acesso em: 04 jan. 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Que é Educação?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. *L.D.B. Lei 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 22 set. 2014.

BRAZ, Pollyanny L. A. *O Corpo Santo: Constituição e Performance o Corpo Religiosos das Mulheres da Congregação Cristã no Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFPE, Recife, 2015.

BURITY, Joanildo. Religião e Política na Fronteira: Desinstitucionalização e Deslocamento numa Relação Historicamente Polêmica. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, 2001.

CAMBI, Franco. Um Paradigma Culturale Forte e Articolato. In: CAMBI, Franco; Di BARI, Cosimo; SARSINI, Daniela. *Il Mondo dell'infanzia*. Dalla Scoperta al Mito Allá Relazione di Cura. Milano: Apogeo, 2012.

CAMPOS, Roberta B. C.; REESINK, Mísia. Conversão (In) Útil. *Revista Antropológicas*, Recife, 2014.

_____. Sobre a Docilidade do Catolicismo: Uma Revisão Bibliográfica sobre o Sincretismo e Anti-Sincretismo. *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*, São Paulo, 2008.

_____. Um Estranho no Ninho: Uma Experiência Protestante em Escola Laica no Recife. In: BURITY, Joanildo; ANDRADE, Péricles (Org.). *Religião e Cidadania*. Recife: São Cristóvão, 2011.

CAMPOS, R. B. C.; PAIVA JÚNIOR, G. S.; SILVA, J. C. L. E.; MEDEIROS, S. G.; CISNEIROS, Paula N. Pesquisando o Invisível: Percursos Metodológicos de uma pesquisa sobre Sociabilidade Infantil e Diversidade Religiosa. *Teoria e Sociedade*, Minas Gerais, UFMG, 2010.

CAMURÇA, Marcelo. O Brasil Religioso que Emerge do Censo de 2010: Consolidações, Tendências, Perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento: O Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas: em Busca do Espaço Pós Moderno*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

CAPUTO, Stele Guedes. *Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com Crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARSTEN, Janet. *After Kinship*. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. Reinterpretando o Crescimento das Assembleias de |Deus no Brasil. *Revista Caminhos*, Goiânia, 2014.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as Crianças no Brasil Quinhentista. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

CISNEIROS, Paula Neves. *Se é Promessa tem que Fazer: A Penitência Infantil na Festa do Morro da Conceição*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFPE, Recife, 2014.

COHN, Clarice. Crescendo Como um Xikrin: uma Análise da Infância e do Desenvolvimento Infantil entre os Kayapó –Xikrin do Bacajá. *Revista de Antropologia*, São Paulo: 2000.

_____. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus*. Belém: CPAD, 2000.

CORSARO, William. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs). *Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças: Diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: O Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COSTA, Livia A. Fialho. Família, Escola, Religião. Que Conflitos e Negociações? *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, 2011.

COUTO, Maria Tereza C. *Estrutura Familiar e Opção Religiosa*. 1992. Trabalho de Conclusão de Curso, UFPE, Recife, 1992.

_____. *Pluralismo Religioso em Famílias Populares: Poder, gênero e Reprodução*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia), UFPE, Recife, 2001.

CSORDAS, Thomas J. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

DANFORTH, Loring M. *The Death Ritual of Rural Greece*. Princeton: Princeton Press, 1982.

DANIEL, Silas et al. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAWSEY, John C. Victor Turner e a Antropologia da Experiência. *Cadernos de campo*, USP, São Paulo, 2005.

DELALANDE, Julie. Infância (Socioantropologia). In: ANTEN, Agnès van. *Dicionário de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das Massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Culture Enfantinee Régles de Vie*. Terrain, 2003.

DURKHEIM, Émile. *A Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Estatuto da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, 2012.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: Uma Descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas de Um Povo Nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1940.

FAJARDO, M. Religião e Memória: Afirmação da Memória Institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Maringá: 2012.

FALCÃO, Christiane Rocha. “*Ele já Nasceu Feito*”: O lugar da Criança no Candomblé. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - PPGA/UFPE, Recife, 2010.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado: Os Afetos, a Etnografia. In: Goldman, Márcio. *Cadernos de Campo*, São Paulo: 2005.

FERNANDES, Florestan. As Trocinhas do Bom Retiro: Contribuições ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. *Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, [1946] (2004).

_____. *A Sociologia no Brasil: Contribuições para o estudo de sua Formação e Desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

FERNANDES, Rubem César. Governo das Almas. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FONSECA, André Dionei. Os Impressos Institucionais como Fonte de Estudo do Pentecostalismo: uma Análise a Partir do Livro História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. *Revista História em Reflexão*: UFGD, Dourados, 2009.

FONSECA, Cláudia. Homoparentalidade: Novas Luzes sobre o Parentesco. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2008.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Sobrados e Mocambos: Decadência do Patriarcado Rural no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: o Antropólogo como Autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

_____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta, 1994.

GIUMBELLI, E. A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades do Brasil. *Religião e Sociedade*. Scielo, São Paulo: 2002.

GONDIM, Ricardo. *Fim do Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-Modernidade na Igreja*. São Paulo: Press Abba, 1999.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARPA CRISTÃ. Recife: Edições CPAD – Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 2002.

HATCH, M. J. *Organization Theory: Modern, Symbolic and Postmodern Perspectives*. Oxford: Oxford University, Press, 1997.

HOFFNAGEL, Judith C. *The Believers: Pentecostalism in a Brazilian City*. 1978. Tese (Doutorado em Filosofia), Department of Anthropology, Indiana University, Indiana, 1978.

KLUCKHOHN, Clyde. *Some Aspects of Navaho Infancy and Early Childhood*. Madison: International University Press, 1947.

LABURTHER-TOLRA, P.; WARNIER, J. P. *O Parentesco: Etnologia-Antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LAMOUNIER, Bolívar. *Partidos e Utopias: o Brasil no Limiar dos Anos 90*. São Paulo: Loyola, 1989.

LEACH, E. R. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEITE, Emmanuelle V. M. *Do Despertar ao Trabalhar: a Produção do Médiun Espírita Kardecista em Diferentes Contextos Etnográfico*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2014.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

LIMA, Greilson José de. *Quando o Rio é a Esperança: Performance, Invisibilidade e Magnitude na Experiência do Emigrante Nordestino*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia), UFPE, Recife, 2012.

LIMA, Pedro H. O. Germano de. *Constituição da Pessoa Ogã no Xangô/Candomblé do Recife (O Modelo Nagô do Ilê Obá Aganjú Okoloyá)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2016.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais. Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MAFRA, Clara. Números e Narrativas. *Revista Debates o NER*, Porto Alegre, 2013.

_____. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mystica Urbe: um Estudo Antropológico sobre o Circuito Neoesotérico na Metrôpole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, Ricardo. *Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

_____. Crescimento Pentecostal no Brasil: Fatores Internos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo: 2008.

_____. Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010. *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, 2013.

_____. Pentecostais e Política no Brasil. *Ciência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, Campinas: 2005.

MARIN, Jérri Roberto. A Assembleia de Deus e sua Inserção no Mercado Religioso da Década de 1990. *Revista Brasileira da História das Religiões*, Maringá: 2013.

MARIZ, Cecília; CAMPOS, Roberta. "O pentecostalismo muda o Brasil? Um debate das Ciências Sociais Brasileiras com a Antropologia do Cristianismo". In: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta B. C.; PEREIRA, Fabiana. *Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo*: Recife: Geopolíticas Disciplinares, 2014.

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil Contemporâneo: Reavivamento e Diversidade. *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MAURÍCIO JÚNIOR, Cleonardo Gil de B. *Vasos nas Mãos do Oleiro: a Construção do Pastor Pentecostal*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2013.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 2003.

_____. Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão de Trocas nas Sociedades Arcaicas. *Sociedade e Antropologia*, v. III. São Paulo: EPU, 1974.

MAYALL, Berry. Sociologies de L'enfance. In: BROUGÈRE, Gilles; VANDENBROEK, Michel. *Repenser L'éducation des Jeunes Enfants*. Bruxelles, Belgique: P. I. E. Peter Lang, 2007.

McCALLUM, Cecília. Morte e Pessoa Entre os Kaxinawá. *Revista Mana*, Rio de Janeiro: 1996.

MEAD, Margaret. *The Primitive Child*. Penguin: Londres, 1931

MEAD, Margaret. An investigation of the thought of primitive children, with special reference to animism. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, Grã Bretanha: 1932.

MEAD, Margaret; MACGREGOR, Frances Cooke. *Growth and Culture; a Photographic Study of Balinese Childhood*. Oxford, England: Database Book, 1951.

MEAD, Margaret; BOAS, Franz. *Coming of Age in Samoa*. Penguin: Londres, 1973.

MELLO, Gianfrancesco. *Meu Bairro, Moro Aqui*: Jordão. Agenda Cultural do Recife, 2013.

MENEZES, Renata. Censo 2010: Fotografia Panorâmica da Vida Nacional. *Revista do Instituto Unisinos*, São Leopoldo, 2012.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: A Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

NOVAES, Regina Reyes. Os Pentecostais e a Organização dos Trabalhadores. *Revista Religião e Sociedade*, São Paulo: 1980.

NOVAES, Regina; MELLO, C. C. A. *Jovens do Rio: Circuitos, Crenças e Acessos*. ISER, Instituto de Estudos da Religião, 2002.

NUNES, Ângela. *Brincando de Ser Criança: Contribuições da Etnologia Brasileira à Antropologia da Infância*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, ISCTE, Portugal, 2003.

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso de. *As Categorias do Entendimento Humano e a Noção de Tempo e Espaço entre os Nuer*. Série Antropologia, 1993.

_____. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, 2000.

_____. *A Dupla Interpretação em Antropologia*. Anuário Antropológico, 2006.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, Integração de Uma Religião numa Sociedade de Classes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: Reflexões Sobre Agência. In: *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas*, 25º RBA, Goiânia, 2006.

OTT, J. Pharmahuasca, Human Pharmacology of DMT Plus Harmine. *Journal of Psychoactive Drugs*, 1970.

PAGE, J. J. *Brasil para Cristo: the cultural Construction of Pentecostal Networks in Brasil*. 1984. Tese de Ph.D., New York University, 1984.

PASSOS, Maria Consuelo. Homoparentalidade: Uma entre Outras Formas de ser Família. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 2005.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIERUCCI, A. *O Envolvimento dos Evangélicos na Eleição de Collor*. São Paulo: Anpocs, 1989.

PIRES, Flávia. O que as crianças Podem Fazer pela Antropologia? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 2010.

_____. *Quem Tem Medo de Mal-Assombro? Religião e Infância no Semiárido Nordestino*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.

POMPA, Maria Cristina. *Religião como Tradução: Missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil Colonial*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia), Unicamp, Campinas, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Um Sopro do Espírito: A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1998.

QVORTRUP, Jens. A Infância Enquanto Categoria Estrutural. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 2010.

RABELO, Mirian C. M. Aprender a Ver no Candomblé. *Revista Horizontes Antropológicos*, 2015.

REESINK, Mísia. *La Personne Catholique Comment des Catholiques Bresiliens Present l'être Humain*. Vibrat, 2014.

_____. A Antropologia, os Católicos e a Noção de Deus. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Les passages obligatoires: Cosmologie catholique et mort dans le quartier de Casa Amarela, à Recife (Pernambuco-Brésil)*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia), École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2003.

_____. Rogai por Nós: a Prece no Catolicismo Brasileiro à Luz do Pensamento Maussiano. *Revista ISER*, 2009.

RICCI, Maurício. *Glossolalia e Organização do Sistema Simbólico Pentecostal*. 2006. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião), UNESP, Araraquara, 2006.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: Marcas da Educação Evangélica no Corpo Feminino. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Florianópolis, 2013.

ROTMAN, M.; CASTELS, A. Patrimônio e Cultura: Processo de Politização, Mercantilização e Construção da Identidade. In: ABA FILHO, M.; ECKERT C.; BRANDÃO, J. *Antropologia e Patrimônio cultural – Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007.

ROUDINESCO, E. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALES JÚNIOR, Dário Ribeiro. *Sobre Olhar e Aprender: um Estudo sobre os Processos e Aprendizado Religioso de Crianças Candomblecistas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFBA, Salvador, 2013.

SANCHIS, Joseph François Pierre. O Repto Pentecostal à “Cultura Católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos nem Demônios: uma Interpretação Sociológica do Pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. Pluralismo, Transformação, Emergência do Indivíduo e de suas Escolhas. *IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a Partir da Sociologia da Infância. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, 2005.

SARTI, C. *A Família Como Ordem Simbólica*. São Paulo: Psicologia USP, 2003.

SCHILDCKROUT, Enid. Age and Gender in Hausa Society: Socio-Economic Roles of Children in Urban Kano. In: LA FONTAINE. *Sex and Age as Principles of Social Differentiation*. London: Academic Press, 1978.

SCOTT, Parry. A Família Brasileira Diante de Transformações no Cenário Histórico Global. *Revista Antropológicas*, Recife: 2011.

SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIRO de CASTRO, E. B. *A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras*. Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas, UFT, 1979.

SILVA, Cláudio José da. *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

SILVA, Maria Edi da. *Diversidade Religiosa na Escola Pública: Um Olhar a Partir das Manifestações Populares dos Ciclos Festivos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2011.

SILVA, J. P.; BARBOSA, S. N. F.; KRAMER, S. *Questões Teórico-metodológicas de pesquisa com Crianças*. Santa Catarina: Perspectiva, 2005.

SINGLY, François. *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2011.

SOARES, Sandro. “*Saber ser Homem*”: A Construção da Masculinidade entre Jovens Presbiterianos. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2016.

SOUSA, Bertone de Oliveira. *Uma Perspectiva Histórica sobre Construções de Identidades Religiosas: A Assembleia de Deus em Imperatriz, MA*. Maranhão: Ética Editora, 2011.

STADTLER, Hulda H. C. *Transe ou Transa*. 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 1988.

STRAUSS, Claude Levi. *O Pensamento Selvagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

TASSINARI, Antonella. *Concepções Indígenas de Infância no Brasil*. Tellus. Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas – NEPPI, Campo Grande: UCDB, 2007.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata C. *As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *O Censo de 2010: Religiões em Movimento: Perspectivas em Diálogos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TONIOL, Rodrigo. *No Rastro das Caminhadas: Etnografia de uma Política de Turismo*. Lume, UFRGS, 2012.

TOREN, Christina. *Making History: the Significance of Childhood Cognition for a Comparative Anthrology of Mind*. Man, 1993.

_____. *Sunday Lunch in Fiji: Continuity and Transformation in Ideas of the Household*. *American Anthropologist*, 2007.

_____. *Mind, Materiality and History: Explorations in Fijian ethnography*. London: Routledge, 1999.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

UNICEF, 2004. Disponível em: www.unicef.org/crc/crc.htm. IN: <http://metropolitanafm.uol.com.br>. Acesso em: 12 set. 2016 às 22:30.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica: Algumas Observações. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, 2004.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WACQUANT, Loic. Esclarecer o Habitus. *Revista Educação e Linguagem*, Campo Mourão, 2007.

WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas Vocações*. São Paulo: Cultrix, 2004.

WESTON, Kath. *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. New York: Columbia University Press, 1992.

WILLENS, E. *Followers of the New Faith: Cultural Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.

APÊNDICE A - DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

Foto de capa: “*Meninas orando*”

Galeria 1:

1. Menina louvando;
2. Brinquedos e Bíblias;
3. Aprendendo a doutrina com cartaz;
4. Meninas curvadas nos bancos;
5. Jesus, um bebê especial1;
6. Jesus, um bebê especial 2;
7. Santa Ceia;
8. Cartazes 1 e 2;
9. Lúcia e a família vão à AD.

Galeria 2:

1. AD antiga;
2. Pastor Presidente;
3. Dia da Bíblia;
4. Marília desenha;
5. Brincar de desenhar;
6. Bandeiras e missões;
7. Cultinho;
8. Bíblia;
9. Encontro das crianças 2014;
10. Milka e família vão à AD;
11. O trono de Deus.

Galeria 3:

1. Família de Milka e Matheus;
2. Família de Andréa;
3. Família de Lúcia;
4. Família de Marília;
5. Escola Pequeno Príncipe;
6. Sala de aula;
7. Pátio;
8. AD Sonho Dourado;
9. AD Alto da Jaqueira;
10. AD Castelo Branco II;
11. Templo visto por dentro;
12. Andréa e família vão à AD;
13. Deus nas nuvens.

Galeria 4:

1. Cartaz 3;
2. Evangelizando o Maternal;
3. Sofia e a Bíblia;
4. Milka ensaia;
5. Milka canta;
6. Crianças usando farda;
7. Matheus e família vão à AD;
8. A mão de Deus 1;
9. A mão de deus 2.

Galeria 5:

1. Maestrinas;
2. Matheus e seu pai;
3. Matheus usa paletó;
4. Crianças aceitando Jesus;
5. Sofia e sua mãe 1;
6. Sofia e sua mãe 2;
7. Davi adolescente 1;
8. Davi adolescente 2;
9. Davi jovem;
10. A família de Davi;
11. André 1;
12. André 2;
13. As “sacolinhas”;
14. Sofia e sua família vão à AD;
15. Deus nas alturas.

ANEXO A – ESTATUTO DA FAMÍLIA

1. Estatuto da Família

PROJETO DE LEI Nº6583/2013 (Do Sr. Anderson Ferreira)

Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Família e dispõe sobre os direitos da família, e as diretrizes das políticas públicas voltadas para valorização e apoio à entidade familiar.

Art. 2º Para os fins desta Lei define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um **homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Art. 3º É obrigação do Estado, da sociedade e do Poder Público em todos os níveis assegurar à entidade familiar a efetivação do direito à saúde, à alimentação, educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania e à convivência comunitária.

Das diretrizes gerais

Art. 4º Os agentes públicos ou privados envolvidos com as políticas públicas voltadas para família devem observar as seguintes diretrizes:

- I - desenvolver a intersectorialidade das políticas estruturais, programas e ações;
- II - incentivar a participação dos representantes da família na sua formulação, implementação e avaliação;
- III - ampliar as alternativas de inserção da família, promovendo programas que priorizem o seu desenvolvimento integral e participação ativa nos espaços decisórios;
- IV - proporcionar atendimento de acordo com suas especificidades perante os órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população, visando ao gozo de direitos simultaneamente nos campos da saúde, educacional, político, econômico, social, cultural e ambiental;
- V - garantir meios que assegurem o acesso ao atendimento psicossocial da entidade familiar;
- VI - fortalecer as relações institucionais com os entes federados e as redes de órgãos, gestores e conselhos da família;
- VII - estabelecer mecanismos que ampliem a gestão de informação e produção de conhecimento sobre a família;
- VIII - garantir a integração das políticas da família com os Poderes Legislativo e Judiciário, com o Ministério Público e com a Defensoria Pública; e

IX - zelar pelos direitos da entidade familiar.

1. Dos direitos

Art. 5º É obrigação do Estado, garantir à entidade familiar as condições mínimas para sua sobrevivência, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam a convivência saudável entre os seus membros e em condições de dignidade.

Art. 6º É assegurada a atenção integral à saúde dos membros da entidade familiar, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, e o Programa de Saúde da Família, garantindo-lhes o acesso em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial ao atendimento psicossocial da unidade familiar.

§ 1º A prevenção e a manutenção da saúde dos membros da entidade família serão efetivadas por meio de:

- I – cadastramento da entidade familiar em base territorial;
- II – núcleos de referência, com pessoal especializado na área de psicologia e assistência social;
- III – atendimento domiciliar, e em instituições públicas, filantrópicas ou sem fins lucrativos e eventualmente conveniadas com o Poder Público;
- IV – reabilitação do convívio familiar orientada por profissionais especializados.
- V – assistência prioritária à gravidez na adolescência.

§ 2º Incumbe ao Poder Público assegurar, com absoluta prioridade no atendimento e com a disponibilização de profissionais especializados, o acesso dos membros da entidade familiar a assistentes sociais e psicólogos, sempre que a unidade da entidade familiar estiver sob ameaça.

§ 3º Quando a ameaça a que se refere o parágrafo anterior deste artigo estiver associada ao envolvimento dos membros da entidade familiar com as **drogas e o álcool**, a atenção a ser prestada pelo sistema público de saúde deve ser conduzida por equipe multidisciplinar e terá preferência no atendimento.

Art. 7º Todas as famílias têm direito de viver em um ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes asseguradas a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social enquanto núcleo societário.

Art. 8º As políticas de segurança pública voltadas para proteção da família deverão articular ações da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e ações não governamentais, tendo por diretrizes:

- I - a integração com as demais políticas voltadas à família;
- II - a prevenção e enfrentamento da violência doméstica;

III - a promoção de estudos e pesquisas e a obtenção de estatísticas e informações relevantes para subsidiar as ações de segurança pública e permitir a avaliação periódica dos impactos das políticas públicas quanto às causas, às consequências e à frequência da violência entre membros das entidades familiares;

IV - a priorização de ações voltadas para proteção das famílias sem situação de risco, vulnerabilidade social e que tenham em seu núcleo membros considerados dependentes químicos;

V - a promoção do acesso efetivo das famílias à Defensoria Pública, considerando as especificidades da condição da entidade familiar.

Art. 9º É assegurada prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais, em qualquer instância, em que o interesse versado constitua risco à preservação e sobrevivência da entidade familiar, devendo a parte interessada justificar o risco em petição endereçada à autoridade judiciária.

Art. 10 Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter em sua base nacional comum, como componente curricular obrigatório, a disciplina “Educação para família”, a ser especificada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, de acordo com as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Art. 11 É garantida a participação efetiva do representante dos interesses da família nos conselhos e instâncias deliberativas de gestão democrática das escolas.

Art. 12 As escolas deverão formular e implantar medidas de valorização da família no ambiente escolar, com a divulgação anual de relatório que especifique a relação dos escolares com as suas famílias.

Art. 13 O Dia Nacional de Valorização da Família, que ocorre no dia 21 de outubro de cada ano, nos termos da Lei nº 12.647/2012, deve ser celebrado nas escolas públicas e privadas com a promoção de atividades no âmbito escolar que fomentem as discussões contemporâneas sobre a importância da família no meio social.

§ 1º Na data a que se refere o *caput* deste artigo, o Ministério Público e as Defensorias Públicas em todos os níveis promoverão ações voltadas ao interesse da família, com a prestação de serviços e orientação à comunidade.

2. Do conselho da família

Art. 14 Os conselhos da família são órgãos permanentes e autônomos, não jurisdicionais, encarregados de tratar das políticas públicas voltadas à família e da garantia do exercício dos direitos da entidade familiar, com os seguintes objetivos:

- I - auxiliar na elaboração de políticas públicas voltadas à família que promovam o amplo exercício dos direitos dos membros da entidade família restabelecidos nesta Lei;
- II - utilizar instrumentos de forma a buscar que o Estado garanta à família o exercício dos seus direitos;
- III - colaborar com os órgãos da administração no planejamento e na implementação das políticas voltadas à família;
- IV - estudar, analisar, elaborar, discutir e propor a celebração de instrumentos de cooperação, visando à elaboração de programas, projetos e ações voltados para valorização da família;
- V - promover a realização de estudos relativos à família, objetivando subsidiar o planejamento das políticas públicas;
- VI - estudar, analisar, elaborar, discutir e propor políticas públicas que permitam e garantam a integração e a participação da família nos processos social, econômico, político e cultural no respectivo ente federado;
- VII - propor a criação de formas de participação da família nos órgãos da administração pública;
- VIII - promover e participar de seminários, cursos, congressos e eventos correlatos para o debate de temas relativos à família;
- IX - desenvolver outras atividades relacionadas às políticas públicas voltadas à valorização da família.

§ 1º A lei, em âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal, disporá sobre a organização, o funcionamento e a composição dos conselhos da família, observada a participação da sociedade civil mediante critério, no mínimo, paritário com os representantes do poder público.

Art. 15 São atribuições dos conselhos da família:

- I - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da família garantidos na legislação;
- II - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;
- III - expedir notificações;
- IV - solicitar informações das autoridades públicas;
- V - assessorar o Poder Executivo local na elaboração dos planos, programas, projetos, ações e proposta orçamentária das políticas públicas voltadas à família.

Art. 16 Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, produzindo efeitos a partir de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A família num sistema social, funcionando como uma espécie – porque devemos conferir grande importância à família e às mudanças que a têm alterado a sua estrutura no decorrer do tempo. Não é por outra razão que a Constituição Federal dispensa atenção especial à família, em seu art. 226 da Constituição Federal, ao estabelecer que a família é base da sociedade e deve ter especial proteção do Estado. Conquanto a própria carta magna tenha previsto que o Estado deve proteger a família, o fato é que não há políticas públicas efetivas voltadas especialmente à valorização da família e ao enfrentamento das questões complexas a que estão submetidas às famílias num contexto contemporâneo. São diversas essas questões. Desde a grave epidemia das drogas, que dilacera os laços e a harmonia do ambiente familiar, à violência doméstica, à gravidez na adolescência, até mesmo à desconstrução do conceito de família, aspecto que aflige as famílias e repercute na dinâmica psicossocial do indivíduo. A questão merece aprofundamento e, na minha opinião, disciplinamento legal. O Estado adores têm tarefa central nessa discussão. A família vem sofrendo com as rápidas mudanças ocorridas em sociedade, cabendo ao Poder Público enfrentar essa realidade, diante dos novos desafios vivenciados pelas famílias brasileiras. Tenho feito do meu mandato e da minha atuação parlamentar instrumentos de valorização da família. Acredito firmemente que a felicidade do cidadão está centrada, sobretudo na própria felicidade dos membros da entidade familiar. Uma família equilibrada, de autoestima valorizada e assistida pelo Estado é sinônimo de uma sociedade mais fraterna e também mais feliz. Por cultivar essa crença, submeto à apreciação dos nobres pares o presente projeto de lei que, em síntese, institui o **Estatuto da Família**. A proposta que ora ofereço pretende ser o ponta pé inicial de uma discussão mais ampla a ser empreendida nesta Casa em favor da promoção de políticas públicas que valorizem a instituição familiar. O estatuto aborda questões centrais que envolvem a família. Primeiro propugna duas ideias: o fortalecimento dos laços familiares a partir da união conjugal firmada entre o homem e a mulher, ao estabelecer o conceito de entidade familiar; a proteção e a preservação da unidade familiar, ao estimular a adoção de políticas de assistência que levem às residências e às unidades de saúde públicas profissionais capacitados à orientação das famílias. Entre outros temas de interesse da família, o projeto propõe ainda: que a família receba assistência especializada para o enfrentamento do problema da droga e do álcool; que o Estado preste apoio efetivo às adolescentes grávidas prematuramente; que seja incluída no currículo escolar a disciplina “Educação para família”; a prioridade na tramitação de processos judiciais e administrativos em demandas que ponham em risco à preservação e sobrevivência da entidade familiar; a criação do conselho da família no

âmbito dos entes federados; o aperfeiçoamento e promoção à interdisciplinaridade das políticas voltadas ao combate da violência doméstica.

Em síntese, proposta busca a valorização e o fortalecimento da entidade familiar, por meio da implementação de políticas públicas, razão pela qual peço o inestimável apoio dos nobres pares.

Sala das Sessões, 16 de outubro de 2016.

Deputado **ANDERSON FERREIRA**

PR-PE